

Café com Amor

SINÉIA RANGEL

ACHERON - Livros e afins /

SINÉIA

RANGEL

Café com Amor

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

Café com Amor

Esta é uma
obra de ficção.
Nomes,
personagens e
acontecimentos
descritos sãos
produtos da

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

imaginação da
autora. Qualquer
semelhança com
nomes, datas e
acontecimentos
reais é mera
coincidência.

São proibidos
o armazenamento
e/ ou a reprodução
de qualquer parte

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

dessa obra,
através de
quaisquer meios –
tangível ou
intangível – sem o
consentimento
escrito da autora.

Copyright ©
2016 Sinéia Rangel

Todos os
ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins / direitos reservados.

ACHERON - Livros e afins /

Aos apaixonados
pela vida,

amantes
inseparáveis da
liberdade,

que nunca lhes
falte amor.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

Sumário

Prefácio

Prólogo

1. Capítulo

2. Capítulo

3. Capítulo

4. Capítulo

5. Capítulo

6. Capítulo

7. Capítulo

8. Capítulo

9. Capítulo

10. Capítulo

11. Capítulo

12. Capítulo

13. Capítulo

14. Capítulo

15. Capítulo

16. Capítulo

17. Capítulo

18. Capítulo

19. Capítulo

20. Capítulo

21. Capítulo

22. Capítulo

23. Capítulo

24. Capítulo

25. Capítulo

ACHERON - Livros e afins /

26. Capítulo

27. Capítulo

28. Capítulo

29. Capítulo

30. Capítulo

31. Capítulo

32. Capítulo

33. Capítulo

34. Capítulo

35. Capítulo

ACHERON - Livros e afins /

36. Capítulo

37. Capítulo

38. Capítulo

39. Capítulo

40. Capítulo

41. Capítulo

42. Capítulo

43. Capítulo

44. Capítulo

45. Capítulo

ACHERON - Livros e afins /

46. Capítulo

47. Capítulo

48. Capítulo

49. Capítulo

50. Capítulo

Epílogo

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

Prefácio

Café com Amor é aquele livro que chega de mansinho e te conquista! É tão natural quanto a vida, onde as coisas acontecem inesperadamente, mas nem sempre como tsunamis que derrubam tudo de uma vez, por vezes, as coisas vão caindo sem nos darmos conta.

Com personagens intensos em suas emoções, reais em seus medos e receios, Café com Amor, abre nosso coração para as sutilezas da paixão, mesmo que venham a ser avassaladoras.

Maria com toda sua ambiguidade entre ter espontaneidade e controle, nos encanta e nos diverte. Nos tornamos sua amiga e cúmplice. Só ela não percebe o quanto é apaixonada pela

vida, e através do controle excessivo, se entrega de corpo e alma aquilo que ama: o Ballet. *"Eu, particularmente, tive uma identificação absurda com o jeito da Maria pensar e agir. Principalmente, na tentativa frustrada, de ter controle sobre a vida e os sentimentos".*

Guss com todo o seu romantismo, fofura, e por que não gostosura, né?! nos faz torcer por

ele, nos emociona, com seus atritos familiares (dá vontade de dar colo pra esse menino, gente), e com sua entrega aos suas paixões. E como não querer ouvir as músicas que fizeram a Maria chorar sem parar?

Nicolai, aaah (suspiro), o Nicolai, com seu sorriso torto! Com sua sinceridade, suas brincadeiras cheias de verdade, e toda a sua responsabilidade para com a família, “aaah (suspiro) esse

moscovita, roubou meu coração”! Nicolai sem todo o romantismo do Guss, vai conquistando devagar, com sorrisos roubados, segredos compartilhados. Vai alimentando a amizade e dada a oportunidade a torna amor.

Tá certo que em alguns momentos eu não sabia se era #teamGuss ou #teamNicolai, mas quem tinha que escolher era a Maria, e não eu, então, eu amo os

ACHERON - Livros e afins /

dois!

E como não poderia deixar de ser, o JP com toda a sua graça e marra, continua a arrebatar nossos corações.

Agora, vou falar um pouquinho para a autora. Sinéia, você tem um dom!!! Você fez a escolha certa quando se formou em Psicologia, porque só alguém com o conhecimento que ela nos dá, é

capaz de escrever personagens com tanta realidade, com tanta humanidade. E ainda, tratar de assuntos sensíveis de maneira tão leve. Fico extremamente feliz de poder fazer parte dessa história, como leitora e amiga. Que você continue escrevendo e roubando cada dia, um pedacinho do nosso coração.

Jéssika Alves

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

Prólogo

– Você veio.

– É. – sorrio sem graça. Ele não pode cooperar comigo? Afirmações óbvias não são uma boa forma de puxar assunto.

Guss está usando uma camisa preta com estampa branca, um casaco preto, jeans e tênis. Os cabelos castanhos meio bagunçados

o deixam com cara de quem acabou de acordar.

– Espero que isso no seu copo não seja bebida alcoólica ou terei que bater no babaca que te deu.

– Não, o meu pai me trancaria pelos próximos cem anos se sonhasse que experimentei qualquer bebida alcoólica. – tagarelo.

Kathryn se afastou um pouco quando Guss se aproximou, mas

manteve-se perto o bastante para ouvir a conversa e me lança um olhar de advertência. O quê? Não entendo, repasso mentalmente o que acabei de dizer e percebo que falar do meu pai não foi algo inteligente, ele vai me achar uma criança. Droga! Vou estragar tudo.

– Concordo com o seu pai. – ele aproxima o copo que está segurando para que eu possa sentir o cheiro. Não tem cheiro, olho para

ACHERON - Livros e afins /
o líquido no copo e é incolor.

– Água?

– Nosso segredo. – ele pisca. – Quer tomar um pouco de ar? – pergunta. Ar? Por favor, no momento não consigo respirar. – Ah, desculpe, você está com a sua amiga.

– Eu quero. – digo rápido, o que o faz rir.

– Legal. – ele morde o lábio inferior, deixando o *piercing* em
ACHERON - Livros e afins /

evidência. – Vou te levar para conhecer a minha parte favorita da casa. Avisa a sua amiga para ela não ficar preocupada. – diz e pega o copo da minha mão. – Te espero na cozinha.

– Ok. – concordo.

No instante em que Guss dá alguns passos se afastando, Kathryn surge ao meu lado. Ela é minha amiga desde que começamos a estudar juntas, há cinco anos; ela

tem quinze anos, longos cabelos negros, pele clara e olhos castanhos.

– E aí? Vocês vão ficar?

– Ele disse que vai me levar para conhecer a sua parte favorita da casa.

– Essa casa é dele? Ele vai te levar para o quarto dele?

– Não sei se é a casa dele, não perguntei e não acho que ele vá me levar para um quarto.

– Ele é um garoto, Maria, além de ser gato, gostoso e descolado, portanto é lógico que ele não é virgem.

– Se for isso o que ele quer, vai ficar querendo.

– Você não diria não para o Guss.

– Kathryn, não vou fazer sexo com ele ou qualquer outro cara. Sou BV, lembra?

– Mas é o Guss.

– Se ele quiser apenas ficar, ótimo, caso contrário estou fora.

– Eu queria ser determinada como você, Maria.

– Você só precisa parar de se sentir inferior aos outros, Kathryn. – aperto a sua mão. – Me deseje sorte e se divirta.

– Boa sorte, amiga.

Cada passada que dou em direção à cozinha, o meu coração bate mais depressa, em alguns

minutos posso dar o meu primeiro beijo. Se não souber o que fazer, ele não gostar do meu beijo, ou começar a rir? Expulso esses pensamentos e penso no que a minha mãe sempre diz, *"não faça disso um objetivo, filha, deixe acontecer".*

Mentalizo a ideia do deixar acontecer, se rolar vai ser incrível, do contrário ainda não é o momento certo e vai ser legal se Guss quiser

ser meu amigo. Ele é muito gato e parece divertido, embora o que saiba sobre ele é apenas o que é compartilhado nas redes sociais, e o que consigo bisbilhotar no colégio.

Quando entro na cozinha vejo Guss recostado em um armário, com os braços cruzados sobre o peito, conversando com Aniek, uma garota da turma dele, loira, alta e magérrima, umas das mais populares do colégio, onze entre dez

caras querem ficar com ela e rola um boato que eles foram namorados.

Paro indecisa, não sei se me aproximo ou vou embora, antes que tenha tempo de decidir, Aniek percebe o meu olhar e me encara com desdém.

– Algum problema, garota? – empina o nariz e coloca a mão na cintura. – Quem foi o imbecil que convidou ela? – faz uma cara de

nojo e torce o nariz.

Guss estava olhando para frente e ainda não havia me visto, poderia dar as costas e ele nunca saberia que era de mim que Aniek estava falando. Mordo o lábio e decido que não irei sair, ela não é melhor do que eu. Ele não olha para porta e nem responde Aniek.

– Guss?

– Maria. – ele vira para mim e sorri.

– Você sabe o nome dela? – Aniek pergunta, ofendida.

– Tchau, Aniek, Maria está me esperando. – ele vem até a porta e me oferece a mão. – Acho que não disse o quanto você está linda.

– É sério, Guss? Você está saindo com ela? – Aniek me olha da cabeça aos pés. – Você é ridículo, só pode ser para afrontar os seus pais. – sai pisando duro e esbarra no meu ombro ao passar por nós.

Ele me conduz pela porta dos fundos, quando ficamos sozinhos, e saímos em um quintal espaçoso, com algumas árvores e uma piscina ao canto.

– Desculpe pela Aniek. – ele se debruça em um gradil que cerca a escada que dá acesso ao quintal. – Os boatos são verdade, ela foi minha namorada, mas nós terminamos há mais de três anos e não fiquei com ela desde o término.

– Tudo bem, Guss, você não me deve explicações.

– É melhor assim, acredite. – ele vira de costas para o gradil e me observa. – Vem. – me dá a mão e descemos os três degraus para o quintal. Ele senta na grama, tira o casaco e estende. – Você pode sentar aqui, não vai sujar sua roupa.

– Eu não me importo. – pego o casaco e sento na grama. – Você tem um cheiro bom. – sinto o

perfume do casaco. O som da sua risada faz as minhas bochechas enrubescerem. – Ai, droga, disse isso em voz alta, não foi?

– Gosto do seu jeito espontâneo, Maria. – ele deita na grama. – Me fala um pouco sobre você, além de dançar o que você gosta de fazer?

– Você sabe que danço? – pergunto surpresa. É muita informação, primeiro ele sabe o meu

nome, depois diz que gosta do meu jeito, agora ele sabe que danço. Onde é que estava que não vi esse gato me rondando?

– Eu devo confessar que te *stalkei* uma ou duas vezes? – sorri, prendendo o *piercing* entre os dentes. – Eu também fui à sua apresentação de *ballet* no último mês.

– Foi? – deito ao lado dele. – Você gosta de *ballet?*

– Vou ser sincero. Odiava *ballet.* – suspira. – Dois meses atrás, estava filando os últimos horários de aula, estava em um dia ruim e só queria ficar sozinho, me escondi no ginásio, embaixo das arquibancadas tem um lugar que dá para colocar um colchonete, às vezes fujo para lá. Deitei e estava pensando em todas as merdas que compõem a minha vida quando ouvi uma música, fiquei desesperado achando que era alguma aula,

levantei rápido para olhar entre as cadeiras da arquibancada e vi uma garota, estava pensando em sair e mandá-la procurar outro lugar para filar aula quando ela começou a dançar. – ele aproxima sua mão da minha, os olhos voltados para o céu.

Penso em dizer algo, na dúvida, fico quieta e espero que ele continue.

– Fiquei parado, assistindo-a dançar, por dois horários inteiros, e

a suavidade com que o seu corpo executava os passos fazia o meu coração bater mais forte, ela levou embora toda a minha tristeza. Queria saber quem era ela, pensei em sair do meu esconderijo enquanto ela arrumava as coisas para ir embora, mas tive medo que me dedurasse. – ele afaga a minha mão. − Nas duas semanas seguintes, filei os últimos horários na quarta-feira, na esperança que aquele fosse o seu horário de treino

e que ela fosse aparecer, mas nada. Eu a procurei em cada rosto durante os intervalos, juro que estava começando a acreditar que tinha sonhado, então a vi, na reunião de líderes de turma. Quando ela levantou a mão pedindo a vez para falar, não acreditei. Como é possível que em seis meses nunca a tenha visto? – ele pausa por um instante e vira o rosto, buscando os meus olhos.

ACHERON - Livros e afins /

Prendo a respiração, porque o meu coração está muito acelerado e tenho medo que ele perceba que estou nervosa.

– Ela tem uma voz doce, que faz parecer que é frágil, mas a forma como se expressa é cheia de convicção e atitude. Eu não sabia o nome dela, mas sabia de que turma era, aí pedi ajuda a um amigo e descobrimos que o nome dela é Maria Allencar. A partir daí, passava

o horário do almoço te observando, sentado próximo o bastante para te ouvir, sem que você pensasse que estava te perseguindo. – ele deita de lado e faço o mesmo. – *Stalkeei* a sua página na internet e descobri que você iria se apresentar, então fui, queria muito te ver dançando de novo. Eu ia falar com você no final da apresentação, mas fiquei tenso e deixei apenas o buquê de rosas.

– Rosas amarelas, sem

ACHERON - Livros e afins /
nenhum cartão.

– Sim. – sussurra.

– Meu pai ficou me zoando por causa desse buquê. – sorrio. – Segundo ele, ou meu admirador secreto é muito tímido; ou ele, Fera e os Terríveis são muito ameaçadores.

– Com esses nomes já me sinto intimidado. – ele sorri.

– Fera tem dez anos e os Terríveis sete, são meus irmãos.
ACHERON - Livros e afins /

– Sempre quis ter um irmão. – ele soa triste.

– Às vezes grito, digo que não queria que eles existissem, mas amo aqueles pestinhas, faço tudo por eles.

– Eu sinto falta de ter meus pais por perto.

– Eles estão viajando?

– Desde que completei quinze anos. – suspira frustrado. – Eles são médicos, estão no Paquistão,

acho que deveria ficar orgulhoso, mas sinto falta de ter pais, a gente passa meses sem se falar.

– Você mora sozinho?

– Tem a Consuelo, que cuida da casa e de mim, meus pais acham que ela mora comigo, mas todo final de tarde e aos fins de semana a dispenso, não quero obrigá-la a viver como eu, sem família.

– Você já tentou dizer aos seus pais que sente falta deles?

– Tentei várias vezes, chegou a um ponto que é melhor esquecer, ano que vem começo a universidade e vou embora dessa casa, eles não podem me obrigar a ficar e seguir o planejamento deles.

– Quais os seus sonhos, Guss?

– Quero ser músico.

– Meus pais são músicos, hoje os dois têm uma escola de música e são professores, mas o meu pai fez

shows de violoncelo e piano por anos.

– Deve ser muito legal.

– É sim, eles são o máximo.

– Você é o máximo, Maria. – ele toca o meu rosto, afastando alguns fios de cabelo.

Guss aproxima o rosto do meu, seus olhos verdes fecham-se lentamente, faço o mesmo e sinto a sua respiração acariciando os meus lábios. Apoio a minha mão no seu

bíceps e ele desliza a mão nas minhas costas, parando sobre a minha lombar. A leve pressão dos seus lábios nos meus faz um arrepio percorrer a minha espinha, ele me beija com suavidade, sinto o gosto de abacaxi com hortelã, o toque do metal do seu *piercing* e aperto a minha mão no seu bíceps, deslizando o meu corpo para mais perto dele.

Ele puxa o meu lábio inferior,

mordiscando de leve, a mão resvala para a minha cintura e se infiltra sob o casaco. O toque firme da sua mão pressionando a minha cintura, por cima do tecido fino da blusa, desperta sensações que desconheço.

Entreabro os lábios e a sua língua aninha-se à minha, intensificando o beijo. Diminuo mais a distância entre nós e sinto os meus seios chocarem-se ao seu

tórax. Ele morde o meu lábio, solta um suspiro pesado e os seus lábios disseminam beijos no meu pescoço, fazendo-me arfar.

A minha mão embrenha-se sob a manga da sua camisa e arranho o seu bíceps, ele emite um gemido baixinho, afunda o rosto no meu pescoço e fica imóvel, sinto apenas a sua respiração soprando no meu busto.

Será que fiz algo errado?

Ele leva a mão ao meu rosto e seus dedos contornam os meus lábios.

– Guss?

– Oi.

– Desculpa. – sinto as lágrimas querendo aparecer. – Foi meu primeiro beijo, eu não...

– Não, Maria. – ele ergue o rosto e me encara. – Sério que foi seu primeiro beijo?

ACHERON - Livros e afins /

– Você pode dizer o que fiz de errado.

– Nada, seu beijo é incrível. – ele me dá um beijo delicado. – Eu só estava tentando manter o controle, porque você está me deixando muito excitado. – ele ruboriza.

– Ah... – mordo o lábio.

– Não faz isso, porque só piora. – ele toca os meus lábios. – Eu tive que contar até cem, mas

estou feliz por não ter avançado. – ele me dá um selinho. – Vamos sentar ali.

Ele levanta, estende a mão, puxando-me e envolve um braço em torno da minha cintura, quando ficamos em pé, selando os nossos lábios em um beijo envolvente.

Ficamos nos beijando, suas mãos cruzadas sobre a minha lombar e as minhas mãos no seu pescoço. Enfio os meus dedos entre

os seus cabelos e não resisto ao impulso de puxá-los, ele aperta o abraço no meu corpo e sinto a sua ereção. Guss afrouxa o abraço de imediato, deposita um selinho nos meus lábios e entrelaça as nossas mãos.

– Tem certeza que você nunca beijou antes?

– Certeza. – sorrio.

– Se no primeiro beijo você me deixou assim, nem quero imaginar

quando tiver experiente. – ele se abaixa e pega o casaco.

Nós no sentamos em duas cadeiras, próximo à piscina, Guss colocou o casaco sobre a mesa, tirou algumas folhas que haviam se emaranhado no meu cabelo e beijou a minha testa.

– Você tem uma casa na árvore! – exclamo, ao notar a pequena casa alguns metros a nossa frente.

– Quer ir lá?

– Sério? Posso? – pergunto, quase pulando. É uma casa na árvore, como nos desenhos animados. Ai, que legal!

– Claro que pode, só não sei se vamos caber, faz tempo que não entro nela. – Guss comenta, me conduzindo para a pequena casa, empoleirada em cima de um tronco de árvore. – É melhor entrar primeiro, pode ter algum bicho ou

inseto.

– Não sendo ratos, estou de boa.

– Ok. – ele sobe as escadas. – Como é pequeno, eu era uma miniatura de gente, porque achava essa casa enorme. – diz e estende o braço para me ajudar a subir. – Cuidado com a cabeça.

Guss me ajuda a subir e se encosta na parede oposta à entrada, as pernas grandes ocupam

todo o comprimento da casa. Eu me sento ao seu lado com as pernas cruzadas.

Ele alisa uma mecha dos meus cabelos, inclina o rosto e me beija. A sensação do *piercing* gelado, o calor dos seus lábios movendo-se em sincronia com os meus e a sua mão na minha nuca, provocam uma onda de eletricidade no meu corpo. Levo uma mão ao seu tórax e agarro a camisa entre os meus

dedos, ele passa o braço direito pelas minhas costas, envolvendo a minha cintura.

O tamanho da casa não permite muitos movimentos, por isso na medida em que o beijo foi se tornando mais profundo, Guss afundava os dedos na minha cintura, enquanto espalmava uma mão no seu peito e outra nas suas costas. O beijo, a pressão do toque dele, o seu perfume, não queria que

acabasse nunca, queria me apoderar de todas as sensações que pulsavam sob a minha pele e que não sabia nomear.

Subo a mão do seu peito para a nuca, enrosco os meus dedos nos fios do seu cabelo e imponho os meus lábios sobre o seu pescoço, deixando o seu perfume dominar os meus sentidos. Ele ofega e emite pequenos arpejos, enquanto espalho beijos por todo o seu pescoço e

queixo.

– Maria. – sussurra.

Sem parar de beijá-lo, descruzo as pernas e me sento sobre os joelhos, ficando com o corpo posicionado de frente para ele. Mordisco o seu pescoço, enfio a minha mão embaixo da sua camisa e dedilho a sua coluna, ele arqueia as costas ao sentir o meu toque e aperta ambas as mãos na minha cintura.

– Você está me testando? – ele morde o lóbulo da minha orelha.

– Acho que estou me testando. – confesso.

– Então preciso dizer que você é mais forte do que eu. – ele afasta as mãos. – Eu me rendo.

– Sério?

– Muito sério, você não faz ideia do que está fazendo comigo. – ele me dá um selinho.

– Tudo bem. – volto a sentar ao seu lado.

Guss me abraça e me puxa para o seu peito, beija os meus cabelos e deixa as mãos repousarem sobre o meu abdômen, mesmo sobre a blusa o seu toque produz um formigamento no meu corpo. Eu me aconchego no seu colo, sem tirar a bunda do chão de madeira, jogo as mãos no seu pescoço e o beijo. Ele sorri nos

meus lábios e permite que a minha língua se enovele a sua. Deitada nos seus braços e abraçando-o pelo pescoço, nós permanecemos nos beijando até que o meu celular toca.

– Desculpa, preciso atender. – puxo o celular do bolso da calça. – Oi, tio Andy. Ok, só vou chamar a Kanthryn e nós vamos. – desligo. – Eu tenho que ir, meu pai impôs um toque de recolher.

– Tudo bem, Cinderella. – ele

me dá um selinho. – Se você não quiser perder o seu sapato para me dar uma razão para te procurar, aceito o seu telefone.

– Eu posso perder uma pulseira. – tiro a pulseira do pulso e deixo cair nas suas mãos.

– Vai servir. – ele pisca e me ajuda a descer.

Guss me acompanha até dentro de casa, depois de encontrarmos Kanthryn, ele nos leva

até a porta e me dá um selinho.

– Segunda te procuro, Cinderella. – sussurra, exibindo a minha pulseira.

– Estou contando com isso.

ACHERON - Livros e afins /

1. Capítulo

– Pai, vou estar a três horas daqui.

– Você poderia estar a dez minutos, Maria, meu coração iria continuar apertado.

Ele me olha com os olhos âmbar úmidos e um brilho diferente ilumina o seu rosto.

O meu pai é um cara incrível, tem um coração imenso, ensinou a mim e aos meus irmãos que não basta termos consciência dos problemas sociais e ambientais, é preciso fazer a nossa parte para mudar algo, não importa o quão pequeno seja a nossa ação.

Eu só o conheci de verdade aos três anos, antes disso, tudo o que sabia sobre ele era o que a minha mãe me contava; a melhor

pessoa que ela conheceu na vida, um músico brilhante e que tenho os olhos iguais aos dele. A gente tinha um álbum onde colava fotos e reportagens que encontrávamos sobre ele, nessa época o meu pai ainda não sabia que tinha uma filha.

Quando completei quinze anos, minha mãe me contou que escondeu a gravidez do meu pai e foi embora alguns meses depois, eles estavam na universidade e ela teve medo que

ele não quisesse um filho naquele momento. Ela me pediu perdão pelas decisões que tomou, mas não tinha o que perdoar, minha mãe enfrentou tanta coisa por mim, só posso agradecer. Sou, imensamente, feliz pelos meus pais terem se reencontrado e se permitido viver esse amor.

– Eu te amo tanto, pai. – o abraço. – Obrigada por me deixar ir.

– Como poderia te impedir de

realizar o seu sonho? – ele segura o meu rosto entre as mãos. – Nem acredito que você já tem dezessete anos. – ele beija os meus cabelos. – Minha pequena.

– Eu anotei todas as suas recomendações, não posso dar o meu endereço para estranhos, nem aceitar ajuda de vizinhos solícitos para levar as minhas compras até o apartamento, nem permitir a entrada de nenhum cara, mesmo que ele

diga que é do corpo de bombeiros e que está havendo um incêndio no apartamento ao lado.

– Maria. – ele me olha atravessado.

– Brincadeira, pai. – aperto os meus braços no seu pescoço. – Eu vou ficar bem, prometo.

– Você pode ser menos independente e chorar um pouquinho quando estivermos te deixando na sua casa nova?

– Ah, pai! – dou um beijo demorado na sua bochecha. – Eu vou sentir tanta saudade desse abraço.

– Todo lugar que vou nessa casa tem alguém chorando, só eu acho que a gente deveria comemorar que essa chata vai embora? – Fera se joga na poltrona ao lado da mesa do nosso pai.

– Quando você me ligar chorando com saudades, não vou te

atender.

– Você é quem vai me ligar, Maria.

– Quer apostar? – arqueio a sobrancelha.

– Eu aposto que, ainda hoje, estarão os dois abraçados, chorando mais do que eu, sua mãe, Théo e Tom juntos. – diz meu pai.

– Eu chorando por causa desse moleque? – sento no braço da poltrona e bagunço os cabelos

do João Guilherme. – Só nos seus sonhos, pai.

– Eu tenho altos planos para o seu quarto. – Fera esfrega as palmas das mãos.

– Não! Esqueça, Fera! – exclamo. – Pai, quero o João Guilherme bem longe do meu quarto.

– Por quê? Seu quarto é ao lado do meu, seria uma excelente sala de games, pensei em tudo.

– Não, não e não! É sério, se quando vier para casa, encontrar o meu quarto com um objeto fora do lugar, irei te torturar, Fera.

– Você é muito chata, Maria! Não acredito que nem morando em outro país, você vai me deixar em paz.

– Mantenho a minha aposta de pé. – meu pai ri baixinho e deixa o escritório.

– Vou convencer o meu pai a

me deixar ficar com o seu quarto.

– Que merda! Vou colocar cadeado na porta antes de sair, quero ver você mexer nele.

– Um cadeado? Jura? Você já foi mais inteligente, Maria. – ele debocha.

– Você é irritante! Chato! – levanto furiosa.

Vou para o meu quarto, fecho a porta, chuto os chinelos, calço as minhas pantufas de coelhinho e me

sento no tapete. Cruzo as pernas e pego o Jay e o Slaker no colo, meus bichinhos de Pelúcia favoritos, eles moram na minha cama e ainda não decidi se irei levá-los ou não. Olho, atentamente, para cada ângulo do quarto, nas prateleiras, além dos porta-retratos com fotos da minha família e dos meus amigos, as bonecas e os bichinhos de tecido dividem o espaço com as miniaturas dos monumentos mundiais, os jarros com flores no criado-mudo e

escrivaninha devem ser os itens de decoração menos infantis do meu quarto, mas gosto dele exatamente como está e vou sentir faltar do meu cantinho de princesa.

Quando os meus pais me deixarem em Moscou estarei dando início a uma nova etapa na minha vida, estarei dando mais um passo em direção ao meu sonho de ser bailarina. O *ballet* me acompanha desde criança, não lembro quando

decidi que queria ser bailarina profissional, mas os meus pais sempre me deram total apoio, não foram poucas as vezes que eles passaram horas de voo revendo a matéria do colégio comigo, para que as viagens de apresentações e competições de *ballet* não interferissem no meu desempenho escolar.

Em outubro do ano passado, fiz a minha primeira audição para a

escola de *ballet* dos meus sonhos, uma das mais importantes do mundo e onde a minha tia Mel, irmã do meu pai, é professora. Gritei e chorei feito louca quando fui selecionada, sabia que entrar seria difícil, a seleção é bastante rigorosa e a minha tia havia conversado comigo e me feito prometer que não iria desistir do *ballet* caso não fosse selecionada.

Tia Mel e tio Andy me

convidaram para ficar na casa deles, eles moram em Moscou e só tem uma filha, Elise, de cinco anos. No entanto, conversei com o meus pais e expliquei que queria viver essa nova fase por completo e se fosse morar com os meus tios, de alguma forma, seria como se não tivesse saído de casa, porque não teria que me preocupar com comida, roupas sujas, casa e contas. Eles entenderam o meu argumento e concordaram em me deixar morar

sozinha, também aceitaram em manter uma mesada fixa para que tenha que me virar com as despesas, embora tenham me feito prometer que se nos primeiros meses não conseguir administrar a grana para o mês inteiro, devo avisá-los.

Aperto o Jay e o Slaker, coloco-os de volta na cama e me levanto. Puxo a mala que deixei no canto do quarto, acho que tenho

colocado uma peça de roupa por dia dentro dela, mas não posso mais ficar enrolando, amanhã cedo estamos embarcando para Moscou e não posso ir sem roupas. Arrasto a porta do *closet,* escancarando-a, e suspiro enquanto os meus dedos deslizam pelos cabides, decidindo o que levar. Pego alguns casacos, vou dobrando-os e organizando na mala, os casacos são grossos e junto com as meias e pijamas ocupam toda a mala, me abaixo para fechá-la e

sinto as lágrimas nas minhas bochechas.

– Maria, Maria! – Théo e Thomás me chamam.

– Podem entrar meninos. – enxugo as lágrimas com as mangas do meu casaco.

– A gente tem um presente para você.

– Dois presentes. – Théo corrige.

Gêmeos com personalidades opostas, melhores amigos e os meus Terríveis. Théo e Thomás estão com nove anos, têm os cabelos castanhos do meu pai, os olhos azuis da minha mãe e usam o mesmo cabelo arrepiado do João Guilherme.

– Presente é? – empurro a mala fechada para perto da cama.

– Você vai voltar? – Thomás pergunta.

– Vou sim e vocês também vão me visitar. – sento na cama. – Venham aqui.

Eles me entregam uma caixa e sobem na cama com os chinelos sujos, ao invés de brigar como sempre, sorrio, vou sentir faltar dos Terríveis sujando a minha cama e bagunçando o meu quarto. Abraço os dois e dou um beijo nas suas testas.

– Abre logo, Maria. – Théo

pede. – A gente que fez e as roupas a nossa mãe encomendou.

– Não é uma bomba, não né? – perturbo e eles sorriem.

– Não, boba. – diz Thomás.

– A gente vai sentir saudades, Maria.

– Eu também, Théo. – desfaço o laço de fita e removo a tampa da caixa.

– Para você não dormir

sozinha. – Thomás dá um beijo na minha bochecha.

Eu pego os dois bonecos de pano da caixa e sinto as lágrimas caírem. Eles fizeram bonecos para mim, o boneco do pequeno príncipe tem uma pulseira com o nome Théo e do piloto tem o nome Thomás. Abro os braços, segurando um boneco em cada mão e os envolvo em um abraço, me jogando de costas na cama e levando os meus

Terríveis comigo.

– Eu amo vocês. – distribuo vários beijos nos cabelos deles. – Obrigada, amei os presentes.

– Como se você só viu um dos presentes? – Thomás pergunta entre risos.

– Tem mais presente?

Eles estendem as mãos com duas caixinhas pequenas, sorriem e me dão um beijo na bochecha, um de cada lado.

– Eu te amo, Maria. – dizem em uníssono.

– Vocês são dois apelões, me fizeram chorar.

Desfaço o abraço, sento e coloco os Terríveis em versão bonecos no meu colo. Théo e Thomás continuam deitados. Pego as caixinhas da mão deles, Thomás deixa uma lágrima percorrer o seu rosto e Théo tenta fingir que não está chorando, esfregando a mão

no rosto e encenando uma coceira no olho.

– Agora é uma bomba? – brinco.

– Pode ser. – Thomás ri baixinho.

Dentro das caixas há dois berloques em prata, estilo quebra-cabeças, em um tem escrito “Terr” e no outro “íveis”, formando um raio. Eu volto a deitar entre os dois, peço que eles segurem os pingentes e

desabotoo a minha pulseira.

– Coloquem aqui. – peço. Quando eles encaixam os berloques na pulseira, levanto o meu braço e sorrio a ver o raio. – Esse é, oficialmente, o meu berloque favorito, não vou tirar nunca.

– Mais favorito do que as sapatilhas de *ballet*? – Théo pergunta.

– Sim!

– Você não vai esquecer a

gente, né?

– Nunca, Tom. Vocês, o Fera e os nossos pais são as pessoas mais importantes da minha vida.

– Fera vai sentir saudades também. – Thomás comenta.

– É, ele só finge que não se importa que você vá embora. – Théo completa.

– Eu sei.

– Acho que ele é quem vai

mais sentir saudades, porque Théo é meu melhor amigo, mas acho que você é a melhor amiga do Fera.

Não comento, as lágrimas não deixam. Thomás tem razão, apesar dos quatro anos e oito meses que nos separam, João Guilherme é como se fosse o meu gêmeo, nós temos personalidades muito parecidas, por isso brigamos muito, mas também compartilhamos muitas confidências, conto para ele sobre

os garotos com quem saio, ou que estou a fim, ele me conta das garotas que está gostando.

Fico deitada em silêncio, abraçada aos Terríveis e pensando nas mudanças de comportamento do Fera. Desde que eu e os nossos pais começamos a procurar um apartamento em Moscou e organizar a minha mudança que ele ficou grosso e sem paciência, tudo é motivo para brigarmos, ele se irrita

com tudo o que falo, e só agora me dei conta de que ele está se sentindo abandonado.

– Preciso terminar de arrumar as minhas malas.

– Você arruma essa mala há três meses, Maria. – Théo comenta.

– Eu meio que estava enrolando. – confesso.

– Quer ajuda? – Thomás oferece.

– Até quero, se vocês não forem agir como se as minhas roupas fossem bolas e começar a arremessá-las.

– Foi você quem fez a sugestão, Maria. – Théo ri.

– Cadê? Falta muita coisa? – Thomás levanta.

– Calças, vestidos, blusas, calcinhas, sutiãs, sapatos. – levanto e puxo uma mala grande, igual à que coloquei os casacos, abrindo-a em

frente ao *closet.*

– Aff, Maria! – Théo levanta em um pulo. – Você estava enrolando mais do que eu para fazer o dever do colégio.

– Mais ou menos isso aí. – digo e eles soltam uma gargalhada.

– A gente arruma a mala dos sapatos e você das roupas. – Thomás propõe.

– Ok, mas me mostrem os sapatos antes de pôr na mala. –

digo, arrastando a terceira mala, tamanho médio, e abrindo-a.

– Eu estava tramando colocar apenas os mais feiosos. – Théo faz uma cara de decepção.

– Eu não tenho sapatos feiosos, Terrível *Number Two.*

– Aquela galocha é horrenda. – Thomás entra no *closet* e sai, balançando a minha galocha vermelha.

– Horrenda soa como elogio. –

Théo debocha.

– Parem, ela é confortável e eu adoro. – puxo a galocha das mãos do Thomás e a coloco na mala média.

– Maria, você não pode usar esse negócio lá, vão achar que você é uma menina bobona.

– Para, Théo.

– É verdade, Maria, esse lacinho atrás é o pior dos detalhes.

– Thomás! – faço bico. – Eu vou levar a minha galocha sim, gosto dela e ninguém tem nada a ver com isso.

– Por que você está agindo como uma menininha? – Thomás questiona.

– Porque sou uma menininha. – faço uma cara de ofendida e eles começam a rir.

– Eu achei que você era grande agora que vai morar sozinha.

ACHERON - Livros e afins /
– Théo comenta.

– Digamos que esteja ficando grande, mas acho que sou uma menininha para muitas coisas.

– Isso é confuso. – Thomás faz uma careta.

– Sim, é confuso. – concordo e nós três sorrimos.

Com ajuda dos Terríveis arrumar as malas foi divertido, eles não pararam de tagarelar e me fizeram rir sem parar. Quando

ACHERON - Livros e afins /

terminamos, eles sentaram nas malas para me ajudar a fechá-las, depois foram brincar e me deixaram sozinha. Olho o *closet*, as prateleiras e cabides meio vazios provocam uma sensação estranha, a euforia dos últimos meses está cedendo lugar a uma saudade antecipada.

– Filha?

– Pode entrar, mãe.

– Terminou as malas? –

pergunta com a voz embargada.

Fecho o *closet* e viro, observando-a sentar na cama e alisar os meus travesseiros. Os cabelos loiros estão presos em um coque desajeitado, os olhos azuis estão um pouco inchados e meio avermelhados. Nunca vou me cansar de admirar a minha mãe, o orgulho que tenho dela é sem precedentes.

– Sim, os Terríveis me deram uma ajudinha. – subo na cama e

apoio a cabeça nas suas pernas. – Você é uma bobona, mãe. – provoco, mas sou traída pelas minhas lágrimas. – Eu te amo.

– Eu te amo, filha. – ela se curva e me dá um beijinho de esquimó. – Te amo e sou uma bobona mesmo, seu pai, que sempre morreu de medo de perder a menininha dele, está se saindo melhor do que eu.

– Prometo que vamos nos

falar todos os dias, não posso ficar sem minha confidente, né?

– Ah, meu amor. – ela me faz cafuné. – Como vou sentir falta de ficar assim, te ouvindo contar do seu dia, dos seus rolos, dos seus sonhos.

– Eu vou morrer de saudades do seu colo, mãe, e você vai ter que me aguentar contando dos meus rolos por telefone.

– Que bom, estava com medo

de ser substituída por alguma amiga.

– Cadê as minhas garotas?

– Bem aqui, pai.

Meu pai sorri da porta do quarto, entra e senta ao lado da minha mãe, abraçando-a e alisando os meus cabelos.

– Eu amo vocês. – sinto as lágrimas percorrerem a lateral do meu rosto. – Está uma confusão aqui dentro. – confesso. – Crescer é

mais difícil do que imaginava.

– Nós estaremos ao seu lado sempre e quando além de difícil estiver doendo, você só precisa correr para os nossos braços. – meu pai diz, enxugando as minhas lágrimas. – Minha pequena.

– A gente pode jantar ou vocês estão se alimentando de lágrimas? – João Guilherme resmunga da porta do quarto.

– Fera! – minha mãe o

repreende.

– Eu estou com fome, mãe! – justifica.

–Estamos indo, Fera, vá chamar os Terríveis, faça-os lavar as mãos antes de ir para a mesa.

– Não demorem.

Fera sai pisando duro. Eu suspiro e mais lágrimas surgem, acompanhadas de um soluço baixinho.

– Vou sentir falta dele. – fungo.

– Ele está sofrendo. – minha mãe comenta. – Acredito que mais do que todos nós.

– Os Terríveis me fizeram perceber isso hoje, antes estava achando que ele só estava sendo insuportável e grosso.

– Para ele é difícil ver a irmã que sempre esteve ao lado dele indo embora. – meu pai argumenta. – Vamos antes que o mau humor

dele o transforme no Hulk.

– Eu não sei por que não coloquei o apelido do Fera de Hulk. – levanto a cabeça do colo da minha mãe.

– Fera o descreve bem. – meu pai brinca.

– Será que nós vamos conseguir nos manter unidos ou ele vai achar que o abandonei e agir como se me odiasse para sempre? – apoio ambas as mãos na borda da

cama e aperto com força, numa tentativa fracassada de não chorar mais.

– Ele só está fingindo que não se importa, porque acha que assim não vai doer, mas daqui a pouco ele percebe que não tem como fugir. – meu pai levanta. – A saudade dói, é inevitável, mas você continua sendo a irmã que ele tanto ama e confia.

Minha mãe entrelaça as nossas mãos e me faz levantar, me

dá um abraço apertado e seguimos abraçadas para a sala de jantar, com o meu pai a nossa frente. Os garotos nos aguardavam à mesa, meus pais foram à cozinha buscar o nosso jantar, enquanto me sentei no meu lugar, ao lado do Fera. Olhei para ele, pensando em algo para dizer, mas ele havia pego o celular e estava jogando, uma forma nada discreta de me ignorar.

Há uma regra clara para as

nossas refeições, nada de brigas, discussões ou implicância, é um momento de aproveitarmos a companhia um do outro e compartilharmos sobre o nosso dia, é algo simples e que fortalece o nosso vínculo familiar. Como são quatro filhos, se todos formos falar sobre nosso dia o jantar teria que se estender por toda a noite, por isso temos um jogo, bemol e sustenido. O bemol se refere a um ponto baixo do nosso dia e o sustenido ao ponto

alto, não precisamos contar sobre o que aconteceu, apenas citar uma palavra é suficiente.

– Posso começar? – Théo pergunta.

– Sim. – meu pai assente.

– Bemol, não gosto que a Maria nos deixe.

– O meu bemol também é esse. – Thomás comenta.

– O meu bemol é estar

deixando vocês. – digo, incapaz de segurar as lágrimas. – E o meu sustenido é saber que mesmo longe, vocês sempre vão estar comigo, bem aqui. – coloco a mão no meu coração.

– Acho os bemóis e sustenidos do dia são os mesmos para todos nós.

– Não para mim, mãe. – João Guilherme rebate. – Meu bemol foi ter perdido a batalha online e o meu

sustenido é a Maria está indo embora. – ele me olha com um sorriso irritante.

– João Guilherme, você está passando dos limites. – meu pai adverte.

– Só estou sendo sincero. – ele dá de ombros.

– É uma pena, Fera, porque vou sentir saudades. – enxugo as lágrimas. – Das brigas, da cumplicidade, dos puxões de cabelo,

dos segredos, de tudo. – suspiro. – Pai, mãe. – mordo o lábio. – Eu posso me deitar? Não estou com fome.

Eles assentem. Eu me levanto, dou a volta na mesa, beijo os cabelos dos Terríveis, deposito um beijo na testa do meu pai e outro na minha mãe, me viro para ir embora, no entanto não consigo ignorar o João Guilherme. Volto para o lado dele, afago os seus cabelos e planto

um beijo na sua bochecha.

– Eu te amo, Fera.

Não esperei que ele demonstrasse algum afeto.

Entrei no meu quarto aos prantos, é provável que hoje tenha chorado mais do que nos últimos dezessete anos, porque a verdade é que não costumo chorar. Sou dramática como o meu pai, teimosa como a minha mãe, e acima de tudo, prática, o que faz parecer que

sou insensível a maior parte do tempo, quando na verdade é o oposto, racionalizo para me esquivar de situações que podem me fazer sofrer. Sou muito boa nisso, por mais que me encante por muitos garotos, não me entrego à ilusão de uma paixão, não sou como as minhas amigas que vivem no extremo, ora estão apaixonadas, ora sofrendo de amor, curto o momento. Contudo, não dá para fugir dos sentimentos quando

falamos de família, ficar longe deles dói e as lágrimas saem sem nenhuma cerimônia.

As lágrimas pareciam não ter fim. Eu não estava com sono e não queria ficar pensando, liguei a televisão, o *blu-ray player* e iniciei o filme, sempre que termino de assistir um filme, guardo-o e pego outro aleatório e deixo no aparelho.

O filme da vez é de terror, ótimo, pelo menos não terei motivos

para chorar. Estou atenta ao filme, esse é um dos que nunca assisti e ainda não entendi se o assassino é alguém possuído ou o quê, tem um personagem bem gatinho e que todos da cidade desprezam, estou com pena dele.

– Ah, não. – resmungo sozinha. – Não, você não pode entrar aí. Ai, não! – coloco as mãos sobre a boca, abafando um grito.

Uma risada baixinha chama a

minha atenção, olho em direção a porta do quarto e vejo uma fresta de luz, dou pause no filme e espero, mas Fera é teimoso feito uma porta e fica em silêncio, como se eu não soubesse que é ele.

– Você sabe que não tenho medo e não vai conseguir me assustar.

– Eu não queria te assustar. – ele sussurra e entra de cabeça baixa. – Você é engraçada

assistindo, fica conversando com os personagens.

– Vem assistir comigo. – abro espaço na cama para ele deitar.

João Guilherme senta na ponta da cama, pensa por alguns instantes, depois deita ao meu lado. Jogo o edredom em cima dele, ele se ajeita no travesseiro e fica olhando para a televisão, sem dizer nada. Não quero brigar, por isso não digo nada, apenas dou *play*.

O restante do filme, cerca de quarenta minutos, mal prestei atenção, estava pensando em como falar com o João Guilherme sem brigarmos, não quero que ele me odeie porque estou saindo de casa. Aperto o botão para desligar a televisão e ainda não sei como iniciar essa conversa.

– Maria. – ele sussurra, acedendo o meu abajur. – Desculpa.

– Só se você prometer que vai

continuar me confidenciando as suas paixões. – o abraço e deito no seu ombro. – Você pode me ligar sempre que precisar ou só para falar oi, vou sentir sua falta, Fera.

– Eu já sinto a sua falta. – ele confessa e alisa os meus cabelos. – Posso ligar mesmo? Você não vai estar ocupada demais com os seus amigos e a sua nova vida?

– Nunca vou estar ocupada demais para o meu irmão.

ACHERON - Livros e afins /

2. Capítulo

Deitada na minha cama, embaixo de várias camadas de cobertores, massageio os pés. Estou exausta, com saudades de casa, mas feliz. Minha rotina no último mês pode ser resumida em três tópicos: *ballet*, filmes e ligações para casa.

Aos fins de semana, almoço e

passo um tempo na casa da tia Mel, com exceção do último fim de semana, que os meus pais e irmãos vieram me ver. Nós saímos para almoçar no sábado e passamos o restante do dia fora, e no domingo passamos o dia na casa da tia Mel, vendo filmes e ouvindo músicas, meus pais e o tio Andy tocaram e cantaram quase a tarde inteira.

Rever a minha família me fez um bem imenso. Meu pai adorou

constatar, porque saber ele sabia, que estou ocupada demais dando conta do *ballet* e dos meus afazeres domésticos, sem contar a preguiça, e não tenho mantido uma vida social, quem dirá baladas e pegação. Minha mãe ficou um tanto preocupada que não tenha saído nenhuma única vez, acha que isso pode significar que estou tendo problemas de adaptação.

Em partes ela está correta, o

clima de Amsterdam é bem louco, mas o frio em Moscou é maior, pelo menos até agora. Estamos no final de fevereiro e a temperatura média gira em torno de oito graus negativos, o que me faz querer ficar trancada no meu apartamento, de preferência na cama, na companhia do meu edredom, uma xícara de chocolate quente, filmes e livros. Inclusive é sobre a minha vontade de não levantar a bunda da cama que estou pensando nesse

momento, Anna ficou de vir me ver e, segundo ela, nós iremos sair de qualquer jeito, porque é inadmissível que em um mês não tenha conhecido nenhum moscovita sexy.

O interfone toca e penso em não atender e fingir que adormeci.

O som do meu celular anuncia que tenho uma mensagem, estendo o braço para pegá-lo no criado-mudo e sorrio.

ACHERON - Livros e afins /

Cyka: Nós vamos sair hoje de qualquer jeito. Eu já disse isso? Pois é! Muito sério, vou ficar na sua porta quantas horas forem necessárias.

Eu a espero na porta, usando uma pantufa de urso e enrolada em um edredom. Quando ela sai do elevador, começa a gargalhar. Anna tem o estilo de uma *barbie* praiana, loira de cabelos cacheados e olhos azuis, dois anos mais velha, um

pouco mais alta e tem o corpo menos curvilíneo do que o meu. O que só posso afirmar devido ao uso do *collant* nas nossas aulas de *ballet*, no geral, os grandes casacos acolchoados escondem quaisquer traços das nossas curvas.

Estou torcendo por dias menos gélidos, a cidade está coberta de neve, o branco espalha-se por cada centímetro, é difícil enxergar além da imensidão branca. Pensar em

tanto branco me faz lembrar o porquê Anna está aqui, não quero encarar o frio. Ela puxa o gorro, ajeitando os cachos loiros e me dá um abraço, seguido por três beijos.

Felizmente, os russos e os holandeses são adeptos dos três beijos nos cumprimentos, conhecido como *"drieklapper"*, o que facilitou a minha vida, contudo além dos beijos, o abraço é muito comum por aqui, o que no início me causou estranheza.

Embora os meus pais sejam brasileiros, nasci e cresci na Holanda, moramos seis meses no Brasil, mas não foi tempo suficiente para absorver a essência calorosa dos cumprimentos brasileiros, por isso abraços é algo que só compartilhava em família.

– Vai se vestir. – ela ordena, fechando a porta e me empurrando pela sala.

– Não podemos ficar aqui

assistindo filmes? Faço brigadeiro.

– Não, Maria, outro dia nós assistimos todos os filmes que você quiser, hoje nós iremos sair.

– Aonde vamos? – desisto de tentar convencê-la.

– Encontrar alguns amigos, falei de você para o Alexander.

– Alexander? – viro para olhá-la.

– Sim, ele é quente. – sorri

maliciosa.

– Eu posso ver uma foto do Alexander? – jogo o edredom na cama.

– Você vai gostar dele. – ela mexe no celular. – O que me diz? – arqueia a sobrancelha.

Ouço o toque de notificação de mensagem do meu celular, sento na cama e o pego. Mensagem da Anna, aguardo a imagem baixar. Meus lábios abrem levemente e os

meus olhos examinam os mínimos detalhes da foto.

Ele é quente, muito quente.

– *Photoshop?*

– Não, pessoalmente é ainda melhor. – Anna pisca.

– Nossa. – mordo o lábio inferior.

– Um moscovita sexy para você.

– Estou meio intimidada. –

volto a admirar a foto. Alexander é um loiro de olhos verdes e um corpo de tirar o fôlego. – Olha esse abdômen e as veias saltadas nos bíceps.

– Só isso?

– Não, agora estou tentando ver além da foto, porque esse botão do jeans aberto está me matando. – confesso. O cara tem o músculo pélvico bem definido e o jeans está um pouco abaixado, o que faz você

querer descer o zíper para apreciar o todo. – Isso não é bom, Anna.

– Não, é excepcional! – ela solta uma gargalhada.

– Eu vou olhar para o Alexander e, automaticamente, pensar nessa foto, nesse corpo e... – suspiro. – Isso não é nada bom.

– Quer ver outra?

– Melhor nã... Quero, droga!

Nós duas sorrimos da minha

incoerência. Anna me envia outra foto e me jogo de costas na cama ao vê-la, deixando escapar um gritinho histérico. Alexander está em um ângulo que exibe não apenas o tórax trincado, como parte da sua bunda, não está nu, mas o jeans segue abaixado e diria que ele só manteve levantando o suficiente para esconder o seu pênis.

– Anna, essas não são fotos para você me apresentar ao cara. –

chuto as minhas pantufas. A temperatura do meu corpo sofreu uma elevação drástica. − Ele posta essas fotos nas redes sociais? Quantos anos ele tem?

− Sim, ele é modelo e tem vinte e três anos.

− Modelo? Liga e avisa que sofri um acidente.

− Quê? Não! Nós vamos sim, Maria.

− Estou com calor só de ver as

fotos, não posso encontrá-lo, muito menos ficar com ele.

– Você não precisa ficar se não quiser.

– Se ele não for um babaca, é certo que vou querer.

– Vá se vestir logo que hoje à noite promete. – ela me puxa da cama. – Não esquece a *lingerie* sexy, porque o gato merece.

– Não! – ergo as mãos. – Posso ficar com ele, mas só serão

beijos.

– Você vai ficar só nos amassos com o Alexander? Sei!

– Virgem. – estreito os olhos.

– Verdade?

– Sim. – confirmo.

– Não quer ou nunca teve oportunidade?

– Querer, eu quero. – volto a sentar. Anna senta ao meu lado. – Não sei se é bobagem minha, quero

que seja especial, com um cara que desperte mais do que sensações físicas. – suspiro. – O que não vai ser fácil, porque racionalizo muito e evito me apegar se vejo a mínima chance de me machucar.

– O meu não foi nada especial, não me arrependo, no entanto, acho que poderia ter esperado mais.

– Você tinha quantos anos?

– Quinze, foi com um cara que eu gostava, nós ficamos algumas

vezes e acabou rolando, mas não foi para frente. Depois dele, não fiz de novo até os dezessete anos, de lá para cá rolou com outros dois caras.

– Como você decide se vai rolar ou não?

– Se o amasso está quente e estou a fim. – ela dá de ombros. – Você já namorou?

– Não, o máximo de tempo que fiquei com um cara foram dois meses, ele me pediu em namoro e

optei por colocar um ponto final.

– Se você ficava com ele porque não aceitou?

– Ele foi o primeiro cara com quem fiquei, tinha catorze e ele dezessete, ele iria para a universidade e não queria ficar paranoica, pensando no que ele deveria estar vivendo. – prendo uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Decidi cortar o mal pela raiz, gostava dele, mas não estava

apaixonada, então era preferível não criar expectativas.

– Você é objetiva.

– Sim, o que não sei é até que ponto isso é algo bom. – confesso.

– Alguma vez você se arrependeu? Ou pensou que poderia ter agido diferente em algum momento?

– Não, tenho boas lembranças de cada rolo que vivi. Foram poucos, sem dramas, sem lágrimas,

apenas curtição.

− Aproveita, Maria, uma hora a paixão te pega.

− Assim espero. – sorrio.

Sob muitos protestos, me visto para sairmos. Coloquei um jeans justo, camiseta básica, um casaco leve, outro grande e pesado, com revestimento de lã na parte interna e botas cano longo. No espelho tudo o que via era o vermelho do casaco que ia até metade das minhas

coxas, uma faixa de jeans e o couro marrom das botas. Sorri, pensando que poderia estar usando um pijama por baixo do casaco e ninguém nunca saberia, fiz uma trança lateral nos cabelos, deixando alguns fios soltos. Pus o gorro, ajeitei os fios, displicentemente, do lado oposto à trança. O contraste entre o vermelho do casaco e o loiro dos meus cabelos parecia chamar muito a atenção, virei para Anna.

ACHERON - Livros e afins /

– Muito chamativo?

– Olha para mim. – Anna dá uma volta. – Sou uma árvore de natal cor de rosa, você está ótima.

Gargalhei, não tinha prestado atenção que Anna estava usando rosa dos pés à cabeça, ela está fofa.

– Ok, você ganhou. – debocho.

Um pouco de maquiagem, nada muito trabalhado; rímel, lápis e

um batom vermelho. Visto minhas luvas de pelica, penduro uma bolsa no ombro, me certificando de ter pegado o celular, carteira e dinheiro. Lá vamos nós, socializar é a palavra do dia.

O local escolhido por Anna e os amigos é uma espécie de café combinado com bar e restaurante. De cara percebi que era um dos *points* jovens de Moscou; com decoração moderna e música

ambiente, o lugar estava lotado. Nós paramos em frente ao café, Anna enviava uma mensagem aos amigos, perguntando onde estavam sentados, enquanto observava a arquitetura e estrutura do ambiente. Composto por um terraço, jardim externo e duas áreas internas, térreo e sobreloja, o café fervia entre conversas, beijos, jogos e danças.

Estava distraída, fui andando e

parei na porta do café, queria ver mais de perto a energia que fluía naquele espaço, era algo bom, aconchegante, quase como estar na minha cama, vestida com o meu moletom, pantufas e um edredom quentinho. Pensando bem, minha mãe pode ter razão quanto à minha dificuldade de adaptação, preferir estar enfurnada no meu quarto, ao invés de estar entre amigos, não é muito a minha cara.

ACHERON - Livros e afins /

Que bom que Anna insistiu, gosto de ter vindo, concluo, ao mesmo tempo em que sinto o sangue se acumular nas maçãs do meu rosto, ao notar o sorriso torto de um garoto, sentado sobre o encosto do estofado, numa mesa ao canto direito do café. Ele conversa animadamente, sorri e faz brincadeiras com os amigos, movendo os braços e o tronco enquanto fala. Seus movimentos são leves e enérgicos, roubando a minha

atenção, posso sentir a música nos seus gestos e os seus olhos encontram os meus. Abaixo os olhos depressa.

– Maria, vamos! – Anna me dá um puxão. Ela deve ter estado falando comigo sem que ouvisse. – Eles estão na sobreloja.

Anna pega a minha mão e sai me arrastando entre as mesas, no sentido oposto ao garoto de sorriso torto. Fiquei curiosa sobre ele, e

aliviada dele não estar entre os amigos da Anna, porque seria constrangedor explicar o porquê estava encarando-o. Alcançamos a escada, estamos quase no topo quando olho para baixo, vejo uma garota entre as pernas dele, ajoelhada no estofado, e com as mãos no seu pescoço. Os braços dele envolvendo-a pela cintura e seus lábios conectados. Não sei que diabos me deu, por uma fração de segundos, tive ciúmes.

– Maria, o que foi?

– Oi? – viro para frente.

– Você estava olhando quem? – Anna me olha curiosa.

– Ninguém, só estava vendo a decoração, é bem legal. – desconverso.

– Você vai me esconder o gato? – ela arqueia a sobrancelha.

– Só foi um garoto que vi quando entrei, nada demais.

– Onde? Para você ter ficado curiosa, ele deve ser muito gato.

– Não, sério, achei que o conhecia, mas estava enganada. – minto descaradamente.

– Sendo assim, vamos logo. – ela puxa o próprio gorro, em seguida o meu. – Alexander está me enviando uma mensagem atrás da outra, perguntando se falei dele para você.

– Expectativa demais não é

bom.

– Não prometi nada, falei apenas que iria te apresentar.

Nós caminhamos até uma mesa próxima à balaustrada, o que permite uma visão área do espaço térreo. Maravilha, pensei, revirando os olhos. Há duas garotas e três garotos conversando, Anna os cumprimenta em russo e me apresenta. Sorrio, retribuo os abraços e os quinze beijinhos,

trocamos algumas saudações em russo e aviso que só sei falar o básico; eles sorriem e dizem que vão manter a conversa em inglês.

– Se esquecermos, e sair uma ou outra frase em russo, você nos cobra a tradução. – diz Serguei, em tom brincalhão.

– Obrigada.

– Sente-se aqui. – Gregory oferece.

Aceito e me sento ao lado da

balaustrada, em frente ao Alexander. Gregory abraça Anna por trás, ela reclama quando ele a beija no pescoço e dá um tapa na testa dele, que apenas sorri e continua abraçando-a; algo me diz que essa é a dinâmica entre eles. Gregory é alto, magro, grandes olhos azuis e cabelos castanhos, meio bagunçado. Ele senta ao meu lado e faz Anna sentar-se ao lado dele.

Sentados ao lado do Alexander

estão Serguei e Olga, eles são namorados, ela é loira, alta, magérrima, cabelos longos, olhos azuis. Serguei tem olhos castanhos claros, cabelos castanhos e cacheados, é alto e tem um corpo definido. Alexander é alto, musculoso, loiro de olhos azuis, lábios bem desenhados e um meio sorriso provocante; usa o cabelo baixo nas laterais e um topete arrepiado no topo.

ACHERON - Livros e afins /

Eva é a mais baixa entre nós, longos cabelos ondulados, de tom castanho, olhos meio esverdeados, lábios carnudos e um corpo mais curvilíneo, tipo o meu. Notei que todos estão sem os casacos, somente Eva usa um moletom, e há uma pilha de casacos em uma das cadeiras da mesa. Não sei se é o aquecedor ou a quantidade de pessoas no mesmo espaço, fato é que a temperatura está aceitável, por isso levanto e tiro os casacos.

– Vocês demoraram. – Eva comenta.

– Maria não queria vir, preferia ficar em casa assistindo filmes. – diz Anna.

– Você gosta de que tipo de filmes? –pergunta Alexander.

– Todos.

– Todos? – Serguei dá um sorriso maléfico.

– Oh, não! – exclamo,

entendendo o que ele subentendeu.

– Não sou fã do cinema pornográfico. – argumento e todos sorriem.

– Podemos ver um filme qualquer dia desses. – Alexander propõe.

– Claro.

– Sugiro que seja em casa, Maria, porque Alexander é modelo de roupa íntima e as mulheres andam meio sem noção, é um

tormento ir ao cinema com ele.

– Obrigado, Olga, por fazer com que Maria pense duas vezes antes de aceitar o meu convite.

– Eu dei uma sugestão melhor do que o cinema. – ela pisca. – Casa, cama, edredom, filminho, vocês dois.

Sinto as minhas bochechas queimarem, desvio os olhos sem jeito e me flagro olhando para a mesa do garoto do sorriso torto.

Não o vejo.

– Menos, Olga. – Anna pede. – Vamos suspender a sua vodca.

– Vou dançar. Alguém mais? – Eva convida.

– Sempre, Elvira.

– Greg, odeio esse apelido! – ela protesta.

– Não sei por quê. – ele sorri. – Vamos, minha loira. – diz, puxando Anna e roubando um selinho.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

– Greg! – Anna dá um soco no peito dele, sem conseguir esconder o sorriso. – Maria?

– Como diz Gregory, sempre. – levanto.

– Não sei dançar, mas vou com vocês. É melhor do que ficar de babá para a minha irmã e Serguei.

– Por isso você é o melhor cunhado. – Serguei esmurra o bíceps de Alexander.

– É bom que seja o único,

ACHERON - Livros e afins /

Serguei.

– É bom mesmo! – Olga acerta um tapa no Serguei.

Nós descemos e nos juntamos ao grupo que dançava próximo ao palco. Alexander é um horror dançando, quem vê de fora deve pensar que ele é o nosso segurança. Em oposição à rigidez do Alexander, Gregory tem todo um remelexo nos quadris, depois de algumas danças comigo e Eva,

prende Anna entre os braços, enquanto eles dançam e rodopiam. Ele sorri e tenta beijá-la, ela afunda o rosto no pescoço dele, desvencilhando das investidas, então ele sorri mais e distribuí beijos pelo pescoço dela.

– Eles deveriam namorar. – Eva comenta, cutucando o meu ombro.

– Sim. – concordo, assistindo ao Gregory e Anna dançarem.

– Gregory está apaixonado, não sei como ela não percebe.

– Eu irei fazê-la perceber. – pisco.

– E você? – ela joga o cabelo de lado e olha de soslaio para o Alexander. – Percebeu que música, dança e Alex não são compatíveis? – diz, sorrindo. – É por você que ele está se esforçando, chega a ser fofo.

– Nós mal conversamos.

– Conversem. – ela pisca e se afasta, sem parar de dançar.

Os meus olhos voltam-se, imediatamente, a procura de Anna e Gregory. Ele a mantém entre os braços, dançando juntos, sem se importar que estejam em um compasso oposto ao da música. Sinto que eles estão numa dimensão paralela e que estou espreitando por trás das portas, me sinto uma bisbilhoteira; desvio o olhar e

encontro um par de olhos azuis acinzentados.

Há certa doçura por trás daqueles olhos, escondida entre a nebulosidade de um céu tempestuoso. Ele não está dançando, está parado enquanto todos se movem ao seu redor. O flagrante não o intimidou, ele sustenta o meu olhar; quando faço o mesmo, sorri e me analisa, sem nenhuma cerimônia, começando

pelo rosto e descendo pelo decote da minha camiseta.

Ele quem começou, não fujo de desafios, portanto o imito. Suas sobrancelhas são expressivas, o nariz afilado, lábios bem tracejados, nem grossos, nem finos; ele tem um rosto, incrivelmente, simétrico. Não posso julgar o corpo, porque ele está de moletom e o zíper está fechado até o início do peitoral, mas os ombros são largos, as mãos

grandes e aposto que ele tem tanquinho.

– Podemos sentar um pouco?

O ar quente soprando próximo ao meu pescoço me sobressalta. Viro assustada e por muito pouco os meus lábios não colidem com os do Alexander.

– S-Sim. – gaguejo.

Olho de relance para o garoto de sorriso torto, bem na hora em que a garota, que estava com ele na

mesa, se aproxima, joga os braços sobre os seus ombros e o beija.

ACHERON - Livros e afins /

3. Capítulo

Alexander coloca a palma da mão nas minhas costas e me guia, em sentido ao balcão do café-bar. O garoto do sorriso torto está no nosso caminho, sinto o meu estômago revirar quando ele volta a me fitar, ainda beijando a garota. *Belo cretino!* A vergonha que começava a sentir por estar

trocando olhares com um cara comprometido foi substituída por fúria, quero esmurrá-lo por ser um babaca. \

Poderia me esquivar do seu olhar, todavia quero que veja o quanto desprezo a sua atitude e os meus olhos são ótimos em revelar o meu humor. Tenho olhos âmbar, iguais ao do meu pai, e eles são espelhos das minhas emoções, se estou feliz ficam quase translúcidos,

se estou irritada ficam mais escuros, como o céu sob uma tempestade de raios.

Um passo e estaremos em paralelo ao babaca de sorriso torto e a sua garota, que deve ter mais chifres enfeitando a cabeça do que posso contar. Ele, finalmente, fecha os olhos e leva uma mão a nuca dela. Os meus lábios se curvam em um sorriso irônico, reviro os olhos, pensando no que ele poderia ter em

mente: levá-la embora e voltar para me pegar ou um amasso em um canto escondido?

– Merda! – exclamo, recuperando o equilíbrio após quase ir ao chão. O babaca girou com a garota e esbarrou em mim.

Alexander aperta a minha cintura, o que impede a minha queda. A minha língua coça querendo encher o babaca de desaforos; ergo o rosto, ao mesmo

tempo em que ele toca o meu braço, perguntando se estou bem.

Babaca, imbecil, idiota, cretino!

Era o que queria dizer, e é o que os meus olhos dizem, enquanto os meus lábios pronunciam um educado: − Não foi nada.

− Tem certeza? – pergunta Alexander.

− Sim. – afirmo.

– Desculpe, deveria prestar mais atenção, não te vi. – o babaca mente, sem um pingo de vergonha. Foi de propósito, posso ver o sorriso debochado que ele tenta conter.

– Tudo bem, é muita gente, não dá para prestar atenção em todos.

A garota e Alexander não percebem o meu tom de provocação, mas ele sim e dá um

sorriso torto discreto.

– Você não é modelo? – a garota pergunta ao Alexander.

– Sou.

– É você mesmo? Que demais! – agora ela está eufórica. – Podemos tomar um *drink*, aí nos desculpamos por quase derrubarmos vocês.

– Não é necessário. – respondo, antes que Alexander concorde.

– Só um *drink*. – o babaca insiste.

– Se você quiser ir, fico dançando, sem problemas. – digo ao Alexander. – Obrigada. – agradeço a garota. – Mas não tenho idade para *drinks*, de qualquer forma.

– Mesmo?

O babaca pergunta com os olhos cravados no meu decote.

Ah, qual é? Mostre um pouco

de respeito pela sua namorada, cretino.

– Nunca conheceu uma garota com menos de dezoito anos que tenha peitos? – debocho.

Alexander rir, a garota agarra o braço do babaca; ele ergue os olhos do meu decote e olha nos meus olhos, surpreso com a minha reação. Não dou a mínima, porque ele estava me provocando, sendo assim tenho o direito de responder a

altura.

– Vou dispensar o *drink*, acho que você vai entender. – Alexander diz ao babaca. – Vamos, Maria?

– Agora mesmo.

Nós ocupamos uma mesa de dois lugares, próximo ao bar. Alexander apoia os cotovelos sobre a mesa e repousa o queixo sobre o punho, os olhos encontram os meus.

Balanço os pés no ar abaixo da mesa, os bancos são altos e não

alcanço o chão, deixo as minhas mãos descansaram no colo e sorrio tímida.

Se ele continuar a me olhar sem dizer nada, não vou conseguir segurar a minha língua por muito tempo, irei começar a tagarelar; o que não é legal, porque quando acontece não consigo filtrar os meus pensamentos.

Ele curva os lábios sutilmente, mordendo o canto esquerdo.

Observo o sangue se acumular, evidenciando o desenho dos seus lábios e, imediatamente, imagino se eles são macios como parecem. Antes que os meus olhos me entreguem, coloco minhas mãos sobre a mesa e giro os berloques da pulseira entre os dedos, prestando atenção aos detalhes de cada um deles.

– Quando você decidiu que queria ser bailarina?

ACHERON - Livros e afins /

Comemoro internamente, pelo silêncio quebrado.

Ergo os olhos da pulseira e percebo que ele me observa com um meio sorriso. Sua boca é tentação demais, preciso manter meus olhos longe dela.

– Faço *ballet* desde os três anos. – respondo. Ele me olha atento. – Não acho que tenha havido um momento onde fiz essa escolha, sinto que o *ballet* escolheu por mim.

– sorrio e continuo a falar. – Meus pais são musicistas e apesar do piano ser uma grande paixão, minha relação com a música é mediada pela dança.

– Você toca piano?

– Nada excepcional. – argumento.

– Não tenho nenhum talento musical, nem para a dança, como você pode constatar. – Alexander diz entre risos.

O som da sua risada é grave e provoca um tremor no meu corpo. Ele abaixa os braços, chega o corpo um pouco para frente e toca as minhas mãos. Eu não esperava pelo toque e sinto um arrepio me atingir, meus batimentos aumentam levemente, mordo o lábio, impedindo que suspiros escapem. Os olhos dele estão compenetrados nos meus; noto que eles não são apenas verdes, há pequenas ramificações em tom lilás circundando a pupila,

estendendo-se pela íris esverdeada. Nunca vi olhos assim.

– E você? Sempre quiser ser modelo? – pergunto, sentindo as suas mãos quentes e grandes acariciarem as minhas.

– Não, sou fisioterapeuta. Ser modelo foi algo que aconteceu, nem sei como, para ser sincero. Um dia estava lá, no hospital, com meus pacientes, no outro havia centenas de fotos minhas numa rede social e

aí veio o convite para a campanha. No início foi assustador, senti que tinham invadido a minha privacidade, recusei o primeiro convite, mas apareceram outros e mais outros, até que aceitei.

– Coitadas das suas pacientes, não deveria ser fácil ter um fisioterapeuta como você. – brinco.

– A maioria das fotos que estavam espalhadas na internet foi

tirada no hospital, então acho que elas se vingaram por cada série de exercícios que eu aplicava. – ele diz rindo.

– Não diria que elas queriam vingança, é mais como se quisessem ter e sentir mais do que o toque das mãos do fisioterapeuta gostoso. – Alexander solta uma risada engasgada. Ruborizo, não tinha a intenção de expor esse pensamento. – Eu não queria dizer

isso. – me apresso em completar. – Não que você não seja gost... Você entendeu. – justifico. – É que esse deveria ter sido um pensamento privado, mas a minha boca não sabe quando ficar quieta.

– Você vai se sentir melhor se confessar que em vinte e três anos é a primeira vez que uma garota me deixa sem palavras? – ele aperta as minhas mãos. – Posso te convidar para sair?

– Você quer dizer...

– Um encontro. – responde, sem que precise concluir a pergunta. – Você escolhe o dia, horário, local, o que quiser.

– Não vou escolher o local. – digo. – Me surpreenda.

– Vou adorar. – ele puxa a minha mão e deposita um beijo sobre os meus dedos. – Você tem quantos anos?

– Dezessete.

– Ufa, estava com medo de você dizer quinze. – brinca.

– Meu pai me deixar morar sozinha aos quinze anos é algo além do impossível. – puxo minha mão e finjo ajeitar a trança.

– Minha mãe fez chantagem emocional quando contei que iria morar sozinho, isso com dezenove anos, cedi e só saí de casa aos vinte e um. Quero só ver quando Olga aceitar ir morar com Serguei.

– Eles vão morar juntos? – pergunto surpresa.

– Ele convidou e ela está pensando.

Consigo conter a minha boca e disfarço o meu espanto. Tia Mel me contou que os homens russos não costumam perder tempo para chegar numa mulher e, menos ainda, para falar sobre morar juntos. Pensei que isso estava associado aos homens mais velhos; Serguei

deve ter no máximo vinte e três anos.

Se bem que o meu pai pediu minha mãe em casamento aos vinte, ela não aceitou, mas isso não apaga o pedido. Quando minha mãe contou toda a história entre ela e meu pai, não precisou explicar duas vezes, para mim foi fácil entender o quanto ela estava assustada quando o deixou, em ambas as vezes; acredito que agiria da mesma

forma, não herdei a intensidade emocional do meu pai.

Vou tentar não sair correndo dos moscovitas, sorrio com esse pensamento.

– Você pode me dar o seu telefone e endereço?

– Telefone sim, o endereço vou manter em *off*, por enquanto.

– Pretendo ir buscá-la para o nosso encontro. – ele pontua.

– Te direi no dia do nosso encontro.

– Quando será?

– Vou pensar, me empreste seu celular. – peço. Ele pega o celular no bolso da calça, desbloqueia e me entrega. – Pronto. – devolvo, após digitar o meu número.

Ele mexe no celular, imagino que salvando o meu contato. Um *click.* Alexander sorri, sem tirar os

olhos do celular. Ouço o meu celular tocando, levo a mão ao bolso da calça, puxando-o. Alexander vira o celular, exibindo o visor, há uma foto minha, de agora.

– Você não vai me atender? – pergunta. Ele não pisca, há uma intensidade explícita no seu olhar.

Recupero o controle das minhas ações e atendo ao celular.

– Alô.

– Gosto da sua voz.

– E de me deixar sem graça?

– Pode ser que sim. – responde. O timbre grave me faz suspirar, imaginando os seus lábios no meu pescoço. – Você fica sexy com as bochechas coradas.

Ele me deixou sem palavras.

Eu, Maria Allencar, sem palavras?

Mordo o lábio, vasculhando a minha mente em busca de uma resposta espirituosa. Nada!

– Posso te levar em casa hoje? – ele levanta e se aproxima do meu banco. – Não vou pedir para entrar, prometo. – sussurra no meu ouvido, deixando uma mão cair sobre a mesa, com o celular, e apoiando a outra no encosto do meu assento.

Fui pega de surpresa. Sinto o calor da sua respiração na minha pele e os meus seios arfam. Abaixo o celular, colocando-o na mesa. Viro

o rosto, meus olhos pairam sobre o peitoral dele, inclino a cabeça e umedeço os lábios ao sentir o seu hálito no meu rosto. Ele tem lábios pálidos, o tom avermelhado só surge quando pressionados, como quando ele os mordeu. Se nos beijarmos, a prova do beijo estará estampada nos seus lábios.

– Se você me levar em casa, o que acontece?

Que pergunta é essa? Como

assim o que acontece? O que estou pensando? Nada, obviamente! Como vou pensar se o meu cérebro se liquefez quando ouviu a voz dele sendo sussurrada contra a minha pele.

– Eu... – dizemos em uníssono. – Você... – ao mesmo tempo, de novo.

Sorrimos.

– Você primeiro. – ele pede.

– Eu não sei o que quis dizer

com essa pergunta. – confesso.

– Que bom, porque não saberia como respondê-la. – ele afaga minha bochecha com o polegar. – Posso *apenas* te levar em casa? – enfatiza o apenas, o que me faz corar. – Estou tentando não te beijar, mas você está tornando isso muito difícil.

– Alguma razão para não fazê-lo? – espalmo uma mão no seu torso, fingindo me apoiar para

descer do banco.

– Se havia... – diz, envolvendo-me pela cintura, assim que meus pés tocam o chão. – Não lembro.

Lábios macios acomodam-se aos meus. É um beijo determinado, o aperto das suas mãos na minha cintura é firme, a sua língua desliza entre os meus lábios, sugando-os morosamente.

Uau!!!

Não sei bem o que estava

esperando, mas esse beijo foi... quente.

Eu me sinto minúscula entre os braços dele, sinto uma avalanche de calor me soterrando, deixo uma mão espalmada sobre o seu tórax e deslizo a outra pelos seus ombros, traçando o desenho dos seus músculos. Ele segura a minha nuca e os seus lábios movem-se precisos sobre os meus, espalhando frescor da sua respiração, combinada com

um leve toque de canela.

– Depois desse beijo, sou obrigado a desfazer o convite para te levar em casa. – sussurra, me dando um selinho.

– Só tenho uma condição. – sorrio.

– Qual?

– Que você continue me beijando.

ACHERON - Livros e afins /

4. Capítulo

– Mãe, ele é muito sexy e o beijo é incrível! Vou te enviar o *link* das redes sociais dele, olha aí.

– Minha nossa! – minha mãe exclama segundos depois. – Ele é lindo.

– Lindo, mãe? Ele é GOSTOSO! – dou um gritinho. – E que pegada!

– Vocês vão sair de novo?

– Ele me enviou três mensagens, a última perguntando quando iria parar de torturá-lo e marcar o nosso encontro.

– Estou vendo você preparada para correr?

– Você me conhece, prefiro levar as coisas com calma.

–Vocês estão apenas se conhecendo.

– Exatamente, conheço o cara em um dia e no outro ele me envia três mensagens? Calma aí, gatinho, vamos pisar no freio! – brinco e a minha mãe solta uma gargalhada.

– Você não tem jeito, Maria.

– Ah, mãe, nós ficamos ontem, ele pode sobreviver mais alguns dias.

– Nada de deixá-lo entrar no seu apartamento até

conhecê-lo bem o suficiente, ok?

– Pode deixar, não esqueça que em casos de emergência estou armada.

– Não me lembra disso, ainda quero matar o seu pai por causa desse *spray* de pimenta.

– Nah! Você não consegue ficar brava com o meu pai por muito tempo.

– A culpa é cem por cento daquele sorriso insolente.

– E as covinhas. – completo.

– E os olhos âmbar. – minha mãe suspira. – E o corpo.

Solto uma gargalhada em resposta aos suspiros da minha mãe e ouço a voz do meu pai ao fundo da ligação. Minha mãe sorri, aposto que ele está abraçando-a por trás e beijando os seus ombros e pescoço.

– João Pedro, para

com isso! Maria está na linha.

– Oi, filha.

– Oi, pai.

– Fera tem algo para contar.

– O quê? – eu e minha mãe perguntamos em coro.

– Não vou contar, é coisa dele.

– Se não vai contar, porque inferno anunciou, João

Pedro?

– Porque adoro deixar vocês curiosas. – justifica.

– Pai, fala sério! Cadê o Fera? Quero falar com ele agora.

– Vocês são iguaizinhas. – ele gargalha.

– Ele está no cinema com alguns amigos. – diz minha mãe. – Por todos os deuses, ele deu o primeiro beijo? É isso, não é? Fala, João Pedro!

– Não vou dizer, nem adianta insistir.

– Só responde se sim ou não, pai.

– Não.

– Não? Não é isso? Ou não vai responder? – minha mãe questiona.

– Não vou responder. – meu pai sorri baixinho.

– Vou te deixar sem...

– Ei, olha a Maria na linha. – meu pai interrompe a minha mãe.

– Mãe, você precisa de uma punição que possa cumprir, essa aí está fadada ao fracasso e o meu pai sabe disso. – argumento. – Tudo culpa do sorriso insolente, lembra? – provoco. – E.. – pauso propositadamente. – De tudo mais. – dou risada.

– Maria, não me

entrega!

– Hum, então foi isso que vocês estavam falando quando cheguei.

– Sim. Não. – eu e minha mãe respondemos ao mesmo tempo.

– Sim ou não?

– Sim! – exclamo.

– Não! – minha mãe rebate. – Estávamos falando do

moscovita que a Maria ficou ontem.

– Mãe, você quer matar o meu pai? Porque é isso que vai acontecer se você mostrar alguma daquelas fotos.

– Que fotos? Que moscovita? Como assim Maria ficou com alguém ontem e só fico sabendo hoje? Nome, telefone, endereço, *link* das redes sociais, ficha criminal, quero tudo.

– Até me perdi entre

tantas perguntas. Sobre você só saber hoje, é porque foi ontem à noite e cheguei em casa tarde.

– Tarde que horas? Você passou à noite fora de casa?

– Cheguei por volta de meia noite, não foi tão tarde, só era tarde para ligar para vocês. Não dormi fora de casa, ninguém dormiu aqui e continuo virgem. – digo de pirraça. – Tem certeza que vai querer saber quando acontecer a

minha primeira vez? Ainda dá tempo de desistir, pai.

– Sim, vou querer saber, porque faço questão de ter uma conversa bem amigável com o cara em questão.

– Pai, não vai ser muito legal se você o colocar para correr.

– Não vou, só vou garantir que ele entenda que não pode brincar com você. –

argumenta. – Hannah, para de me enrolar e me mostra logo as fotos.

– Quer sentar primeiro, amor? Um calmante talvez? – minha mãe provoca.

– Estou bem.

– Pai, antes de ver as fotos é bom que você saiba que ele é modelo, ok?

– Modelo?

– Sim, por isso as

fotos são um tanto sensuais.

– Aiaiai. Hannah?

– Aqui, amor.

– Mas que *PORRA!* – exclama. Alguns segundos de silêncio, provavelmente ele está analisando as fotos. – Maria, que porra é essa? Quantos anos ele tem? É modelo ou ator de filme pornô?

– Menos, pai, bem menos. Ele é modelo de roupa

íntima, tem vinte e três anos.

– Eu gostava do Guss. – ele comenta.

– Guss? – pergunto confusa. – Como Guss entrou nessa conversa?

– Estou me perguntando a mesma coisa, têm mais de dois anos que a Maria dispensou o Guss. – minha mãe argumenta.

– Eu sei. – meu pai diz

baixinho. – Ele é um cara legal.

– Ok, essa conversa veio de onde? – pergunto.

– Ele me procurou.

– O quê? – eu e minha mãe dizemos em uníssono.

– Ele está tocando em uma banda, fez um show aqui e esteve na escola.

– Quando? – minha mãe pergunta.

– Foi na sexta-feira.

– E o que ele queria, pai?

– Saber sobre você.

– O quê?

– Como você está, se continua no *ballet*, se ainda mora aqui, se está namorando, essas coisas.

– Isso é estranho. Por que ele te procurou e não a mim?

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

– Ele sabia onde me encontrar.

– Vocês devem ter se visto umas duas vezes, não é como se vocês fossem amigos.

– Na verdade, quando Guss decidiu te pedir em namoro, ele me procurou, queria saber se eu permitiria.

– Por que você nunca me contou?

– Na época porque não queria

ACHERON - Livros e afins /

estragar a surpresa, até para a sua mãe só contei no dia do pedido, e depois você vetou o nome dele em casa, lembra?

– Não queria ficar lembrando dele.

– Nós conversamos bastante e depois que você recusou o pedido, nos encontramos mais algumas vezes.

– Por quê?

– Porque ele é um bom garoto,

filha.

– Sim, ele é. – concordo. – Mas...

– Ele não tinha ninguém, não contava com o apoio afetivo dos pais há muito tempo e... – solta um suspiro. – Eu sabia o quanto ele estava sofrendo.

– Eu parti o coração dele? – sinto uma lágrima tocar os meus lábios.

Guss foi o cara que chegou

mais perto do meu coração, não caí de amores por ele, mas gostava dele, e foi por isso que não aceitei quando ele me pediu em namoro, sabia que se continuasse iria me apaixonar e, consequentemente, quebrar a cara e o coração.

– Maria, não faça isso. – minha mãe adverte. – Não se culpe.

– Eu fiz? Parti o coração do Guss? Pai, responde. – meus pais ficam em silêncio. – O quanto parti o

coração dele?

– O quanto um coração apaixonado pode se partir. – meu pai murmura.

– Oh, merda! Eu não sabia.

– Filha, mesmo se soubesse, você não poderia ficar com ele quando não era o que você queria. – meu pai intervém.

– Eu queria. – confesso.

– Como? – meus pais

perguntam.

– Eu gostava do Guss, podia sentir que estava me apaixonando por ele.

– Não entendo mais nada. – diz meu pai.

– Eu não queria que ele partisse o meu coração. Ele estava indo para a universidade, quais as chances que eu tinha de não sofrer? Estava certa que em um mês ele não lembraria de mim, inventaria

desculpas para não ir me ver e então sumiria.

– Maria, você não pode se esconder do amor para sempre. – minha mãe argumenta.

– Não, mas sobrevivi à adolescência bem longe das paixões.

– Faltam muitos meses para o seu aniversário, quem sabe o que vem por aí. – meu pai rebate.

– Fala sério, pai! Não posso

ser burra de me apaixonar nos próximos nove meses, vou deixar isso para quando for, oficialmente, uma jovem adulta.

– Sim, senhora. – ele diz rindo. – Voltando ao cara velho demais para ser seu namorado.

– Sério? – pergunto entre risos.

– Sim, olha para esse cara, ele não é um garoto, Maria, ele é a porra de um homem.

– Pai...

– Você é uma garota, a minha garotinha. – ele suspira. – Amor, fique do meu lado, por favor. – ele pede a minha mãe.

– Amor, só foram alguns beijos. – minha mãe intercede a meu favor.

– Ela não pode beijar alguém que não se pareça com um ator pornô?

Minha mãe ri e tenho que

morder o lábio para segurar a gargalhada.

– Você é tão exagerado, pai.

– Você vai sair de novo com ele?

– Ele me convidou para um encontro.

– Nada de aceitar conhecer onde ele mora ou convidá-lo para subir ao seu apartamento.

– Eu sei, lembro das regras.

– Ele sabe que você só tem dezessete anos?

– Senti que sou uma recém-nascida.

– Ele sabe, Maria?

– Sim, pai. Ele é amigo de uma amiga, o conheci junto com uma galera, todos têm entre dezoito e vinte e três anos.

– Dezessete.

– Sim, sou a mais nova.

– Não esqueça de levar o *spray* de pimenta.

– João Pedro! – minha mãe o reprende.

– Ela precisa ter como se defender, olha o tamanho desse cara.

– Que diabos faço com você, João Pedro?

– Respondo daqui a pouco. – diz e ouço minha mãe soltar um risinho.

– Estou ouvindo vocês.

– Falamos depois, filha, preciso ter uma conversa com a sua mãe.

– Aham. – sorrio. – Beijos e mandem o Fera me ligar.

– Beijos, te amamos. – dizem em uníssono.

Jogo o telefone na cama, ainda com um sorriso no rosto. Puxo o *notebook* para o meu colo e abro no meu perfil social.

Digito na busca: Guss Van Persen.

Três perfis são listados, o dele é o segundo. Clico na imagem e entro no perfil. A primeira coisa que faço, óbvio, é olhar as fotos. Ele está mais gato. Não vejo o *piercing*, uma pena. Relembro o quanto era gostoso a sensação do metal nos meus lábios.

Há muitas fotos com a banda, me detenho nas fotos que ele está

sozinho. Não há fotos dele sorrindo, mas gosto da expressão compenetrada e sexy de guitarrista *badboy*. Estou tendo um *crush* fortíssimo por uma foto em que ele está de camiseta preta e apertando uma corrente prata entre os dedos. E esse bíceps? Se ele era gostoso aos dezessete, aos vinte ele está orgástico, como diria a minha mãe.

Fecho o álbum e vejo o seu mural. Ele tem fãs, uau! Muitas

mensagens picantes ilustram o seu perfil, ele responde algumas e mantém as provocações com sutileza.

O cursor paira sobre a opção adicionar como amigo. Recosto nos travesseiros, pensando se devo ou não enviar o convite. Não nos falamos há pouco mais de dois anos, não que as coisas tenham ficado estranhas entre nós, quer dizer, não sei bem, porque até hoje

ACHERON - Livros e afins /

não sabia que havia partido a droga do coração dele. Não o excluí das redes sociais ou o contrário, nunca chegamos a nos adicionar, nos víamos no colégio todos os dias, trocávamos mensagens e funcionava bem assim.

Se não quiser falar comigo, ele pode recusar o convite. Pressiono o indicador no *touchpad* do notebook, convite enviado. Meu coração quase sai pela boca quando surge na tela

a notificação informando que meu convite foi aceito, ao mesmo tempo em que sobe no canto inferior da tela uma mensagem privada.

Guss Van Persen: Oi

Maria Allencar: Oi, Guss. Tudo bem?

Guss Van Persen: Sim, e você?

Maria Allencar: Bem.

Guss Van Persen: E o ballet?

Maria Allencar: Continua sendo a minha paixão. E você está realizando o seu sonho. Parabéns. Guitarrista e vocalista?

Guss Van Persen: Hahaha, está acontecendo, faz pouco mais de um ano que fechamos nosso primeiro contrato e o primeiro álbum bombou. Fiz um show em Amsterdam no sábado.

Maria Allencar: Meu pai me

contou. Algum show agendado para Moscou?

Guss Van Persen: Por enquanto não.

Maria Allencar: Quando tiver, me avisa, vou adorar te rever.

Guss Van Persen: Vou correr atrás de um show aí.

Maria Allencar: Seus pais aceitaram numa boa a sua decisão?

Guss Van Persen: Eles me

cortaram, estou por minha conta desde que saí de Amsterdam.

Maria Allencar: Sinto muito.

Guss Van Persen: Eu sempre soube que seria assim.

Maria Allecanr: Você está feliz?

Guss Van Persen: Sim. Está sendo incrível, como sempre sonhei.

Maria Allencar: É o que importa. Onde você está morando?

Guss Van Persen: Oficialmente em Londres, mas quase não fico lá. Meus vizinhos devem achar que o apartamento está abandonado.

Maria Allencar: Então você está sempre viajando? Significa que a carreira vai bem.

Guss Van Persen: Não posso reclamar, é cansativo, mas é o que amo fazer.

Maria Allencar: Isso é bom, Guss.

Guss Van Persen: É sim. Só não sobra muito tempo para a vida pessoal.

Maria Allencar: Aposto que não faltam garotas se jogando nos seus braços. Se bem que, no seu caso, sempre foi assim.

Guss Van Persen: Os caras da banda adoram, haha. Mas para mim não funciona assim, não sou um amante de relações casuais e, ultimamente, isso é tudo o que tem

me restado.

Maria Allencar: Não é um problema tão grande assim, Guss. Você tem vinte anos, é tempo de curtir.

Guss Van Persen: Você está certa. Curtindo muito?

Maria Allencar: Um pouco. A rotina do *ballet* é pesada, na maioria das vezes, tudo o que quero é ficar enfiada em baixo dos lençóis e assistindo filmes.

Guss Van Persen: Quando for em Moscou, vou conseguir um dia de folga e posso te acompanhar no filme.

Maria Allencar: Vou ter que tirar uma *selfie* ou não vão acreditar que assisti filme com o vocalista da Groover.

Guss Van Persen: Tudo bem, se você não se incomodar com os comentários insinuando que estamos juntos.

Maria Allencar: É isso que dá ter amigo *rockstar.*

Guss Van Persen: Somos amigos?

Mordo o lábio inferior.

Somos amigos?

Costumávamos ser, por quase três meses fomos amigos e ficantes, então rompi qualquer elo que pudesse existir entre nós.

Maria Allencar: Podemos ser, se você quiser.

Guss Van Persen: Sinto sua falta.

Maria Allencar: Achei que seus ouvidos estavam felizes por ficar longe da minha tagarelice.

Guss Van Persen: Achei que tinha deixado claro o quanto gosto de você, incluindo a sua tagarelice.

Gosto? Ele disse gosto no presente?

Maria Allencar: Não mudei nadinha nesse quesito. Preciso providenciar um CD da sua banda, quero aprender todas as músicas.

Guss Van Persen: Preciso alertá-la, as letras podem ser um pouco depressivas.

Maria Allencar: Por que as melhores músicas caminham de mãos dadas com a tristeza?

Guss Van Persen: Adoraria ter a resposta para essa pergunta, mas não sei. Vou arriscar e dizer que as grandes inspirações vêm do amor ou de um coração partido, pelo menos comigo é assim.

Maria Allencar: Você compôs as músicas?

Guss Van Persen: Sim,

digamos que estava em um momento de grande inspiração, tenho músicas prontas para mais três álbuns.

Maria Allencar: E ainda diz que não tem tempo para vida pessoal.

Guss Van Persen: Não tenho mesmo, essas músicas escrevi antes da banda decolar.

Maria Allencar: Você escreveu músicas suficientes para vários álbuns antes da banda acontecer de

fato?

Guss Van Persen: A banda só aconteceu por causa das músicas, então eu deveria agradecer a garota que partiu o meu coração.

Maria Allencar: Você tem talento, Guss. Aconteceu porque você é bom no que faz.

Guss Van Persen: Obrigado, Maria. Eu preciso ir, estou em Miami, tenho um show hoje à noite e o pessoal deve estar me

aguardando para passarmos as músicas.

Maria Allencar: Bom show e foi bom falar com você.

Guss Van Persen: Não some, ok? Bj.

Maria Allencar: Estou a um *click* de distância. Bjs.

Coloco o *notebook* de lado e meus pensamentos

continuam com o Guss. Estou, verdadeiramente, feliz por ele. Pego o celular e busco o CD da Groover na loja online, clico em comprar e poucos minutos depois as músicas estão adicionadas a *playlist.* Coloco o polegar sobre o *play* e percebo que meu coração está acelerado.

Será que fui a garota que o inspirou?

Uma parte de mim ficaria feliz, a outra, arrasada. Seja como for,

preciso encarar os fatos. Passaram-se mais de dois anos, ele não apenas aceitou o meu convite, conversou comigo, portanto se o magoei, isso ficou no passado.

Play.

Isso é tudo o que tenho

Lembranças

Eu não estou me escondendo

Estou aqui, chorando por ela

Esperando que ela volte

Sabendo que não voltará

A primeira música e estou chorando.

Droga!

Estou ouvindo *rock* e chorando, *fala sério!*

ACHERON - Livros e afins /

5. Capítulo

Chorar no chuveiro não é uma opção, porque os meus dedos congelariam, sendo assim fiquei enroscada no edredom, ouvindo repetidamente as músicas que Guss compôs, até que as lágrimas pararam, em algum momento entre o quinto e sexto *replay*. Então, levantei, tomei um banho, parar

amenizar o inchaço e a vermelhidão provocado pelo choro, antes de ir ao mercado.

Sábado é o dia oficial de reabastecer a geladeira. O mercado fica a uma quadra do apartamento, por isso vou caminhando e faço duas paradas: a primeira, na loja de música e filmes; e a segunda, na livraria. Gosto de me perder entre as estantes de filmes e livros, procurando o filme ideal para o meu

domingo e o livro que irá me acompanhar durante a semana. No final das contas, passo mais tempo entre as duas paradas do que no mercado.

A cada semana, compro um filme e um livro, no entanto o escolhido deste sábado foi “O silêncio dos inocentes”, logo não poderia deixar de comprar também “Hannibal” e “O dragão vermelho”. Enquanto caminho até a livraria, ligo

para tia Mel.

– Alô.

– Oi, Elise, é a Maria.

– Oi, Maria. Você precisa ver a casa de bonecas que o papai me deu de presente.

– Uau, deve ser linda. Você pode me mostrar amanhã. Sua mãe está aí?

– É muito, muito, muito linda, Maria, você vai ver. Vou chamar a

mamãe.

– Ok. Beijos.

– Mamãe, mamãe! É a Maria no telefone. – ela grita. Alguns segundos depois, tia Mel atende. – Oi, Maria.

– Oi, tia. Amanhã irei apenas almoçar com vocês, tenho planos para a tarde, ok?

– Esses planos incluem certo moscovita *sexy*?

– Não acredito que meu pai já ligou para tio Andy?

– Sim, exigiu que Andy fique de olhos no seu moscovita. Inclusive enviou o *link* das redes sociais para que ele confirme se as informações são verdadeiras e descubra onde o moscovita mora.

– Esse é o meu pai. – sorrio.

– Depois de ficarem horas no telefone confabulando sobre o pobre garoto, tomei o telefone da mão do

Andy e exigi que o JP passasse o telefone para Hannah, e assim foi a nossa vez de fofocar sobre o seu bom gosto em relação aos garotos.

– Obrigada, tia. Vou desligar, estou entrando na livraria agora. Beijos, nos vemos amanhã.

– Até amanhã, beijo.

A livraria funciona também como sebo, ela tem um sino dos ventos pendurado na porta e sempre que alguém entra o seu

tilintar ressoa entre o pequeno labirinto de estantes abarrotadas por livros, novos e usados.

Há uma seção apenas com livros com dedicatória, são os meus preferidos, embora não entenda como as pessoas possam se desfazer deles. As dedicatórias são diversas e, de um modo ou outro, me emocionam, desde felicitações às despedidas, algumas são presentes entre namorados, outras,

pedidos de desculpas; sempre que as leio não consigo evitar de pensar como elas foram parar ali, disponíveis para qualquer um.

É quase um ritual a minha visita a livraria, entro, ando por entre as estantes, percorrendo os títulos e capas, folheando alguns exemplares, então vou à seção de dedicatórias, escolho um livro e sigo até o fundo da livraria, onde ficam algumas mesas e poltronas. Sento,

observo os pequenos detalhes da edição, lombada e capa, em seguida abro numa página aleatória, leio um pequeno trecho e depois a dedicatória na contracapa.

Permaneço alguns minutos sentada, relendo a dedicatória e imaginando a história por trás dela, depois levanto, guardo o livro de volta à estante e escolho aquele que irei comprar. De posse do meu livro, guardo-o na bolsa, junto com os

filmes e sigo para o mercado, essa é a parte menos divertida de ir fazer compras.

O mercado não costuma estar cheio às tardes de sábado, com a vantagem de ter frutas e legumes frescos. Trinta minutos é o máximo de tempo que gasto por lá, primeiro pego os produtos que estão na lista, depois as guloseimas e pronto, hora de ir ao caixa.

A parte mais difícil das

minhas compras é equilibrar a bolsa e as sacolas. Por sorte, há um ponto de táxi em frente, deste modo, abraço as sacolas sobre o balcão do caixa, tomando cuidado de manter o meu campo de visão livre e assim mesmo adentro o táxi.

– Obrigada. – penduro a bolsa no ombro e envolvo as sacolas com meus braços. – Bom final de semana. – digo ao taxista ao sair.

ACHERON - Livros e afins /

– Bom final de semana, senhorita.

Ainda não descobri uma tática eficaz para levar as compras do táxi para o apartamento, quase sempre algo acontece entre a porta do prédio e o elevador, tropeço, derrubo alguma sacola ou alguma fruta despenca e sai rolando.

Subo as escadas sem nenhum imprevisto e vejo a porta do elevador aberta, o que me faz

pensar que hoje pode ser meu dia de sorte, não terei que pressionar o botão do elevador, logo posso manter ambas as mãos segurando firme as compras.

– Segura para mim, por favor! – peço, alto o suficiente para quem estiver no elevador me ouvir. – Obrig...

– Você?

Nesse momento cometo o erro de erguer o rosto de vez, mudando

a minha postura. A alça da bolsa desliza pelo meu ombro, colidindo com uma das sacolas e o desastre acontece, tento me endireitar, mas é tarde demais, minhas compras se espalham no chão do elevador, assim como a bolsa. Agacho depressa, recolhendo os produtos esparramados.

– Eu te ajudo com isso. – alguém se abaixa.

A voz firme e de timbre grave

é o lembrete que não estou sozinha, e de repente recordo que a primeira frase que ouvi, ao entrar no elevador, foi uma pergunta.

"Você?"

Não conheço ninguém, exceto os amigos da Anna e os meus colegas do *ballet,* ele deve estar me confundindo com alguém. Deposito o embrulho de pães dentro da sacola e levanto os olhos para o desconhecido, a fim de desfazer

qualquer mal-entendido.

No momento que os nossos olhos se encontram, sou absorvida por uma tempestade silenciosa. Entre camadas de tons azuis, variando para o cinza à medida que a pupila se aproxima, posso jurar que pequenos raios incidem sobre a sua íris.

– Parece que as maçãs não gostam de estar presas. – ele sorri e me entrega uma maça. O sorriso

torto me tira do transe, aperto os lábios e estendo a mão para pegá-la. – Qual andar? – ele segura a maça com força, envolvendo os meus dedos.

– Quê?

– Qual andar você mora? – ele sorri mais, exibindo os dentes. – Sabe, a gente precisa apertar...

– Quinto. – digo, cortando-o. Ele estica o corpo sobre o meu, encurralando-me. – O que você...

– Selecionando o seu andar. – diz, interrompendo a minha fala. – O quê? – ele abaixa os olhos para os meus lábios. Seu sorriso é atrevido. – Pensou que fosse te agarrar?

– Não, idiota! – dou um empurrão nele e volto a atenção para minha compras. Felizmente, somente os produtos de duas sacolas derramaram. Enfio a maçã e as embalagens de frios na sacola onde coloquei os pães, no entanto

quando levanto a outra sacola, para colocar as frutas e legumes dentro, vejo que está rasgada. Adeus, sorte. – Merda! – abro a bolsa e puxo a sacola com os filmes e livro, então recolho as outras maçãs e vou entulhando ali. Uma risada abafada ecoa pelo elevador, viro para olhar o painel do elevador. – Por que você não selecionou o seu andar? – pergunto irritada.

– Selecionei. – ele dá de

ombros e continua recolhendo os meus sacos de legumes. – Distribua as maçãs entre as duas sacolas, essa aí não vai aguentar.

– O que você está indo fazer no meu andar? – ignoro a ordem sobre as maçãs. – Coloque aqui. – aponto para os sacos que ele segura e abro a sacola com os filmes.

– Vou te ajudar a levar suas compras, é meio óbvio que não vão

caber aí. – ele pega os últimos sacos esparramados, ajeita entre os braços e levanta.

– Quem disse que quero sua ajuda?

– Sou eu ou as suas compras espalhadas no chão do elevador. E aí? – ele pisca. – Antes que você ache que estou te perseguindo, também moro no quinto andar.

– O quê? O apartamento ao lado está vazio.

– Estava, agora somos vizinhos. – ele umedece os lábios.

Estou perplexa demais para conseguir pensar em uma resposta sarcástica. Penduro a bolsa, amasso a sacola rasgada e coloco junto com os filmes, então ajeito as alças das sacolas, distribuindo o peso e levanto, segurando-as.

– Bem na hora. – diz, quando a porta do elevador abre.

O garoto de sorriso torto é

meu vizinho. Eu teria adorado ter ele como vizinho, se não soubesse que é um babaca. A irritação aumenta quando penso que os meus encontros com ele e a namorada serão inevitáveis, a não ser que consiga estabelecer os horários dele e refaça os meus, de modo a evitá-lo.

Reviro os olhos quando ele para em frente à porta do meu apartamento, passo por ele,

ignorando-o e deposito as sacolas no chão, para procurar a chave na bolsa. Surpreendentemente, ele está quieto. Abro a porta, pego as sacolas e entro, sem virar para olhá-lo, achando que ele ficaria aguardando na porta, mas não; três passos e percebo pisadas atrás de mim, viro incrédula e o vejo dá o estúpido sorriso torto.

– Não te convidei para entrar.

– Estou trazendo suas

compras, não posso deixá-las na porta.

Viro para frente e sigo para a cozinha, jogo as sacolas sobre a mesa e ele faz o mesmo com os produtos.

– Obrigada e adeus. – dou um tchauzinho, munida de um sorriso irônico.

– Não vai me oferecer nem água?

– Seu apartamento é ao

lado. – ironizo. – Tchau. – seguro os seus ombros e o viro, empurrando-o em direção a porta.

– Nicolai.

– Quê?

– Meu nome é Nicolai. – ele vira rápido e segura minha cintura. – Qual o seu?

– Não importa. – afasto as suas mãos.

– Somos vizinhos, podemos

ser amigos. – o canto esquerdo do seu lábio se curva levemente, insinuando um sorriso.

– Não seremos amigos. – planto a mão no seu peito e o empurro porta afora.

– Você me odeia mesmo, hein? – ele estreita os olhos.

– Não posso te odiar, não te conheço. – rebato. – Odeio o fato de você ter ficado me secando na frente da sua namorada.

– Como se ela não tivesse toda derretida pelo seu namorado.

– Isso é um problema seu. – dou de ombros.

– Tchau, vizinha. – ele morde o lábio. – Nos vemos depois.

– Não se eu puder evitar.

– Posso ser um cara legal, já pensou nisso? – ele apoia a mão no batente da porta e me fita.

– Acho que não. – sorrio. –

Só uma pergunta.

– Manda.

– Se o meu andar é o seu andar, você não estava selecionando o meu andar quando quase me imprensou na parede.

– Você me pegou. – ele toca o meu queixo. – Só queria sentir o seu perfume. – pisca e me dá as costas, seguindo para o próprio apartamento.

Fico parada na porta,

fitando a sua nuca, querendo esganá-lo por conseguir me irritar. Ele tira a chave do bolso, meio segundo depois a maçaneta gira.

– Maria. – murmuro.

– Oi? – ele está sorrindo quando vira na minha direção.

– Maria.

– Eu sei. Não se assuste se bater na sua porta mais tarde, tenho que desembalar as minhas coisas e posso querer um pouco de

– Não vou abrir. – cruzo os braços.

– Não seja má. – ele faz cara de cachorro que caiu da mudança. – Até mais, Maria. – diz e fecha a porta.

Ele fechou a porta na minha cara? É isso mesmo, produção?

– Babaca estúpido! – digo entredentes e bato a minha porta.

ACHERON - Livros e afins /

6. Capítulo

Estava deitada, com meu pijama e pantufas dos *minions,* embrulhada no edredom, assistindo filmes e comendo macarons, quando o telefone tocou. Peguei o celular resmungando, mas quando vi a foto do Fera no visor, sentei em um pulo; antes mesmo de encontrar o controle para pausar, estava

atendendo.

– Espera aí, preciso encontrar o controle remoto. – aviso. Coloco o celular sobre o travesseiro e sacudo o edredom, tateando entre o amontoado de almofadas e lençóis. – Achei! Pode começar a falar.

– Oi, Maria. Estou bem, obrigado por perguntar. E você?

– Não me torture mais, conta logo.

– Nosso pai ainda não me

deixou contar a mamãe, disse que quer se divertir mais um pouco.

– Que bom que vocês não têm medo de morrer, como não é o meu caso, assim que você desligar o telefone, ligo para contar a ela.

– Acho que vou deixar você curiosa por mais...

– Nem ouse!

– Essa curiosidade de vocês é de um nível sobrenatural.

– Você está tentando me enrolar, Fera?

– Não, boba, estou esperando nossa mãe terminar o banho, vou contar as duas ao mesmo tempo.

– Diga que o nosso pai está entretido com os Terríveis e não com a nossa mãe, porque não vou aguentar esperar por longos minutos.

– Eu liguei para você vinte minutos depois deles terem dito que

iriam *tomar banho*. – Fera enfatiza as duas últimas palavras e nós dois gargalhamos.

– Você é um gênio, Fera.

– Eu sei. Enquanto a gente espera, me conte sobre o cara velho demais para ser seu namorado.

– É assim que o nosso pai o apelidou?

– Esse é o apelido permitido na frente dos Terríveis, a mamãe o proibiu de usar ator pornô.

– Deus! – digo entre risos. – Ele é legal, beija bem, é grande e forte, gentil, educado e muito sexy. – mordo o lábio, relembrando a sensação das mãos do Alexander me apertando. – Mas...

– Estava sentindo falta de algo. – ele me interrompe, debochando. – Mas, continue.

– Sempre tem um mas, não é minha culpa. – argumento. – Ele me mandou cinco mensagens.

CINCO. Cinco mensagens em um dia para uma garota que você só viu uma vez, é muito, certo?

– Ele gostou de você.

– Não envie cinco mensagens em menos de vinte e quatro horas, nunca, estamos entendidos? Nem que você esteja completamente apaixonado pela garota.

– Entendido.

– Quando falei com os nossos pais mais cedo, ele havia enviado

três mensagens e para mim já tinha extrapolado o limite diário, então ele me enviou mais duas, isso é tão exacerbado, me sinto sendo vigiada.

– Você não respondeu a quinta mensagem. – Fera constata.

– Não mesmo! Quem sabe assim ele pensa que estou dormindo e não envia a sexta mensagem, porque se ele enviar uma sexta, não haverá nenhuma chance de sair com ele de novo.

−Devo torcer para que ele não envie mais nenhuma mensagem?

− Por favor, porque quero sair com ele!

− Se quiser pode me dar o número dele e posso avisá-lo sobre como não sufocar a minha irmã. – Fera propõe.

− Muito gentil. – ironizo. – Sem chance de você ter acesso ao telefone dele, pai. – completo e ouço minha mãe e o Fera

gargalharem.

– Como você sabia? – meu pai pergunta.

– Porque esse é o tipo de coisa que você manda o Fera me dizer.

– Chata. – diz meu pai.

– Te amo, pai.

– Só tem amor para o papai, é? – minha mãe finge ciúmes.

– Mãe, Fera, amo vocês. Amo

os meus Terríveis também, onde eles estão?

– Videogame. – meu pai responde.

– É claro, não sei porque ainda pergunto.

– Depois que o Fera revelar o mistério, levo o telefone para eles falarem com você. – diz minha mãe.

– Fechado, mãe. Fera, estamos aguardando ansiosamente.

– É que... – Fera suspira.

– Que... – minha mãe incentiva.

– Hannah, deixa ele contar. – meu pai pede.

– Vocês me deixaram morrendo de curiosidade, estou nervosa. – minha mãe se defende. – Pode contar, meu amorzinho.

– Beijei a Heleen.

– Ahhhh!!! – eu e minha mãe

gritamos em coro. Estou pulando na cama e posso ouvir os beijos estalados da minha mãe no Fera.

– Ganhei a aposta, Fera. Sabia que elas iriam gritar feito loucas.

– Como foi? – minha mãe pergunta.

– Quando e onde? – completo.

– Empatamos, pai. – Fera anuncia. – Elas perguntaram como, onde e quando menos de dois

minutos depois.

– Droga, jurava que elas iriam gritar por dois minutos inteiros. – meu pai resmunga.

– Conta tudo!!!! – exclamo.

– Foi ontem, no intervalo, no colégio e foi bom. – diz Fera.

– Nem pense que vou me conformar com essa versão reduzida dos fatos, quero detalhes. – minha mãe comenta. – Você a levou ao cinema hoje? Meu filhotinho

é um homem.

– Hannah, se controla. – meu pai provoca.

– Você só diz isso porque sabe todos os detalhes. Heleen é tão linda.

– Como foi, Fera? Você pediu para ficar com ela ou chegou beijando? – pergunto, sentando na cama.

– Um garoto mais velho pediu para ficar com ela, não queria que

ela aceitasse, então a beijei.

– Que malandrinho! – digo.

– Era isso ou deixá-la ficar com outro. Ela me olhou meio assustada depois do beijo, mas depois a gente conversou, contei que gosto dela e ela quer ficar comigo.

– Estou tão orgulhosa, filho! – minha mãe comenta.

– Valeu, mãe.

– Nem vou perguntar sobre o filme que foi ver hoje no cinema, estava ocupado demais compartilhando saliva com a Heleen para prestar atenção em algo. – perturbo.

– É né. – ele diz, nos fazendo gargalhar.

– Mãe, me leva para dizer oi aos Terríveis. – peço.

– Vamos lá.

– Beijos, pai, beijos Fera.

– Beijo, Maria.

– Beijos, filha.

–Saindo do viva-voz. – minha mãe avisa. – Conversa MF?

– Desesperadamente.

– Chegamos à zona de guerra, de volta ao viva-voz. Terríveis, digam oi para Maria.

– Oi, Maria – os Terríveis dizem em uníssono.

– Saudades de vocês

bagunçando as minhas coisas.

– A gente pode resolver isso. – Théo comenta.

– Bagunçamos o seu quarto, tiramos foto e enviamos para você. O que acha? – Thomás propõe.

– Acho que só de ouvir essa ideia a saudade da bagunça foi superada, mas a saudade de encher vocês de beijos, permanece intacta.

– Serve beijo via satélite? – Théo inquere.

– Soltamos um beijo aqui e você beija os bonecos Terríveis aí. – Thomás sugere.

– Não vai matar toda a minha saudade, mas está valendo. Esperem aí. – pego os bonecos no travesseiro ao lado do meu e os envolvo em um abraço. – Cadê o meu beijo?

–Beijooooooooooooo, Maria! – exclamam e em seguida soltam um beijo no ar.

– Amo vocês, Terríveis.

– Nós te amamos, Maria.

– Mais trinta minutos de game, ouviram? Viva-voz off. O que houve?

– Primeiro, Alexander me enviou mais duas mensagens.

– Ops.

– Estou quase desligando o celular para não receber outra mensagem.

– Você pode conversar com

ele, dizer que não é o tipo de garota que gosta de trocar centenas de mensagens diárias.

– Se ele não me fizer desistir do encontro, direi. Vamos a segunda coisa, ontem havia outro cara.

– Outro?

– Yep! – mordo o lábio. – O vi assim que coloquei os pés na porta do café, ele tem um sorriso torto de morrer e fiquei lá, parada, observando-o, então Anna saiu me

arrastando para a mesa onde o pessoal estava, olhei para trás o vi beijando uma garota. Mais tarde, estava na pista de dança com Alexander e ele estava parado, me observando. – faço pequenas pausas e como minha mãe sabe que como boa tagarela, conto tudo em detalhes, ela espera que prossiga com a história. – Encarei como um desafio os seus olhares e fiz o mesmo, então a garota novamente apareceu e ele continuo me olhando

enquanto a beijava. Minha vontade era socá-lo. Para completar quando estávamos passando por eles, o babaca fingiu não me ver e fez a garota esbarrar em mim, aí ele começou um pedido desculpa bizarro e ficou babando no meu decote, com a namorada do lado. E hoje o encontrei no elevador do meu prédio e descobri que ele está morando no apartamento ao lado do meu.

ACHERON - Livros e afins /

– Você está muito atraída por ele?

– Ele me irrita. – suspiro frustrada. – A droga do sorriso torto é minha única distração, parece que ele faz de propósito. – enfio um macaron na boca.

– Maria.

– Ele é um babaca estúpido, mãe!

– Prevejo fortes tempestades.

– Tempestade não, mãe. – choramingo. – Os olhos dele têm a cor do céu antes de uma tempestade.

– Isso é bem específico, Maria.

– Eu sei e acredite quando digo que odeio saber. – dou uma mordida em outro macaron.

– Numa escala de 0 a 10.

– Seis. Não, sete. – empurro o pote com macarons. – Pode ser um

oito.

– Oito? Você não costuma distribuir oito por aí.

– Fico com o sete. – resmungo.

– E Alexander? Qual o número dele?

– Antes das cinco mensagens era sete, agora estamos no seis, mais uma mensagem e ele vai parar no cinco.

– Como é o vizinho?

– Gato. – coloco os bonecos no meu travesseiro e deito ao lado deles. – Ele é menos musculoso que Alexander.

– Até o seu pai tem menos músculos que Alexander, Maria.

– É, né? Será que ele está pensando em ser fisiculturista? Ele tem tanto músculo que chega a ser intimidador. – sorrio. – Nicolai é diferente, ele tem um jeito meio

moleque e o sorriso torto o deixa com uma expressão de menino, apesar dele ser um pouco mais alto que Alexander.

– Deu tempo de comparar até a altura? – minha mãe provoca.

– Dividi o elevador com ele hoje, mãe. – justifico. – E ele meio que me segurou pela cintura por alguns milésimos de segundo.

– O que mais?

– Mais nada, o coloquei para

fora.

– Ele estava no seu apartamento? – minha mãe pergunta entre risos.

– A sacola com minhas compras rasgou, ele me ajudou e invadiu meu apartamento, então o expulsei.

– Não antes que ele tivesse a chance de roubar um beijo.

– Não, mãe!

– Sério? – ela faz um muxoxo.

– Mãe, você ouviu que ele tem namorada?

– Ah, é verdade. Que pena.

– Nah! Ele é lindo, mas é um babaca.

– Sei como é, casei com um desses. – diz entre risos.

– Mãe!

– Sim, mas ele também é atencioso, romântico e altamente

orgástico.

– Estou segura, não é o caso do Nicolai. – puxo de volta o pote de macarons e mordo um. – Ah, mãe. – faço uma pausa. – Falei com Guss hoje.

– Dia movimentado. Como foi?

– Enviei um convite numa rede social, ele aceitou e mandou uma mensagem privada, então conversamos.

– Que bom, filha.

– Depois ouvi as músicas dele e chorei por horas.

– Saudade?

– Também, mas me sinto tão mal por tê-lo magoado. – confesso. Ouço três batidas na porta. – Um minuto, mãe. – digo, levantando. – Tem alguém batendo. Corro até a porta, abrindo-a.

– Que fofinha. – Nicolai sorri torto, me analisando dos pés à cabeça. – Preciso de café. –

anuncia com uma piscadela. Estou perplexa e assisto paralisada, em pé, junto a porta, enquanto ele invade meu apartamento, como se estivesse em casa. – Pode continuar falando no telefone, sei onde fica a cozinha.

– Mãe. Preciso desligar, meu vizinho parece perdido. – ironizo.

– Ele disse que você está fofinha.

– Mãe, tchau. – fecho a porta

e sigo para cozinha, atrás do babaca que mora no apartamento ao lado.

– Não acho que você tenha café, mas chocolate quente deve servir. – minha mãe provoca.

– Beijo, mãe. – desligo o celular e cruzo os braços no batente da cozinha, vendo-o abrir os meus armários. – Ei, o que você pensa que está fazendo?

– Café, preciso de café. –

ACHERON - Livros e afins /
Nicolai responde, ainda remexendo os meus armários. – Você não tem café?

– Não, não tenho café. – digo ríspida.

– Você está brincando comigo?

– Estava prestes a fazer essa pergunta. Em que mundo você vive que acha que pode sair entrando na casa das pessoas e revirando tudo?

– Qual é? Não sou nenhum

ACHERON - Livros e afins /

serial killer sádico e perverso, sou seu vizinho.

– Aposto que um *serial killer* sádico e perverso deve ter vizinhos também. – arqueio a sobrancelha.

– Você está falando sério? – ele abandona os armários e me encara. – Acha mesmo que posso ser um *serial killer?*

– Sim. – digo séria. – Não sei, ok? – retifico ao ver a expressão de frustração no rosto dele. – Agora,

por favor, você pode ir embora do meu apartamento?

– Tudo bem. – Nicolai solta um longo suspiro e passa por mim. – Boa noite, vizinha. – ele segue andando. Não o acompanho, apenas o observo atravessar a minha sala. – Você não tem mesmo café? – pergunta, com a mão na maçaneta.

– Não.

ACHERON - Livros e afins /

7. Capítulo

– Animada para hoje? – Anna pergunta.

– Sim. – removo os grampos do meu cabelo, desfazendo o coque.

– Ele vai te levar flores. – comenta, massageando os pés. – Algo contra?

− Não. – dou de ombros.

− Você precisa me ensinar como ser indiferente assim com os caras, porque se o Alexander estava interessado em você antes. – levanta. − Depois de esperar três semanas por um encontro, ele está de quatro, limpando o chão com a língua para você não sujar os seus saltos.

Solto uma gargalhada. Anna dispensa um tratamento intensivo de

indiferença ao Gregory e quer aprender a ser indiferente comigo? *Mate-me!*

– Você não tem ideia, Maria, ele me manda mensagens todos os dias perguntando por você, querendo saber o que você gosta. – diz, tirando a saia de *ballet.*

– Anna, você sabe que Gregory está totalmente na sua, certo? – arqueio a sobrancelha. Ela me olha como se houvesse dito que

o meu armário tem uma passagem secreta para Nárnia. – Amiga, ele está apaixonado por você!

Estou sentada no banco do vestiário e Anna está em pé, vestindo a sua calça *jeans.* Agora é ela quem gargalha, curvando-se sobre o abdômen e desequilibrando-se ao tentar terminar de vestir a calça.

– Ele gosta de me provocar, Maria. – diz, quando consegue

ACHERON - Livros e afins /
controlar o riso.

– Ele gosta de você, Anna! – exclamo, levantando para tirar a saia.

– Sim, somos amigos.

– Deixa de ser cega. – coloco a saia na bolsa e pego minha *legging* no armário. – Você só precisa dizer sim e serão um casal.

– Não. – Anna balança a cabeça. – Adoro o Greg, não quero estragar a nossa amizade. –
ACHERON - Livros e afins /

comenta, abotoando a calça. – Ele é um dos meus melhores amigos.

– E seria um ótimo namorado, ele é um fofo com você.

– Maria, pode parar. – ela joga o cachecol em mim. – Não coloca essas ideias na minha cabeça.

– Já estou colocando. – sorrio. – Ele é gato, vocês curtem a companhia um do outro e ele está louco para te beijar.

– Te odeio, *cyka*! – diz entre

risos.

– *Mate-me!* – jogo o cachecol de volta para ela.

Visto o casaco, colocamos as nossas luvas e cachecóis e saímos do vestiário. Nós paramos numa cafeteria, há uma quadra do *ballet,* é nosso ritual de aquecimento para enfrentar as ruas de Moscou. Katy, a atendente, nem pergunta mais o que iremos querer, nos sentamos e ela surge com um Caramelo

Frappuccino para Anna e um Chá verde Frappuccino para mim.

– Como foi a aula, garotas? – Katy serve as nossas bebidas.

– Deliciosamente extenuante. – dizemos em coro.

No início falávamos sobre como as aulas eram cansativas e os nossos pés estavam doloridos, depois dizíamos o quanto amávamos o *ballet*, então Katy definiu as nossas aulas como

deliciosamente extenuantes e aderimos a expressão.

– Como devem ser. – Katy sorri e volta ao balcão.

– Você sabe onde ele irá me levar?

– Não. – Anna faz uma pausa para degustar o seu *frappuccino*. – Mas se fosse você, me vestiria para um jantar romântico, muito provavelmente em algum restaurante elegante.

ACHERON - Livros e afins /

– Você está brincando? – olho aturdida para ela, em busca de algum indício de deboche. – Não? – pergunto e Anna balança a cabeça em negativa. – Você não pode interceder a meu favor e lembrá-lo que além de ser nosso primeiro encontro, tenho apenas dezessete anos?

– Eu tentei, juro.

– Droga.

– Ele quer te impressionar,

amiga. Ainda não percebeu que você não é do tipo impressionável.

– Terei que deixar isso claro.

– Assim como você fez com as centenas de mensagens.

– Nós somos opostos, Anna.

– Opostos se atraem.

Estava prestes a contestar a afirmativa da Anna, quando fui surpreendida por um puxão no cabelo. Virei rápido e outra

surpresa: um selinho rápido e gelado me deixa perplexa.

– Oi, vizinha. – Nicolai sussurra nos meus lábios.

– Você é maluco? – pergunto exasperada, dando um empurrão nele.

– Ia beijar o seu rosto, foi você quem virou, não me dando chance de fuga.

– Idiota!

– Não vai me apresentar a amiga gata?

– Cadê sua namorada?

– Você está a fim da minha namorada? – ele sorri torto. Reviro os olhos e deixo um suspiro de irritação exalar forte pelas minhas narinas. – Você percebeu que sua bebida está verde?

– Deve ter pelo menos cinco mesas vazias. Adeus.

– Estou preocupado com você,

vizinha, não é saudável tomar café estragado e o seu está verde. – diz sério, o que faz Anna rir, enquanto tento ignorá-lo. – A propósito, sou o Nicolai. – ele a cumprimenta.

– Anna.

– Posso te oferecer um café de verdade?

– Não, odeio café. Isso é um *frappuccino* de chá verde, satisfeito?

– Eca. – finge uma ânsia de

vômito. – Você é estranha, vizinha. Gostosa, mas estranha.

– Foco no estranha. Me irritar pode ser uma péssima ideia.

– Isso é uma ameaça? Porque se for, estou ansioso para ver do que você é capaz. Hoje à noite, na minha ou na sua casa?

Anna está tentando não gargalhar.

– Passo.

– Foi você quem provocou o selinho, agora vou ficar imaginando como é o seu beijo.

– Você estava imaginando antes e esse é um problema seu. Tchau, estou ocupada, planejando como irei me vestir para o meu encontro hoje à noite.

– Adorei o pijama dos *minions*, você pode usar ele.

– Ele te viu de pijama? – Anna pergunta entre risos.

ACHERON - Livros e afins /

– Faz assim, fica me esperando na sua cama, se não aparecer é porque me perdi. – ironizo.

– Não se preocupe, vou deixar minha cama preparada e te busco às vinte horas. – ele acena para Katy. – Não quero que você se perca por aí.

– Boa tarde. – Katy cumprimenta Nicolai.

– Não o sirva aqui, Katy, por

favor. – imploro.

– Não coloque a moça numa situação complicada. – ele segura o meu queixo, afagando-o. – Um café mocha, uma fatia de bolo de limão e dois *muffins* de chocolate para as garotas.

– Como vocês se conheceram? – Anna pergunta.

– Eu não o conheço e você não deveria puxar papo, ele vai pensar que somos íntimos.

– Eu te vi de pijama, vizinha. – ele morde o lábio e arqueia a sobrancelha, enquanto os olhos declinam, tentando ver além do casaco. – Quer maior intimidade?

– Certamente não quero ter o desprazer de te ver sem roupas.

– Já te vi sem roupas. – ele umedece os lábios.

– Quê? – eu e Anna perguntamos em coro.

– Nos meus sonhos, é claro. –

sorri torto. – Não posso deixar de imaginar que ao vivo deve ser surrealmente melhor.

– Infelizmente não posso te impedir de sonhar. – reviro os olhos.

– Alexander vai acampar na sua porta se descobrir ele. – Anna comenta, apontando para Nicolai.

– Namorado ciumento, é? Você precisa dizer a ele que a nossa amizade vem em primeiro lugar.

– Oi? Amizade? Não, obrigada. – pego minha bolsa, meu *frappuccino* e levanto. – Anna, você pode aguardar a conta? – pergunto, entregando-lhe o dinheiro.

– Sem problemas, nos falamos depois.

– Vamos para o mesmo lugar, espera o meu pedido chegar. – Nicolai sugere, fazendo uma expressão inocente.

– Tchau, Anna.

Paro na calçada em frente ao café e olho ao redor, vejo um táxi parado, algumas lojas depois do café e me apresso para alcançá-lo. Aceno para o motorista e ele confirma que está livre, abro a porta, me jogando no banco de trás, contudo antes que possa fechá-la, sinto um leve empurrão, forçando-me a ceder espaço. Olho estupefata. Nicolai está sentado ao meu lado, segurando um copo e um embrulho. Ele joga a mochila no piso

do carro e olha para mim, sorrindo.

– Seu *muffin.* – diz, colocando o embrulho no meu colo. – Se quiser, pode comer um pedaço do meu bolo de limão.

– Para onde? – o taxista pergunta.

Nicolai passa o nosso endereço ao taxista e faz alguma piada em russo, que não sou capaz de entender, fazendo o taxista sorrir e erguer a divisória, isolando-nos.

– Que diabos você disse? E quem disse que estou indo para casa?

– Sei que você está indo para casa porque todos os dias chega nesse horário e disse apenas que queria um pouco de privacidade para fazer as pazes com minha namorada, porque aparentemente ela ficou com ciúmes da amiga.

– Não sou sua namorada e não estou com ciúmes!

– Você parece com ciúmes. – ele pega o *muffin* e dá uma mordida. Ele mordeu o meu *muffin*? Quer dizer, é dele, mas é tecnicamente meu e é um *muffin* de chocolate, não vou abrir mão.

– É meu! – tomo o *muffin* da sua mão.

– Relaxa, ela é gata, mas prefiro você.

– NÃO ESTOU COM CIÚMES!!!

– Se você diz. – ele sorri.

– Só quero que você me deixe em paz, porque você age como se fôssemos melhores amigos ou sei lá o que, e não somos, então fico irritada.

– Podemos ser.

– Não. – fito as minhas mãos. – Não quero.

– Uau. – ele coça a garganta. – Você é bem sincera.

ACHERON - Livros e afins /

– Sim.

– Desculpe por te incomodar. – ele bate na divisória e pede para o motorista parar. – Adeus, Maria.

Foi desnecessário fazê-lo descer do táxi, afinal vamos para o mesmo lugar, mas não mandei ele sair, não tenho que me sentir culpada por ele ser sensível à minha sinceridade. Não fui rude, fui sincera, se ele não soube lidar com isso é problema dele.

Decido que não tenho porquê me sentir mal pelo que aconteceu no táxi, então quando ouço barulho no corredor do apartamento, rejeito a ideia de sair e me desculpar. Anna me ligou querendo informações sobre o meu vizinho gato, disse que mal o conheço e mudei de assunto, ou tentei.

– Maria, por favor, né?

– Anna, ele é irritante.

– Ele é gostoso. – ela mia,

literalmente. – E os olhos, minha nossa!

– Se não se importar com o fato dele ter namorada, pego o telefone para você.

– Ele está interessado em você.

– Devo ligar para Alexander e cancelar o encontro para me agarrar com o meu vizinho? – ironizo.

– Não, Alexander também é gato e gostoso, com o bônus de não

ter namorada.

– Ótimo, vou desligar, amiga, preciso decidir o que vestir.

– Restaurante sofisticado, Olga conseguiu tirar essa informação dele.

– No próximo encontro, escolho o lugar.

– Bem pensado.

– Beijos, *cyka.*

– Beijos.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

8. Capítulo

Optei por um vestido branco com uma estampa floral delicada e um *scarpin* nude. Faltavam vinte minutos para o horário marcado e estava pronta, sentada no sofá, tentando controlar o tique nas minhas pernas.

É meio óbvio que estou um tanto ansiosa, não pelo encontro em

si, mas por todo a expectativa que vem junto com ele, ainda não havia decidido se deveria ou não convidar Alexander para subir ao meu apartamento quando ele chegasse para me buscar. Quanto ao final da noite não havia dúvidas, ele me deixaria na entrada do prédio, nenhum convite para estender a noite no meu apartamento.

Incapaz de chegar a uma conclusão, afinal é a primeira vez

que tenho um encontro desde que estou morando sozinha e não sei se é falta de educação não convidá-lo para entrar.

Nunca tive um encontro formal e queria muito que meus pais estivessem comigo, porque aí saberia o que fazer; ficaria roxa de vergonha, mas aliviada por meu pai obrigar Alexander a entrar e sentar com ele, enquanto minha mãe tentaria abrandar o clima na nossa

sala de estar, mas estou sozinha e não sei como agir. Decido que não posso fazer isso sozinha, pego o celular para ligar para minha mãe, no entanto, uma batida na porta me interrompe.

Lembro do Nicolai falando que iria me buscar às vinte horas, olho para o relógio e levanto furiosa. Ele é inacreditável! Abro a porta, esbravejando, e pasmo quando vejo Alexander segurando um buquê

imenso de rosas vermelhas.

– Eu...a-achei que fosse o vizinho. – gaguejo. – Desculpe.

– Vizinho chato? – ele estende a mão direita, deslizando-a na minha cintura e beija meu rosto. – Você está linda.

– Obrigada. – aceito o buquê. – Como você...

– Expliquei ao porteiro que queria fazer uma surpresa.

ACHERON - Livros e afins /

– Ah, sim. – sorrio tímida. – Vou colocar as rosas em um vaso, quer entrar?

– Claro.

– Volto logo.

O deixo em pé na porta e disparo para a cozinha. Jogo o buquê na mesa e vou até a pia, abro a torneira para lavar o rosto, entretanto recordo que estou maquiada, fecho a torneira e me escoro na pia.

– O que faço agora? Ficamos conversando na sala? Finjo que ainda não estou pronta e o deixo esperar por alguns minutos sozinho enquanto me escondo no quarto? – tagarelo comigo mesma. – Ah, mãe, preciso de você. – suspiro. – Estou pronta, logo não temos porque não sair agora, certo? Isso, perfeito.

Respiro devagar e volto para a sala.

Alexander está sentado no

sofá e sorri quando apareço. Observo que ele fechou a porta, o que não quer dizer nada, se ele entrou, logo a porta precisa ser fechada. Exatamente, Maria.

– Podemos ir. – anuncio.

Ele levanta, mas não se move, então percebo que ele está apenas me aguardando e estou sendo paranoica. Deus, é como se o meu pai estivesse dentro da minha cabeça. Pego minha bolsa na mesa

de centro, guardo o celular e estendo a mão para Alexander.

– Adorei as rosas. – comento.

– Estava com receio que você achasse clichê.

– Clichê pode ser bom. – mordo o lábio.

– Preciso fazer uma coisa. – ele levanta um dedo, me pedindo para esperar.

Penso em perguntar o que, no

entanto, não preciso, sinto as suas mãos incidirem sobre a minha cintura e os seus lábios moverem-se suaves sobre os meus. Jogo os meus braços no seu pescoço e permito que sua língua mergulhe entre os meus lábios. Como da primeira vez, sinto a determinação do seu toque, o calor emanando por todos os meus poros e o leve frescor com gosto de canela me consumindo.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

– Três semanas. – ele sussurra, beijando-me delicadamente. – Estava louco para sentir o gosto dos seus lábios de novo.

– Por que foi mesmo que esperamos três semanas?

– Me diga você. – ele acaricia o meu rosto. – Temos uma reserva e não podemos nos atrasar.

– Certo.

– Se depender de mim,

ACHERON - Livros e afins /

teremos muitos mais beijos. – ele me dá um selinho. – Não apenas esta noite, Maria. – completa, olhando nos meus olhos.

A intensidade das palavras do Alexander foi o bastante para me fazer colocar os pés no chão. Dei um selinho rápido nele e o puxei em direção a porta, pegando o casaco sobre o aparador. Cruzei os dedos, mentalmente, implorando que ele não planeje me pedir em namoro.

Sei que um dia irei namorar, mas não hoje, estou feliz em ter um ficante. Posso estar enganada, mas não acredito que esteja pronta para um namorado e toda a sua bagagem emocional.

Se as flores e o terno que ele está usando não me chocaram, o que só não aconteceu porque Anna me alertou, não posso dizer o mesmo do carro. Em que mundo Anna vive que esqueceu de me

contar que Alexander dirige um Aston Martin? Merda! Meu pai vai achar isso um pouco; talvez muito, ostensivo.

– Uau. – digo, depois que o choque inicial dissipou-se. Meu *"uau"* está mais para apático do que empolgado, e algo me diz que essa não é a reação que o efeito Aston Martin causa nas mulheres com quem ele costuma sair.

– Gosta de esportivos? – ele

abre a porta do carona para mim.

– Obrigada. – sorrio. – Não sou muito ligada em carros, Fera é quem iria amar, ele tem uma coleção de miniaturas, só sei diferenciar entre um e outro por causa dele.

– Um instante. – ele fecha a porta e faz a volta. – Fera? – pergunta, entrando no carro.

– João Guilherme, é meu irmão.

– Você tem outros irmãos?

– Théo e Thomás, são gêmeos, também conhecido como os Terríveis.

– Isso significa que você pode ter gêmeos. – ele sorri. *QUÊ?* Onde clica para deletar essa fala? Vou fingir que não ouvi. – Meu pai tem irmãos gêmeos, então se fôssemos ter um filho as chances de serem gêmeos é considerável.

Alguém me diz que os russos

não são todos assim, por favor. Eles não sabem ir devagar? Estou começando a temer que ele me peça em casamento até o final da noite.

– Nunca pensei sobre isso. – confesso.

– Filhos?

– É, não sei se quero ter. – entrelaço os meus dedos. – Sei lá, é estranho pensar sobre isso.

– Estranho por que?

– Porque tenho dezessete anos? – dou de ombros.

– Minha mãe casou com dezoito, minha irmã está com dezoito e breve vai estar morando com o namorado. Acho que só é estranho enquanto você vive sob os cuidados dos seus pais, depois que passa a trabalhar e morar sozinho, estamos trilhando o nosso próprio caminho, o que vai de encontro a formar uma família.

ACHERON - Livros e afins /

– Esse não é um bom assunto para o primeiro encontro.

– Tem razão, é que você falou dos seus irmãos gêmeos e viajei.

– Tudo bem, desde que o assunto seja esquecido.

O restaurante escolhido por Alexander é impecável, fica na cobertura de um edifício e a vista noturna da Nova Arbat e de quase todo o centro de Moscou me deixou sem ar. O ambiente é sofisticado,

todos muito bem vestidos, me senti meio incompatível com a exuberância do lugar. Um conjunto de música clássica e a decoração com velas deixa um clima de romance indiscutível no ar.

Nós jantamos, conversamos, trocamos beijos quentes, ao ponto de recebermos uma garrafa de *champagne* com um bilhete, felicitando-nos e lembrando-nos que não estávamos sozinhos.

Nós sorrimos com o bilhete e depois de tomarmos uma taça do *champagne,* Alexander pediu a conta e saímos. Antes de deixarmos o estacionamento, retomamos os beijos que foram vetados no restaurante, mas beijos e carro é uma combinação arriscada, logo dei um jeito de parar o amasso antes de ultrapassarmos o limite de velocidade.

– Foi incrível esta noite. –

comento, quando Alexander estaciona em frente ao meu prédio.

– Obrigada.

– Ufa. – ele sorri. – Estava aflito, sem saber como te surpreender, é bom saber que gostou.

– Não precisava de tanto para me surpreender, poderíamos apenas ter ido ao cinema e seria um excelente primeiro encontro.

– Prometo que da próxima vez

iremos ao cinema. – ele segura minha mão.

– Aceito. – mordo o lábio.

Alexander se inclina em minha direção, apoia a mão na minha nuca e me beija. Não é o tipo de beijo casto, de boa noite, é um beijo com pegada.

Esse moscovita quer complicar minha vida.

Plano a palma da mão sobre o seu tórax e o afasto de leve.

– Boa noite. – digo, arfando.

– Boa noite. – ele me dá outro beijo, esse de boa noite. – Posso te ligar amanhã?

– Que tal segunda? – pisco, enquanto saio do carro.

– Segunda. – ele umedece os lábios. – Durma bem.

– Você também. – digo e subo correndo os poucos degraus até a entrada do prédio.

– Até segunda. – ele grita.

Viro e aceno.

Com exceção da conversa tensa do início da noite, foi um primeiro encontro e tanto. Sorrio comigo mesma e dou um boa noite efusivo ao Sr. Ivan, porteiro do turno da madrugada.

– Entendi porque você não está interessada.

Olho rápido para trás e vejo Nicolai me olhando com um ar

sombrio, a expressão fechada, nada a ver com ele mesmo. Que ironia, estou falando como se o conhecesse.

– Não entendi.

– Não? – ele meneia os lábios, insinuando um sorriso rude. – O carro do seu namorado deve ser a resposta. – diz ríspido e passa por mim, seguindo para o elevador.

– O que você quer dizer? – entro no elevador, logo atrás dele.

– Por favor, me poupe dessa cena. Você não tem tempo para perder com alguém como eu.

– Não sei porque ainda perco tempo escutando o que você diz. – cruzo os braços irritada.

Sou a primeira a sair quando o elevador abre, mas não encontro minha chave na bolsa e sou obrigada a compartilhar o mesmo ambiente com o babaca que mora ao lado, enquanto reviro a bolsa.

– Riquinha metida. – ele sussurra.

– Vá a merda! – o agarro pela camisa e acerto a sua cabeça na parede entre as nossas portas. – Você não sabe nada sobre mim. – aperto o meu antebraço na sua garganta. – Não escolho as pessoas com quem me relaciono pelo que elas têm, escolho pela forma que me sinto ao lado delas. – ofego. – Minha família tem dinheiro. O cara

com que estou saindo é milionário, e daí? Isso não diz nada sobre quem sou. Moro no mesmo prédio que você, frequento os mesmos lugares, aliás Alexander também. O que devo supor? Que você é a merda de um filhinho de papai revoltado com a vida?

– Talvez.

– Não faço isso. – o solto. – Não julgo. – pego minha bolsa no chão e volto a procurar minha chave.

Ouço a porta ao lado bater e encaro furiosa o corredor vazio.

Nem sabe pedir desculpas.

– *Babaca idiota!* – resmungo.

ACHERON - Livros e afins /

9. Capítulo

Acordei com o celular tocando. Resmunguei, puxando um travesseiro sobre a cabeça, todavia a insistência do toque, me obrigou a levantar e me arrastar pelo quarto. Peguei a bolsa na escrivaninha e voltei para cama, revirando-a, em busca do celular.

– *Cyka*, isso não é hora de me

ligar. – reclamo ao atender.

– Doze horas, amiga, acorda e me conta o que rolou ontem.

– Não, quero dormir. – resmungo.

– Vou bater aí na sua porta, se não falar comigo agora. – Anna ameaça. – Aproveito para investigar o vizinho gato.

– Um babaca! – exclamo.

– Quem? Alexander?

– Nicolai.

– É só falar no vizinho que a senhorita acorda. – ela provoca.

– Ele viu quando Alexander me trouxe e insinuou que não quero papo com ele porque não é rico. Como diabos iria saber? Nós moramos no mesmo prédio!

– Que estranho.

– Ele que se dane. – sento, recostada na cabeceira da cama. – Alexander foi maravilhoso, o

restaurante que ele escolheu foi exageradamente sofisticado, contudo com uma vista deslumbrante, não pude ficar imune. – confesso. – Adorei o encontro, amiga. Impecável nos mínimos detalhes e com uma pegada incendiária, ao ponto de recebermos um bilhetinho nos lembrando que estávamos em público.

– Danadinhos! – Anna exclama entre risos. – Vão se pegar de

novo?

− Sim. – sorrio. – Combinamos um cinema para o próximo encontro.

− Cinema, escurinho e amassos.

− O moscovita é um pecado. – suspiro. – Ele chega de mansinho, quando percebo estou completamente envolvida.

− Sinto cheiro de namoro no ar.

– Longe disso! – exclamo, fazendo Anna rir.

– Alexander é um cara para namorar, casar e ter filhos. – diz entre risos.

– Não me apavore.

– Estou brincando, o que não significa que não seja verdade.

– É, eu sei. – suspiro. – Alexander é o tipo de cara que faz você perder o chão.

– Nem vou dizer nada. – Anna gargalha.

– Acho bom. – sorrio. – E Gregory?

– Vem você com esse papo.

– Você saiu com ele ontem?

– Com ele, Olga, Eva e Serguei.

– Fala a verdade, amiga. – digo séria. – Não rola nenhuma curiosidade para saber como seria

ficar com ele?

– Seria estranho demais, Maria.

– Estranha é você!

– Também. – diz rindo. – Fiquei com um gatinho ontem.

– Não quero saber, sou *team* Gregory. – faço muxoxo. – Conta logo. – completo, o que a faz gargalhar.

– Foram só alguns beijos,

trocamos celulares, mas não acho que vá rolar de novo.

– Que pena, só que não!

– Você logo vai perceber que o Greg é daquele jeito mesmo e nós somos apenas amigos.

– Ou vou te fazer perceber que o que ele sente é muito mais que amizade.

– Algum programa para hoje?

– Programa de sábado à

tarde.

– Supermercado, livraria e filmes. – Anna completa.

– Yep!

– Vamos pegar um cine à noite?

– Combinado.

– Beijo.

– Beijo, beijo.

Levanto, tentando decidir entre ir à cozinha ou banheiro, então

lembro que não tenho comida pronta e o melhor a fazer é sair para almoçar. Enquanto tomo banho, penso no que vestir e lembro que quinta não lavei roupas, logo tenho mais uma atividade para o meu sábado, acho que terei que desmarcar o cine com Anna, porque essa será a noite da roupa suja.

Minha esperança de adiar por mais alguns dias a ida a lavandeira vai por terra quando abro o guarda-

roupa e não encontro nenhuma das peças de roupas que planejei vestir.

– Droga. – resmungo.

Visto jeans, uma blusa básica e por cima um sobretudo, amarro os cabelos em um rabo de cavalo e pego o celular para enviar uma mensagem para Anna, liberando-a da nossa noite de cine. Fico surpresa quando vejo um ícone com a foto do Guss no meu visor, ele não voltou a falar comigo e fiquei com

receio dele só ter aceitado o meu convite e puxado papo por educação. Abro o aplicativo de mensagens, ele está online, mas a mensagem foi enviada há sete minutos.

Guss Van Persen: O que vai fazer hoje?

Maria Allencar: Você está lendo pensamentos? Estava tomando banho e pensando em tudo

o que tenho que fazer hoje.

Guss Van Persen: Posso te acompanhar?

Maria Allencar: Se você curtir passar o sábado à noite lavando roupa suja, seja bem-vindo.

Guss Van Persen: Já almoçou?

Maria Allencar? Nem, estou saindo para almoçar.

Guss Van Persen: Tenho compromisso agora. Beijo.

Penduro a bolsa no ombro e saio, digitando uma mensagem para Anna. Ela responde, perguntando se não posso deixar a diversão na lavanderia para outra noite, volto a digitar, explicando que é impossível, pois lavo roupas de quinze em quinze dias e se não fizer hoje, vou acabar adiando e não terei o que vestir. Uma nova resposta chega,

fazendo-me rir com o comentário debochado, sobre como Alexander iria adorar essa fatalidade.

O elevador chega, entro, seleciono o térreo e começo a digitar uma resposta, sem conseguir parar de rir das besteiras de Anna. A porta do elevador estava se fechando quando volta a abrir e risos invadem o elevador.

– Boa tarde. – cumprimenta, em russo, a garota.

– Boa tarde. – respondo, também em russo.

Ignoro a presença de Nicolai e ele faz o mesmo. A garota, a mesma que estava com ele no café e supus ser sua namorada, conversa e sorri, ele sussurra algo e a agarra firme pela cintura, beijando-a, como se estivessem sozinhos. Olho de soslaio, irritada por estar presenciando o amasso deles, e nossos olhos se cruzam por

um instante.

Assim que o elevador abre, saio, pisando duro, e paro abruptamente ao ver Guss, com as mãos nos bolsos da jaqueta, junto ao balcão da portaria. Ele abre um sorriso, os olhos verdes parecem cheios de expectativas e um tanto apreensivos, ou talvez cautelosos. Sem pensar, apenas me flagro correndo e atirando os braços no seu pescoço. Ele me envolve pela

cintura e beija meus cabelos.

– Você está aqui. – digo, me afastando para olhá-lo.

– Estou livre esse fim de semana. – diz, apertando minhas mãos. – Queria te ver.

– Nossa. – suspiro. – Como é bom te reencontrar.

Guss me abraça e beija minha têmpora. Ouço murmúrios em russo, não entendo e não me importo, pelo menos até ouvir a palavra Groover.

Penso em como tirá-lo do prédio, impedindo que a garota provoque um alvoroço, mas ela é mais rápida, se coloca entre nós, afastando-nos e começa a abraçá-lo, dando vários gritinhos.

De repente, há outras duas garotas cercando Guss, pedindo para tirar *selfies,* abraçando-o e beijando-o. Não sei bem como reagir, fico parada, assistindo a sessão de fotos e autógrafos;

diferente de mim, Guss parece confortável.

Ele é atencioso e carinhoso com as garotas, o que me deixa com ciúmes. Cruzo os braços e desvio o olhar, então vejo Nicolai de braços cruzados na entrada do prédio, com o olhar enfurecido. Ele me encara por uma fração de segundos, em seguida olha em direção a namorada e vocifera.

– Giulia, estou indo!

– Nick, espera um pouco.

– Estou indo. – reafirma e dá as costas, descendo as escadas.

– Droga, Nick! – a garota, que agora sei que se chama Giulia, exclama. Ela dá outro abraço no Guss, se despede e corre para alcançar Nicolai.

Os cliques e risos das outras garotas não têm fim, estou um tanto irritada, não vejo Guss há dois anos, terei apenas algumas horas na

companhia dele e essas garotas estão roubando-o de mim. Solto um suspiro e irritado e me aproximo deles, agarrando a mão do Guss.

– Tchau, garotas, Guss tem um compromisso comigo. – digo, fingindo um sorriso amigável.

Elas fazem muxoxos e despejam lamúrias, mas ele se despede. Guss desliza a mão na minha cintura, provocando cochichos entre as garotas e inflando o meu

ego. Enquanto caminhamos até aportaria do prédio, ele sussurra um *“obrigado”.*

– Não agradeça, tive que sufocar o desejo de matar suas fãs.

– Esse é meu dia-a-dia.

– Muitas garotas suspirando por você. – dou um soco de leve no seu bíceps.

– É legal. – ele sorri. – Onde você quer ir almoçar?

– É seguro sairmos andando por aí?

– Nem tanto, por isso aluguel um carro.

– Podemos ficar por aqui e pedimos um *delivery,* tenho uma lista dos melhores da cidade.

– Prometi ao seu pai que não chegaria nem perto da porta do seu apartamento.

– Meu pai precisa ser estudado, ele é de outro mundo. –

sorrio. – Não vai ser legal se tiver um ataque e espancar uma fã da Groover, vamos entrar pelo estacionamento, só para o caso das minhas vizinhas estarem de vigia na portaria e ligo para o meu pai para resolvermos essa proibição.

– Será que é uma boa ideia?

– Vamos, Guss. – digo, puxando-o. – Meu pai está em outro país, se ele quiser vir te matar, quando chegar, você estará longe.

– Ele me caçaria. – diz e nós sorrimos.

Corri para o elevador, arrastando Guss. Ele insistiu que ligasse para meu pai antes de subirmos para meu apartamento, mas expliquei que o sinal no elevador é horrível e se ficássemos no estacionamento, ele poderia ser reconhecido por outras pessoas.

– Estamos ensaiando algumas apresentações tendo como temática

os contos de fadas e estou concorrendo ao papel da...

– Cinderella. – ele completa.

– Sim. – mordo o lábio.

– Quando tiver agendado o espetáculo, me avise, vou adorar te ver como Cinderella.

– Ainda não sei se serei mesmo a Cinderella.

– Não importa. – ele entrelaça nossas mãos. – Aos meus olhos,

você será sempre a Cinderella.

Sinto como se estivesse numa montanha-russa, coração batendo forte, respiração ofegante, um frio no estômago e uma onda de adrenalina disseminando-se no meu corpo. No entanto, estou imóvel, me vendo através do verde dos olhos dele, sem saber o que dizer, ou fazer, é por isso que bastou a porta do elevador abrir, para soltar a mão do Guss e sair correndo para o

corredor, remexendo a bolsa em busca da chave.

– Cadê você? – tagarelo alto, evitando olhar em direção ao Guss. – Tranquei a porta antes de descer, ela tem que estar aqui.

– Maria, primeiro ligue para o seu pai.

– Não consigo encontrar minha chave.

– Maria, por favor, primeiro o celular, enquanto você liga, procuro

sua chave.

– Você levou a sério essa proibição.

– Prometi que não iria entrar no seu apartamento.

– Entendi porque meu pai gosta tanto de você. – pego o celular e jogo a bolsa para ele.

– Oi, filha. – meu pai atende.

– Oi, paizinho.

– O que houve, Maria?

– Você e Guss.

– Ele está aí?

– Por favor, pai, diga que ele pode entrar no meu apartamento. Vamos pedir algo para comer, conversar, talvez ver um filme, nada demais. – faço uma pausa, esperando alguma reação, como ele não se manifesta, completo. – Prometo que não serei a sobremesa.

Guss fica roxo com meu

ACHERON - Livros e afins / comentário.

Mordo o lábio, abafando uma gargalhada.

– Maria. – meu pai suspira.

– Estamos na porta do meu apartamento e ele só vai entrar se você permitir, isso deve significar algo nesse universo louco onde você vive, certo?

– Significa que minha percepção em relação a ele está correta, é um bom garoto.

ACHERON - Livros e afins /

– Logo você pode acabar com essa proibição. Pai, sério, vai ser impossível conversarmos em outro lugar, só para você ter uma ideia, ainda saímos do prédio e ele foi assediado por três garotas.

– Tudo bem, ele pode entrar.

– Obrigada, paizinho! Te amo.

– Te amo, minha pequena. Mantenha o *spray* de pimenta por perto, por precaução.

– Ah, pai. Você não existe. –

ACHERON - Livros e afins /
digo entre risos.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

10. Capítulo

Deixei Guss no sofá e fui ao quarto, substitui o sobretudo por um casaco leve e as botas por minhas pantufas da Minnie. Parei na porta, olhando as pantufas e decidindo se iria mesmo usá-las na frente dele, por fim me dei conta que é o Guss; ele conhece minhas meninices e estou louca de saudades dele, não

quero perder tempo com bobagens.

Sorrio comigo mesma, pensando no quanto essa visita significa para mim. Ele foi importante para mim, foi o único garoto que mexeu com meu coração, mesmo que tenha sido sutilmente; é bom saber que de alguma forma continue existindo para ele.

Antes de entrar na sala, posso vê-lo sentado, meio tenso, pés

cruzados e mão entrelaçadas, fazendo pequenos giros, enquanto fita uma estatueta de bailarina sobre a mesa de centro. Queria saber o que ele está pensando, o que o fez vir me encontrar assim, sem nenhuma desculpa.

– Relaxa. – digo, sentando ao lado dele. – Prometo não te fazer refém.

– Você está ainda mais linda. Desculpa aparecer sem avisar, não

pensei muito no que estava fazendo.

– Adorei a surpresa, Guss. Como você pode ver, sou a mesma. – levanto os pés e balanço as pantufas. – Você quer escolher o nosso almoço ou vai me deixar te surpreender? Não vou cozinhar, prometo. – cruzo os dedos e dou um beijinho neles.

– Aceito ser surpreendido e se quiser cozinhar, fique à vontade.

– Não vou fazer uma maldade

dessas com você. – levanto. – Brincadeira, se quiser ficar para jantar, posso cozinhar, mas agora estou faminta.

– Vou pensar nesse convite.

– Vou ligar para o *delivery*, volto em dois minutos.

Faço o pedido no *delivery* e aproveito para enviar uma mensagem para minha mãe, porque não sei o que esperar desse dia, está tudo fora de controle e tenho

medo que possa acabar dando de cara numa parede ou caindo de um penhasco.

Mãe: Aproveite o dia com ele, vocês têm tanto o que falar.

Eu: Mãe, fica colada no celular, se eu mandar uma mensagem com MF é um pedido de socorro e você precisa me ligar na mesma hora, entendeu?

Mãe: Maria, porque tanta

neura?

Eu: Não sei. Quer dizer, sabe minha mania de falar sem pensar? Convidei ele para jantar comigo.

Mãe: Ótimo, vocês vão ter mais tempo para conversar.

Eu: Mãe!!! Presta atenção, convidei Guss para jantar e disse que cozinharia para ele.

Mãe: Qual o problema? Você cozinha bem, está tudo sob controle.

Eu: É esse o problema, não tem nada sob controle.

Mãe: Pare de me enviar mensagens e volte agora para sala. Ele se arriscou indo te ver, corra o risco de viver esse dia. Não vou responder mais nenhuma mensagem. Beijo.

Eu: Odeio correr riscos. Não esqueça: MF.

Espero um minuto inteiro antes

de retornar para sala e nenhuma resposta da minha mãe. Guss está exatamente na mesma posição, ele não se moveu um milímetro, me pergunto quem de nós está mais nervoso. Odeio admitir, mas como sempre, minha mãe tem razão. Ele está aqui, mesmo sem saber como o receberia ele veio, porque, sei lá como, ainda significo algo para ele; e a verdade é que, às vezes, me pego pensando se não era ele o cara que arrebataria meu coração.

– Pedido feito, agora é só aguardarmos. Quando é seu próximo show?

– Amanhã à noite.

– Então não foi um fim de semana de folga. – sento, cruzando as pernas sobre o estofado. – Apenas um dia.

– Dois dias, ontem e hoje.

– O show é perto daqui?

– Cingapura. – diz tímido.

– Guss, são pelo menos dez horas de voo!

– Estou acostumado.

– Preciso que você saiba que estou muito feliz por te rever. – encosto no ombro dele. – Obrigada por ainda lembrar de mim.

– Como esquecer de você, Maria? – ele relaxa o corpo e passa o braço por trás dos meus ombros. – Te adoro. – diz baixinho e beija minha têmpora.

ACHERON - Livros e afins /

– Me conta como é ser uma estrela do rock.

– Quando estou no palco e vejo aquela galera gritando e cantando junto com a banda, é incrível. – ele afaga meu braço. – Na primeira vez que fizemos um show grande, foi uma sensação muita louca, as lágrimas vieram e não pude conter.

– Você fala com tanta emoção. – pego a sua mão e coloco sobre a

minha.

– Lembro de quando te vi dançando no ginásio do colégio. Suavidade e determinação juntas. – ele dedilha a palma da minha mão. – É o que sinto quando subo no palco.

– Me passe a agenda dos shows nos países mais próximos, vou me programar e quando você menos esperar, estarei lá.

– Só se você prometer que vai falar comigo após o show.

– Vou tentar, não sei se irei conseguir, é muita fã querendo um minuto com você.

– Você só precisa dizer quem é e a produção te leva até onde eu estiver.

– Vou me sentir mega importante. – digo entre risos.

– Você é. – ele ergue minha mão e a beija.

Conversamos sobre os mais diversos assuntos, então o interfone

toca.

– Acho que nosso almoço chegou.

Vou correndo atender ao interfone na cozinha e quanto volto para aguardar o entregador, Guss vai logo pegando a carteira no bolso do jeans.

– Nem ouse! – aviso. – Minha casa, eu pago.

– Mas fui eu quem te convidou para almoçar. – ele argumenta.

– Sem mas. – faço uma expressão ameaçadora e ele ri. – Não bisbilhote, você só vai saber o que vamos comer, quando a comida estiver na mesa.

Depois de receber as sacolas com o almoço, fui para cozinha, preparei a mesa e servi os nossos pratos, então fui chamá-lo para almoçar.

– *Stamppot?* – ele abre um sorriso. – Minha nossa, você é a

melhor pessoa do mundo.

– Tudo isso porque lembrei qual sua comida preferida?

– Faz tempo que não como um *stamppot,* Maria. – ele senta. – Na última vez que fui a Amsterdã nem deu tempo de fazer um *pit stop* para saborear essa delícia.

– Hoje você pode se empanturrar de *stamppot.* – sento na sua frente.

Guss repetiu o prato três

vezes. Quando terminamos, ele me ajudou a lavar a louça, depois voltamos para a sala e sentamo-nos lado a lado.

– Você está curtindo essa nova fase da sua vida?

– Sinto falta de ter meus pais e irmãos por perto. – me viro no estofado e deito a cabeça no seu colo, deixando as pernas flexionadas no sofá. – Tem dias que só queria chegar em casa e abraçá-los. Estou

aprendendo a ser sozinha, e é difícil, porque eles sempre estiveram ali, todas as vezes. Não que esteja sozinha de fato, falo com ele todos os dias, ligo para minha mãe sempre que não sei o que fazer, no entanto é diferente. Não sei como explicar. – olho nos seus olhos e sei que ele me entende. – A verdade é que sempre me senti protegida, meio que imune ao sofrimento, as paixões e aos dramas.

ACHERON - Livros e afins /

– E agora isso mudou?

– Não sei e tenho medo de descobrir.

– Você vai se sair bem. – ele se debruça e beija minha testa.

– E se fizer tudo errado, Guss? Se não perceber quando me apaixonar e ele for embora da minha vida? Ou se não deixá-lo se aproximar? – mordo o lábio. – Não quero ficar sozinha.

– Você nunca vai estar

sozinha, Maria. – ele toca o polegar no canto do meu olho e enxuga uma lágrima. – Quem é ele? – pergunta, desviando os olhos dos meus.

– Não sei. – suspiro. – Já pensei, muitas vezes, se ele não é você. – confesso. Guss me olha surpreso, os olhos verdes parecem buscar alguma resposta dentro dos meus. – Tem um cara, nós ficamos duas vezes, quando estou com ele esqueço o mundo, mas quando

estamos longe, mal penso nele. – comento. Guss ouve com atenção, acariciando o meu rosto. – Talvez o problema é que crio expectativas demais sobre algo que desconheço e por isso nunca vou sentir esse amor arrebatador, típico de livros e filmes.

– Você vai saber quando acontecer.

Ele se debruça, aproximando o rosto do meu. Meu coração acelera,

sinto minha respiração ficar ofegante e os seus lábios roçarem de leve os meus. A vibração do meu celular na mesa de centro nos sobressalta, levanto do colo do Guss e estendo a mão para pegar o celular.

– Mensagem do meu pai. Quer saber o que estamos fazendo.

– Ele colocou alguma câmera por aqui?

– Isso seria demais até para

ele.

Pai: Maria!!! Se não me responder, vou ligar para Guss e avisar que o intervalo acabou, hora de cair fora.

Eu: No sofá, conversando, quase rolou um beijo e você atrapalhou. Mais alguma coisa?

Pai: Vocês não podem sair desse maldito apartamento? Se beijem no cinema, numa praça, sofá

não é bom.

Eu: Pai, para!

Pai: Se ele tentar algo, sabe o que fazer, né?

Eu: Sim, pai, aula de defesa pessoal está afiadíssima, andei treinando.

ACHERON - Livros e afins /

11. Capítulo

– Não vou nem me desculpar pelo meu pai, você o conhece. – levanto, sem jeito, enfiando as mãos no bolsos do casaco. – Me dá alguns minutos.

Guss balança a cabeça concordando e sigo para o meu quarto.

– Atende, por favor, mãe. –

sussurro, enquanto disco o seu número.

– Oi, Maria.

– Pai, esse é o celular da minha mãe.

– Sabia que você ia ligar.

– Pai!

– Maria, desculpa, mas não estou confortável sabendo que você está sozinha em casa com um cara.

– É o Guss, pai. Você deu meu

endereço a ele, esqueceu?

– Sim, mas a ideia era ele te buscar aí e vocês darem uma volta, conversarem, não ficarem de amasso no sofá.

– João Pedro! – minha mãe exclama ao fundo da ligação. – No viva-voz. Maria, porque você não está com Guss?

– Porque meu pai enviou uma mensagem quando estávamos quase nos beijando e agora estou

confusa.

– João Pedro, não acredito que você está checando sua filha.

– Hannah, eles estão sozinhos. – meu pai resmunga.

– Parem de paranoia vocês dois. – minha mãe diz brava. – Eles estão sozinhos sim, sua filha sabe se impor e não vai acontecer nada que ela não queira. E você, Maria, pare de pensar e calcular tudo.

– Mãe, o que acontece se a

gente ficar? Ele vai embora a noite, tem o Alexander, não sei o que fazer.

– Descubra. – minha mãe diz. – Beijo, filha, prometo que seu pai não vai enviar nenhuma mensagem ou ligar.

– Juízo, Maria. – meu pai se despede.

– Amo vocês.

– Te amamos. – eles dizem em coro.

Desligo o celular e ando pelo quarto, pensando e pensando, mas não consigo descobrir o que fazer. Simplesmente não sei. Deixo o celular na cama, para o caso de mais alguém ter um *timing* feito o do meu pai e volto para a sala.

– Minha mãe vai acorrentar o meu pai. – brinco, sentando no sofá em frente ao Guss.

– A gente pode sair, podemos ficar rodando por aí de carro.

– E provocar um acidente de trânsito porque estávamos conversando enquanto você dirigia?

– Péssima ideia. – ele sacode os ombros, pedindo desculpas.

– Podemos fazer uma sessão de filmes, tenho uma coleção horripilante de filmes de terror.

– Só não ria dos meus sustos.

– Não prometo nada. – sorrio. – Fica no meu quarto os aparelhos, tudo bem?

ACHERON - Livros e afins /

– Se estiver tudo bem por você, estou de boa.

– Vamos, Sr. Van Persen. – indico o corredor.

No quarto, digo ao Guss para ficar à vontade e faço a seleção dos filmes que iremos ver. Depois de finalizar a preparação do nosso cine em casa, pego uma calça de moletom e entro no banheiro para me trocar e ficar mais confortável.

– Você vai assistir assim? –

pergunto, quando saio do banheiro.

Guss está sentado na ponta da cama, com jaqueta e sapatos, na mesma postura tensa que estava mais cedo.

– Assim como? – ele olha para si mesmo, tentando entender o que quis dizer.

– Guss, você está desconfortável. – me aproximo. – Primeiro, tire essa jaqueta. – empurro a jaqueta por seus braços.

– Segundo, chuta esses sapatos e senta de verdade na cama, ela não vai te engolir. – aguardo ele me obedecer, parada entre suas pernas. – Terceiro e último. – olho nos seus olhos. − Me beija.

− Q-que – gagueja.

− Me beija, Guss. – deslizo a mão por seu rosto.

Ele agarra minha cintura com ambas as mãos, fazendo-me cair na cama e seus lábios esmagam os

meus. Meu peito arfa, sentindo o seu tórax pressionado contra os meus seios, os batimentos ressoam em cada célula e um calafrio percorre minha espinha, alojando-se no meu estômago.

Quando recobro o controle dos meus sentidos, estou com as unhas cravadas nas suas costas, por baixo da camisa. O calor da sua pele sob os meus dedos é como uma corrente elétrica, disparando

pequenos impulsos que me provocam arrepios.

Nós nos beijamos numa combinação de fervor, doçura e urgência, apropriando-nos um do outro, permitindo que nossos lábios e línguas se reconheçam em cada carícia.

Passo a ponta da língua onde antes esteve o seu *piercing* e quando ao invés do metal frio, sinto o calor e maciez dos seus lábios,

mordisco. Ele toma meu lábio inferior entre os seus, sugando-o e apertando-o de leve, então solta de vez, fazendo-me arfar.

– Vamos voltar para o sofá. – diz ofegante.

– Vamos? – pergunto em um murmúrio, arranhando suas costas.

– Não me tente. – ele escorrega uma das mãos na lateral dos meus seios. – Maria. – sussurra, roçando os nossos lábios.

– Você é virgem, não é? – pergunta, olhando nos meus olhos. Mordo o lábio e confirmo. – Vamos para o sofá. – repete, levantando e me puxando.

– E os filmes?

– Podemos assistir no seu notebook. – propõe, apontando para o notebook sobre a cômoda.

– Guss, podemos ficar aqui. – sento na cama. – Só vai rolar se nós dois quisermos.

– Mesmo que você fique a fim, te conheço o bastante para saber que você espera que seja com “o cara”. – ele estende a mão, me convidando a levantar. – Não vou roubar esse momento.

– Posso descobrir que você é o cara. – difo, abraçando-o.

– Aí a gente faz acontecer. – ele afaga o meu queixo com o polegar e levanta o meu rosto, beijando-me com ternura.

– Sério, você é o genro que meu pai sonha. – provoco, dando um soco no seu peito.

– Sou, totalmente, a favor de você realizar o sonho do coroa. – ele me dá um selinho e pega o *notebook*. – Pegue os filmes, te espero na sala.

– Se meu pai souber que você o chamou de coroa, a sua credibilidade vai a zero. – digo entre risos.

– Não conte. – ele sorri e me dá outro beijo, antes de sair.

Reúno os DVDs, pego um edredom, dois travesseiros e vou encontrá-lo, com um sorriso largo estampado no rosto. Gosto do Guss, do jeito calmo e carinhoso dele, o cuidado que ele tem comigo. Tnha esquecido como é estar ao lado dele, como ele consegue me fazer especial com gestos simples.

– Toda essa parafernalha é

para assistirmos? – pergunta, quando jogo tudo no sofá.

– Sim, assistir filmes é uma arte, tem que fazer bem feito. – o puxo do sofá. – Levanta e me deixa arrumar tudo.

Tudo pronto, nos sentamos, enrolados no edredom. Guss apoiou o *notebook* sobre as pernas e me aninhou junto ao seu peito, deixando uma mão repousar no meu quadril. Entrelacei as nossas pernas e fiquei

alisando o seu tórax. Podia ouvir a sua frequência cardíaca, sentia o movimento suave da sua respiração e nada de conseguir me concentrar no filme.

Desde que o filme começou, ele está em silêncio, no entanto, o toque sutil dos seus dedos sobre a minha pele, logo abaixo da bainha da blusa, provoca um alvoroço no meu corpo.

Respiro pesadamente,

percorrendo o dorso do seu tórax por cima da camisa, subindo e descendo, várias vezes, até que deixo a minha mão esgueirar-se sob o tecido e sinto os músculos do seu abdômen na ponta dos meus dedos. Ele solta um suspiro e infiltra a mão sob a minha blusa, massageando a minha lombar.

– Você quer muito continuar assistindo?

Ele não respondeu, se

debruçou para frente, esticando o braço para deixar o *notebook* na mesa de centro e se reposicionou no sofá, atirando de lado o edredom e deslizando ambas as mãos pela minha lombar. Ele segurou-me pelos quadris, apalpando minha bunda, ao mesmo tempo em que me puxava, alinhando os nossos corpos.

Os olhos verdes brilham com intensidade, devorando-me. Arfo, na expectativa de sentir seus lábios

acariciando os meus. A respiração quente queima minha pele, espalmo a mão no seu torso e os nossos lábios convergem. Suas mãos vagam pelas minhas curvas, enredando-se por baixo da blusa, apertando minha cintura e seios, furtando-me suspiros entre beijos provocantes no meu pescoço e chupões sôfregos nos meus lábios.

Mordo o seu lábio e o empurro, tomando um pouco de

distância entre nós. Sorrio, vendo-o paralisar ofegante, com as mãos sobre os meus seios. Passo uma perna sobre ele e sento no seu colo, puxando sua camisa pela gola. Ele me ajuda a tirá-la e volta a me beijar, contornando os meus lábios com a língua. Prendo a sua língua entre os dentes e a sugo, saboreando a nota delicada de hortelã que marca o seu beijo.

Ele escorrega as mãos dos

meus seios para a minha cintura e massageia o meu abdômen com os polegares. Com as unhas percorro suas costas, delineando os traços da sua musculatura.

Guss beija o meu queixo e desce distribuindo beijos pelo meu pescoço. As mãos avançam pelos meus seios e sinto seus polegares incidirem entre o sutiã e os meus mamilos, acariciando-os.

– Posso te ver? – pergunta

com os olhos fechados, esfregando os meus mamilos e com os lábios entreabertos.

Mergulho minha língua entre os seus lábios, enquanto removo o casaco, então o beijo delicadamente, tomando suas mãos e guiando-as a bainha da minha blusa. Guss levanta minha blusa e a joga no chão, seus olhos pairam sobre os meus seios, cobertos apenas pelo sutiã. Levo minhas

mãos as costas para abrir o fecho.

– Não. – ele pega minha mãos e coloca sobre os seus ombros. – Me ajuda, porque minha força de vontade não vai tão longe. – brinca, me dando um selinho. – Linda, você é absurdamente linda. – sussurra, desenhando a minha clavícula e delineando os meus seios. – Sou apaixonado por você, Maria. – ele beija o meu ombro. – Foi para você que escrevi todas aquelas músicas.

– diz, acariciando o meu rosto. – Vim porque queria te dizer isso pessoalmente, porque quero te pedir uma chance para nós.

– Guss, estou conf...

– Só mais uma vez, Maria. – ele me interrompe. – Se você perceber que o cara não sou eu, vou aceitar e desejar que ele perceba o quanto você é especial. Sem mágoas, juro pelo amor que tenho por você.

– Como a gente saiu do amasso para a sessão assuntos intensos e delicados tão depressa?

– Maria, não desconversa.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

12. Capítulo

– Aceita uma contraproposta? – pergunto, alisando os seus cabelos.

– Podemos conversar.

– Podemos combinar de nos encontrar, quando for possível, sem compromisso.

– Quais as chances de

ACHERON - Livros e afins /

conseguir te convencer que a minha proposta é melhor?

– No momento? – mordo o lábio. – Nenhuma. – digo a verdade. Ele suspira e afaga o meu rosto, em silêncio. – Desculpa, Guss, não quero te machucar, mas não estou pronta para namorar.

– Tudo bem. – ele responde, resignado. – Exclusivos?

– Se você quiser.

– Por favor.

– Vou conversar com Alexander.

– Certo. – ele toca a ponta do nariz no meu pescoço e move devagar. – Farei o que estiver ao meu alcance para vir te ver a cada brecha na minha agenda.

– Nada de vir quando seu próximo show for a mais de cinco horas de voo.

– Assim você me complica. – ele mordisca o meu queixo.

– É sério, Guss.

– Agora que definimos a nossa situação. – comenta, escorregando a mão pelo meu busto e parando entre os meus seios. – Podemos voltar ao amasso? Os detalhes técnicos podem ficar para depois.

– Por mim nem tínhamos parado. – umedeço os lábios.

Guss sorri, me envolve em um abraço, fazendo os meus seios colidirem com o seu tórax, então

segura minha nuca e beija os meus lábios, lentamente, ocupando-se de cada centímetro deles.

Aperto as mãos nos seus ombros, tentando intensificar o beijo, mas ele não permite; segura firme minha nuca, mantendo os meus lábios a milímetros dele e recobre o meu pescoço de beijos. Quando o calor dos seus lábios se espalha pelo meu busto, não consigo conter um gemido e finco as unhas nas

suas costas.

Ele assopra minha pele, então a prende entre os lábios e suga, deixando que sua língua molhada se aproprie do meu gosto; com chupões mínimos e ininterruptos que avançam pelos meus seios, desenhando e resenhando o contorno do sutiã. Meus suspiros se intensificam, sinto o recorte dos músculos dos seus ombros a medida que suas mãos envolvem o

meu corpo com mais força, como se quisessem me desintegrar.

Quando a ponta da sua língua se impõe sob o sutiã e toca o meu mamilo, sinto o meu corpo amolecer. Jogo a cabeça para trás e minhas mãos alisam os seus cabelos, repuxando-os. Ele brinca com meu mamilo, desferindo lambidas vagarosas e me deixa querendo mais. Depois de me provocar bastante, ele refaz o percurso,

subindo os beijos até o meu queixo e mordisca o meu lábio, puxando-o para si.

Nossos lábios se reconectam, aninhando nossas línguas. Sinto seu corpo febril ardendo em contato com a minha pele. Sem para de beijá-lo, apoio-me sobre os joelhos, ficando mais alta que ele e seguro seu rosto entre minhas mãos. Guss espalma as mãos na minha bunda, apalpando-me com volúpia. Uma

batida forte na porta faz meu coração acelerar.

– Puta merda! – resmungo, saindo do seu colo.

– Você está esperando alguém?

– Não. – digo, saltando em direção a porta.

– Maria, sua blusa. – Guss alerta.

É tarde demais, estou abrindo

a porta.

– PUTA MERDA! – Nicolai exclama quando me ver.

– O que você quer? – pergunto ríspida.

– E-eu. – ele gagueja, com os olhos vidrados nos meus seios.

– De novo isso? – seguro o seu queixo, erguendo o seu rosto. – Você realmente tem um problema com seios. O que você quer?

– Pedir desculpas. – diz sério. – Por ontem, não queria te ofender.

Nicolai tem um olhar perdido, meio triste, não sei explicar, ou talvez não consiga decifrar e me flagro tentando fazê-lo.

– Maria, algum problema? – pergunta Guss.

– Não, tudo bem. – respondo por sobre o ombro. Olho o garoto na minha frente e lembro a primeira vez que o vi, sorrindo e brincando

com os amigos, tão diferente do cara que está na minha frente agora, no entanto tenho a mesma sensação em relação a ele, como se ele despertasse a minha curiosidade e fizesse nascer um desejo enorme de conhecê-lo. – Vamos começar de novo. – estendo minha mão. – Prazer, vizinho, meu nome é Maria.

– Nicolai. – ele pega minha mão e abre um sorriso torto. – Sou

dependente de café, não estranhe se bater na sua porta meio surtado e procurando por café.

– Odeio café, não vou poder te ajudar. – sorrio.

– Como alguém pode odiar café? Você deve ser de outro mundo.

– Não descarte essa possibilidade.

– Eu não vou atrapalhar mais. – ele levanta uma sobrancelha. –

Cara de sorte. – diz e morde o lábio.

– Garota de sorte. – pisco e fecho a porta.

Volto para o sofá e deito no colo do Guss.

– Você sabe que está de sutiã?

– Sei.

– Quem era?

– O vizinho, tivemos uns

probleminhas e ele veio se desculpar.

– Hum.

– O quê?

– É com ele que você estava saindo?

– Não! O cara com quem estava saindo é amigo de uma amiga. – me penduro no seu pescoço e o beijo. – Acho que tenho que ir preparar o nosso jantar. – comento. – Ah, e estava falando

sério quando disse que hoje é noite de roupa suja.

– Que seja o dia da roupa suja. – diz e me puxa para um beijo. – O melhor é a companhia. – sussurra nos meus lábios.

– Nesse ponto estou bem servida.

Como deveria ter ido ao mercado hoje, tive que improvisar um jantar com o que tinha em casa. Guss disse que iria me ajudar, mas

a verdade é que mais atrapalhou do que ajudou, por fim consegui expulsá-lo da cozinha e ele foi tomar banho, enquanto finalizava o jantar.

Depois do jantar, pegamos os meus cestos de roupa suja e descemos para lavanderia do prédio. Diferente da quinta-feira, onde sempre tenho que aguardar alguém desocupar as máquinas, não há ninguém lavando roupas; talvez deva rever o dia da roupa suja,

penso enquanto despejo os cestos no chão para separar as roupas por cores, se a lavanderia está vazia, vou usar e abusar de todo espaço. Peço para Guss ir colocando a roupa de cama na máquina, não quero ele revirando minha roupa íntima.

Começo a cantarolar uma das músicas do Guss, ele me abraça por trás, me obrigando a levantar, me beija e canta baixinho no meu

ouvido. Meu celular inicia uma melodia e nós dois sorrimos.

– Terceira interrupção, com certeza tem câmeras espalhadas nesse prédio ou JP colocou um *chip* em você e contratou agentes secretos para se passar por seus vizinhos.

– Será? – faço uma expressão de espanto e ele sorri. – É a minha amiga, tínhamos combinado de ver um filme e desmarquei porque tinha

que lavar roupa. Ela está vindo para cá. Você se importa?

– Não.

– Vou dizer para ela nos encontrar aqui. – comento, respondendo a mensagem de Anna.

Guardo o celular no bolso do casaco e estou me abaixando para continuar separando as roupas quando Nicolai surge na porta da lavanderia com um cesto de roupas.

– Dia da roupa suja. – ele sorri

torto.

– Você também ficou com preguiça durante a semana? – pergunto, me concentrando na pilha de roupas.

– Na verdade não tenho muito tempo durante a semana, sempre lavo aos sábados. – ele comenta e vira o cesto, fazendo as roupas caírem ao lado das minhas. – Curto suas músicas, cara.

– Valeu.

– Desculpa pela minha amiga hoje cedo, ela é meio sem noção.

– Tranquilo. – Guss se abaixa ao meu lado. – Terminei de colocar as roupas de cama.

– Pode ir pegando os *jeans*, mas coloque em outra máquina.

Guss assente, desliza a mão no meu rosto e me beija, depois pega a pilha de *jeans* e levanta.

– Inseguro. – Nicolai sussurra com um sorriso debochado.

– Para. – digo baixinho.

– Sou mais eu. – pisca e puxa uma calcinha entre minhas roupas.

– Devolve. – peço, apenas movendo os lábios, sem emitir nenhum som.

– Desculpe, você disse alguma coisa? – pergunta alto.

– Não. – reviro os olhos.

– Oi, cyka! – Anna grita. – Guss?

– Anna?

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

13. Capítulo

No instante que ergui o rosto para cumprimentar Anna, assisti a bandeja cair de sua mão e o café esparramar pelo chão, enquanto ela olhava atônita para Guss. Meu olhar foi de um ao outro e tudo o que vi foram olhos esbugalhados e uma expressão de pânico que beirava o terror.

– Vocês se conhecem? – pergunto o óbvio.

Minha pergunta ecoa no silêncio da lavanderia.

Os segundos passam, Guss e Anna permanecem em uma espécie de transe, imóveis, olhando-se como se estivessem vendo o fantasma da ópera ou Hannibal Lecter.

– Problemas no paraíso. – Nicolai sussurra.

– Alguém pode me explicar o

que está acontecendo aqui? – levanto e balanço os braços, chamando a atenção deles.

– Nós não nos vemos a... – Guss murmurra.

– Desde que falei que estava apaixonada por você. – Anna diz ríspida, interrompendo-o.

– Deu merda. – Nicolai comenta.

– Anna, a gente pode conversar em outro lugar?

– Quê?! – exclamo incrédula. – Ninguém vai sair daqui até me explicar essa história.

– Maria, isso foi antes de te conhecer. – Guss argumenta.

– Foda-se. – esbravejo. Respiro e inspiro, tentando controlar o súbito acesso de raiva. – Não vou dar um passo no escuro. – pronuncio cada palavra com calma, olhando nos olhos do Guss. – A escolha é sua.

– Eu preciso ir, depois conversamos, Maria. – Anna passa a mão nos cabelos, parecendo tão confusa quanto eu.

– Anna, não. – peço.

– Eu não estou conseguindo pensar direito. – ela olha o líquido no chão. – Trouxe *frappuccino* de chá verde para você, mas...

– Tudo bem, Anna.

– Estou nervosa e preciso de um café. – Anna resmunga irritada.

– Tenho café. – Nicolai ergue a mão.

– Maria, vamos fazer assim, eu e Anna conversamos na casa do vizinho e depois nós conversamos, sozinhos.

– Vá a merda, Guss.

Minha resposta nada amistosa, arrancou um riso mal disfarçado do Nicolai. O encarei com a expressão séria e ele deu uma piscadela, indiferente ao meu mau humor.

– Sugiro colocarmos as roupas nos cestos antes da DR ter início, vizinha.

Sou obrigada a concordar, não posso deixar a lavanderia parecendo uma zona de guerra. Olho para o chão e vejo Nicolai pegando as roupas e socando nos cestos, aleatoriamente.

– Merda, você está misturando as nossas roupas!

– Achei que estávamos sem

tempo para organização. – ele faz uma cara de inocente.

– Que seja.

– Vou limpar essa bagunça. – Anna recolhe os copos e bandeja do chão. – Onde encontro um pano de chão?

– Vai ter que usar uma toalha. – Nicolai arremessa uma toalha de banho para ela.

Sinto uma mão alisar as minhas costas, viro e vejo Guss, os

olhos verdes cabisbaixos, quase me fazem abaixar a guarda. Faço o meu melhor para ignorá-lo, a insistência em ter uma conversa com Anna sem a minha presença me magoou, sinto que ele quer omitir a verdade.

A ida no elevador foi bizarra em níveis incomparáveis, Anna fitava o chão, Guss me encarava pelo espelho, Nicolai deixava escapar risos abafados. Eu? Tentava juntar as peças do quebra-cabeças, sem

nenhum sucesso.

O apartamento do Nicolai é a inversão do meu, não apenas em termos estruturais como em termos estéticos. Não que seja bagunçado, é vazio, a sala tem um colchonete com algumas almofadas e uma TV na parede, na cozinha há uma mesa com quatro cadeiras, onde nos sentamos.

Imaginei que um apartamento com um garoto sem supervisão dos

pais seria um caos, não é o caso, não havia nenhum único talher sujo e sobre o balcão uma coleção de canecas de fazer babar. Tenho uma tara por canecas e objetos fofos de decoração e elas são muito fofas, embora ele vá negar até a morte.

– É uma bela coleção. – comento.

– Coisa da minha mãe. Não tenho descafeinado.

– Café descafeinado não é

café. – diz Anna.

– Verdade. – Guss concorda. – O meu amargo, por favor.

– Meu café é bem forte. – Nicolai adverte.

– Bom assim. – Anna e Guss dizem ao mesmo tempo, o que faz eles se olharem e Anna revirar os olhos.

– Nada de chá, certo? – questiono.

– Chá tem gosto de mato, vizinha. – Nicolai coloca as canecas com café na mesa. – Experimente. – diz, tomando um gole de café e me oferecendo sua caneca.

– Passo, obrigada. – apoio os cotovelos na mesa e seguro meu rosto entre as mãos. – Posso saber de onde vocês se conhecem? – pergunto, após cansar de ouvir os goles de café sendo engolidos.

– Amsterdã, minha avó morava

lá e passei algumas férias na casa dela. – Anna explica.

– Certo e vocês namoraram, ficaram, o que rolou?

– É isso o que gosto em você, vai direto ao ponto. – Nicolai curva o canto dos lábios e toma outro gole, escondendo o sorriso.

– Você vai ficar dando em cima dela na minha frente? – Guss pergunta.

– Não estou dando em cima de

ninguém, fiz um breve comentário.

– Menos, Guss. Foco no que rolou entre você e Anna. – pontuo.

– Beleza. – Guss vira o restante do café. – Posso pegar mais? – pergunta. Nicolai confirma e ele levanta e vai até o balcão com a cafeteira. – Nos conhecemos no dia do meu aniversário de dezesseis anos, ficamos horas conversando no parque, estava triste e chateado por meus pais não terem ligado para me

dar os parabéns. – Guss se escora no balcão. – No outro dia voltei ao mesmo parque e a encontrei, foi assim nos dias seguintes, ela me contou que estava de férias e combinamos de nos ver toda tarde.

Anna termina o café e coloca a caneca na mesa, fazendo um barulho com o impacto. Ela se remexe na cadeira sem jeito. Nicolai levanta, pega a caneca de Anna, enche e a coloca na frente dela,

voltando a sentar.

– Obrigada. – ela murmurra.

– Pensei que estávamos apenas nos divertindo, Anna. – Guss argumenta. – Gostava de ficar com você, mas era só isso.

– Você nunca voltou. – Anna enxuga uma lágrima. – Eu disse que havia me apaixonado e você desapareceu da minha vida.

– Oh, merda. – suspiro. – Dezesseis, quatro anos atrás,

quinze. – faço as contas, murmurando sozinha. – Foi com o Guss a sua primeira vez?

Anna abaixa a cabeça.

– Grande merda. – diz Nicolai.

– Não foi planejado, aconteceu. – Guss anda de um lado para o outro. – Também foi a minha primeira vez, não estava te usando, Anna. Se só quisesse sexo, não teria voltado depois que rolou.

– Guss, foi a primeira e única

vez que disse a um garoto que estava apaixonada. Você podia ter se despedido, mas não, fiquei o restante das férias, exatos 37 dias, esperando que você aparecesse.

– Era um moleque. – Guss senta. – Pensei que se falasse que não estava apaixonado, você iria contar a sua avó que a gente tinha transado.

– Ok. – solto um suspiro pesado. – Me dá isso aqui. – puxo a

caneca da mão do Nicolai e viro de vez. – Eca!

– Descobri porque você não gosta de café, não sabe apreciar. – Nicolai pega a caneca vazia e levanta para enchê-la. – É preciso saborear, sentir o aromar, deixar que ele te convide a beber.

– Já assistiu, leu ou jogou Silent Hill? – pergunto ao Nicolai.

– Sim.

– Sabe quando Harry Manson

fica preso em outra dimensão? – ele confirma. – É assim que você vive, na dimensão Nicolai.

– É bom ter minha própria dimensão, posso te levar para conhecê-la.

– Sei que estou na sua casa, mas você está passando dos limites. – Guss levanta irritado, encarando Nicolai.

– Relaxa. – Nicolai levanta as mãos. – Você tem coisas mais

importantes para se preocupar.

– Maria, podemos ir para o seu apartamento?

– Não, Guss, quero que você vá embora.

ACHERON - Livros e afins /

14. Capítulo

– Maria, desculpa.

– Anna, amigas sempre antes dos garotos. – deito no seu ombro.

– Ele está certo, foi há muito tempo, não precisa ser importante para você.

– Não seria se não significasse nada para você.

– Não gosto mais dele, Maria.

– Sei que não, mas o que aconteceu ainda te magoa. Depois converso com ele e vejo como as coisas vão ficar entre a gente.

– Não deveria ter vindo.

– Uma hora vocês iriam se encontrar, *cyka.* – aliso os seus cabelos.

– Estou me sentindo horrível. – Anna chora.

ACHERON - Livros e afins /

– Anna, deixa de bobagem. – a abraço. – Quero esmurrar o Guss por ter sido um babaca com você.

– Estraguei a sua noite.

– Claro, porque estava muito emocionante lavar roupa, enquanto Guss e Nicolai disputavam o posto de macho alfa.

– Ele deixa muito na cara que está a fim de você.

– Ele pediu desculpas e vamos tentar ser vizinhos cordiais.

– Acho que vocês vão se pegar.

– Não vou dizer que ele não é meu tipo, porque ele é totalmente o meu tipo, entretanto, além de um franco atirador de primeira classe, tem namorada.

– Franco atirador? – Anna faz uma expressão engraçada.

– Ele sai atirando para todos os lados, esperando quem vai ser a próxima a cair na conversa dele.

– Maria, você está exagerando.

– Nah! Ele está sempre no ataque. – levanto, puxando Anna junto. – Você vai dormir aqui e vamos ficar assistindo terror até altas horas.

– Tenho medo, amiga.

– Medo do quê?

– Fantasmas.

– Anna, por favor. – reviro os

olhos.

– Sério, Maria, morro de medo.

– Deixo um abajur aceso.

– Posso dormir na sua cama?

– Ok, medrosa.

A noite de terror foi a mais divertida da minha vida, Anna gritava e se enfiava embaixo dos lençóis a cada movimento na tela, não lembro a última vez em que dei tanta risada.

Foram tantas gargalhadas que o Senhor Valdir, meu vizinho da frente, bateu na minha porta às duas horas da madrugada, reclamando do barulho.

Como seria impossível continuar assistindo sem gargalhar dos medos absurdos da Anna, decidimos que era hora de assaltar a geladeira. Sob muitos protestos, ganhei a disputa entre bater na porta do vizinho pedindo café ou

cairmos matando em um delicioso chocolate quente.

– Vou ter que passar o domingo a pão e folhas para compensar essa bomba. – Anna comenta, saboreando o chocolate quente. – Que delícia. Você colocou o que aqui?

– Receita de família. – dou uma garfada na fatia de torta de limão.

– Não sei como você consegue

comer tão bem e continuar magra e linda, se eu der uma bobeira, ganho peso.

– Nunca tive problema com ganho de peso, mas sei que deveria pegar mais leve nas gordices, por causa do *ballet.*

– Falando no *ballet,* é uma pena que tenhamos ficado sob a supervisão do Dimitri, ele é um bossal.

– Vamos torcer para que ele

esteja mais tolerante.

– Difícil, mau humor é o único estado de espírito que ele conhece.

– Vamos deixar os problemas para quando o sol nascer, porque agora meu pensamento está meio lento.

– O meu também. – Anna se serve com mais chocolate quente. – Vou sair com Eva e Olga amanhã à tarde, quer ir?

– Vou almoçar na tia Mel,

depois estou livre.

– Nos encontramos às dezesseis horas naquele café-bar?

– Fechado, bom que tenho tempo de voltar em casa e dar um *up* no *look.*

– Nada de ir muito gata, *cyka*, já tem muito *boy* te querendo, deixa uns para mim.

– Greg.

– Não. – Anna deita a cabeça

na mesa. – Confesso. – ela ergue a mão. – Sei que ele quer mais do que amizade.

– Sabia! – dou um grito, imediatamente lembro que é madrugada e cubro a boca.

– Ele é lindo, divertido, mas parece um menino.

– Nada a ver, Anna. – rebato. – Greg é naturalmente lindo, e mesmo sem nenhum músculo saltando aos olhos, ele é envolvente.

– Sim, mas o jeito dele ainda é de garoto. Entende?

– Mais ou menos. Tipo, Nicolai tem jeito de garoto e você o pegaria.

– Bom exemplo, você olha para o Nicolai e vê um garoto, mas o corpo e a forma como ele se comporta são de homem, é disso que sinto falta no Greg.

– Atitude de homem. – completo. – Vou contratar Nicolai

para dar algumas aulas para o Greg de como ser atirado. – perturbo.

– É estranho, mas é exatamente isso, Maria.

– Confesso. – erguendo a mão, como Anna fez anteriormente. – Ele me irrita, mas quando me ignora, sinto falta da provocação.

– Não precisava confessar. – Anna sorri. – O vizinho gato sabe o que faz. Pode apostar, esse moscovita ainda vai te dobrar.

– É isso o que mais me irrita, ele saber que me faz ficar pensando como seria ceder as investidas dele.

– Não vou mentir, no seu lugar tinha cedido faz tempo.

– Odeio aquele sorriso torto dele.

– Odeia? – Anna pergunta entre risos. – Sei!

– Acho que preciso ficar um tempo sozinha, estou mais confusa que Alice no País das Maravilhas. –

empurro a xícara de chocolate quente de lado e cruzo os braços na mesa, apoiando o rosto. – Sabe, Anna, acho que estou obcecada com a ideia de encontrar “o cara” e sem querer estou racionalizando o que deveria ser apenas sentido. Fico com medo de não perceber quando me apaixonar, mas também tenho medo de me apaixonar e fico tentando prever quando, como e com quem vai acontecer, para conter os danos.

– Sinto te dizer, amiga, mas o amor é imprevisível.

– É esse o problema, odeio imprevisibilidade, é mais fácil quando você tem um roteiro a seguir.

– E a emoção do imprevisto ficaria onde?

– Não. – faço um muxoxo. – Passo.

Devoramos a torta de limão e o restante do chocolate quente e

fomos dormir. Anna tem um péssimo dormir, além de roubar meu cobertor, me fez cair da cama. Levantei sonolenta, peguei outro cobertor, meu travesseiro, calcei minhas pantufas e fui para o sofá. Estava me aninhando no cobertor e afofando o travesseiro sobre o estofado quando vi o *led* do meu celular acender, avisando que havia uma mensagem. Pensei em ignorar e deixar para ler quando acordasse, entretanto, a curiosidade falou mais

alto.

Guss: Sei que você deve estar dormindo, mas não vou conseguir fazer nada enquanto não conversar com você. Me responde quando acordar, por favor.

Eu: Repense a sua atitude, Guss. Ao invés de se justificar, peça desculpas, ela merece isso.

Guss: Farei isso. Ainda vamos nos ver?

Eu: Primeiro conversem.

Guss: Droga, Maria. Você prestou atenção no que te falei ontem?

Eu: Não vou ficar me pegando com você, enquanto minha amiga não estiver bem com isso.

Guss: Me passe o contato dela.

Eu: Você quer ter essa conversa por telefone? Tenha a decência de vir falar com ela

ACHERON - Livros e afins /
pessoalmente.

Guss: Vou perder um dia com você.

Eu: Ou todos.

Desligo o celular. Fecho os olhos e respiro devagar, mentalizo a minha família e penso no quanto queria estar com eles. Deito a cabeça no braço do sofá, abraço o travesseiro e imagino que estou em casa, no meu quarto de menininha.
ACHERON - Livros e afins /

Aos poucos todos os meus medos e preocupações vão desaparecendo e adormeço.

Acordo com alguém batendo na porta. Levo alguns segundos para lembrar porque estou dormindo no sofá, passo a mão nos cabelos e vou abrir a porta.

– Bom dia. – Nicolai segura um bule em umas das mãos. – Você dormiu bem? – pergunta, me dando um beijo no rosto.

– O que você está fazendo? – esfrego os olhos, me certificando que não estou dormindo.

– Vou te ensinar a gostar de café. – ele coloca uma mão na minha cintura e me guia no meu próprio apartamento. – Por que você dormiu na sala? – aponta para a minha cama improvisada.

– Anna me derrubou da cama. – bocejo.

– Vocês duas... – ele deixa a

frase em suspenso e arqueia a sobrancelha.

– Não, idiota. – reviro os olhos.

– Eu iria ficar chateado de não ter sido convidado para a festa.

– Não nos pegamos. – passo a mão nos cabelos mais uma vez, diminuindo o caos. – Porque garotos só pensam merda? – penso alto, dando uma olhada nas minhas roupas.

– Gostei dos *minions*, mas

esse aí... – ele umedece os lábios e olha bem para os meus seios.

– Você precisa parar de invadir meu apartamento. – cruzo os braços, escondendo os meus seios nus, sob a camisola de seda.

– Você precisa parar de abrir a porta vestida assim. Não! – ele pisca. – Gosto assim. – diz e me empurra em direção a cozinha. – Pode sentar e se prepare, você vai descobrir um novo mundo em

segundos.

– Meus pais gostam de café, meus irmãos também, embora minha mãe não os deixe tomar muito, o que quero dizer é que você não vai conseguir me fazer gostar de café.

– Gosto de desafios e não aceito que alguém possa dizer que odeia café. – ele abre o armário e pega uma xícara. – É tudo uma questão de alquimia, Maria. O que

farei é simples, irei descobrir qual a combinação exata de ingredientes que vai fazer você mudar a sua opinião.

– Isso parece demorado.

– Não pretendo acertar hoje, temos tempo. – ele despeja o líquido do bule na xícara e me oferece. – Só que precisamos fazer isso todos as manhãs, logo cedo, porque tenho aulas pela manhã, assim como você.

– O que você faz?

– Desenho gráfico.

– Sua aula é o dia todo?

– Não, estou no último ano, a tarde tenho um trabalho de meio turno.

– E a noite?

– Perguntas demais e nenhum gole de café.

– Eca. – faço uma cara de nojo e tomo um gole do café. – Que

horrível! Quero vomitar.

– Trabalho a noite, sou segurança, às vezes pego de oito às duas da madrugada, às vezes de meia-noite às seis.

– Como você faz quando trabalha até seis?

– Café. – ele coloca o restante do café na xícara e dá um gole lento. – Preciso ir, tenho um compromisso fora da cidade hoje. – beija a minha bochecha e sai.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

15. Capítulo

Fico sentada, com o cotovelo apoiado na mesa e a mão no queixo, olhando a xícara na minha frente. Ouço Nicolai dizer *"bom dia"* e viro, a tempo de vê-lo fechar a porta. Anna está em pé, entre a cozinha e a sala, seu olhar é uma incógnita.

– O que aconteceu? – aponta

ACHERON - Livros e afins /

para o sofá.

– Nada do que você está pensando. – cruzo os braços na mesa e deito o rosto.

– Maria, seu vizinho acabou de sair por aquela porta. – Anna vem a cozinha.

– Ele implicou porque não gosto de café, trouxe um pouco para experimentar. – murmuro – E aquilo está no sofá porque você me derrubou da cama, estava dormindo

ali, quando ele me acordou.

– Você percebeu que está com uma camisola minúscula e sem sutiã?

– Sem calcinha também, gosto de dormir confortável, mas os meus neurônios não tinham batido ponto quando abri a porta. – ergo o rosto. Anna dá uma gargalhada. – Acho que concordei em deixar ele vir aqui todos os dias de manhã, vou precisar levantar mais cedo que o

normal, se não quiser que essa cena se repita. Estou medonha, né?

– Um tanto descabelada.

– Por que diabos concordei com isso? – enfio a mão entre os cabelos. – Odeio café e ponto.

Nós tomamos café da manhã, Anna fez um suco *detox* para ela, eu fiquei com meu chá verde. Saímos juntas e nos despedimos em frente ao mercado, precisava repor minha dispensa, porque se meu pai decide

fazer uma visita surpresa e encontra a geladeira zerada vai reclamar por três dias seguidos.

O dia de ontem foi tão agitado que não consegui ligar para meus pais para contar as últimas novidades. Quando passei em casa para deixar as compras, aproveitei para ligar; primeiro meu pai surtou, depois minha mãe argumentou que o que aconteceu faz tempo, ele refletiu e chegou à conclusão que

Guss errou, mas o melhor a fazer é conversar com ele e Anna e decidir o que quero; claro que ele fez um pequeno adendo, deixando claro que se Guss sonhar em fazer algo parecido comigo, não vai sobrar pedaços nem para uma música, imagina uma história.

Almocei na casa da tia Mel, depois tio Andy foi levar Elise para assistir um filme e ficamos, apenas nós duas, conversando sobre *ballet*

e garotos. Estou com dificuldade em acertar o *Frappé* e pedi para ela me ajudar a praticar um pouco, enquanto ela me instruía contava sobre os meus dramas do sábado à noite.

– Deixa ver se entendi, você não está mais ficando com aquele modelo, ia ficar fixo com o Guss, mas aí surgiu essa história com Anna e agora não sabe mais o que fazer, e tem um vizinho na jogada?

ACHERON - Livros e afins /

– Por aí, tia. – sorrio. – Gosto de ficar com Alexander, mas ele tem uns papos meio estranhos, de casamento e filhos, fico assustada. Guss é o Guss, fofo como sempre, ter reencontrado com ele foi incrível. Nicolai é provocante e atrevido, com ele só seria pegação e, se não tivesse o Guss, me jogaria, mas. – suspiro. – É muita inconstância, não sei lidar com essa desorganização.

– Posso dar a minha opinião?

– Sim.

– Se está tudo confuso, deixe as coisas acontecerem no tempo delas, Maria. Viva o momento sem pesos na balança, sem balizar suas decisões em um outro que amanhã pode não ter nenhuma importância.

– Você está falando do Guss?

– Ou qualquer outro. – ela pega minha mão. – É sua vida, é você quem decide se quer um filme longa metragem ou uma série cheia

de participações especiais.

– Valeu, tia. – a abraço.

Iria voltar andando para casa, são apenas três quarteirões de distância, no entanto como tia Mel iria para o shopping, encontrar Elise e tio Andy, ela me deixou na entrada do prédio. Peguei o elevador e estava destrancando a porta do apartamento quando ouvi um barulho no apartamento do Nicolai. Pensei em ver se estava tudo bem,

entretanto resisti, até que um novo estrondo me fez largar as chaves na porta e ir bater na porta ao lado.

Bati uma, duas, três vezes e nenhuma resposta. Esperei e nada. Coloquei a bolsa no chão, encostada na parede e recomecei as batidas, no mesmo instante que ouvi novamente o barulho.

– Nicolai?

– Vai embora.

– Você está bem?

Sem resposta.

– Vou ligar para a portaria e pedir para chamarem um chaveiro, se não souber que está tudo bem.

Ouço um barulho de trinco e a porta é aberta. Ele está de costas para mim, segurando um taco de hóquei.

– Vai embora, por favor. – pede com a voz trêmula.

– Qual o problema?

ACHERON - Livros e afins /

– Eu sou o problema.

– Duvido. – toco no seu ombro. – Me deixa te ajudar.

– Não quero sua piedade. – diz ríspido.

– O que aconteceu? – coloco minha mão sobre a dele e seguro o taco de hóquei.

Ele deixa o taco na minha mão e vira de frente para mim, a tristeza que via abaixo das camadas azuis dos seus olhos, se revela

ACHERON - Livros e afins /

devastadora, presente em cada traço da sua expressão. Olho o tom avermelhado dos seus olhos, os lábios rígidos, narinas infladas, a postura defensiva, e me pergunto como ele consegue esconder essa tristeza.

– Você acertou, sou a porcaria de um filhinho de papai revoltado com a vida.

– Não é. – afago o seu rosto. – Estava irritava com você, me

desculpa.

– Por que você ainda perde tempo comigo?

– Qual a sua história?

– Uma merda de história, não vale o seu tempo.

– Isso quem decide sou eu.

– Não quero que você veja o quão fodido eu sou. – ele desliza um dedo no meu rosto, afastando uma mecha de cabelo. – Você irradia

vida.

– Vamos para o meu apartamento, vou fazer um café para você, ou tentar.

– Você não tem café.

– Fiz compras. – dou de ombros.

– Você comprou café? – pergunta incrédulo.

– Você me convenceu que é dependente de café, achei melhor

ter uma reserva, caso o seu termine.

Nicolai me acompanhou até o meu apartamento, não trocamos mais nenhuma palavra, ele apenas me olhava de um jeito diferente, como se estivesse confuso. Fiz o café seguindo as orientações do rótulo, quando ficou pronto, coloquei numa xícara e o entreguei. Ele arregalou os olhos com o primeiro gole e travou os lábios.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

– Então? – arqueio a sobrancelha.

– Horrível. – ele sacode a cabeça. – Credo, nunca mais faça um café na sua vida. – diz, derramando o café na pia.

– Poxa, foi meu primeiro café. – disfarço a vontade de rir.

– E o último, por favor. – ele abre minha geladeira, pega uma garrafa de suco e leva à boca.

– Ah, não, você tomou meu

ACHERON - Livros e afins /

suco na garrafa. – reclamo.

– Foi mal, precisava me livrar desse gosto de cueca mal lavada que seu café deixou na minha boca.

– Gosto de cueca mal lavada? – solto uma gargalhada. – Não podia estar tão ruim assim, segui direitinho as indicações.

– Obrigado pelo café ruim. – diz sério, segurando minha mão. – Desculpa por não te contar a minha história.

ACHERON - Livros e afins /

– Não precisa.

– Hoje fui visitar meu irmão e ele não quis falar comigo, ele acha que não o quero por perto.

– Ele tem quantos anos?

– Quinze. – passa a mão no cabelo. – Se eu contar, você promete não me olhar diferente?

– Você não precisa falar se não quiser, mas vou continuar te olhando da mesma forma. Só não sabia que você curtia ser visto como

ACHERON - Livros e afins /

o vizinho abusado. – provoco.

– Abusado? – ele sorri. – Você não viu nada ainda.

– O que pode ser pior do que invadir meu apartamento sempre que quer?

– Posso invadir a sua cama. – sorri com malícia.

– Aconselho a não tentar isso, se quiser continuar vivo, porque meu pai não ia curtir a ideia.

ACHERON - Livros e afins /

– Ele não tem nenhuma restrição quanto ao sofá? Porque para mim amassos no sofá com você de sutiã ou com aquela camisolinha está de boa.

– Idiota! – o bato. – Ele sabe que rolou alguns beijos no sofá, mas nem sonha que estava de sutiã no meio do amasso.

– Hm. – ele estreita os olhos. – Vou fazer a moral com o sogrão.

– Você para, meu pai é bravo.

– Se a filha me acertou daquele jeito, o pai deve ser lutador profissional.

– Ele é músico, mas pratica *kickboxing* desde novo e me fez ter aulas para aprender a me defender.

– E atacar, porque aquilo não foi golpe de defesa.

– Estava me defendendo das merdas que você estava falando.

– Foi justo.

ACHERON - Livros e afins /

16. Capítulo

– Vou encontrar algumas amigas naquele café-bar, quer ir comigo?

– Como é que digo não? – ele belisca meu queixo. – Agora?

– Vou trocar de roupa e fazer uma *make*, então você tem alguns minutinhos.

– Te encontro aqui em trinta minutos e você ainda não estará pronta.

– Engano seu.

– Ganho um beijo se estiver certo?

– Não, Nicolai. – o empurro em direção a porta. – Até daqui a pouco.

Ele para no batente da porta e gira rápido, segurando-me pela cintura. Prendo a respiração com o

movimento inesperado. Nicolai aproxima o rosto do meu, os olhos cinzas pairam sobre os meus, então ele se inclina e beija minha bochecha.

– Outro dia te conto. – sussurra no meu ouvido.

É somente quando ele se afasta e ouço a porta fechar que sou capaz de voltar a respirar. Mais um moscovita para me deixar sem ar, assim fica difícil viver. Solto um

suspiro profundo e corro para o quarto, quero provar que posso ficar pronta em trinta minutos.

O problema é que as roupas não querem me ajudar, estava vestindo a quinta peça quando ouvi as batidas na porta. Não passaram trinta minutos, é impossível, cronometrei. Procuro o celular embaixo das roupas jogadas na cama, o maldito começa a tocar anunciando o fim dos meus trinta

minutos bem na hora que o encontro. Jogo o celular na cama, ajeito o vestido e vou abrir a porta.

– Vamos? – Nicolai dá um sorriso petulante.

– Idiota. – o puxo e fecho a porta. – Senta e espera.

– Prefiro te fazer companhia no seu quarto.

– Você só levanta para ir na cozinha ou banheiro. – digo, empurrando-o para o sofá.

– Não custava tentar. – ele balança os ombros.

Experimentei mais dois vestidos e decidi pelo primeiro, o que significa que perdi tempo desnecessariamente. Fiz uma *make* realçando os meus olhos e coloquei um batom roxo, peguei a bolsa, celular e joguei um casaco sobre os ombros.

– Podemos ir.

– Você usa esses decotes

para me provocar, né? – Nicolai levanta com os olhos pregados nos meus seios.

– Claro, todo o meu guarda-roupa foi pensado em como provocar meu vizinho atirado. – ironizo.

– Língua afiada. – ele morde o lábio. – Deve fazer loucuras.

– Ou não. – seguro nos seus ombros e o viro, empurrando-o para a saída. – Vou te desafiar a ficar o

restante do dia sem fazer uma provocação, se te pegar se atirando para qualquer garota, você vai ficar um mês sem café.

– Ciúmes, vizinha? – pergunta entre risos.

– Claro que não! – respondo, entrando no elevador.

– Vai dizer que isso não é para me manter longe das suas amigas?

– Não pensei nisso. – reviro os olhos. – Só acho impossível você

ACHERON - Livros e afins /
conseguir.

– Aceito o desafio. – ele se aproxima, coloca as mãos na parede do elevador, prendendo-me entre os seus braços. – O que ganho?

– Você não vai ganhar. – murmuro.

– Se ganhar? – ele me desafia. – Quero um beijo. – diz com a voz firme, os olhos fixos nos meus.

– O elevador cheg...

ACHERON - Livros e afins /

– Um beijo. – ele permanece com o rosto a milímetros do meu.

– Se você ganhar, te dou um beijo. – concordo.

– Vou esperar ansioso. – ele sorri torto e sai do elevador.

Estamos no táxi quando Anna me envia uma mensagem avisando que Alexander apareceu por lá com Gregory.

– Droga.

– Algum problema?

– Alexander, o cara com quem estava saindo, vai estar lá.

– Isso é um problema?

– Não nos falamos desde sexta, então ele ainda pensa que vamos continuar saindo.

– Você prefere que não vá?

– Estamos indo como amigos, não tem nada a ver, só não estava a fim de ter essa conversa hoje.

– Se quiser ir para outro lugar e evitar o papo chato.

– Melhor resolver logo essa história.

No instante em que chegamos ao café-bar soube que a noite seria tensa, o sorriso do Alexander converteu-se em lábios em linha reta e um olhar de poucos amigos ao ver que estava acompanhada.

Gregory se apressou em me abraçar e sussurrou em meu ouvido:

"ele é meio possessivo, apenas ignore". Cumprimentei Anna, Olga e Eva com abraços e beijos no rosto, sem perder de foco o semblante irritado do Alexander, por último o cumprimentei, virando displicente o rosto quando ele tentou beijar os meus lábios. Fingi não perceber o pequeno incidente e me virei, puxando Nicolai pelo braço e o apresentando a todos.

– Acho que te vi por aí. – Eva

comenta, dando uma boa examinada em Nicolai.

– É possível, nasci e cresci nessas redondezas.

– Tenho a sensação que te conheço. – Olga comenta.

– Podemos conversar? – Alexander pergunta, segurando meu braço.

– Claro. Não o ataquem, por favor. – brinco com as garotas e dou uma piscadela. – Ele tem namorada,

preciso devolver inteiro.

Alexander mantém a mão segurando firme meu braço, dou um safanão me livrando dele e fecho a cara. Ele sinaliza para que passe na sua frente, obedeço e caminho em direção a área externa. Paro entre algumas mesas vazias e viro para ele.

– Qual o seu problema? – pergunto, cruzando os braços.

– O que você está fazendo

com ele?

– Como é? – sorrio nervosa, chocada com a pergunta. – Quem você acha que é? Meu pai?

– Estamos saindo, Maria. – ele lembra, como se não soubesse. – Você vai ficar saindo com outros caras?

– Ele é meu vizinho, saímos como amigos e, de qualquer jeito, a partir de agora não estamos mais saindo. – digo séria. – Antes que

você pense que é por causa dele, não é. – dou um passo e ele me segura, apertando meu braço. – Se você me segurar assim de novo, vamos ter problemas. – aviso.

– Desculpe. Quero continuar, Maria. Estou te levando a sério, minha mãe está planejando um jantar para te conhecer.

– Alexander, ficamos duas vezes.

– Pensei que tivesse gostado.

– Tem muita coisa acontecendo na minha vida nesse momento, quero ficar sozinha.

– Me dá uma chance.

– No momento, não posso.

Ele não gostou, mas não insistiu.

Voltamos para junto do pessoal e vejo Nicolai dançando com Eva, ela com as mãos sobre os ombros dele, enquanto ele a segura pela lombar, deslizando a mão

sorrateiramente pela sua bunda. Reviro os olhos, Anna me flagra e dá um sorrisinho de canto de boca.

– Alexander, você lembra uma família que morava numa casa ao lado da nossa antes do Sr Vladimir? – Olga pergunta. – Eles tinham dois filhos, eu brincava com eles no nosso jardim.

– Sei.

– Olha bem se não era o Nicolai. – ela pede, virando o rosto

para olhar Nicolai dançando.

– Não prestei atenção. – Alexander diz ríspido.

– Insuportável. – Olga levanta e vai falar com Nicolai. Volta logo depois, toda saltitante. – Sabia! É ele.

Alexander é indiferente ao comentário da irmã, Olga por sua vez o ignora e voltar a conversar comigo, Anna e Gregory. Estou sentada e não consigo parar de

olhar para Nicolai e Eva dançando; digo para mim mesma que esse sentimento dentro de mim não é ciúmes.

Por que diabos estaria com ciúmes do meu vizinho?

– Cansei. – diz Eva, sentando-se ao meu lado.

– Quer dançar? – Nicolai pergunta, me estendendo a mão.

– Quer dizer que você é o filho da louca? – Alexander pergunta, em

um tom debochado.

A partir daí, foi só confusão. Ouvi o som de cadeiras caindo, socos sendo trocados, eu e Eva caímos, Gregory não sabia se nos ajudava a sair do meio da confusão ou se tentava separar a briga. Enfim, os seguranças apareceram e colocaram Nicolai e Alexander para fora, enquanto nos olhávamos sem entender o que aconteceu.

– Preciso encontrar Nicolai. –

digo.

– Maria, peça desculpas a ele, meu irmão pode ser um idiota quando quer. – Olga comenta.

– Nos vemos depois. – me despeço.

– Até amanhã, amiga. – diz Anna.

– Vou sair com você, para o caso dos dois estarem se matando do lado de fora. – Gregory pontua e me acompanha.

ACHERON - Livros e afins /

17. Capítulo

Eu e Gregory rodamos toda área em frente ao café-bar e nenhum sinal do Alexander ou do Nicolai, como o carro do Alexander não estava no estacionamento ficamos mais tranquilos, porque provavelmente eles não estavam trocando socos por aí. Gregory se ofereceu para me levar em casa,

mas recusei e peguei um táxi.

Subi, esmurrei a porta do apartamento do Nicolai e não obtive nenhuma resposta. Liguei para a portaria e perguntei ao porteiro se ele tinha visto Nicolai retornar, no entanto ele disse que a última vez que o viu foi quando saímos juntos. Sem mais opções, sentei no corredor, com a cabeça recostada na porta dele e esperei.

– Maria? Maria? – alguém me

sacode.

– Oi. – abro os olhos e vejo Nicolai, agachado na minha frente.

– Por que você está dormindo na minha porta?

– Onde você estava? Cheguei faz – olho as horas – quase uma hora.

– Estava vindo para casa.

– Por que você demorou tanto?

– Vim andando, Maria.

– Mas por...

– Vem, vamos entrar. – ele segura a minha mão e me ajuda a levantar.

Nós sentamos no colchonete, ele deixa as pernas flexionadas, apoiando os braços sobre os joelhos, olha nos meus olhos, então solta um suspiro pesado e une as mãos sobre os lábios, como se estivesse fazendo uma oração.

– Você não precisa me contar, Nicolai. – digo baixinho.

– Quero te contar. – ele pega uma almofada e deita, olhando o teto. – Vim andando, porque tenho que economizar o quanto puder.

– Se você não podia gastar, por que não recusou o convite?

Ele sorri e vira os olhos para mim.

– Porque você me convidou.

– A gente podia ficar por aqui, ver um filme.

– Como nos tornamos vizinhos? – sorri, mas não consegue esconder a tristeza. – Aquilo que ele falou lá. – ele morde o lábio, aperta os olhos e respira profundamente. – Minha mãe tem esquizofrenia. Desde criança sempre foi o meu pai que cuidava de tudo em casa, inclusive dela, chegou um momento em que os medicamentos não

faziam mais efeito, ela precisou de doses mais fortes e por isso precisou ser internada. Na rua, no colégio, foi um inferno, todos pegavam no meu pé e do meu irmão, ficavam fazendo piadas com a nossa mãe. Meu pai vendeu a casa e nos mudamos para um bairro onde ninguém sabia sobre ela, erámos apenas nós três e a visitávamos todos os fins de semana, foi assim por quase dez anos. – ele enxuga as lágrimas.

Deito ao seu lado e afago o seu rosto. Nicolai alisa meus cabelos, prendendo-os atrás da orelha.

– Ano passado meu pai descobriu um câncer, foram meses de luta, ele fez três ciclos de quimio, mas não resistiu. Então, ficamos apenas eu e meu irmão. As despesas com o tratamento da minha mãe são muito altas e não consegui pensar em outra solução,

ACHERON - Livros e afins /
vendi a nossa casa, paguei o tratamento dela por mais dois anos e guardei parte do dinheiro para a universidade do meu irmão. Agora, ele está morando com meu tio, foi ele quem me emprestou esse apartamento. O que ganho não daria para manter nós dois e guardar o suficiente para o tratamento da nossa mãe. – ele soluça. – Dois anos passam rápido, mas Mikhail não entende, ele acha que simplesmente não o quero por
ACHERON - Livros e afins /

perto, que não quero me preocupar com ele, que não quero cuidar dele como nosso pai fazia.

O seu rosto está lavado por lágrimas, quando dou por mim, estou abraçando-o. Ele afunda o rosto no meu pescoço e chora baixinho; a sensação que tenho é que ele não se permite ficar assim há muito tempo. Afago suas costas, deixando minhas lágrimas rolarem.

As horas passam e

permanecemos ali, enroscados um no outro, mas sem nenhum componente sexual, hoje ele é apenas um garoto que precisa de colo. Percebo quando ele adormece, ouço a sua respiração suavizar e mesmo assim continuo abraçando-o.

Acordamos ambos assustados com o barulho de um despertador. Estava deitada de costas, enquanto ele me envolvia em um abraço.

ACHERON - Livros e afins /

Sentei rápido, puxando meu vestido o máximo que podia, ele levantou e saiu correndo para o quarto. O despertador parou e me joguei de volta no colchonete, fechando os olhos.

– Você quer tomar café? Não exatamente café, comer algo?

Abro os olhos e o vejo em pé, a roupa amarrotada, o rosto um tanto inchado e um sorriso torto imenso.

– Obrigada, preciso tomar um banho, vou para casa.

– Vou levar o seu café de qualquer jeito, e agora me refiro ao café de fato.

– Não podemos esquecer esse lance de café? – pergunto, levantando.

– De jeito nenhum. – ele dá um passo e para na minha frente. – Sabe de uma coisa?

– Quê?

– Você me deve um beijo.

– Vi você e Eva. – estreito os olhos.

– Apenas dançamos. – ele sorri. – Meu beijo? – murmura e inclina levemente o rosto.

Fico na ponta dos pés e deposito um selinho nos seus lábios, me afastando rápido. No entanto, Nicolai me agarra pela cintura, puxando-me de volta, e seus lábios unem-se aos meus, suavemente.

Minha mão paira sobre o seu peito. Entreabro os lábios quando sinto a sua língua acariciando-os e permito que as nossas línguas se entrelacem.

Ele move as mãos nas minhas costas, com as palmas abertas, puxando-me mais e mais, descendo o zíper do vestido, lentamente. Não o impeço, deixo que ele infiltre as mãos sob o tecido, aquecendo minha pele com o seu toque. Espero

que ele desça as alças do vestido, mas ele faz o oposto, retira as mãos e sobe o zíper.

– É melhor você ir.

Pasmo.

Nicolai me solta e caminha em direção a cozinha, enquanto engulo a minha vergonha e frustração. Quero chorar, mas não deixo que as lágrimas me vençam. Pego minha bolsa e meus sapatos ao lado do colchonete e saio, sem dizer uma

palavra.

Em três dias fiquei com três caras, ótimo, agora ele acha que sou uma vadia. Bato a porta do meu apartamento com raiva, jogo sapatos e bolsa no chão e corro para o quarto, me jogo na cama e choro. Procuro o celular embaixo dos travesseiros, mas lembro que está na bolsa, estendo o braço e pego o telefone no criado-mudo.

– Alô.

– Mãe? – digo aos soluços.

– O que foi, Maria? – minha mãe pergunta com a voz preocupada.

– Só fala comigo.

– Oh, meu amor, mamãe está aqui. Vai ficar tudo bem, sempre fica.

– Tudo está dando errado, mãe.

– É só uma fase, meu amor.

– Quero voltar para casa, quero seu colo, quero meu pai.

– E o seu sonho? Vai desistir porque encontrou uma pedrinha no seu caminho? Crescer não é fácil, filha, mas a gente aprende com cada tombo.

– Deixei ele me beijar. – soluço. – Desejei que fosse ele, acreditei que era ele. – respiro e inspiro, tomando fôlego. – Ele me dispensou, mãe.

– Quem, Maria?

– Nicolai.

– O vizinho?

– A gente dormiu junto.

– Como? – minha mãe pergunta, exaltada.

– Dormiu mesmo, depois explico a história toda. – enxugo as lágrimas. – Nos beijamos, ele estava tirando meu vestido, depois desistiu e me mandou ir embora.

– Maria, você não pensou que talvez ele tenha pensado que estava sendo gentil?

– Gentil, mãe? Como me mandar embora é ser gentil?

– O mandar embora pode ter sido a forma que ele encontrou de não fazer sexo com você, depois de apenas um beijo.

– Estou me sentindo totalmente vadia. Mãe, fiquei com três caras, em três dias, e só não fiz

sexo com um deles porque ele não quis, resumindo: sou uma vadia.

– A vadia mais casta que o mundo já conheceu. Quer um troféu? – minha mãe ironiza. – Sério, Maria, menos drama.

– É o que estou querendo, menos drama. – suspiro. – Quando minha vida ficou tão dramática?

ACHERON - Livros e afins /

18. Capítulo

Ignoro as batidas na porta. Entro no banho e reflito sobre a minha crise de choro de instantes atrás. Em que mundo estou que desabo em lágrimas por causa de um garoto? Seja menos idiota, Maria, você está extrapolando todos os limites. Mais dois chiliques desses e Maria do Bairro vai perder

para mim na categoria dramalhão.

– Não, não, não. – repito em voz alta.

Estou muito suscetível, preciso tomar cuidado para não fazer nenhuma merda sem volta, do tipo perder a virgindade com meu vizinho. Onde estava com a cabeça? Ele me conta uma história triste e derrubo todas as minhas defesas? Por favor, se controla, Maria Allencar! Uma coisa é dar uns

amassos no vizinho, outra, completamente diferente, é achar que está apaixonada por ele.

A culpa de tanta turbulência é do Guss, foi ele quem voltou para minha vida, trazendo essa ânsia de encontrar o amor. Não quero me apaixonar agora, quero continuar vivendo um dia de cada vez, curtindo o momento, sem dramas, mas parece que virei um ímã de dramas.

Termino o banho, pego o

iogurte e me apresso para a aula. A escola de *ballet* fica a dez minutos do meu apartamento, como estou em cima do horário, acelero o ritmo e deixo para tomar o iogurte quando estiver me trocando no vestiário da escola, não posso me atrasar, Dimitri não é conhecido por sua tolerância e se quero o papel de Cinderella na apresentação, vou precisar demonstrar total comprometimento com o *ballet*.

ACHERON - Livros e afins /

– Bom dia. – digo ofegante.

As garotas respondem, enquanto abro a bolsa e pego meu iogurte.

– Dormiu demais? – Anna pergunta.

– Antes fosse. – tomo um gole do iogurte. – Longa história.

– No almoço você me conta.

Concordo, termino o iogurte e visto o *collant.* Prendo o cabelo em

um coque, amarro a saia e calço as sapatilhas. As outras garotas saíram do vestiário, apenas Anna me aguarda. Guardo a bolsa no armário e saímos.

– Bom dia. – dizemos baixinho ao entrar no estúdio de dança.

– Atrasadas. – Dimitri comenta sem nos olhar.

– Apenas dois minutos. – Anna argumenta.

– Continuam atrasadas. – ele

reafirma.

– Perdão, Sr Dimitri. – dizemos em coro.

– Não estou aqui para distribuir perdão, na próxima vez estejam aqui no horário marcado.

– Sim, Senhor. – murmuramos.

– Estão esperando o que para iniciar os exercícios de *barre*? – Dimitri nos fita, com um olhar severo.

A aula segue. A cada exercício e passo executado, Dimitri nos avalia, meticulosamente, examinando cada ângulo da nossa postura, exigindo excelência nos mínimos detalhes. Os comentários e pontuações são afiados e ditos numa imparcialidade que choca.

– Ania, você está acima do peso, posso ver seus culotes saltitando no *collant.* – Dimitri comenta, apontando as míseras

gramas a mais da garota. – Nadezhda, isso não é um *bras bas*, quero sentir a leveza dos movimentos. Violetta, corrija a postura da lombar, não iremos apresentar o Cordunda de Notre Dame. – ele pontua, circulando entre nós. – Frans, quero um *brisé* e não uma demonstração de sapateado. Anna, você sabe o que é um *cambré*? Vamos, a cabeça deve acompanhar o movimento, se tiver com torcicolo pode ir embora.

Russel, se esse é o seu *coupé* o próximo passo será uma queda. Vamos ao *contratempo*, quero ver um de cada vez, vamos começar pelos que estão disputando aos papeis principais. Os outros todos executando um *croisé.* Isso é *ballet* ou uma manada de elefantes? Natasha, graciosidade, quero graciosidade! Próximo. Yerik, nesse ritmo, o espetáculo acabou e você não percorreu meio centímetro do palco. Próximo. Maria, volta!

Postura, mãos alinhadas, quero ver movimentos firmes. Próximo. Sasha, qual o seu problema? De novo, sem tropeços.

Bate o horário de almoço e respiro aliviada em saber que pelo menos durante a tarde estarei livre do Dimitri. Ele tem o dom de evidenciar todos os pontos negativos e soterrar os positivos. As expressões no vestiário são de desânimo e cansaço. Troco de

roupas e vou com Anna ao café. Nos sentamos na nossa mesa e Katy surge com nossas bebidas.

– Como foi a aula?

– De matar. – dizemos em coro.

– Nada de deliciosamente extenuantes?

– Não! – exclamo. – Dimitri é um carrasco.

– Ele só sabe reclamar. –

Anna resmunga. – Estamos mortas, Katy.

– E famintas. – completo.

– Vão querer o que para almoçar?

– Salada *caesar*. – Anna pede.

– Vou escolher algo e te chamo.

– Ok, meninas.

Nós estávamos tão exaustas da aula que somente depois de

almoçarmos tivemos ânimo para conversar. Contei sobre o beijo e tudo mais; que depois de pensar bem, não foi nada demais. Anna reagiu como se fosse algo que ela tinha a mais absoluta certeza que iria acontecer, o que me deixou irritada.

– Deveria ter acertado um tapa na cara dele quando me beijou.

– Você o beijou primeiro, cyka.

– Era para ser apenas um

ACHERON - Livros e afins /
selinho.

– Não sei porque você está tão irritada com um beijo, Maria. Estava na cara que iria rolar mais cedo ou mais tarde, ele não faz o tipo que desiste fácil.

– Nem precisava, já que faço o tipo vadia.

– Cyka, você está confusa, aconteceu, vida que segue.

– Ele tem namorada, Anna! – exclamo e cubro a boca ao me ouvir.

ACHERON - Livros e afins /

– Meu Deus, tinha esquecido que ele tem namorada. Vadia nível *hard core*. – tomo um gome do *frappuccino.* – Mantenha Gregory longe de mim.

– Deixa de ser louca, Maria.

– Meu pai vai me matar. – apoio os cotovelos na mesa e afundo o rosto. – Dezessete anos sem me meter em confusão, de repente o mundo decide desabar na minha cabeça.

– Na boa, Maria, queria que o mundo desabasse na minha cabeça assim, com três gatos loucos por mim. – Anna sorri. – Por falar em gatos, que merda que Alexander fez ontem.

– Não vamos falar do Alexander, quero arrancar a cabeça dele.

As aulas da tarde foram mais amenas e melhoraram o meu humor, me deixaram mais leve, apesar de

dolorida até a unha do dedo mindinho. Aliás, minhas unhas e pés, como um todo, são um horror, estão sempre machucados e cheio de calos, principalmente, desde que comecei a usar sapatilha de ponta.

Eu e Anna passamos novamente no café, no final da tarde, mas ao invés de sentarmos, pegamos as bebidas para viagem. Fomos andando e conversando, nos aquecendo com as nossas bebidas,

enquanto saboreava um chocolate quente com creme, Anna degustava um *cappuccino;* segundo ela, só com muito café para engolir Dimitri e sua rabugice.

Nos despedimos a uma quadra do meu apartamento, Anna mora em outra direção. Confesso que havia esquecido do beijo e da minha vergonha, contudo para destruir a minha paz de espírito, chego ao prédio e logo atrás de mim entra a

namorada de Nicolai. Disfarcei, fingindo checar a caixa de correio, na tentativa de não ser obrigada a dividir o elevador com ela, todavia quando virei para confirmar se estava livre, ela estava parada, segurando o elevador.

– Vamos para o mesmo andar, te espero. – comenta.

– Só um minuto. – dou um sorriso amarelo e fecho a caixa de correio.

– Você é bailarina? – pergunta, apontando para os laços da minha sapatilha, escapulindo da bolsa.

– Em formação. – outro sorriso sem graça.

– Fiz algumas aulas quando criança, mas não levo jeito.

Ela tinha que puxar papo comigo logo hoje?

Qual é?!

– O segredo é persistir. –

pontuo.

– Você e Nicolai são amigos?

– Quê? – pergunto confusa.

Sei que é uma pergunta simples, todavia quando estamos culpados, tudo parece uma conspiração.

– Seu vizinho. – ela explica.

– Não, nos falamos bem pouco, acho que nossos horários são opostos, quase não nos vemos.

– tagarelo, mentindo com a maior naturalidade. Só dormi com ele ontem e nos pegamos hoje, nada demais, digo em pensamentos.

O elevador abre, me despeço e procuro a chave na bolsa, na esperança de entrar no meu apartamento antes que Nicolai abra a porta. Acertou quem apostou que não conseguiria me livrar de mais esse momento constrangedor. Ele abre a porta e a beija, levando

ambas as mãos a sua bunda. Óbvio que ainda não encontrei a chave e, desastrada como sou, minha bolsa cai, espalhando no chão minhas roupas do *ballet* e sapatilha.

Abaixo e enfio o *collant* de volta na bolsa, pego a sapatilha e quando vou estender a mão para pegar a saia, sou interceptada por uma mão, segurando-a. Ergo os olhos e vejo as ondas cinzas pairando sobre o azul intenso, pego

a saia de sua mão e enfio na bolsa, levantando desajeitada.

– Você deveria colocar a chave no bolso lateral. – Nicolai sugere, me entregando a chave, que estava no chão.

– Farei isso. – destranco a porta e entro, sem me despedir.

ACHERON - Livros e afins /

19. Capítulo

Meu pai teve um pequeno surto ontem à noite quando conversamos sobre o beijo no Nicolai, ameaçou me mandar para casa da minha tia, mas depois desistiu, disse que eu teria que aprender a conviver com os meus tropeços e levantar sozinha, se me envolvi com alguém comprometido,

que mora ao lado e é, evidentemente, um cafajeste, preciso arcar com as consequências. Juro que na hora que ele falou isso, senti uma vontade tremenda de implorar para ele me deixar ficar na casa de tia Mel, mas a verdade é que ele está certo.

Uma coisa eu sei, hoje não chegaria atrasada, embora o motivo que me levou a acordar mais cedo

ACHERON - Livros e afins /
não tenha nada a ver com o *ballet* e tudo a ver com evitar certo vizinho. Na minha maré de falta de sorte, quando o elevador abriu, ele estava saindo. Merda, esqueci que às vezes ele trabalha até às seis da manhã. Suspirei frustrada e desviei os olhos dele.

– Tentando fugir de mim?

– Você sabe que não é o centro do mundo? – reviro os olhos.

– Temos um compromisso

ACHERON - Livros e afins /

todas as manhãs, esqueceu? – arqueia a sobrancelha. – Ontem você fugiu, hoje estava tentando fazer o mesmo.

– Não estou fugindo, estamos ensaiando uma apresentação e preciso intensificar as práticas, por isso vou começar a ir mais cedo.

– E o nosso café como fica?

– Eu odeio café! – exclamo nervosa.

– Relaxa, Maria. – ele levanta

ACHERON - Livros e afins /
as mãos. – Espero que você não esteja fugindo por causa do nosso beijo.

– Podemos esquecer esse incidente? – pergunto, em voz baixa.

– Incidente? – ele sorri. – Não foi um incidente e você sabe.

– Sei que você tem namorada e não quero me meter em confusão, me deixa em paz, ok? – o empurro e entro no elevador.

– Você encasquetou com essa
ACHERON - Livros e afins /

coisa de namorada. – ele coloca a mão na porta, impedindo o elevador de fechar e entra. – Ela não é minha namorada, apenas uma amiga.

– Ótimo para você. – reviro os olhos e pressiono o botão do térreo.

– É verdade, pode perguntar a Giulia.

– Não tenho interesse em saber.

– Nós nos pegamos às vezes, quando estou a fim, ligo, quando ela

está, me liga, é só sexo.

– Com licença, preciso sair. – peço, quando o elevador abre e ele estica os braços, ocupando toda a porta.

– Você vai ficar chateada comigo por causa de um beijo? – pergunta, estendendo a mão para tocar o meu rosto. – Desculpa, pensei que você quisesse.

– Pensou errado. – dou um chute entre suas pernas.

– Cac... – ele resmunga, mas não fico para ouvir.

A aula do Dimitri continua exaurindo minhas forças, só em pensar que ele vai estar na audição para distribuição dos papeis, penso em desistir. Encontro tia Mel quando estou saindo para o almoço, ela também estará na banca julgadora, e ao invés de ficar menos nervosa com sua presença, o efeito é contrário. Ser avaliada por minha tia

é conflitante, tenho medo de desapontá-la e fico apreensiva quanto a neutralidade do seu julgamento, fico imaginando que se ela me escolher vão achar que é porque sou sua sobrinha e não porque fui a melhor.

– Nervosa?

– Muito, tia.

– Dimitri tem pegado pesado com vocês?

– Pesado? Ele tem nos

torturado.

– Sei bem, já estive no seu lugar. – ela sorri. – Tente relaxar um pouco, vai para casa, tome um banho bem gostoso e volte mais tarde.

– Se for para casa é capaz de não voltar, tia. – confesso.

– Então nem vá, descanse por aí mesmo.

– Vou tentar.

ACHERON - Livros e afins /

– Estou indo pegar Elise no colégio e depois vamos almoçar. Quer ir?

– Combinei de almoçar com Anna.

– Beijo, beijo.

– Beijo, tia.

Relaxar estava fora das minhas possibilidades reais, estava com os nervos à flor da pele. Toda essa história do Guss e Nicolai tinha que coincidir com a semana de

ACHERON - Livros e afins /

audições? Meu cérebro está à beira de um colapso; ou seria meu coração? Tanto faz, estou surtando de qualquer jeito.

A hora da audição chegou. Tínhamos que cumprir uma série de passos que nos era dito somente minutos antes. Preferi não assistir às apresentações dos meus colegas, por isso fiquei no camarim e Anna foi me chamar quando Natasha estava concluindo sua

série.

Subi no palco e olhei para a direção dos jurados, sem vê-los de fato ou sairia gritando, fiz o cumprimento inicial e dei início a série que me foi indicada. Assim que fiz o último movimento, pude contabilizar três erros posturais, mas sem dúvida, havia cometido mais. Fechei os olhos, soltei um suspiro profundo e esperei os comentários sobre minha

performance.

Ouvi a todos com atenção, a primeira a falar foi tia Mel, ela citou os erros cometidos e pediu que tivesse mais cuidado com as pausas no ar, em seguida Ives concordou com as colocações de tia Mel e fez um pequeno adendo, sugerindo que se perder um ou dois quilos, minha postura ficará melhor equilibrada, para finalizar Dimitri com sua eterna ausência de amabilidade, falou que

meus erros são primários e que são um sinal claro de falta de comprometimento e dedicação ao *ballet.*

Aguardei sentada com o restante da turma, depois de mim, houveram mais duas apresentações e ficamos na expectativa, à espera do resultado. Tia Mel, Ives e Dimitri levaram duas horas reunidos e quando retornaram divulgaram a lista dos escolhidos para

protagonizar as encenações de *ballet.* Mesmo Anna comentando que todos haviam recebido críticas severas, fiquei surpresa quando fui selecionada.

Saí com Anna e alguns colegas para comemorar, fomos a um Pub. Entre conversas e muitas gargalhadas, a tensão dissipou-se e senti que a vida parecia estar retomando ao seu ritmo natural, longe dos dramas e confusões. No

meio da empolgação acabei enviando uma mensagem para Guss, contando que faria a Cinderella, e foi somente quando ele respondeu que percebi que foi com ele que primeiro compartilhei a notícia; que meu pai não saiba desse detalhe.

Guss: Parabéns, Cinderella.

Eu: Obrigada.

Guss: Se não conseguir uma

folga antes, irei ao espetáculo e converso com Anna no final, ok?

Eu: Ok.

Guss: Não queria que nosso reencontro terminasse daquele jeito.

Eu: Quem iria prever? Não estou com raiva de você, Guss.

Guss: Só quer que tente consertar as coisas.

Eu: Exatamente.

Guss: Vou consertar, Maria.

Eu: Eu sei.

Guss: Estou com mais saudade de você do que antes. Como é possível?

Eu: Também sinto sua falta. Beijos

Guss: Me espera, Cinderella.

Eu: Não posso correr sem meu sapatinho de cristal, né?

Guss: Hum... Acho que não vou devolver. Beijo.

Guardo o celular no bolso do casaco e volto para mesa.

– Mandei mensagem para Guss. – cochicho com Anna.

– Torço de verdade para vocês se acertarem, lamento ter provocado essa confusão.

– Coisas da vida, amiga.

– Só exijo o meu posto de madrinha, que Guss não me vete,

entendido?

– Credo, Anna! Casamento bem longe de mim, por favor.

– Você e essa sua aversão a relacionamentos duradouros. – diz entre risos.

A comemoração rendeu e quando fomos embora era mais de meia noite. Cheguei ao prédio cantarolando, Sr Ivan me cumprimentou com seu sorriso amigável e disse que havia uma

encomenda para mim. Fiquei aguardando no balcão da recepção e quase caí para trás quando ele apareceu empurrando um carrinho, desses de colocar bagagens e caixas, carregados de flores.

– Quem morreu?

– Essas aqui são todas para você. – explica, sorrindo com minha reação.

– Credo, Sr Ivan. Não quero isso no meu apartamento. – pego

apenas o cartão. – Pode distribuir para todos os moradores, doar para quem passar por aqui ou jogar fora.

Ele caiu na gargalhada com a minha objeção às flores e concordou em se desfazer delas. Agradeci e peguei o elevador. Meu palpite era que as flores eram do Alexander e estava correta, ele se desculpava e pedia uma chance para desfazer a péssima impressão causada no nosso último encontro.

Saio do elevador balançando o cartão entre os dedos e pensando no que fazer em relação ao Alexander. Distraída não olho para o chão e quase bato com as fuças na parede, depois de tropeçar numa caixa em frente à minha porta.

– As assombrações decidiram me perseguir? – resmung sozinha;

Levanto a tampa da caixa com cuidado, implorando a todos os deuses para não ser um maldito rato

ou vou matar o idiota que fez essa brincadeira.

Não consigo conter o sorriso quando vejo o conteúdo da caixa, entre vários pacotes de chá verde há quatro canecas com carinhas: chorando, feliz, indiferente e raiva. Para não acabar derrubando a caixa e quebrando as canecas, destranco a porta e depois a pego do chão. Sento no sofá com a caixa no colo e leio o cartão.

ACHERON - Livros e afins /

“Você pode me perdoar? Deixe na minha porta a carinha que mais combina com a sua resposta.

Sem mais beijos, Nicolai.

PS. Prometo te devolver a caneca, cheia de chá”

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

20. Capítulo

Despejo os pacotes de chá numa gaveta e arrumo as canecas de volta na caixa. Passo a ponta dos dedos sobre as estampas em alto relevo e rememoro os nossos encontros, definitivamente, o único sentimento que não consigo ter em relação a ele é indiferença. Pego a caixa com as quatro canecas e

coloco na porta dele.

Tomo um banho e deito, demoro a pegar no sono, os pensamentos fervem na minha cabeça, avaliando e reavaliando minha vida e as decisões que me trouxeram até aqui.

Será que teria mudado os meus sonhos se tivesse aceitado o pedido de namoro do Guss, anos atrás?

A verdade é que no fundo sei

que estaríamos exatamente onde estamos hoje, separados por milhares de quilômetros, vivendo de pequenos instantes e esperando pelo dia que poderíamos ficar juntos.

Como diz minha mãe, o que é a vida senão pequenos instantes conjugados em um contínuo?

Cada segundo que vivemos soma-se ao seguinte e assim por diante, formando uma grande e

extensa colcha de retalhos. Na maioria das vezes, há certa conformidade entre uma ponta e outra, todavia algumas pontas se rebelam, esticam daqui, puxam dali e exigem mais espaço; em pequenos instantes essas pontas se tornam únicas, causando embaraços onde antes só havia constância, e da imprevisibilidade dos seus nós brotam sentimentos também imprevisíveis.

Nicolai é uma ponta rebelde na minha colcha de retalhos, não sei definir como me sinto em relação a ele, e para ser honesta, não sei distinguir o que sinto por ele e Guss; sendo mais honesta ainda, sinto que posso me apaixonar por qualquer um dos dois, isso se já não estiver apaixonada por ambos.

Precisava ser cautelosa. Pelo menos Nicolai acha que fiquei irritada por ele ter me beijado e não

por ter parado de me beijar, é um começo. Ele prometeu que nossa relação não envolverá mais beijos, acho consigo sobreviver sem transformar essa confusão no meu peito em algo maior.

Após tomar algumas resoluções, consegui dormir.

Acordei, no horário habitual, estava tomando café da manhã quando bateram na porta. Levantei para atender sabendo que seria ele,

abri a porta e ele estava segurando um bule em uma mão e a caixa aberta na outra.

– Estou confuso. – diz, olhando para as canecas.

– Não posso aceitar, faz parte de algo que você construiu com sua mãe.

– Sei que você irá cuidar delas com carinho. – ele me oferece a caixa. – Além do mais, percebi que você tem um fetiche por canecas

– Usaria o termo fofas, mas colecionáveis também serve. – aceito a caixa.

– Não ouse dizer que tenho uma coleção de canecas fofas. – ele faz cara de bravo.

– Ok. – sorrio. – Não vou estragar meu café da manhã com esse troço aí. – aponto para o bule.

– Posso fazer um café se você preferir. – ele sorri torto. Estreito os

olhos, confusa. – É chá, prometi que devolveria a caneca cheia, você me mandou as quatro, tive que fazer um bule.

– Entra vai. – digo entre risos.

Nós tomamos café juntos. Nicolai se recusou a tomar o chá e preparou um café; até me predispus a fazer, no entanto ele recusou com veemência. Ainda teve a cara de pau de duvidar que o bolo de banana com canela tivesse sido feito

por mim.

– Fala a verdade, Maria, onde você comprou?

– Fui eu quem fiz, é verdade.

– Duvido, vi o café que você preparou.

– Não gosto de café, nunca tinha feito café na vida, não me julgue por aquele maldito café.

– Só acredito vendo.

– Vai trabalhar que horas à

noite?

– Meia-noite.

– Te espero às sete horas.

– Preciso vir equipado com extintor ou algo assim?

– Você é tão idiota. – reviro os olhos.

– É difícil acreditar que você cozinha, fala a verdade, toda menininha.

Se as aulas estavam intensas

antes, agora que os papeis foram distribuídos ficaram muito mais pesadas; quase não temos intervalos entre as práticas e Dimitri exige que mantenhamos a postura de dança cem por cento do tempo em que estamos na escola.

No final do dia meus pés estavam tão doloridos que dispensei a caminhada até em casa e peguei um táxi. Depois de tomar banho, separei os ingredientes para o bolo

e fiquei esperando por Nicolai, quando deu sete e dez minha paciência terminou e fui chamá-lo.

Para minha surpresa, quando fui bater na sua porta, ele estava saindo com Giulia. Senti as maçãs do meu rosto queimando, aposto que estou mais vermelha que um tomate, acabei de ser pega na mentira.

− Sei que estou atrasado, mas estava indo agora mesmo.

– Oi. – Giulia me cumprimenta.

– Oi. – murmuro.

– Tchau, Giu. – ele dá um beijo rápido nela. – Vamos? – me pergunta, enquanto Giulia vai para o elevador.

– Ela sabe que menti. – comento quando entramos no meu apartamento.

– O quê?

– Falei para ela quem não nos

víamos e agora ela me viu indo bater na sua porta.

– Não esquenta, já falei que ela é só uma amiga.

– De sexo?

– Sim.

– Você tem algum distúrbio sexual?

– Não que eu saiba. – ele responde, tentando não rir.

– Você fode todo dia?

– Não fodo todo dia, embora essa seja uma ideia e tanto.

– Desde que te conheço, vejo ela por aqui pelo menos quatro vezes na semana.

– Você está contando minhas fodas?

– Achava que ela era sua namorada e agora que sei o que rola entre vocês é bizarro saber o que vocês estavam fazendo. – faço uma expressão de repulsa.

– Você é engraçada, Maria. – ele sorri. – E para sua informação, desde que você se tornou minha vizinha, ficou difícil resolver só na mão.

– Vou ignorar esse comentário. Por que vocês não namoram?

– Namorada demanda tempo, atenção, cuidado, exclusividade, não quero e não posso me preocupar com uma garota no momento, tenho problemas demais sem uma

namorada na jogada. – ele puxa uma cadeira e senta. – De qualquer forma, não namoraria a Giulia.

– Por que não?

– Não curto ela desse jeito.

– Você transa com ela quase todo dia e não namoraria com ela?

– Não.

– Que horror!

– Ela também não namoraria comigo, Maria, é só pegação, o

sexo é bom e termina aí nosso interesse.

– Soa tão sem atrativos.

– O sexo?

– Bem, não posso opinar, estava me referindo a esse tipo...

– Não pode opinar sobre sexo? – ele me interrompe, com a voz exaltada. – Você é virgem?

Não tinha intenção de entrar nesses detalhes, mas também não

tenho problema em assumir minha virgindade.

– Sim. – confirmo, colocando os ovos no recipiente.

– Não sei o que dizer. – ele tamborila os dedos na mesa.

– Não aja como se fosse algo de outro mundo. – peço, despejando a farinha de trigo.

– Nunca conheci uma virgem.

– Faça-me o favor, Nicolai, se

for ficar me chamando assim vou te bater. Não sou UMA virgem, sou virgem. – argumento. – E é óbvio que você já conheceu dezenas de virgens, as garotas não saem anunciando a integridade do seu hímen.

– Nunca peguei nenhuma virgem. Melhor assim?

– Vai continuar assim. – ergo a colher de pau, apontando para ele. – Você prometeu, nada de beijos.

– Em minha defesa, não sabia que você era virgem.

– Não sou nenhum troféu para você conquistar, fique na sua.

– Puta merda. – ele resmunga.

– A minha virgindade é um problema para você?

– Estava com um puto tesão em você, ainda descubro que você é virgem. – ele morde o lábio e passa a mão no cabelo. – Me fodi, nunca mais me livro desse tesão.

– Dá para parar de insinuar que quer me levar para sua cama.

– Eu quero, isso é uma realidade, mas estou ligado que você não está a fim de sexo por sexo, além do que somos vizinhos, não dá para foder e fingir que nunca aconteceu.

– Ótimo, estamos em sintonia.

ACHERON - Livros e afins /

21. Capítulo

Quem diria que minha primeira viagem desde que mudei para Moscou não seria para casa dos meus pais. Havia pensado e repensado sobre essa viagem nas últimas duas semanas, não havia nenhuma certeza em que pudesse me ancorar, era uma aposta no que poderia ser, e estava torcendo para

estar fazendo a escolha certa.

O show havia sido incrível. Quando cheguei havia começado e estava lotado, por isso optei por ficar próximo as últimas fileiras, mal podia ver Guss, mas sem dúvidas tinha a melhor visão, podia ver aquele mar de pessoas, cantando, se movendo como uma onda ao ritmo da música, ao som da voz dele. Fechei os olhos, senti a vibração de cada nota no meu corpo

e pela primeira vez soube que aquela aposta valia a pena.

Como imaginei que seria, na entrada para o camarim havia dezenas de garotas, implorando para os seguranças as deixarem ter um minuto com os membros da banda. Fiquei com receio de não conseguir fazer a surpresa, mas meu pai garantiu que estava tudo combinado com a produção, deveria apenas me apresentar, assim fiz e

eles me deixaram passar, o que levou ao protesto de muitas garotas.

Não pensei que ficaria nervosa, aliás por que estava nervosa? É o Guss. O meu Guss. Mordo o lábio, tentando conter o nervosismo. O rapaz da produção me indica o camarim, faço menção de bater na porta, mas decido por entrar de vez. Respiro fundo e giro a maçaneta, abrindo uma pequena fresta.

ACHERON - Livros e afins /

Diferente do palco, posso vê-lo muitíssimo bem, refletido no espelho e sem camisa. Termino de abrir a porta e entro sem aviso, ele levanta o rosto, olhando através do espelho. Seus lábios ganham um sorriso gigante, ele vira de frente para mim e vem ao meu encontro.

– Oi. – digo, sentindo os seus braços me envolverem.

– Maria. – ele afrouxa o abraço e desliza a mão no meu

rosto. Vejo o meu sorriso refletido nos seus olhos e não é menor que o dele.

– Estava com saudades. – seguro o seu rosto entre as mãos e aliso os seus cabelos. – Quero ser sua namorada, Guss. – sussurro, roçando nossos lábios.

– Você é uma miragem? – ele brinca, me dando vários selinhos.

– Pareço uma miragem para você? – envolvo os meus braços no

seu pescoço e mordisco o seu lábio.

– Não. – ele aperta a minha cintura, puxando-me para mais perto. – De jeito nenhum. – completa, sorrindo. – Diz que vai passar a noite comigo. – pede, beijando meu pescoço.

– Meu voo de volta é amanhã à tarde. – respondo entre suspiros.

– Seu pai sabe que você está aqui? – ele suga meu lábio inferior.

– Foi ele quem providenciou

tudo com sua equipe.

– Alguma restrição?

– Não. – contorno seus lábios com a ponta da língua.

– Quer jantar ou ir para o hotel?

– Hotel, aí não precisamos ficar fugindo das suas fãs.

– Tudo bem, vou pedir um carro separado para nós, não quero você perto dos caras.

– Sou um segredo?

– Não, posso fazer um *post* agora mesmo falando sobre minha namorada. – ele pega o celular no bolso.

– Não, Guss. – peço. – Vamos manter em *off* nas redes sociais, por favor.

– Como você quiser. – ele me dá um selinho. – Vou mesmo avisar sobre um carro extra. – diz, enquanto digita no celular. – Em dez

minutos saímos. – ele guarda o celular e volta a me envolver pela cintura. – Namorada?

– Sim. – mordo o lábio.

– Vou pedir desculpas a Anna, estava sendo um babaca em procurar justificativas para o que fiz.

– Só estou aqui porque sei que você reconheceu o seu erro.

– Minha vontade é sair gritando para o mundo que estamos namorando.

– Tenho uma ideia melhor. – o afasto e caminho até a bancada em frente ao espelho. – Que tal – sento na bancada e cruzo as pernas – se você me beijar?

– Muito melhor. – ele umedece os lábios e se aproxima.

Guss coloca as mãos sobre as minhas coxas e as desliza lentamente para os meus quadris, enquanto seus lábios percorrem o meu pescoço. Ele leva uma mão à

minha nuca e a outra volta para as minhas coxas, na medida que seus lábios encontram com os meus e a sua língua impõe-se sobre a minha, sinto o seu toque nas minhas pernas, a leve pressão dos seus dedos na minha pele, sem ultrapassar a bainha do vestido.

Gosto do cheiro de suor, gosto que ele me beije ofegante, suspirando contra minha pele, gosto de sentir os meus dedos

escorregando nas suas costas, gosto de senti-lo rijo, pressionado contra minha coxa. Ele morde o lóbulo da minha orelha e resvala sua língua pelo meu pescoço, unindo os lábios e sugando com sofreguidão.

−Est...ops! – diz alguém.

− Fala. – diz Guss, olhando sobre o ombro.

− Foi mal atrapalhar, é que o carro chegou.

− Valeu, estamos indo.

Uma apresentação rápida ao restante da banda e fomos para o hotel, com direito a um amasso no banco de trás; no início estava tímida por causa do motorista, mas esqueci que ele existia em um piscar de olhos. Assim que entramos no quarto, Guss foi tomar banho e fiquei esperando por ele no sofá.

Havia uma abertura da antessala para o quarto, estava bem distraída, deitada no sofá e

pensando no meu atual *status* de relacionamento, quando o vi passar apenas com a toalha enrolada nos quadris. Poderia mudar de posição e não me sentiria uma *stalker*, no entanto, estava curiosa para vê-lo sem roupas.

Mordi o lábio admirando os contornos das suas costas. Ele quase não tem músculos, apenas os traços definidos. Quando tirou a toalha, inclinei o rosto para ver

melhor sua bunda firme, então ele virou para pegar algo sobre a cômoda, ficando de frente, desviei os olhos e me ajeitei depressa para não ser flagrada. Apoiei os braços no sofá e deitei o rosto, tentando pensar em outra coisa que não seja Guss sem roupas, mas não consegui e acabei rindo baixinho.

– O que foi? – pergunta da porta do quarto.

– Estava pensando nessa

loucura de vir te encontrar. – minto.

– Adorei. – ele caminha até o sofá, senta ao meu lado e me puxa para perto. – Faça mais loucuras assim. – diz, beijando meus cabelos. – Está com fome? Quer assistir alguma coisa?

– Não e não. E você?

– Também não. – ele entrelaça nossas mãos. – Quando pedi para você passar a noite comigo, não quis dizer...

– Eu sei. – o interrompo. – Acho que podemos nos beijar sem que isso acabe em sexo.

– Claro. – ele se inclina e me dá um selinho. – Estou meio nervoso de estar com você aqui, sem restrições.

– Relaxa, hoje à noite as restrições sou eu quem faço.

Escorrego, deitando a cabeça no braço do sofá e puxo Guss, obrigando-o a debruçar-se sobre

mim. O coração dele está acelerado. O beijo preguiçosamente, deixando que minha respiração acaricie os seus lábios, então busco sua língua, envolvendo-a. Arranho as suas costas, ele aperta firme a minha cintura, cedendo ao beijo e permitindo que o seu corpo repouse sobre o meu.

Ele passou um braço por baixo das minhas costas, deixando-nos

mais próximos. Quanto mais pressionava os nossos corpos, mais forte os seus lábios avançavam sobre os meus e as suas mãos apertavam-me, percorrendo toda extensão das minhas pernas. Os seus dedos afundavam na minha coxa, tropeçando no tecido do vestido, empurrando-o um pouco mais para cima, enquanto seus lábios desciam pelo meu decote.

O decote profundo do vestido

impedia que estivesse de sutiã, ou ficaria aparecendo, por isso quando ele passou a língua no contorno do decote, de cima a baixo, gelei. De repente estava totalmente desligada do momento, do Guss, do beijo, e uma onda de pânico me engoliu. Ele continuava me beijando e, no instante em que senti a textura da sua língua no meu mamilo, o afastei. Ele me olhou assustado e pelo verde dos seus olhos, vi que a mais assustada era eu.

– Podemos ir mais devagar?

Ele solta um suspiro, me beija com carinho e levanta, permitindo que pudesse me recompor.

– Filme? – pergunta, passando a mão nos cabelos.

– Sim. – sorrio sem graça.

ACHERON - Livros e afins /

22. Capítulo

– Como foi a viagem? – Nicolai pergunta, sentando no sofá.

– Bem.

– Só bem? – ele estreita os olhos.

– O que você quer saber? – questiono, voltando da cozinha com um balde de pipoca.

– Você foi atrás do cara, em Bariloche, falar que mudou de ideia e iria aceitar o pedido de namoro e foi bem?

– Sim. – sento ao lado dele. – Ele adorou a surpresa.

– Ele é um homem ou uma banana? – Nicolai pergunta, jogando algumas pipocas na boca.

–Você quer saber se a gente transou? – reviro os olhos.

– Sei que não rolou, estou

querendo que você demonstre alguma empolgação.

– Por que você acha que não rolou?

– Para começar, porque sei que você não gosta desse cara.

– Desculpe, não sabia que tinha um oráculo morando ao lado. – ironizo.

– Não preciso ser um oráculo para saber que você não gosta dele.

– Vá se danar, Nicolai. – esbravejo.

– Vou fingir que você gosta do cara. – ele ignora minha irritação. – Você não deveria estar eufórica?

– Não sou assim. – dou de ombros. – Só para calar sua boca, a gente quase transou.

– Quem pulou fora?

– Ninguém, não era o momento.

– Se uma garota cruzasse o oceano para me ver, iria fazê-la sentir muito mais do que bem.

Que ódio desse moscovita!

– Ok, Nicolai, na próxima vez, prometo voltar saltitando e cantarolando feito um bebê unicórnio depois de comer uma porção de arco-íris.

– Que visão assombrosa. – ele toma o balde da minha mão.

– A pipoca é para nós dois.

– Vem cá, reclamona. – ele me puxa e me aconchega junto ao seu peito. – Vamos assistir ou não?

– Depois de ter trazido tudo do meu quarto para a sala, vamos né.

– Tudo não, deixamos a melhor parte lá. – ele comenta, o que me faz revirar os olhos sabendo o que vem a seguir. – Sua cama.

– Você não cansa?

– Nunca. – diz e aperta o *play.*

Estamos no meu apartamento, assistindo no meu sofá e ele acha que é o dono do controle remoto, nem discuto mais, afinal é o Nicolai; aprendi que com ele a minha casa é uma extensão da dele.

Apesar dos inúmeros comentários de cunho sexual, ele tem sido fiel à sua palavra. Temos passado bastante tempo juntos.

– Por que você acha que não gosto dele? – pergunto baixinho, no

meio do filme.

– Você ficou pensando nisso?

– Responda.

– Não sei, Maria. – ele afaga meu braço. – Falei para te perturbar. – diz e beija minha têmpora. – Acho que sou eu quem quer acreditar nisso. – comenta, alguns segundos depois, tão baixo que não sei se ele falou para mim.

– O quê? – finjo não ter entendido.

– Nada.

Por causa da viagem faltei um dia de *ballet* e Dimitri estava possesso comigo, ele me chamou para uma conversa em particular e novamente reclamou da minha falta de comprometimento, disse que estamos numa etapa importante dos ensaios e que, se faltar mais uma vez, irá dar a Natasha o destaque do espetáculo. Ouvi calada, afinal não tinha nenhuma justificativa

razoável para a minha ausência, me desculpei e prometi que vou demonstrar comprometimento total.

– Pensei que ele não iria te deixar ir embora. – Anna comenta quando a encontro no café.

– Minha autoestima ficou por lá.

– Ele é um chato, você nunca faltou antes.

– Pior é que ele está certo, não tenho dado ao *ballet* atenção

integral.

– Maria, não aguentaríamos viver o tempo inteiro focadas no *ballet.* Nosso corpo não aguentaria, você sabe como ficam nossos pés depois de horas de prática.

– Mesmo assim, Anna.

– Ele conseguiu te derrubar.

– Sim. – digo desanimada.

– Café?

– Eca!

– Nicolai está demorando demais para te fazer gostar de café, diga a ele que está fazendo algo errado.

– Ele me convidou para ir visitar a mãe.

– Isso é importante, deve significar algo.

– Que somos amigos e ele confia em mim? – arqueio a sobrancelha.

– Claro. – Anna sorri.

– Oi, minhas lindas.

– Ai! – levo a mão ao peito. – Quer me matar de susto, Greg?

– Foi mal. – ele beija minha mão e cheira o pescoço de Anna.

– Para, estou suada. – ela reclama.

– Você está sempre cheirosa. – ele pega o café dela e toma um gole. – Nosso cinema está de pé?

– Desculpem, vou cancelar.

– Não, Maria, você vai sim.

– Perdi o ânimo, amiga.

– O que aconteceu? – Gregory pergunta.

– Dimitri aconteceu. – Anna responde.

– Não adianta ir, vou ficar pensando que poderia estar em casa praticando.

– Alexander é que não vai gostar. – Gregory comenta.

– Ele não tem que gostar nem desgostar, Maria ia por mim, não por ele.

– Ele ainda tem esperança. – Gregory argumenta.

– Foi tão desnecessário aquela grosseria com Nicolai. – Anna lembra. – É bom que ele esteja ciente que Maria tem namorado.

– Você quer que o obrigue a esquecê-la? Não consigo nem te

esquecer, minha loira.

– Greg, não começa. – Anna pede.

– Continue, Greg, para sempre e avante. – tento sorrir, mas a força de vontade não deixa.

– Maria, você deveria vir com a gente, está com uma carinha. – Gregory comenta. – Prometo que no final da noite você vai estar animada.

– É mais fácil deixar vocês

todos para baixo. Vou para casa, tenho que colocar em dia as horas de prática que não fiz ontem, só assim vou conseguir parar de me sentir irresponsável. – levanto. – Beijo, vejo você depois.

– A gente te deixa em casa. – Gregory sugere.

– É Maria, vou pedir para Katy fechar a conta e podemos ir.

– Não vai atrasar vocês? – pergunto.

− Não. – Gregory garante.

Cerca de vinte minutos depois eles me deixaram na entrada do prédio, não sem tentar me persuadir a ir ao cinema, no entanto Dimitri conseguiu demover as minhas forças e preferi ficar em casa.

Após um banho rápido, coloquei uma calça *legging,* uma blusa básica, calcei as sapatilhas de ballet e fui praticar. Havia quase uma hora repetindo os exercícios

básicos e precisava praticar os passos aéreos, peguei o celular e enviei uma mensagem para Nicolai.

Eu: Terminou?

Nicolai: Devo te lembrar que tenho 20 anos e não 80. Começando o segundo tempo. Por quê? O filme está chato?

Eu: Não fui.

Nicolai: Você está em casa?

Eu: Sim. Não quero atrapalhar. Bom segundo tempo.

Nicolai: Quê? Kkkkk....

Eu: Não sei o que dizer, *"bom"* pareceu apropriado.

Nicolai: Maria, Maria...

Eu: Tchau, Nicolai.

Coloco o celular no sofá e retomo os exercícios, tendo o cuidado de manter a postura

correta. Coloquei o espelho do meu quarto encostado na parede ao lado da porta e assim posso observar minhas falhas e corrigi-las. Meus pés estão doloridos, ignoro a dor e mantenho-me firme, executando um adágio. Paro ao ouvir uma batida na porta e vou atender.

– O que aconteceu com a sua sala? – Nicolai pergunta, entrando e fazendo um giro de trezentos e sessenta graus. – E por que você

está usando sapatilhas de *ballet*?

– Preciso praticar, precisava de espaço e empurrei os móveis para os cantos. Você não estava...

– Mandei Giulia ir embora. – ele me interrompe. – Por que você está fazendo isso? Você nunca pratica em casa.

– Exatamente. Quero ser uma bailarina, tenho que viver para o *ballet,* preciso me dedicar.

– Você passa o dia na escola

de *ballet*, com aulas e mais aulas, você chega em casa com os pés doloridos e feridos. Me corrija se estiver errado, mas isso não é dedicação?

– Não, Nicolai, isso é a minha obrigação.

– Maria, vem cá. – ele estende a mão e me faz sentar. – Seu professor inventou o que hoje?

– Ele me fez ver que tenho sido displicente e irresponsável.

– Se amanhã ele aparecer com um olho roxo, fui eu.

– Você acha que fui precipitada?

– Estou confuso.

– Guss. – digo baixinho.

– Não, você pensou por duas semanas inteiras se deveria ou não ir atrás dele. Como isso pode ser precipitado?

– Mas em nenhum momento

avaliei a influência que essa decisão teria sobre o *ballet.*

– Porque não tem o que avaliar, Maria. Você não vai embarcar em um voo a cada semana para ir atrás dele, você vai continuar aqui, vivendo o seu sonho.

– Não pensei que iria perder um dia inteiro do *ballet* por causa da viagem.

– Foi um dia, um único dia, você não pode acreditar que é

irresponsável porque perdeu uma aula. – ele me abraça e deito a cabeça no seu ombro. – Se você soubesse quantas aulas já perdi. – diz entre risos. – Quer ver um filme?

– Quero que você me ajude a praticar.

– Não, *ballet* não é o meu lance.

– Você só precisa me segurar, preciso treinar alguns aéreos.

– Você está falando sério?

– Por favor, Nicolai.

– Não conte a ninguém que te ajudei a dançar *ballet.*

– Obrigada.

Ele beija minha têmpora.

ACHERON - Livros e afins /

23. Capítulo

Providenciei uma barra e coloquei na sala, decidi que todos os dias dedicarei mais uma hora ao *ballet*, tenho conseguido cumprir a minha meta. Chego em casa, depois de um banho e uma massagem nos pés, coloco a sapatilha e pratico por uma hora, somente então pego um livro ou assisto um filme.

Geralmente, deixo a leitura para as noites que Nicolai está trabalhando no primeiro turno, porque ele virou meu companheiro de filmes, o que provocou uma crise de ciúmes no Fera; no momento esse é o debate da nossa conversa.

– Não aceito, Maria.

– Você é meu companheiro de filmes favorito.

– Não gosto desse seu vizinho. – ele resmunga.

– Deixa de procurar confusão, até o nosso pai entendeu que Nicolai é meu amigo.

– O único problema é que ele roubou as nossas sessões de filme.

– Fera, você sabe que prefiro assistir acompanhada, porque gosto de ficar opinando, pensa que ele está me fazendo um favor.

– Maria, o que seu namorado acha disso?

– É assim? O que Heleen vai

achar se descobrir que você ficou com outra garota?

– Te contei em segredo. – ele argumenta.

– Não vou contar, embora não goste do seu comportamento.

– Foi uma brincadeira, também não estou namorando Heleen, a gente fica às vezes.

– Cafajeste mirim. – faço uma voz de brava.

– Não vou mais ficar com outras garotas enquanto estiver ficando com Heleen, dou minha palavra.

– Acho bom.

– Seu namorado sabe do Nicolai?

– Sim, ele até conheceu Nicolai quando esteve aqui.

– Maria.

– Não, ele não sabe que

temos passado algum tempo juntos, mas isso não tem nenhuma importância.

−Acho que ele não vai pensar assim. – Fera dá uma risadinha.

− Não rolou mais nada.

− Você gosta dele.

− Ele é uma ótima companhia, nos divertimos juntos.

− Não se faça de louca, Maria, você entendeu.

– Gosto dele é verdade, da mesma forma que gosto do Guss. Talvez mais, não tenho certeza;

– Por que você escolheu o Guss? Ele está longe enquanto Nicolai está no apartamento ao lado. Vocês, mulheres, são tão confusas.

– O que você entende de mulheres, pirralho?

– Não entendo e nunca vou entender.

– Estou liberada para ver

filmes com Nicolai ou você vai ficar choramingando feito um bebezinho?

– Pode avisar que ele vai ter que me recompensar.

– Beijos, Fera, te amo.

– Beijo, também te amo.

Coloquei o celular na mesa e fui guardar as compras; Não havia dado dez horas e já tinha ido ao mercado, feito minha visita a livraria e escolhido os filmes da semana; iria sair com Nicolai antes do almoço

e por isso tive que reprogramar o meu sábado.

Antes de ir tomar banho, abri o guarda-roupa pensando no que deveria usar. Olhei de um lado a outro, de cima a baixo e não faço a mínima ideia, não sei se devo usar um vestido ou colocar um jeans; vou conhecer a mãe dele, mas não posso esquecer que estamos indo a uma clínica psiquiátrica, não quero parecer exagerada ou metida.

Suspirei frustrada com a quantidade de dúvidas que giravam na minha cabeça e peguei o celular.

– Mãe, não sei o que usar. – digo, antes que ela possa concluir o "oi".– Vou conhecer a mãe dele e se ela não gostar de mim? Não sei o que vestir.

– Maria, respira. Escolha algo casual, simples e discreto.

– Se ela me achar muito sem graça?

ACHERON - Livros e afins /

– Você está indo conhecer a mãe do Nicolai, não a mãe do Guss.

– Mãe! – exclamo irritada. – Você também?

– Que tal um *jeans,* batinha básica e um casaco? – ela ignora minha reclamação.

– Aquela branca caidinha nos ombros?

– Do bordado em flores vermelhas.

– Obrigada.

– Não se preocupe, ela vai te adorar.

– Cruze os dedos e o de todo mundo de casa, só por garantia.

– Vai dar tudo certo, meu amor. – minha mãe diz entre risos. – Beijos.

– Beijos, mãe.

Fiquei pronta bem antes do horário que combinei com Nicolai,

estava sentada no sofá, aguardando por ele e minhas pernas não paravam de tremer, a cada segundo virava para o espelho e checava se não havia esquecido nada. Primeiro havia deixado os cabelos soltos, depois decidi que presos em um rabo de cavalo soava mais casual, então prendi, estava cogitando soltá-los novamente quando Nicolai bateu na porta.

– Nossa. – ele murmura.

– Se ela não gostar de mim?

– Ela vai gostar de você.

– Você vai ficar chateado se desistir?

– Não, tudo bem. – ele desvia os olhos dos meus. – Nos vemos mais tarde.

– Nicolai. – seguro sua mão. – Quero ir. – solto um suspiro. – Só estou um pouco nervosa, talvez muito.

ACHERON - Livros e afins /

– Você está com medo?

– Sim, mas não pelo motivo que você está pensando. Não tenho medo da sua mãe, tenho medo do que ela vai achar de mim.

– Não precisa ter medo. – ele sorri torto. – Ela vai te adorar.

Nós chegamos à clínica, que mais parecia uma casa de repouso, uma enfermeira nos informou onde a mãe dele estava e nós entramos; como Nicolai conhece bem o local,

ela não nos acompanhou. Enquanto entrávamos vimos vários pacientes nas salas de convivência e observei que haviam muitos enfermeiros por todos os ambientes. Senhora Kira, mãe do Nicolai, estava em um jardim externo, nos fundos da clínica.

– Mãe?

– Nic. – diz uma senhora loira, de cabelos nos ombros e muito bonita, virando-se em nossa direção. – Meu filho. – ela sorri.

– Como a senhora está? – ele a abraça.

– Bem. – ela alisa o rosto dele, beijando-o nas bochechas. – Você e o seu irmão estão bem?

– Sim, mãe. Ele ainda está com tio Ivo, mas vou trazê-lo de volta para casa, prometo. – ele a abraça forte, beijando os seus cabelos.

– Ele está bem, meu menino, é o que importa.

– Eu sei, eu sei. – diz com a voz embargada. – Mãe, lembra que falei que traria uma pessoa para conhecê-la?

– Maria. – ela diz.

– Essa é Maria, mãe. – ele desfaz o abraço e me estende a mão.

– Você mentiu, Nic. – ela balança a cabeça e sorri. – Ela é muito mais bonita do que você falou.

– Não dá para descrever o

quanto ela é linda.

– Prazer, senhora Kira. – a cumprimento, sentindo minhas bochechas queimarem de vergonha.

– Apenas Kira, esqueça esse negócio de senhora.

– Kira, estou feliz em conhecê-la.

– Meu Nic gosta muito de você. – ela comenta, olhando nos meus olhos.

– Mãe. – Nicolai a censura e vejo que ele está corando.

– Não se deve ter vergonha de dizer aquilo que sentimos, Nic. – ela coloca a mão sobre o coração dele. – Sinto tanta falta do seu pai. – diz baixinho e lágrimas percorrem seu rosto.

– Eu sei, mãe. – ele solta minha mão e volta a abraçá-la. – Também sinto falta do pai.

Não sei explicar o quanto vê-lo

abraçado com a mãe, chorando e consolando-a, mexeu comigo; era um Nicolai frágil e ao mesmo tempo forte, um garoto que era o responsável por aquela família, e tudo o que queria era que ele soubesse que estava ali e que ele podia contar comigo.

A nossa visita a Kira passou rápido, ela é muito simpática, conversamos muito e sobre muitas coisas, passado e presente.

Quando Nicolai foi ao banheiro ela aproveitou para me falar da dor que sente em ver seu filho tendo que encarar problemas que deveriam ser preocupações dela.

– Você o trouxe de volta a vida. – ela segura minha mão. – Cuide dele. – sussurra e beija minha mão. – Ele é só um menino, meu menino.

Não respondi, mas as lágrimas sim. Senti elas caírem, contornando

as maçãs do meu rosto. Kira as enxugou e sorriu; um sorriso tão parecido com o dele.

ACHERON - Livros e afins /

24. Capítulo

Quando saímos da clínica, almoçamos e depois ficamos andando pelas ruas. Nós conversamos muito, todos os dias, mas é diferente estar com ele em público, e é diferente porque ele é exatamente igual, abusado e brincalhão, fazendo piadas impróprias, me dando abraços que

surgem do nada, sorrindo torto e me fazendo revirar os olhos dez vezes por segundo.

– Quero te levar em um lugar.

– Vamos. –concorda sem perguntar onde e essa é uma das coisas que mais gosto nele.

Nós pegamos um ônibus e descemos próximo à livraria que visito todos os sábados. Não conto onde estamos indo, entro de mãos dadas com ele e o sino dos ventos

anuncia a nossa chegada, fazendo o leve tilintar percorrer as estantes abarrotadas de livros.

– Venho aqui todos os sábados, na verdade vim hoje cedo, porque íamos sair, e não tive tempo de visitar minha seção favorita.

– Estou curioso. – ele olha ao redor da livraria. – Bruxaria? – arqueia a sobrancelha, dando um sorriso debochado.

– Idiota. – reviro os olhos e

sigo até os livros com dedicatória.

– Sua seção favorita é de livros velhos? – pergunta alguns minutos depois, passando as mãos nas lombadas dos livros.

– Eles são especiais, contam histórias reais. – escolho um e o puxo para o fundo da livraria. – Senta aí. – digo e, quando ele faz, sento nas suas pernas.

– Tem um monte de poltronas vazias, sua folgada.

– Não posso te mostrar se não tivermos sentados juntos e não há nenhuma poltrona com dois lugares. – argumento. – Sonho de uma noite de verão. – leio o título e recosto o rosto no ombro dele. – É uma das minhas histórias preferidas de Shakespeare. – abro numa página aleatória. – *"Oh Deus! Por tudo quanto tenho lido ou das lendas e histórias escutado, em tempo algum teve um tranquilo curso o verdadeiro amor".*

ACHERON - Livros e afins /

– Você concorda?

– Sim, por isso tenho medo de me apaixonar.

– Tenho medo de não ser capaz de oferecer o amor que ela espera.

– Se é amor, não tem como ser menos ou mais, é o que é. – fecho o livro e abro na folha de rosto. – *Amada filha, há quinze anos te recebi nos meus braços, você era tão pequenina. Os anos*

passaram depressa, a pequenina tornou-se uma gigante, cheia de sonhos, não apenas de verão, sonhos de uma vida. Que você nunca desista dos seus sonhos e saiba que mesmo ausente estarei ao seu lado, vibrando a cada conquista. Com amor, mamãe. – fecho o livro. – Viu? Há uma história escondida por trás dessas palavras. Será que a mãe estava doente e sabia que iria morrer ou elas haviam rompido relações?

– Acho que ela morreu.

– Me pergunto porque alguém se desfaria de um livro que conta parte da sua história. Há sentimentos em cada uma dessas palavras, elas não foram escritas à toa, nenhuma delas, em nenhum daqueles livros, e eles simplesmente foram descartados. Por quê?

– Você, realmente, pensa muito nisso. – ele afaga meu rosto. – Você é linda, Maria, em todos os

sentidos e de todas as formas, possíveis e impossíveis.

– Você está me assustando.

– Digo que você é linda e você se assusta?.

– Como meu irmão me disse hoje, mulheres são confusas. – sorrio. – Vamos?

– Quando você quiser.

Nós estávamos perto de casa quando Guss me ligou. Atendi,

pedindo para Nicolai ficar quieto, mas é óbvio que ele ficou fazendo barulhos e dando risinhos bem perto de mim.

– Onde você está?

– Na rua, estou voltando para casa, fui à livraria.

– Hum... Quem está rindo?

– É um casal andando na minha frente. – minto.

–Entendi. Estou louco para te

ver.

– Eu também, Guss. – digo. Nicolai faz som de beijo próximo ao meu pescoço e dou um tapa nele. – Te ligo mais tarde, pode ser?

– Beleza, espero.

– Beijos.

– Beijo, Cinderella.

– Você é idiota? – acerto um soco nas suas costas.

– Por que você não falou que

estava comigo?

– Porque ele não vai muito com a sua cara.

– Que pena. – ele sorri torto. – Não estou nem aí para o seu namorado.

– Você consegue ser um tremendo babaca quando quer. – resmungo.

– Parei. – ele me prende em um abraço por trás, segurando minhas mãos e cruzando-as sobre

meu abdômen.

– Nicolai, me solta, estou chateada com você.

– Fica numa boa comigo e então te solto. – sussurra no meu ouvido e escorrega o nariz pelo meu pescoço.

– Para.

– Ficou arrepiada? – ele sussurra e mordisca a pontinha da minha orelha.

– Vou acertar suas bolas. – digo entre dentes.

– Amigos. – ele me solta e coloca as mãos na cabeça. – Você não sabe brincar, vem logo com violência.

– Você só entende assim. – sorrio. – Marcou com Giulia que horas?

– Não marquei nada com Giulia hoje.

– Teremos uma visitante

clandestina? Que não seja aquela escandalosa.

– Não marquei com ninguém.

– Sem sexo? – estreito os olhos. – Vem cá. – coloco a mão na sua testa. – Você está doente?

– Se você tiver a fim, posso rever essa questão. – ele desliza a mão na minha bunda.

– Você não tem jeito! – dou um tapa de leve no seu rosto. – Um sábado exclusivamente meu?

– Todo seu. – sorri com malícia.

– A gente pode lavar roupa logo e à noite fazemos uma maratona.

– De sexo? – ele morde o lábio. – Perfeito!

– Sim, Nicolai. – reviro os olhos. – Você e a sua mão.

– Você vai servir de inspiração?

– Vou te estrangular. – ameaço.

– A ideia é quase essa. – ele provoca.

– Por favor, liga para Giulia, você fica impossível quando está sem sexo.

Ele dá uma gargalhada, me abraça e beija meu rosto.

– Adoro te provocar. – aperta minha bochecha. – Maratona de filmes ou seriado? Vou preparar um

café especial para me manter ligado e você pode experimentar.

– Esquece o café, Nicolai. – faço beicinho.

– Coisa linda. – ele morde o lábio.

– A gente decide se vai ver filmes ou seriado enquanto lava as roupas.

Nos despedimos no corredor dos nossos apartamentos e combinamos de nos encontrar em

quarenta minutos para descermos juntos para lavanderia. Liguei para Guss assim que entrei em casa, para não acabar esquecendo, nos falamos por uns dez minutos e depois fui tomar banho.

Claro que Nicolai estava batendo na minha porta antes que tivesse terminado de me vestir, como sempre, aliás acho que ele faz de propósito para me ver de toalha. Lavamos as roupas em pouco mais

de duas horas e fomos para meu apartamento.

– Você vai se comportar se assistirmos no quarto?

– Não vou fazer nada que você não queira.

– Nicolai. – reviro os olhos. – Vamos para o quarto, porque essa maratona vai ser longa e quero ficar bem confortável.

– Vamos assistir a primeira e segunda temporada. – ele pontua.

– Foi o que combinamos, primeira e segunda temporadas de The Walking Dead, independente de que horas vai acabar.

– Vou dormir na sua cama antes do seu namorado.

– Tem como ser mais infantil? – reviro os olhos.

– Ganho pontos extras se conseguir roubar um beijo?

– Não sei, mas com certeza vai perder uma bola.

– Você e essa sua mania de ameaçar as minhas bolas, elas nunca te fizeram nada. – faz cara de inocente.

– Que elas continuem assim, bem longe de mim.

Foi a primeira vez que Nicolai entrou no meu quarto e foi, imediatamente, para os porta-retratos. Coloquei o DVD no aparelho e quando virei, ele estava esparramado na minha cama e

coberto com meu edredom, lembrei do Guss sentando na beirada da cama, quase caindo, e não consegui não sorrir; esse garoto é de outro mundo, com ele não tem tempo ruim.

– Tem espaço pra mim aí?

– Bem aqui. – ele abre o braço.

– Sem mão boba. – aviso.

Deito no travesseiro, no entanto, estou acostumada a deitar

encostada no peito dele, por isso, ainda na abertura da série, me aninho nele. Ele repousa o braço sobre meu abdômen, envolvendo-me em um abraço e beija minha testa.

O primeiro episódio estava na metade quando minha perna se enroscou entre as dele, deixando-nos mais próximos. O ouvi prender a respiração e em seguida soltar um suspiro profundo, ao mesmo tempo em que senti seu coração bater

mais forte.

Fizemos uma pausa no fim do quinto episódio e fomos para a cozinha preparar pipoca, café e chocolate quente. Quando voltamos, ajeitei os travesseiros na cabeceira da cama e nos sentamos, segurando nossas canecas e com o balde de pipoca entre nós, só foi terminamos as bebidas para ele colocar as canecas no criado-mudo, passar o braço pelas minhas costas

e me aconchegar junto dele. Peguei o balde de pipoca e coloquei no colo, eliminando a distância entre nós; quando comemos toda pipoca, reposicionei os travesseiros para que pudéssemos deitar e retomamos a posição inicial, só que agora nossos braços também se entrelaçaram, porque o abracei.

A primeira temporada é pequena e matamos fácil, mas terminar a segunda estava difícil,

estávamos no oitavo episódio e meus olhos mal conseguiam se manter abertos, de cinco cenas, três eram perdidas.

– Estou mais dormindo do que acordada.

– Continuamos depois?

– Por favor. – peço, virando totalmente de lado e me acomodando ao seu corpo. – Boa noite.

– Boa noite.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

25. Capítulo

Era final de tarde, estava voltando do *ballet*, percebi que a paisagem não se restringe mais ao branco da neve, a arquitetura moscovita faz as honras, com toda sua opulência e grandiosidade.

Observo a cidade e o seu ritmo intenso, artistas de rua reúnem pequenas aglomerações, pessoas

ACHERON - Livros e afins /

caminham pelos parques, crianças brincam nas fontes e chafarizes, skatistas fazem acrobacias pelas ruas. Berço das mais aclamadas revoluções mundiais, Moscou é uma cidade com vida própria e me sinto parte dela; não sou mais uma intrusa, estou em casa.

O carro do Alexander está estacionado em frente ao prédio. A irritação se agita em mim, subo os degraus apertando as mãos para

conter o desejo de riscar o carro dele de um ponta a ponta. Será que minha ausência de resposta, para os milhares de mensagens, não deixou claro o suficiente que não quero conversar?

Entro no prédio e meu olhar vai de imediato para o sofá da recepção, ansiando por mandá-lo embora. No entanto, percebo que a situação é pior do que poderia imaginar, paro perplexa diante do

conflito de emoções e assisto Alexander e Guss levantarem do sofá e pronunciarem o meu nome em uníssono. Eles trocam um olhar que vai da confusão à intimidação e voltam-se para mim, ao mesmo tempo.

– Oi. – digo, aproximando-me deles.

Apoio a mão no peito do Guss e uno nossos lábios. Ele me abraça e intensifica o beijo, que deveria ter

sido um selinho, movendo as mãos lentamente na minha lombar. Reconheço os sinais de ciúmes e a provocação por trás desse beijo, uma mensagem silenciosa que grita *"ela é minha".* Bem, o único problema, é que não sou de ninguém.

– Preciso de um minuto. – interrompo o beijo e faço um sinal para Guss sentar. – Achei que tinha deixado claro a minha recusa em

conversar com você. – digo ao Alexander.

– Você deixou, acredite. – ele segura minha mão. – Precisava tentar me desculpar.

– Foi grosseiro, infantil e desrespeitoso o seu comportamento com Nicolai.

– Estava com ciúmes, agi com raiva.

– Primeiro, seu ciúme era totalmente sem propósito; segundo,

você foi agressivo; e terceiro, poderia até esquecer toda aquela cena patética, mas aí lembro que você tem formação na área de saúde e sinto vergonha pela sua atitude. Portanto, não quero e não vou te desculpar. – puxo minha mão. – Tchau, Alexander. – dou as costas e estendo a mão para Guss me acompanhar.

Nós entramos no elevador e nenhuma palavra é dita, no entanto

posso ver que ele não vai deixar para lá a minha conversa com Alexander, não depois ter escutado o nome do Nicolai. Finjo não notar a cara amarrada e tagarelo sobre o meu dia, no instante em que entramos no apartamento e fecho a porta, ele cruza os braços e me olha sério.

– Algum problema?

– Não sei, acho que não entendi o que aconteceu entre você,

aquele cara e o seu vizinho.

– Isso? – faço uma expressão de desinteresse. – Nós saímos juntos, Alexander ofendeu a mãe do Nicolai, eles brigaram e fim.

– Você saiu com seu vizinho? Vocês ficaram?

– Não, quer dizer, rolou um beijo, mas foi antes de estarmos namorando e só aconteceu porque perdi uma aposta.

– Você apostou um beijo? –

pergunta irritado.

− Sim, Guss. – reviro os olhos. – Nicolai é meu amigo e é bom que você não tenha nenhum problema com isso, porque não vou mudar minha relação com ele para te agradar. – jogo a bolsa no sofá. – Vou tomar banho.

Demoro bastante no banho para Guss ter tempo de se acalmar e não me encher a paciência com ceninha de ciúmes. Quando desligo

o chuveiro, ouço a voz do Guss, penso que ele está no celular e então ouço outra voz, a do Nicolai. Termino de me enxugar rápido, enrolo a toalha no corpo e corro para a sala, antes que essa visita tenha um fim trágico.

– Oi. – digo do corredor.

– Oi, vizinha, só passei para devolver o seu livro. – ele exibe um livro.

– Que li... – começo a

perguntar confusa. Nicolai pisca e entro na onda. – Ah, claro, meu livro. – caminho para perto deles.

– Maria, vá colocar uma roupa. – Guss ordena. – Pode deixar o livro comigo. – diz, virando-se para Nicolai.

– Pensando bem, acho que vou reler o último capítulo, estou um tanto confuso quanto ao desfecho. – Nicolai enfia o livro no bolso do casaco. – Tudo bem, vizinha?

– S-sim. – gaguejo, confusa e morrendo de curiosidade para saber mais sobre o livro. – Só não demore para me devolver, estou querendo reler.

– Irei reler hoje mesmo. Até mais, vizinha. – ele sorri. – Bom te ver, cara.

– Tchau. – Guss abre a porta e fica segurando até Nicolai sair. – Você fica de toalha na frente dele?

Solto um suspiro de irritação e

entro para o quarto.

Bato a porta com raiva e sento na cama. É por isso que não queria namorar, foi só colocar o rótulo de namorado para ele achar que tem algum tipo de direito primitivo.

Deito e fixo o meu olhar na caixinha de música com a bailarina sobre a minha escrivaninha, ouço nos meus pensamentos as músicas que ele compôs. Fecho os olhos e penso no quanto gosto de estar com

ele, do seu jeito doce e atencioso, bem diferente desse homem das cavernas que quer me dar ordens.

– Posso entrar? – ele abre uma fresta da porta.

– Se for para continuar...

– Não. – ele me interrompe. – Eu não quero ser o tipo de namorado possessivo.

– Você deveria repensar seus atos, porque me pareceu o contrário.

– Eu sei, sinto muito. – ele entra no quarto. – Estou longe de você a maior parte do tempo, enquanto ele está a uma porta de distância. Não é justo.

– Guss, sabíamos que seria assim. – sento. – Se você achar que não consegue...

– Não diga que a gente pode só ficar. – ele pede, me interrompendo.

– É você quem está

reclamando.

– É foda saber que tem um cara a fim de você morando ao lado e que vocês são amigos, fazem programas juntos e eu...

– Você é o meu namorado. – levanto e jogo meus braços no seus ombros. – Não vamos brigar no pouco tempo que temos juntos.

– Não sei como fazer para aguentar ficar longe de você. – ele coloca as mãos na minha cintura. –

Se pudesse viria te ver todos os dias.

Contorno seus lábios com a ponta da língua, ele aperta as mãos na minha cintura e toma os meus lábios, deslizando sua língua de encontro a minha. Guss trava os braços no meu entorno, erguendo-me alguns centímetros do chão e me beija forte e urgente.

Não sei bem como fomos parar na minha cama. Ele beija o

meu pescoço, distribuindo pequenos chupões, o que com certeza vai deixar marcas na minha pele. Enfio as mãos por baixo da sua camisa e afundo os dedos na sua pele, arranhando-o de leve.

Ouço sua respiração pesada. Ele interrompe os beijos e puxa a camisa pela gola, jogando-a no chão. Mordo o lábio e espalmo as suas costas, perfazendo o dorso da sua omoplata. Guss sorri e prende

meu lábio entre os dentes, fazendo uma leve pressão, então sinto sua língua pedindo passagem e as suas mãos desenrolando minha toalha.

– Guss. – coloco a mão no seu peito.

– Não vamos transar. – ele afunda o rosto no meu pescoço. – Só quero te tocar, Maria. – sussurra, espalhando beijos no meu busto. – Deixa? – ele escorrega a mão pela minha coxa.

– E-eu. – gaguejo, sem saber o que responder.

– Você vai me enlouquecer. – ele afrouxa a toalha, expondo meus seios.

Guss toma meu mamilo entre os lábios. Meu corpo treme com o seu toque, suspiros escapam entre os meus lábios, respiro com dificuldade, tentando entender o que quero.

Há um redemoinho de

emoções explodindo em meu corpo, não consigo saber o que quero, mas se tem algo que aprendi com minha mãe é quando as coisas estão confusas, a melhor saída é manter-se na sua zona de conforto.

– Guss. – murmuro.

Ele não me ouve. Seus lábios continuam sugando meu mamilo, enquanto sua mão afasta a toalha entre minhas pernas.

– Não! – o empurro. – Não,

Guss. – repito, olhando-o nos olhos.

– Não queria... – ele pausa. – Desculpa. – pede, se afastando.

– Você pode me esperar na sala?

– Sim, sim. – ele pega a camisa e caminha em direção a porta. – Desculpa. – diz, mais uma vez, antes de sair do quarto.

ACHERON - Livros e afins /

26. Capítulo

Não estava chateada, não disse que não queria quando ele me pediu permissão. A verdade é que a confusão imperava em cada fração dos meus pensamentos, não é como se não quisesse ser tocada mais intimamente, o problema é que todas as vezes em que fecho os olhos e me imagino nos braços de

alguém, não é o Guss que vejo.

– Droga. – arremesso o travesseiro na parede.

Por que ninguém me impediu quando decidi concordar com esse lance de namoro?

Não é bem verdade, minha mãe me alertou que essa não seria a melhor forma de resolver os dramas do meu coração. Ela não podia estar errada apenas dessa vez?

Tudo parecia simples dentro da minha lógica, namoro e amizade seguiriam em linhas paralelas, sem nenhum ponto de convergência, a não ser por um detalhe mínimo: Nicolai.

Entre tantos lugares no mundo, ele tinha que morar na porta ao lado?

Claro que isso não teria importância, se não estivesse muito a fim dele. Mas esse também não

seria um problema, se ele não fosse irritantemente abusado e gentil de um jeito só dele.

– Que merda! – levanto irritada e jogo a toalha na cama. – Você sabe que está agindo feito uma idiota? – converso sozinha, procurando algo para vestir. – Você deu duas semanas para ele te convencer a não ir atrás do Guss e ele não fez nada. – coloco a calcinha e um jeans. – Ele não é

como Guss, não é o tipo de cara que vai pedir para você ficar, não vai te pedir em namoro. Mas o que estou falando? Ele não quer uma namorada, está feliz com as suas amigas de foda. – enfio uma blusa pelo pescoço e volto a tirá-la, para pôr um sutiã. – Será que deveria propor uma relação aberta? – avalio minhas alternativas.

Prendo o cabelo e vou encontrar o Guss.

– Maria, desculpa. Juro que não ia forçar nada.

– Eu sei, Guss. – sento ao lado dele. – Preciso ser honesta.

– Você quer terminar?

– Isso é você quem vai decidir. – entrelaço nossas mãos. – Não quero que as coisas avancem demais, porque... – olho seus olhos verdes e afago seu rosto. – Sei que fui atrás de você e concordei em ser sua namorada, mas ainda estou

confusa.

– É o seu vizinho, não é?

– Sim. – mordo o lábio. – Não menti quando disse que rolou apenas um beijo, nem quando disse que somos amigos, no entanto...

– Você quer ficar com ele. – Guss completa.

– Não sei se é o caso, mas sinto algo por ele, da mesma forma que sinto por você. – toco seus lábios com meu polegar. – E se

você não quiser ir adiante, vou entender.

– Pedi uma chance, Maria, não vou abrir mão dela. – ele segura meu rosto entre as mãos. – Se você achar que é ele, me avisa e pulo fora.

– Prometo.

Guss beija os meus lábios com doçura, então deita no meu ombro.

– Vamos sair. – ele sugere.

– Fãs. – resmungo.

– Andei pesquisando e podemos ir no Jardim Hermitage, o público é na maioria de casais, acho que passarei despercebido.

– Vou pegar um casaco e podemos ir.

O jardim estava cheio, mas conforme Guss supôs, os casais estavam tão atentos um ao outro que ninguém prestava atenção ao seu redor. Mesmo sem a neve

cobrindo a cidade, ainda encontramos uma pista de gelo no jardim e convenci Guss a patinar comigo.

Ele não estava brincando quando disse que era um desastre da patinação, ele conseguia fazer com que ficar em pé na pista de gelo parecesse uma missão impossível. Depois de muitos tombos, que me arrancaram gargalhadas intermináveis, decidi

dar uma ajudinha ao meu namorado e ele conseguiu dar pelo menos uma volta na pista sem cair, segurando na minha cintura.

– Não aguento mais um minuto. – ele segura na barra de proteção e se encosta. – Estou todo dolorido.

– Foi engraçado.

– Percebi. – ele me puxa pela mão. – Podemos apenas...

Apoio minhas mãos no seu

tórax e o beijo, impedindo-o de continuar falando. Ele me segura pela nuca e aprofunda o beijo, entrelaçando nossas línguas e deixando o familiar gosto de hortelã dominar os meus sentidos.

– Guss. – sussurro nos seus lábios. – Você não vai cair se soltar a barra. – deixo um sorriso se sobrepor ao beijo.

– Se cairmos, não me culpe. – ele sorri, solta a barra e circunda

minha cintura.

– Bem melhor. – mordisco o seu lábio.

Nós ficamos nos beijando na lateral da pista até que o frio nos venceu e saímos em busca de uma cafeteria, porque ele disse que não sobreviveria todo trajeto para meu apartamento sem um café.

– Você está de brincadeira? – pergunto, apontando para a bandeja com quatro copos de café para

ACHERON - Livros e afins /
viagem.

– Um é de chocolate quente. – ele sorri e me entrega o copo.

– Você sabe que cada copo desse tem 500ml? – arqueio a sobrancelha e ele sorri. – Como alguém pode tomar 1 litro e meio de café assim?

– Posso citar vários benefícios que vão te convencer a entrar para o time dos amantes de café.

– Não tente, já basta Nicolai
ACHERON - Livros e afins /

me... – pauso abruptamente. – Desculpa por falar dele.

– Tudo bem, Maria. – ele beija minha bochecha. – Não lembrava que também compartilhávamos essa paixão.

– Guss, ele não quer nada comigo, quer dizer, talvez uns amassos.

– Vamos esquecer essa conversa.

Guss me oferece o braço, já

que uma mão está ocupada com a bandeja e a outra com um copo de café.

− Deveríamos ter pego um táxi quando saímos da cafeteria.

−Tudo bem, até agora elas têm se comportado bem. – digo, me referindo as fãs.

− Gosto de passear por aí com você. – ele para e coloca a bandeja no capô de um carro. − Me faz lembrar de quando te conheci. –

diz, puxando-me e envolvendo-me pela cintura. – Eu me apaixonei por você no ginásio, quando te vi dançando.

– Você é um cara estranho, Guss. – beijo o seu queixo. – O cara mais gato do colégio interessado numa menininha que nunca tinha beijado.

– Você não era uma menininha, acho que nunca foi. Você é diferente de todas as garotas que

conheci.

Eu me penduro no seu pescoço, tomando cuidado para não entornar o copo e derramar chocolate quente nos seus cabelos. Sorrio, olhando dentro dos seus olhos. Aproximo os nossos lábios, sem desviar o meu olhar, deixo minha respiração soprar os seus lábios e contemplo as suas pálpebras fecharem lentamente, enquanto sinto o seu beijo apoderar-

se de mim.

Ouço um barulho de algo derramando.

– Foda-se. – sussurra entre beijos e desliza a outra mão por baixo do meu casaco.

Meus lábios se curvam em um sorriso ao perceber que ele deixou cair o copo de café.

Guss infiltra ambas as mãos sob o casaco e seus dedos precingem a minha cintura,

avançando por meus seios. O beijo é quente, mordidas e chupões acompanham o embalo de nossas línguas, sinto a sua ereção pressionando-me e posiciono minha coxa entre as suas pernas, friccionando ocasionalmente.

– Saiam do meu carro! – alguém grita em russo, em um tom furioso.

Nós paramos o beijo ao ouvir o grito, trocamos um olhar, seguido

por uma gargalhada e começamos a correr.

– Meu café.

– Sério? – pergunto entre risos, sem parar de correr.

– Sim. – ele faz meia volta e vai resgatar a bandeja com os dois copos de café que restam.

Paro, sem conseguir conter a gargalhada e vejo-o puxar rápido a bandeja do capô e sair correndo, com o cara vindo atrás dele.

– Mais rápido! – grito, sem parar de rir.

– Não para de correr. – diz, quase me alcançando.

Recomeço a correr como posso, porque a vontade rir é maior e continuamos correndo até o final da quadra quando o dono do carro desistiu de nos perseguir.

– Seu delinquente. – provoco, colocando a mão sobre o abdômen e gargalhando.

– Nós dois. – ele me puxa pelo casaco e segura firme minha nuca, beijando-me. – Lembro que você estava contribuindo bastante para o amasso. – diz, arranhando meu pescoço com os dentes.

– Culpada. – digo entre suspiros. – É melhor voltarmos para o apartamento antes que nos prendam por atos delinquentes e impróprios.

– Vou apenas te deixar no

apartamento e vou para o hotel, tenho que dormir um pouco, embarco às quatro da manhã.

– Você pode dormir comigo.

– Não vou conseguir relaxar dormindo com você. – ele ruboriza. – Desculpa.

ACHERON - Livros e afins /

27. Capítulo

Guss me deixou na recepção do prédio, ficamos um tempo namorando no sofá até que ouvimos um coçar de garganta e Sr Ivan todo envergonhado me pediu desculpas e disse que era contra as regras namorar ali. Insisti para Guss subir, mas ele disse que era melhor ir para o hotel.

Estava tirando a roupa para tomar banho quando ouvi batidas na porta, pensei logo que Guss havia mudado de ideia, contudo dei de cara com Nicolai.

– Seu namorado podia vir mais vezes, se você for sempre abrir a porta de sutiã nesses dias.

– O que você está fazendo na minha porta essa hora? Se o Guss estivesse dormindo aqui?

– Relaxa. – ele entra,

passando por mim. – Estava chegando do trabalho e o vi pegando um táxi. E aí, como foi a noite do casal?

– Sério que tenho que te passar relatórios dos meus encontros?

– É que ele parecia meio estressado mais cedo.

– Encontrar Alexander e você no mesmo dia provoca esse efeito colateral.

– O que você estava fazendo com Alexander?

– Oi, papai. – reviro os olhos. – Que tom é esse?

– Achei que vocês não estavam se falando.

– Ele veio pedir desculpas, mais uma vez.

– O que vocês fizeram? – ele senta no sofá.

– Aquilo que os casais de

namorados fazem. – arqueio a sobrancelha. – Namoramos.

– Como?

– Continuo virgem se é a sua preocupação. – ironizo.

– Não me preocupo com sua virgindade, embora goste de ter em expectativa que posso ser o seu primeiro.

– Continue sonhando. – reviro os olhos. – Sem querer te expulsar, mas já expulsando, preciso dormir.

– Nos vemos amanhã às seis e trinta. – ele levanta e me dá um beijo no rosto.

– Desista, nunca irei gostar de café.

– Você está com o cheiro dele. – ele faz uma careta. – Agora preciso esperar você tomar banho para poder sentir o seu perfume.

– Tenho uma solução, vem cá. – digo e saio andando. Nicolai me segue até o quarto. – Pode

escolher. – aponto para os perfumes.

– Estou falando do perfume da sua pele.

– Uau, agora estou me sentindo dentro do livro “Perfume: a história de um assassino”.

– Sou mais inteligente do que o Jean-Baptiste, é muito mais excitante sentir o perfume na sua pele e te provocar arrepios com a minha aproximação.

– Como você quiser, Nicolai. – finjo indiferença e vou para o banheiro. – Fecha a porta quando sair, por favor. – grito.

Termino o banho e percebo que por causa do insuportável do Nicolai não peguei minha roupa e esqueci a toalha no quarto, depois do amasso interrompido com o Guss. Solto um grito de irritação, me enxugo com a toalha de rosto e vou correndo para o quarto,

tremendo de frio.

– Ahhhhhhhh!!! – grito e tento me cobrir com as mãos.

– PUTA MERDA! – Nicolai exclama, pausadamente, dando um salto da minha cama. – E-e-eu... – ele gagueja e coloca a mão sobre os olhos, mas sendo o Nicolai é óbvio que ele escancarou os dedos para poder espiar. – Tenho que ir. – diz, vindo em minha direção.

– Não se aproxime!

– Maria. – ele prende o riso. – Você está na porta do quarto, um de nós precisa sair. – diz, calmamente.

– Vira de costas. – ordeno.

– Ok. – ele vira. – E agora?

– Espera, estou pensando.

– Pensa rápido, porque estou louco para te agarrar.

– Você não é maluco.

– Não me tenta. – ele balança a cabeça.

– Pega essa toalha na cama e coloca na sua cabeça, mas não vira. – orderno. Ele dá um passo, pega a toalha e coloca na cabeça. – Fica parado. – me aproximo e pego as pontas da toalha, me esticando por cima dele.

– Você está excitada?

– O quê? Claro que não! – respondo, segurando as quatro pontas e amarrando na nuca dele.

– Seus seios estão raspando a

ACHERON - Livros e afins /
minha camisa e seus mamilos estão quase me furando.

– Estou congelando, lógico que meus mamilos vão estar rijos, idiota!

– Entendi. – ele levanta as mãos.

– Agora vira. – dou um passo para trás. – Anda em linha reta, quando você estiver fora do quarto, fecho a porta e você vai embora.

– Como vou andar em linha reta com esse negócio amarrado na

ACHERON - Livros e afins /

minha cabeça? Me ajuda aí.

– Espera colocar uma roupa.

– Vai logo.

Pego uma camisola, visto e sento, colocando um travesseiro no colo; estou morta de vergonha e não quero olhar para ele.

– Pode desamarrar a toalha e sair.

– Não vai me ajudar a desamarrar?

– Nicolai, tira logo essa toalha e vai embora, por favor.

– Estou brincando, Maria. – ele desfaz o nó e joga a toalha na cama. – Você vai ficar estranha comigo?

– Boa noite, Nicolai. – digo, encarando a parede.

– Ah, vai, não tive culpa. – ele se aproxima e senta ao meu lado.

– Não estou dizendo que você é culpado.

ACHERON - Livros e afins /

– Está agindo estranha, como quando te beijei. – ele segura meu queixo. – Olha para mim, Maria.

– Estou com vergonha, Nicolai. – confesso. – Nunca imaginei que a primeira vez que um cara fosse me ver completamente nua fosse assim.

– Como o primeiro cara a te ver nua, posso dizer que o efeito foi o esperado. – diz sério, o que me faz revirar os olhos. – É bom você acreditar no que digo, se não quiser

ver com os próprios olhos.

– Credo, Nicolai!

– Agora posso ir. – ele beija o meu rosto. – Preciso comentar. – sussurra no meu ouvido. – Depilação total é para matar, vou ser obrigado a te homenagear antes de ir dormir.

– Nicolai! – acerto um tapa nele.

– Boa noite, vizinha. – ele pisca e vai embora.

Quando ele sai, levanto e tranco a porta, para o caso dele decidir voltar. Deito e fico ruminando minha vergonha, posso sentir o sangue se acumular nas maçãs do meu rosto quando o encontrar. Tem experiências da nossa vida que deveriam vir com um botão de delete embutido.

Fecho os olhos e os últimos acontecimentos passam como um filme em rotação inversa, primeiro o

king kong do ano, depois Nicolai me enchendo de perguntas sobre a minha noite, e por fim, Guss, sorrindo para mim, meus lábios se curvam em um sorriso e me vejo espelhada no verde dos seus olhos. Mordo o lábio. Levanto, pego o celular na bolsa e deito novamente, enviando uma mensagem.

Eu: Adorei a nossa noite.

Guss: Adoro estar com você.

Eu: Queria ter mais tempo.

Guss: Nem me fale.

Eu: Nos veremos em quinze dias.

Guss: Ansioso para te ver dançar, Cinderella.

Eu: Você sabe quanto tempo vai poder ficar?

Guss: Um dia. Sei que não vamos conseguir ficar sozinhos, porque tem a sua família, mas tenho

show na noite seguinte.

Eu: Vou pensar em algo, eles vão passar o fim de semana comigo, acho que consigo negociar com meu pai.

Guss: Não esquenta, vou ficar feliz só de te ver e poder te beijar.

Eu: Sinto sua falta.

Guss: Maria, estava pensando, em três anos você será uma bailarina profissional. O que você pensa em fazer? Continuar

dançando, ensinar? Porque se você for dançar, sua agenda vai ser tão corrida quanto a minha, não vamos conseguir nos ver, mas se escolher ensinar, seria mais fácil, nós podíamos morar juntos e não sei, estava apenas pensando.

Leio e releio a mensagem do Guss, duas, cinco vezes. Puta merda! Ele está tentando pensar por nós? Morar juntos? Como assim?

Sim, penso em ensinar, mas não de início, primeiro quero viajar o mundo dançando, levando o *ballet* para milhares de pessoas. Merda, o que ele pensa que está fazendo?

Guss: Você ainda está aí? Não queria te assustar.

Eu: Você sabe que sonho com o *ballet* desde sempre, não há nada que me faça abrir mão do meu sonho. Não quero fazer planos de

um futuro a dois, porque não penso em morar junto, casar ou qualquer coisa dessa natureza pelos próximos dez anos ou mais. Temos o presente, Guss, é o que posso te oferecer.

Guss: Não tive a intenção de interferir no seu sonho.

Eu: Mensagem deletada.

Guss: Te adoro.

Eu: Também te adoro, me sinto feliz ao seu lado. Boa noite. Beijos.

Guss: Boa noite, Cinderella. O beijo vou deixar para quando te encontrar.

Abro a mão e deixo o celular cair entre os lençóis.

– Que merda! – resmungo.

ACHERON - Livros e afins /

28. Capítulo

Tive a infeliz ideia de transcrever o boletim de ocorrências de ontem à noite para Anna e ela ficou gargalhando sem parar, enquanto olhava furiosa para aquela cara de *barbie* que acabou de voltar de férias das Ilhas Cayman.

– Para de rir, sua infeliz. – reclamo.

– Não dá. – diz entre risos. – Deus!

– Te odeio, *cyka*. – cruzo os braços na mesa e deito a cabeça.

– Ai. Meu. Deus. Socorro! – ela fala entre pausas na gargalhada.

A ouço levantar, mas continuo com a cabeça baixa, escondida entre meus braços. Um beijo molhado no meu pescoço, me faz erguer o rosto, assustada.

– Delícia. – Nicolai sussurra.

– Você quer me matar de susto ou morrer?

– O que houve com sua amiga? – ele ignora a minha pergunta. – Ela estava toda vermelha e saiu correndo.

– É uma *cyka!* – exclamo, procurando por Anna.

– Você não contou a ela nossa aventura? – ele estreita os olhos. – Você contou! – diz e começa a rir.

– Podemos não falar, lembrar

ou mencionar a noite de ontem?

– Não lembrar vai ser impossível. – ele sorri torto.

– Às vezes, tenho vontade de te matar, Nicolai.

– Tenho vontade de fazer muitas coisas com você, Maria. – ele umedece os lábios.

– Por que você está aqui?

– Porque você fugiu de mim de manhã e sabia que te encontraria

aqui.

– Se você sabe que fugi, não deveria vir atrás de mim.

– Não deveria, mas... – ele alisa uma mecha do meu cabelo, prendendo-a atrás da orelha. – Meu dia só começa depois de te ver.

Fico sem ação.

– Oi. –diz Anna, surgindo do além.

– Oi. – Nicolai a cumprimenta.

– Vai almoçar com a gente? – ela pergunta, dando um sorriso cínico para mim.

– Sim. Não. – dizemos ao mesmo tempo.

– Tenho que chegar ao trabalho em – ele olha o relógio no pulso. – trinta e oito minutos, você não sabe, mas ele fica a três prédios daqui, portanto vamos almoçar juntos. – diz e dá um sorriso petulante.

– Não reclame por ficar ouvindo quatro garotas tagarelando. – aviso.

– Reclamar por estar entre quatro gostosas? Nem pensar! – ele pisca.

– Como você sabe que... – começo a questioná-lo, mas paro quando ouço Olga e Eva nos cumprimentando.

– Explicado. – diz presunçoso.

– Por que ninguém avisou que

Nicolai iria almoçar com a gente? – Eva sorri sedutora. – Teria caprichado no *look.*

– Não sabíamos. – digo, revirando os olhos.

– Você está linda e o decote está espetacular. – ele puxa a cadeira para ela sentar.

– Se controla ou vai acabar com uma mancha no *jeans*. – ironizo.

– Não se eu puder ajudar. –

Eva passa a língua nos lábios.

– Talvez precise usar o banheiro e você pode me ajudar a fechar o zíper. – Nicolai desliza o braço na cadeira de Eva.

– Ui, o clima está fervendo. – Olga sorri.

– Você não faz ideia. – Anna comenta entre risos.

– Vou fazer meu pedido. – ergo a mão para chamar Katy.

– Por que o mau humor? – Eva pergunta baixo, virando-se para Nicolai.

– Se liga, amiga. – Olga dá um cutucão no ombro de Eva.

– Quê? – Eva faz uma expressão confusa.

– É lerda, viu! – Anna balança a cabeça.

– Vocês se pegaram? – Eva pergunta olhando de mim para Nicolai.

– Não! – nego.

– Só foi um beijo. – ele sorri.

– Como assim só um beijo? – Eva soa chocada.

– Parece que ela tem medo de mim. – ele provoca.

– Ou você de mim. Afinal, foi você quem pulou fora. – levanto e pego minha bolsa.

– Nossa! – Olga e Anna dizem coro.

– Espera aí. – Nicolai me segura pelo braço. – Temos que conversar.

– Não temos nada para conversar. – me solto e apresso o passo em direção a saída.

– Maria. Maria! – Nicolai me segue.

– Volte para mesa. – viro para ele, quando saímos do café. – Almoce e se lambuze com a sobremesa, tenho mais o que fazer.

– Você não ficou chateada porque te beijei, ficou irritada porque parei de te beijar. – ele agarra meu braço e me puxa, passando ambos os braços na minha cintura. – Admita que você me quer tanto quanto te quero.

– Talvez quisesse, naquele dia. – digo, assistindo o azul dos seus olhos tomar contornos acinzentados. – Agora tenho namorado, me solta.

– Pensei que você fosse o tipo

de garota que faz o que quer e não o que é socialmente aceitável.

– Faço exatamente o que quero e é por isso que estou indo embora. – acerto um chute entre suas pernas.

– Porra! – ele esbraveja.

– *Babaca abusado!* – resmungo, enquanto me afasto.

Estava com fome e irritada, não queria voltar para a escola, mas também não queria ficar rodando e

acabar batendo de frente com ele por aí.

É inacreditável, até o trabalho dele tinha que ser próximo ao meu *ballet*?

Sem ter como fugir, comprei um sanduíche e retornei para a escola. Ignorei todas as chamadas da Anna, Eva e Nicolai, não estava chateada com as garotas, mas sabia que elas estavam com ele e não estava a fim de conversa.

– Você quer aleijar o coitado? – Anna pergunta, deitando ao meu lado, no colchonete.

– Não seria nada ruim.

– Ele não ficou para almoçar.

– Não me importo, Anna.

– Não mesmo? O que foi aquilo?

– Eu sendo uma idiota.

– Chamaria de paixão reprimida em ascensão.

– Não estou apaixonada por ele, me recuso a me apaixonar por alguém irritante e atirado como ele.

– Cyka, se você descobriu como controlar uma paixão, vamos patentear esse negócio aí, porque vamos ficar milionárias.

– É melhor nos afastarmos.

– Você vai se mudar?

– Não vou mudar de apartamento por causa dele, apenas vou ignorá-lo.

– Maria, vocês vivem grudados, se tornaram amigos de verdade.

– Algumas amizades têm fim.

– Você é quem sabe, *cyka.*

Naquela noite me tranquei no quarto e fingi não ouvir as batidas na minha porta, assim como todas ligações e mensagens que ele enviou, pedindo para conversar.

Na manhã seguinte saí mais cedo do que o habitual, convenci

Anna a irmos almoçar em um restaurante três ruas depois da escola de *ballet* e passei na livraria antes de voltar para casa, assim ele não teria como prever os meus horários. Voltei para casa, pouco depois das dezenove horas e encontrei uma carta embaixo da porta.

Pensei em rasgar, mas não consegui, amassei e joguei no lixo, entretanto não se passaram dois

minutos e lá estava eu, revirando o lixo atrás da maldita carta. Sentei no meio da cama, com as pernas cruzadas, desamassei a carta, li o meu nome oito vezes, todavia não conseguia continuar. Dobrei a carta e guardei na minha caixinha de música, sob os pés da bailarina.

Assim seguiu-se o restante da semana e o início da seguinte. Nos encontramos uma vez no elevador, nossos olhares se cruzaram e

desviamos sem fazer nenhum cumprimento.

Não vou dizer que não sinto falta dele, tenho até deixado os filmes de lado e me concentrado apenas nos livros, porque todas as vezes que penso em assistir algo, bate uma saudade de estar com ele. Sinto falta de ter com quem falar sobre o meu dia, reclamar do Dimitri, rir das suas bobagens e fingir irritação com as suas

Minha mãe acha que é bobagem manter esse distanciamento, quando é nítido, palavras dela, que não estou feliz com essa decisão. Meu pai prefere não opinar, porque indiretamente envolve o Guss e ele é presidente do fã-clube #teamGuss.

Quanto ao Guss, ele não escondeu que está feliz com o meu rompimento com Nicolai, no entanto

deixou nas minhas mãos a decisão de outorgar ou não essa decisão.

Eu? Não sei. Pego a maldita carta todos os dias e não consigo ler nada mais do que o meu nome, não sei porquê.

ACHERON - Livros e afins /

29. Capítulo

Falta apenas uma semana para o espetáculo de *ballet* e temos ensaiado o dia inteiro para o grande dia. Estou um caco, não apenas fisicamente, mas emocionalmente, psicologicamente, dramaticamente, cheguei ao meu limite.

– Maria, coloque um sorriso nesse rosto, a ideia é você estar

apaixonada e não morrendo. – Dimitri comenta. – Na ponta dos pés, levanta esse calcanhar.

Forço um sorriso e sustento o meu peso na ponta dos pés, dando prosseguimento ao adágio que vai me levar ao encontro do Frans.

– Frans, postura! Você deve levantá-la com leveza, como se ela fosse uma pluma.

Observo meu parceiro de dança se posicionar e quando vou

executar o último passo para que ele me levante em seus braços, meus pés fraquejam e caio. Frans e Anna se aproximam para me ajudar a levantar.

– Voltem para suas posições! – Dimitri ordena.

Anna me olha preocupada e aceno para ela obedecer. Levanto, sentindo o meu tornozelo latejar e retomo a minha postura.

– Quem te deu uma sapatilha

de ponta? – Dimitri ironiza. – Vamos, Maria, mostre que você não está aqui apenas porque é sobrinha de uma das nossas professoras.

As palavras dele me levam ao chão, caio, desabando em lágrimas, enquanto os meus colegas fazem pequenas exclamações de espanto. Anna se agacha ao meu lado e Dimitri coloca a mão sobre os ombros dela.

– Volte para o seu lugar, se

não quiser fazer companhia a sua colega até em casa. – ele diz entre dentes.

– Vai, Anna. – peço entre lágrimas.

– Você está bem? – ela insiste em me ajudar.

– Anna Volodya, na sua posição! Não vou repetir.

Balanço a cabeça, dizendo que estou bem. Anna obedece ao Dimitri e retorna a sua posição.

– Levante e vá para casa! – Dimitri ordena. – Amanhã quero você aqui às seis horas, se você não executar o espetáculo como ele tem que ser, está fora, me ouviu?

– Sim, senhor.

Peguei a bolsa no vestiário, entrei no primeiro táxi que passou e fui para casa. Esqueci da dor nos pés, minha alma estava doendo. As palavras do Dimitri não paravam de ecoar nos meus pensamentos. As

lágrimas percorriam o meu rosto em silêncio. Entrei no elevador e me joguei no chão, deixando o choro me vencer. O silêncio das lágrimas fora substituído por um choro desolado.

– Maria?

Ergo o rosto e vejo Nicolai em pé, no nosso corredor; não vi o elevador abrir. Levanto, sem jeito, tropeçando na bolsa e me jogo nos braços dele.

– Me abraça, por favor.

Ele me abraça apertado e alisa os meus cabelos. Aperto a sua camisa entre os dedos e as minhas lágrimas se acumulam no seu peito. Choro e soluço, incapaz de dizer qualquer coisa ou de soltá-lo.

Em determinado momento ele me pegou no colo e me levou para seu apartamento, sem dizer nada. Apertei meus braços ao redor do seu pescoço, permitindo que ele pudesse destrancar a porta. Esperei

que ele me colocasse no colchonete, mas ele passou direto e me levou para sua cama.

Nicolai me colocou deitada na cama e deitou-se ao meu lado, puxando-me para o seu peito e abraçando-me. Chorei até apagar, quando acordei havia um bilhete no travesseiro ao meu lado.

“Desculpe ter saído, precisava ir para o trabalho. Podemos conversar quando você quiser.

Nicolai”.

Era primeira vez que entrava no quarto dele, estava curiosa. Levantei da cama e olhei os porta-retratos sobre a cômoda, reconheci sua mãe e deduzi que o menino e o homem ao seu lado eram seu irmão e o pai, aliás ele é a cópia do pai.

Não havia pôsteres de mulheres nuas espalhados pelas paredes, como imaginei que seria o seu quarto, o único detalhe pessoal

eram as fotografias. Sobre a cômoda também havia uma pasta preta e pude ver que haviam folhas soltas dentro, tive vontade de bisbilhotar, contudo refreei o impulso. Notei que na sua escrivaninha haviam vários lápis de carvão vegetal espalhados, escondida embaixo de várias outras folhas em branco, pude ver traços de um desenho.

Levantei as folhas em branco,

uma a uma, até alcançar o desenho. Meu queixo caiu ao ver o desenho à carvão, era tão real e lindo, ele é um artista. Segurei o desenho nas minhas mãos, analisando a precisão do seu traço, era o esboço de um rosto, os cabelos caiam em cascatas até a margem da folha, ainda não havia lábios ou nariz, mas os olhos pareciam ter vida própria. Olhei confusa para o desenho e caminhei até o espelho, colocando-o lado a lado ao meu rosto.

Meus olhos tentam desmentir a minha ilusão, mas quanto mais olho para o desenho no espelho, mais vejo meus olhos refletidos nele. Deito na cama, segurando o desenho no alto e olhando-o boquiaberta. Solto um suspiro e abaixo o desenho, somente para emitir uma exclamação quase inaudível ao ver outro desenho no seu teto; não era um esboço, estava completo e, sem uma sombra de dúvida, aquela sou eu.

Meu celular toca me fazendo despertar do estado de incredulidade em que me encontro. Levanto confusa, deixo o esboço sobre sua cama, abro minha bolsa sobre a cômoda e vejo a mensagem de tia Mel.

Tia Mel: Maria, soube o que aconteceu, você sabe que não funciona assim, Dimitri queria te colocar para baixo. Me ligue, estou

preocupada.

Tinha esquecido o porquê estou em casa. Suspiro e checo as chamadas perdidas. Vejo que há três chamadas de tia Mel e duas de Anna. Envio uma mensagem para ambas, dizendo que estou bem. Pego minha bolsa e vou para meu apartamento, preciso praticar.

Não tomo banho, não como, não penso no porquê Nicolai me

desenhou ou porquê tem um desenho meu preso no seu teto. Empurro os móveis da sala, abrindo espaço, pego o espelho no quarto para poder corrigir minha postura e pratico, mesmo sentindo os meus pés implorando por uma pausa, pratico, repetidamente.

Só soube que era noite, quando precisei acender as luzes, mas não me importei em olhar o relógio, havia desligado o celular

ACHERON - Livros e afins /

algumas horas atrás, quando as ligações ficaram mais insistentes e desconectei o telefone fixo. Iria ouvir reclamações e gritos do meu pai, no entanto era por uma boa causa, não podia perder tempo atendendo ligações ou respondendo mensagens, precisava mostrar que fiz por merecer o destaque do espetáculo.

Meus pés teimavam em curvar-se levemente, esquivando-se

da ponta dos pés, querendo ceder ao cansaço e à dor, não podia deixar. Estava tão no automático que quando bateram na porta, abri sem perceber.

– O que você está fazendo vestida assim às duas e vinte da manhã? – Nicolai pergunta, invadindo meu apartamento.

– Praticando. – respondo, me reposicionando.

– Maria, para! – ele me segura

pelos ombros. – Você comeu alguma coisa? Você está praticando desde que horas?

– Preciso praticar, me larga. – o empurro.

– Não, você precisa descansar.

– Você não entende.

– Então me explica. – ele pede. – Senta um minuto e me explica. – diz, puxando-me para o sofá.

– Dimitri falou que só consegui o papel por causa de tia Mel. – choro.

– Você sabe que não é verdade.

– Ele me alertou tantas vezes, não me doei o suficiente, perdi tempo com filmes, livros, viagens, passeios, namorado. – fungo. – Quando deveria estar praticando, estava perdendo tempo com outras coisas. – esbravejo. – Nem consigo

ficar na ponta dos pés e manter a postura correta.

– Vi você praticar por muitas noites e sei que não é verdade, Maria.

– É sim. – soluço. – Sou um fracasso.

– Você é maravilhosa, Maria, só está cansada e precisa respeitar o limite do seu corpo.

– Ele é um inútil, como eu. Um corpo fracassado para uma bailarina

fracassada. – debocho.

– Você está praticando desde que acordou, não é?

– E mesmo assim não consigo completar a maldita série com perfeição.

– Vamos. – ele me pega no colo. – Você vai deitar e descansar.

– Não posso, tenho que ser perfeita amanhã ou Dimitri vai me tirar do espetáculo.

– Você será perfeita, quando estiver descansada.

Nicolai me leva para cama e me faz deitar, depois leva a mão à minha sapatilha.

– Não! – o impeço.

– Você precisa tirar esse negócio, seu pé está apertado, já vi como você fica depois de praticar. – ele tira minha sapatilha.

– Maria, você está machucada.

– É assim mesmo. – murmuro.

– Seus dedos estão sangrando, seu tornozelo está roxo e inchado, não entendo de *ballet*, mas algo me diz que tem algo errado. – ele tira a outra sapatilha. – Droga, Maria.

– Estou bem.

– Mesmo? – estreita os olhos. – Por que apenas o tornozelo direito está com um hematoma e inchado?

– Porque forcei mais ele.

– Você está mentido e sabe o pior, você sabia que estava com o tornozelo machucado e não falou nada, deixou seu professor gritar e esbravejar com você, dizer um monte de merda e depois veio para casa se sentindo a pior bailarina do mundo, quando na verdade precisava apenas cuidar dessa torção no tornozelo. Há quantos dias você está assim?

– O espetáculo é na próxima

semana, não posso deixar de ensaiar.

– Na minha opinião, o que não pode é você arrebentar o seu pé e não consegui dançar no seu grande dia.

– Dimitri vai achar que estou sendo mimada.

– Maria, pelo amor de Deus, olha o seu tornozelo! – Nicolai me olha sério. – Ele é bailarino, vai saber que isso aqui precisa ser

cuidado.

– Não vou conseguir. – cubro o rosto e começo a chorar.

– Você vai conseguir. – ele segura minhas mãos e beija minha testa. – Agora tira esse troço aí, que parece uma meia calça.

– É uma meia *legging.*

– Isso mesmo, tira, que deve estar apertando sua circulação.

– Quem disse que você pode

ficar mandando em mim? – levanto um pouco o quadril e empurro a meia.

– Hoje posso tudo. – ele sorri torto e me ajuda a tirá-la, puxando-a pelas minhas pernas.

ACHERON - Livros e afins /

30. Capítulo

Abro os olhos e sinto uma pequena luminosidade me incomodar. Pisco por reflexo, apertando os olhos para me habituar com a luz. Meu corpo está dolorido e meus membros parecem pesar toneladas, ergo a mão para esfregar os olhos e resmungo com a dor. Flashes do Nicolai me

colocando na cama e massageando meus pés ocupam a minha mente, um estalo e percebo que estou atrasada, Dimitri vai me trucidar. Viro para o meu criado mudo, procurando o despertador.

– Mãe? – pergunto confusa, sem saber se estou acordada ou sonhando.

– Acho desnecessário dizer o quanto quero te acertar uns tapas.

Estou confusa.

ACHERON - Livros e afins /

O que minha mãe está fazendo no meu quarto?

Devo estar dormindo.

Mas porque minha mãe não está sorrindo?

E por que seus olhos parecem tristes?

– Isso aqui está parecendo Coraline. – murmuro. – Se vou dormir e sonhar que estou dentro de um livro, que seja a Garota da Capa Vermelha, pelo menos vou pegar o

ACHERON - Livros e afins /

gostoso do Peter.

– Um amor proibido? – ela arqueia a sobrancelha.

– Esse sonho está beirando a loucura. – jogo os lençóis de lado e faço força para conseguir levantar.

– Não ponha um dedo fora dessa cama, Maria Montenegro Allencar. – diz com um ar severo.

– Mãe, o que você está fazendo aqui? – pergunto, deixando escapar um suspiro.

– Advinha? Depois de passarmos o dia tentando falar com você, finalmente alguém decidiu atender o telefone, às três e quarenta da manhã, Maria! – minha mãe está brava, muito brava. – Sim, seu pai passou a noite sentado com a porcaria do telefone na mão, tentando falar com você ou ter qualquer notícia, já que você decidiu desligar os telefones. Sua tia teve aqui duas vezes, Andy mais duas, e a portaria simplesmente não

conseguia contato com seu apartamento, ninguém sabia onde você estava.

– Eu não pensei que vocês...

– Conjugou o verbo correto, você não PENSOU! – minha mãe me impede de prosseguir. – Estava vendo a hora do seu pai enfartar. – diz, deixando as lágrimas rolarem. – Ainda tinha que tentar ficar calma, quando estava quase morrendo de preocupação, pensando em um

milhão de coisas que podiam ter acontecido. – ela enxuga as lágrimas. – Liguei para todos os hospitais e delegacias de Moscou.

– Desculpa, mãe.

– Nem se viver mil vidas vou ter tempo suficiente para agradecer ao Nicolai o que ele fez por você e por nós.

– Ah, meu Deus! – cubro a boca. – Meu pai veio também? – aperto os olhos, como se isso fosse

me impedir de ouvir a resposta.

– Não, ele ficou para manter os meninos na linha.

– Meu pai está querendo matar Nicolai?

– A essa hora ele deve estar escrevendo uma carta de desculpas ao Guss e planejando seu casamento com Nicolai.

– Ahm? – faço uma careta.

– Se bem que o Fera ainda

vota contra Nicolai e os Terríveis estão divididos, Tom é team Nicolai e Théo team Guss.

– Mãe, você está me assustando. – balanço a cabeça, tentando apagar a imagem do meu pai vestido como roupas medievais e escrevendo cartas para tratar do meu casamento. – Meu pai está de boa? Sem gritos ou ameaças de morte?

– Claro que primeiro ele deu

um mini ataque quando Nicolai atendeu o seu telefone, mas aí ele explicou a situação e seu pai ficou tão agradecido por ele ser um garoto responsável e atencioso, diferente da nossa filha, que não vou estranhar se o Nicolai aparecer lá em casa para passar o fim de semana.

– Você está me zoando.

– Não.

– Mais do que nunca me sinto

vivendo Coraline. – abaixo os olhos e vejo que estou usando o pijama dos *minions.* – Você trocou minha roupa?

– Não.

– Alguém esteve aqui antes de você?

– Nicolai dormiu aqui, quando cheguei ele havia deixado um bilhete pedindo desculpas por te deixar sozinha, mas tinha um exame final da universidade no primeiro horário

e não poderia faltar.

– *Mate-me!* – cubro os olhos. – Segunda vez que fico nua na frente de um garoto pelas razões erradas.

– Segunda vez que você fica nua na frente do Nicolai.

– Obrigada por ressaltar esse detalhe, mãe, me sinto muito melhor.

– Ele gosta de você. – comenta com um sorriso bobo no rosto.

– Ele é complicado. – suspiro. – Não é do tipo que namora.

– Você também não. – ela levanta. – Vou pegar algo para você comer.

– Mãe, sinto muito por ter deixado vocês preocupados. – mordo a parte interna da bochecha. – Não queria decepcionar vocês e agora estou fora do espetáculo. – sinto meus olhos umedecerem.

– Você não está fora, vai

repousar, vamos cuidar desse tornozelo e você vai mostrar ao Dimitri que nasceu para o *ballet.*

– Se ele me deixar pisar no palco.

– Mel teve uma conversa com ele e a direção da escola hoje, você está afastada por motivos de saúde.

– Ele vai me odiar eternamente.

– Você se importa? – minha mãe sorri e dá uma piscadela. –

Vamos ao médico hoje à tarde.

A ida ao médico me rendeu uma bronca, um pé engessado e cinco dias sem qualquer tipo de esforço físico, o que significa que só irei voltar a praticar na terça-feira e o espetáculo é no sábado, estou muito ferrada. Como se não fosse o bastante, meu pai ficou duas horas no telefone, me dando um sermão sobre imaturidade e responsabilidade, e minha mãe vai

ficar cuidando de mim – leia-se vigiando – até o dia do espetáculo.

Estou sentada no sofá, porque não suporto mais ver as paredes do meu quarto, e minha mãe preparando uma sopa. Ela está levando esse lance de doente a sério demais, foi apenas um machucado no tornozelo, não vejo porque não posso comer uma fatia de bolo com chocolate quente. Alguém precisa ensinar a minha mãe

que devemos mimar as pessoas quando elas são obrigadas a fazer coisas horríveis, como engessar o pé e ficar cinco dias de castigo em casa.

– Não se mexa. – minha mãe grita ao ouvir as batidas na porta.

– Não movi nenhum fio de cabelo. – sopro uma mecha de cabelo que está no meu rosto.

– Sorria ou vou achar que você está mais doente do que aparenta.

– ela me dá um sorriso brincalhão e vai toda sorridente abrir a porta, usando um avental por cima do vestido floral de alcinhas. – Oi.

– O-oi. E-e-e.

– Juro que se você der em cima da minha mãe, deixo meu pai arrancar suas bolas. – grito por cima do ombro, vendo Nicolai parado na porta com o queixo no chão e os olhos perdidos na minha mãe.

– E-eu.

– Entra.

– Eu não... – ele olha de mim para minha mãe. – Vocês são... – pausa, olhando-nos de novo e passa a mão nos cabelos. – Tão parecidas. – diz, sacodindo a cabeça. – Vi os olhos azuis, também não tinha as covinhas no sorriso...

– Você prestou bastante atenção na minha mãe. – provoco.

– Maria, você está deixando o

garoto envergonhado.

– Ele faz isso comigo direto, estou apenas aproveitando a oportunidade.

– Ela estava de mau humor antes de você chegar. – minha mãe comenta, em tom de fofoca, estendendo a mão para cumprimentar Nicolai. – Sou Hannah, você deve ser Nicolai.

– Sim, prazer.

– Nicolai, menos! – sorrio

maliciosa.

– Só disse prazer. – diz, com as bochechas corando.

– Te fiz corar, ai que legal! – dou um gritinho.

– Ela está bem? – pergunta à minha mãe.

– Deve ser falta do que fazer, talvez você possa ajudá-la. – minha mãe pisca e vai para a cozinha.

Meu Deus! Quero morrer!

– O que ela quis dizer? – Nicolai senta ao meu lado.

– Ignora.

ACHERON - Livros e afins /

31. Capítulo

Penso em mil formas de falar dos desenhos e descarto todas; ele sabe que vi, se tivesse algo a dizer a respeito, tocaria no assunto. É estranho estar sentada ao lado dele, ambos em silêncio, como se não soubéssemos o que dizer.

Desde quando agimos assim?

Pouco mais de uma semana

sem nos falar e viramos completos estranhos?

– Maria, a sopa está pronta, vou no mercado e na padaria comprar algumas coisas. Nicolai você fica para jantar com a gente?

– Eu tenho que ir trabalhar às oito horas.

– Prometo que você vai estar livre a tempo. –afirma, sem esconder o sorriso maldoso. – Eu vou demorar cerca de uma hora,

podem ficar à vontade.

– Mãe! – digo entredentes.

– Até mais. – ela dá um tchauzinho.

– Deleta o que você acabou de ouvir, ela não está bem. – digo, cobrindo o rosto com as mãos.

– Ela sabe que você tem namorado? – pergunta entre risos.

– Ela deve ter batido com a cabeça quando estava saindo do

avião.

– Ela é gostosa. – Nicolai murmura.

– É a minha mãe, menos, por favor. – faço uma careta. – Perdi as contas de quantos amigos e amigas meus deram em cima dos meus pais.

– Não pensei nisso, de verdade. – ele dá um tapa na minha perna. – Você e ela são quase gêmeas, não consegui não pensar

que você vai continuar gostosa quando tiver mais velha.

– Fico feliz que você tenha criado uma nova expectativa, ao invés de tirar minha virgindade, você pode ser o velho tarado armado com uma caixa de viagra que vai me foder no leito de morte.

– Você sabe como fazer um cara broxar.

– O prazer é todo meu. – sorrio.

– Nunca tinha te visto triste. – ele comenta, depois de alguns minutos em silêncio. – Não sei explicar o efeito que te ver chorando daquele jeito teve em mim.

– Obrigada por ficar comigo.

– Estava com saudades, apesar de entender os seus motivos quando decidiu se afastar.

– Entendeu?

– Sou todo errado, Maria. – ele apoia a cabeça no encosto do

sofá, olhando o teto. – Não vou pedir desculpas por ter entrado na sua vida, porque você me salvou da minha. – fecha os olhos e vejo uma lágrima percorrer a lateral do seu rosto.

– Você não é errado, Nicolai.

– Não tenho nada para te oferecer, não tenho um futuro, não tenho sonhos, tudo o que tenho é a minha família e é por eles que continuo lutando. – ele faz uma

pausa e enxugo sua lágrima. – Você leu a carta?

– Não tive coragem. – confesso.

– Estou indo embora. – diz, apertando minha mão entre as suas.

– Como assim indo embora? – pergunto, tentando não chorar.

– Encontrei um lugar, algo que posso pagar. – ele toma fôlego. – Estou concluindo a universidade, vou correr atrás de um trabalho integral

e trazer meu irmão de volta para casa.

– Você vai se mudar?

– O que estou querendo dizer... – ele beija minha mão. – Estou indo embora da sua vida, Maria.

– Por quê? – sou vencida pelas lágrimas.

– Porque é o certo.

– De onde você tirou essa

baboseira?

– É o que é, Maria. – ele desliza a mão no meu rosto. Fecho os olhos, antecipando o momento em que seus dedos vão afagar o meu rosto, afastando os fios de cabelo soltos e colocando-os atrás da minha orelha. Espero e é, exatamente, o que ele faz. Sorrio entre as lágrimas. – Vou te levar comigo, menina, não apenas nos desenhos. – ele contorna os meus

lábios com o polegar. Sinto os seus lábios acariciarem os meus, soprando sua respiração de encontro a minha. – Na alma. – ele deposita um beijo no meu rosto.

Nicolai passa o braço envolta da minha cintura e me puxa para si. Repouso a cabeça no seu torso e fecho os olhos, ouvindo os nossos corações conversarem em silêncio. O tempo passou e continuamos abraçados, ele não disse quando iria

partir, eu não perguntei.

Queria implorar para ele ficar, queria beijá-lo e me entregar a ele, mas não fiz nada, a não ser chorar. O calor das lágrimas no meu rosto e as batidas do seu coração eram o meu alento e o meu desalento.

Meu dia parecia uma viagem itinerante por universos literários, agora tinha a sensação de estar presa em “O duque e eu”, começo a ansiar pelo momento em que irei

viver a minha própria história.

– Quer terminar de assistir The Walking Dead?

– Bem lembrado. – ele beija meus cabelos. – Deixa levantar que te levo no colo. – diz, desfazendo o abraço.

Quando minha mãe chegou, estávamos deitados na minha cama, agarradinhos. Ela espreitou pela porta entreaberta e a vi escutar por alguns segundos antes de bater na

porta.

– Pode entrar, mãe. – prendo o riso.

– Estou atrapalhan... – ela se assusta com o barulho dos zumbis na TV e vira para ver o que é. – Ai, que horror! – diz, cobrindo os olhos.

Eu e Nicolai não aguentamos e começamos a gargalhar, enquanto minha mãe reclama, dizendo que não iria conseguir dormir.

– Ela morre de medo de

zumbis. – debocho.

– Não gosto da ideia de alguém me devorando viva. – ela desliga a TV.

– Meu pai faz isso todo dia. – provoco.

– Maria Allencar! – ela tenta me repreender, mas falha e começa a rir. – Me expressei mal, quis dizer que não gosto da ideia de alguém me destrinchando. – faz uma pose séria, o que só torna tudo mais

cômico.

Nicolai afunda o rosto no meu pescoço para abafar a gargalhada, o que me faz gargalhar ainda mais, com sua respiração me fazendo cócegas. Minha mãe pisca e sai do quarto, nos deixando em crise de risos.

Quando conseguimos parar de rir, ele está debruçado em mim e as minhas mãos espalmadas nas suas costas. Nossos olhos se encontram,

percebo que há mais camadas azuis nos seus olhos hoje, e próximo à pupila uma linha acinzentada dispara pequenos raios sob o céu azul. Quero puxá-lo para os meus lábios, mas o meu corpo não responde e, mais uma vez, deixo que ele se afaste.

– Quando quiserem, podem vir jantar. – minha mãe grita.

– Estamos indo! – respondo. – Será que vamos conseguir terminar

de assistir essa série algum dia? – pergunto, quando o que queria mesmo era saber se vamos nos ver outra vez.

– Boa pergunta. – ele diz, levantando.

– Boa resposta.

Nicolai me abraça e beija minha têmpora. Vamos abraçados para a cozinha, o que faz minha mãe me dar um olhar do tipo *"aprovado".* Jantamos e Nicolai foi embora,

depois de agradecer minha mãe pelo convite e depositar um beijo demorado na minha bochecha.

– Ai, mãe. – suspiro.

– Ele é tão lindo. – ela senta ao meu lado. – Todo fofo com você. Guss, me desculpe, mas acho que você tem que ouvir seu coração.

– Ele vai embora. Vai para qualquer lugar longe de mim. – a abraço e deixo as lágrimas transbordarem.

Estava deitada no colo da minha mãe, pensando que posso nunca mais vê-lo, quando lembrei da carta. Pedi para minha mãe me ajudar a voltar para o quarto, ela me deu a caixinha de música e me deixou sozinha. Desdobro e aliso o papel, passando os dedos sobre a sua caligrafia.

“Maria.

Soube quando coloquei os olhos em você, naquele café-bar,

que precisava te conhecer. Diferente do que você possa imaginar, não foi a sua beleza que chamou minha atenção, embora você seja, indiscutivelmente, LINDA, de todas as formas possíveis e impossíveis, já te disse isso. No entanto, foram os seus olhos que me encantaram, menos pela beleza singular e muito mais pela vida que eles espelham.

Vida. A minha era só um

fiapo. Até te conhecer.

Não estava brincando ou flertando (embora também estivesse) quando disse que meu dia só começa depois de te ver, é a mais pura verdade, e por isso te desenhei, e agora o seu rosto é a primeira coisa que vejo ao abrir os olhos, embora ele seja tudo o que vejo quando fecho os olhos.

Você me devolveu a vida e não quero te causar problemas, por

isso estou indo embora. Em breve.

Sentirei saudades, muitas saudades, mas levo você comigo.

Só dessa vez, posso te beijar?

Nicolai”.

ACHERON - Livros e afins /

32. Capítulo

– Estúpida, idiota! – me jogo de costas na cama. – Por que você não leu a carta antes? – sinto as lágrimas tocarem os meus lábios. – Ele não vai voltar. – aperto a carta de encontro ao meu peito. – Mãe! Mãe!

– Oi, Maria. – ela senta na cama e alisa meus cabelos.

– Ele só veio dizer adeus, mãe. – me encolho, abraçando minhas pernas. – Ele foi embora.

– Ele continua em Moscou, você só precisa encontrá-lo e dizer o que está guardado aqui. – ela aponta para meu coração.

– Como vou encontrá-lo, mãe? Não sei onde ele trabalha, qual a universidade que ele frequenta, onde faz estágio, não sei nada.

– Sabe onde a mãe dele está.

– ela sorri.

− Se ele a mudar de clínica?

− Maria, ele não está fugindo, está permitindo que você faça sua escolha.

− Idiota! – resmungo. – Esse foi o jeito mais imbecil de dizer *“gosto de você”.*

− Foi corajoso.

− Não defende, mãe! – digo brava. − O que vou dizer se o

encontrar?

– Não sei.

– Você não pode me ajudar? Se fosse o papai, o que você faria?

– Não sei. – ela dá de ombros.

– Fala sério, mãe!

– O que você quer, Maria? Você quer namorá-lo? Quer apenas a amizade dele? – ela olha nos meus olhos, como se procurasse a resposta. – Não sei o que você

quer, e, sinceramente, acho que nesse momento você também não sabe.

– Quero a gente, mãe. – suspiro. – Não importa como, só quero que ele fique. Não quero pensar que nunca mais vamos estar juntos, do nosso jeito. – enxugo uma lágrima. – Quero que ele me obrigue a experimentar todos os tipos de café, todos os dias, e vou fingir que odiei, todas as vezes, mesmo

adorando, porque tem o gosto do beijo dele.

Minha mãe sorri, deita ao meu lado e me abraça.

Nicolai não apareceu no dia seguinte, como suspeitei. Enviei uma mensagem, mas ele não respondeu, assim como não respondi a mensagem do Guss.

– Maria. – ela me olha atravessado.

– Sei que preciso conversar

ACHERON - Livros e afins /
com ele, mãe.

– Então... – ela estreita os olhos.

– Não vou terminar por telefone e não quero fingir que está tudo bem. Guss não merece que o iluda, já errei quando concordei com esse namoro.

– Você não pode passar mais de uma semana fugindo dele, vocês só irão se ver no próximo sábado.

– Eu sei, me sinto uma vadia

ACHERON - Livros e afins /

sem coração.

– Menos autojulgamento e mais ação.

No final da tarde fui surpreendida pela visita da Anna, Olga, Eva, Serguei e Gregory. Eles trouxeram café, o que me fez lembrar do Nicolai, *frappuccino* de chá verde para mim e uma seleção de filmes de terror. Minha mãe fez pipoca, encomendou várias pizzas e depois fugiu da sessão de terror,

com a desculpa que tinha prometido ir dormir com Elise; e pediu que Anna dormisse comigo.

Com os gritos histéricos de Anna, Olga e Eva, a sessão terror não durou muito, depois de rir muito com Gregory e Serguei, concordamos em interromper a maratona e ficar apenas conversando e comendo.

− A gente podia ter convidado Nicolai. – diz Eva.

– Ele se mudou. – comento.

Anna me olha, perguntando em silêncio como estou, e dou de ombros.

– Vamos jogar *"eu nunca"* com prendas. – Olga propõe.

– Se for *hot,* vou pagar todas as prendas. – digo.

– Sério? – Serguei arqueia a sobrancelha.

– Sim. – confirmo.

– Você e Alexander não... – Olga morde o lábio, fazendo uma pausa.

– Não! – respondo, entendendo o que ela quer saber.

– Falei que ele estava de conversa. – Gregory comenta.

– O que ele falou? – pergunto.

– Algumas coisas. – Serguei meneia a cabeça.

– Que coisas? – insisto.

– Que tinha feito umas paradas com você. – diz Serguei.

– Não acredito! – exclamo, revoltada. – Desculpa, Olga, mas seu irmão é um imbecil.

– Ele ficou com raivinha porque você o dispensou. – Anna pontua.

– A única coisa que rolou foram beijos e nada mais.

– O idiota disse que vocês tinham ido para o apê dele depois do encontro. – Serguei comenta.

– Na verdade, ele disse que você pediu para chamar uma garota de programa e fizeram uma festinha. – Eva abre o jogo.

– Filho da puta! – esbravejo. – Desculpa, Olga.

– Tudo bem, no seu lugar reagiria da mesma forma.

– Alexander se tornou um babaca mentiroso. – Anna comenta.

– Ai que ódio! – cerro os punhos.

ACHERON - Livros e afins /

– Deixa para lá, Maria. – pede Serguei.

– Juro que se o vir, vou socá-lo – digo.

– Só não bato nele por você, porque né. – Gregory levanta a camisa e mostra o corpo magro. – Vou tomar uma surra. – diz, fazendo-nos rir.

A conversa suavizou depois da brincadeira do Gregory, assistimos uma comédia e quando terminou, o

pessoal foi embora, ficando apenas, eu, Anna e Gregory; que se voluntariou para arrumar a bagunça, embora todos nós saibamos que o motivo dele ter ficado é uma loira de olhos azuis e longos cabelos cacheados.

Quando Gregory estava terminando de recolher todos os copos e guardanapos espelhados pela sala, inventei que estava cansada e pedi para Anna me ajudar

a ir para o quarto.

– Volta lá e agarra ele. – digo, me ajeitando na cama.

– Ficou louca, Maria?

– Não, vai logo. – jogo um travesseiro nela.

– Seu *frappuccino* estava batizado? – ela arqueia a sobrancelha.

– Você sabe que ele ficou aqui por você, *cyka*.

– O que deu em você?

– Perdi o cara que quero, porque fiquei ponderando demais e agindo de menos.

– Ele foi para onde? – ela senta ao meu lado.

– Não sei.

– Sinto muito.

– Então vai lá e agarra o Greg. – a empurro da cama. – Podem dormir na sala, tem um colchonete

ACHERON - Livros e afins /
na área de serviço.

– Vou, mas isso não significa que vai rolar nada.

– Só uma chance. – peço.

– Quando encontrar Nicolai, você está perdida na minha mão. – ela ameaça antes de deixar o quarto, tentando esconder o sorriso.

Na dúvida, coloquei o fone de ouvido para evitar ouvir Gregory e Anna. Fiquei cantarolando baixinho e lembrando dele, o sorriso torto, as

ACHERON - Livros e afins /

provocações, o arrepio na minha espinha quando ele me beijava no rosto. Procurei na galeria do celular em vão, nunca tiramos uma foto, apenas vivíamos o momento, nos divertindo ou apoiando o outro, era o nosso jeito torto dizer *"gosto de você".*

E gosto tanto.

Peguei o celular e digitei uma mensagem.

Apaguei.

Digitei de novo.

Apaguei.

E de novo, digitei.

Enviei.

Eu: É injusto o que você fez comigo, não tenho você, não tenho nenhum desenho, não tenho nenhuma fotografia, só me restam as memórias. Como vai ser quando estiver velha? Se sofrer de

Alzheimer? Se quiser contar essa história? Não quero esquecer, Nicolai, me dê algo para lembrar. Preciso saber que não foi apenas uma invenção da minha cabeça, preciso de algo que me diga que você existiu.

Cansei de ficar segurando o celular, esperando uma resposta.

Nada.

Ele me ignorou, mais uma vez.

Joguei o celular de lado, virei, abracei meus bonecos e dormi.

Ainda estava tudo escuro quando despertei com o barulho de mensagem no meu celular. Virei rápido, tateando os lençóis no escuro e quando, finalmente, encontrei, senti meu coração bater na garganta ao ver o nome dele.

Nicolai: Você tem a carta.

Aperto os olhos, sentindo as lágrimas quentes no meu rosto.

Ouço o som de uma nova mensagem. Abro os olhos e deslizo o dedo sobre a tela.

Nicolai: O livro, fiz uma dedicatória para você. Está lá.

O livro que ele trouxe no dia que Guss estava aqui. Não posso

acreditar que ele tenha deixado na seção de livros com dedicatória da livraria. Vou levar uma vida para encontrar, há centenas de livros naquela seção. Sem falar que alguém pode encontrar antes de mim e comprá-lo.

Eu: Te odeio.

ACHERON - Livros e afins /

33. Capítulo

O dia amanheceu e estava quase arrancando os cabelos, pensando como faria para encontrar aquele livro. Se esperasse uma semana para começar a procurar, as chances de alguém encontrar antes triplicariam.

– Maria, vai dormir, é cedo. – diz Anna, entrando no quarto. – Só

vim ver se você estava bem, tenho que ir para aula. Sua mãe, mandou mensagem, avisando que está vindo.

– Quero matar Nicolai.

– Por quê? – Anna me olha confusa.

– Depois te explico, vai ou Dimitri vai pegar no seu pé.

– Passo aqui mais tarde, beijo.

– Quero detalhes da noite por

mensagens. – pisco. – Preciso de algo para me animar. – completo, fazendo beicinho.

Anna para na porta, dá uma olhada para o corredor e sussurra, movendo os lábios devagar. – Nós ficamos.

– Ele está aí? – pergunto baixinho.

Ela faz sinal de positivo.

– Aiiii!!! – dou um gritinho.

Anna gesticula com a mão, me pedindo para parar. Sorrio e uno as mãos, imitando um beijo. Ela revira os olhos, sorrindo, então vai embora.

Minha mãe concordou em me levar na livraria, nós fomos após o almoço e passamos a tarde inteira vasculhando os livros na sessão de dedicatórias, acho que olhamos uns cem livros e não encontramos.

– Ele me odeia. Por que

inferno ele não podia me entregar a porra do livro ou deixar na minha porta, sei lá, qualquer coisa, menos colocar aqui.

– Imagina a sua carinha quando pegasse o livro e percebesse que era para você?

– Seria incrível se houvesse alguma garantia que um dia vá encontrá-lo.

– Filha, se não encontrar, você pergunta a ele o que tinha na

dedicatória.

– Mãe, você está muito confiante que vou encontrá-lo e que vamos reatar esse relacionamento fora dos parâmetros.

– Esses são os melhores. – minha mãe sorri.

– Quando tem um *"felizes para sempre"*, como você e o papai.

– Você sabe que nossa história não é nenhum mar de rosas, não chegamos aonde estamos

imunes ao sofrimento.

– Amor, paixão, essas coisas não deveriam existir, só complicam nossa vida.

– Complicações existem, mas são tão pequenas diante de um amor verdadeiro.

– Você quer me contrariar mesmo, né?

– Estou feliz por você ter se apaixonado e na torcida por um final feliz.

– Não vou tão longe, quero a felicidade do presente.

– Aposto que ele irá ao espetáculo de *ballet.*

– Nicolai? – estreito os olhos. – Difícil, ele não gosta e o ingresso é muito caro, ele tem outras prioridades.

– Ele sabe que é importante para você. – ela me abraça pela cintura para podermos sair da livraria. – Eu ficaria de olho.

– Ficarei, vai que você está certa. – digo, me apoiando no seu ombro.

– Aponte uma vez que estive errada. – ela desafia.

– Nunca, mãe. – beijo sua bochecha.

– Você sabe que estamos burlando as regras, né? Você não pode ficar pulando por aí.

– Se quiser me pegar no colo, não vou reclamar.

– Até poderia, se você não fosse maior que eu. – ela faz uma expressão engraçada. – Não mandei crescer demais.

– Mãe, foi você quem esqueceu de crescer. – digo entre risos e ela faz cara de brava. – Te amo, Smurfette.

– Ainda não perdoei seu pai por revelar esse apelido para vocês.

– Claro que perdoou, não lembro de ter visto o papai dormindo

na sala nenhuma vez.

– Eu devia mandar ele para o sofá as vezes. – ela finge pensar. – Não! – diz e nós duas sorrimos.

Pensei que o médico tinha exagerado quando disse *"nada de esforço",* mas senti o tornozelo reclamar à noite, tentei disfarçar, mas minha mãe percebeu e vetou a visita a livraria pelos próximos dias. Não consigo deixar de pensar que nunca saberei o que Nicolai

escreveu na dedicatória, até porque, conhecendo aquele babaca atirado como conheço, é certo que ele vai se recusar a me dizer o que escreveu.

Guss ligou e ficamos conversando por quase uma hora, no início agi como se estivesse tudo bem, no entanto me senti uma falsa e decidi abrir o jogo, não falei o que havia acontecido de fato, até porque não sei dizer o que aconteceu,

contudo expliquei que algumas coisas haviam ficado mais claras nos últimos dias e queria conversar com ele, mas preferia que fosse pessoalmente. Ele disse apenas que bastava dizer o que havia decidido e que queria estar olhando nos meus olhos quando ouvisse a minha decisão. Concordei e ficamos conversando sobre outras coisas, ele me contou sobre os últimos shows e falou sobre algumas músicas que está compondo.

Anna veio me ver depois do *ballet,* minha mãe fez um chocolate quente, depois de ter me obrigado a tomar uma balde de sopa, e ficamos as três conversando sobre garotos, no meu quarto.

– Gregory é aquele todo lindinho? Dos olhos azuis?

– Ele não é lindo, mãe?

– Achei ele tão doce. – minha mãe comenta.

– Ele é. Doce, envolvente,

lindo, carinhoso e beija bem, é atencioso e sabe o que fazer na hora H. – Anna ruboriza.

– Sabia que você queria tanto quanto ele.

– Queria ou quero, sei lá, mas também não quero. – Anna suspira. – Se ele fosse mais másculo.

– Ele podia ser másculo e não ter nenhuma dessas características que você enumerou. – minha mãe pontua.

– Podia ser um idiota tipo Alexander. – argumento.

– Verdade. Gostoso e imbecil. – Anna concorda.

– Não te contei, mãe, ele inventou que a gente tinha transado e com uma prostituta.

– Quê? – minha mãe pergunta.

– Exatamente, louca para encontrar aquele imbecil e sentar a mão na cara dele.

– Coisa mais infantil, típico de homem que não se garante.

– Se seu pai souber, a coisa vai ficar feia para o ator pornô. – minha mãe sorri.

– Ator pornô? – Anna pergunta, confusa.

– Foi o apelido carinhoso que meu pai deu ao Alexander. – explico e Anna cai na gargalhada.

– *Cyka, mate-me!* – ela diz entre risos. – Seu pai é demais.

– Sim. João Pedro Allencar não perde uma boa piada, amiga.

– Vamos esquecer esse ser sem moral e falar do Gregory. – minha mãe sugere. – Se foi bom, desapega dessa questão estética, Anna, até porque não é como se você fosse beijar um Frankenstein, o garoto é lindo.

– Pois é! – incentivo. – Lindo, beija bem, fode bem. – provoco.

– Maria, não me mata de

vergonha. – Anna cobre o rosto com um travesseiro.

– Anna, lá em casa a ousadia nasce antes que o juízo. – minha mãe brinca.

– Vamos ver se ele vai me procurar, né? – Anna morde o lábio.

– *Cyka*, o cara é maluco por você.

– Vou deixar rolar.

– Aê! – eu e minha mãe

fazemos coro.

– Só não me esquece quando tiver seu boy. – faço drama.

– Mais fácil você me esquecer quando se acertar com Nicolai.

– Sinto como se ele tivesse me dado um pé na bunda, mas não foi assim, somos, ou éramos, apenas amigos.

– Vocês vão descobrir o que e como acertar. – minha mãe afirma.

– Anjos, por favor, digam amém. – digo, olhando para cima. – Obrigada.

Anna foi embora e nós fomos ver uma comédia amorzinho, cheia de frufru, do jeito que minha mãe adora. Estávamos quase terminando quando meu pai ligou.

– Viva voz, amor.

– Oi, amor. Oi, minha pequena. Como está o seu tornozelo?

ACHERON - Livros e afins /

– Oi, pai. Um pouco dolorido, mas está melhor.

– E os meus garotos como estão? – minha mãe pergunta. – Comportados? Os quatro. – ela provoca, nos fazendo rir.

– O quarto está muitíssimo comportado e morrendo de saudades, Sereia.

– Também estou com muitas saudades, amor.

– Parem, antes que comecem

ACHERON - Livros e afins /

os detalhes sórdidos.

– Os detalhes sórdidos vão ficar para mais tarde, quando estivermos sozinhos. – meu pai perturba. – Quanto aos três. – ele faz uma pausa, o que indica problemas. – Tivemos um incidente e foram advertidos no colégio.

– Os três? – eu e minha mãe perguntamos em coro.

–Sim. – meu pai diz calmamente. – Preciso esclarecer

que foi legítima defesa e discordo da advertência aplicada.

– João Pedro Allencar, eles brigaram? – minha mãe prende os cabelos. – Quantas vezes vou precisar dizer para você não ser permissivo quando eles brigam no colégio, não há desculpa, querem se defender, conversem com a coordenação.

– Amor, eles estavam se defendendo, cuidando um do outro,

não vou puni-los por fazerem o que eu faria.

– Qual foi o motivo dessa vez? – minha mãe solta um suspiro.

– Ontem à noite Tom conversou comigo, depois nós conversamos com Théo e João Guilherme, e planejamos conversar com vocês hoje à noite, por chamada de vídeo, mas isso foi antes da briga no colégio e achei melhor termos essa conversa sem

ele. Não precisa se preocupar, ele não aprontou nada, foi apenas uma conversa entre pai e filho.

– Você está querendo me fazer voltar para Amsterdã hoje?

– Até quero, mas você precisa cuidar da nossa pequena. Tom queria conversar porque ele está gostando de um amiguinho e queria saber se era errado ou se nós iríamos ficar chateados.

– Meu pequeno terrível está

vivendo os dramas do coração. – suspiro, deixando o sorriso inundar os meus lábios.

– Meu pequeninho. – minha mãe sorri e coloca uma mão no coração. – Acho bom que você tenha dito...

– Eu falei que estava tudo bem, amor. – meu pai a interrompe. – Que não importa se ele gosta de meninos ou meninas, que nós estaremos sempre com ele e o

amamos do mesmo jeito.

– Eu, orgasticamente, te amo, João Pedro Allencar. – minha mãe enxuga uma lágrima. – Como isso tem a ver com a advertência?

– Esse é o ponto, por isso não posso puni-los. – meu pai argumenta. – Três meninos ficaram fazendo piadas homofóbicas porque Tom estava sentado de mãos dadas com Hubert.

– Adoro o Hubert, ele é tão

fofo. – comento.

– Todo lindinho com aqueles cachinhos ruivos. – minha mãe completa. – Continua, amor.

– Théo não gostou e acertou um soco em um dos garotos, os outros dois foram para cima dele, Tom e Hubert entraram na briga e, vocês conhecem o Fera, quando viu os irmãos brigando foi defendê-los. – meu pai pausa. – Ele quebrou o nariz de um dos garotos e um outro

precisou levar pontos no lábio. – completa, em um murmúrio.

– Por todos os deuses, João Pedro! – minha mãe exclama. – João Guilherme bateu em três meninos pequenos?

– Não, Sereia. Um dos moleques é da sala dele e os outros dois mais velhos, preciso dizer que estou orgulhoso.

– Você pelo menos fingiu que estava furioso? – minha mãe tenta

se manter calma.

– Estava furioso, até eles me contarem o motivo da briga.

– Sem videogame por uma semana. – ela avisa.

– Sério? – meu pai pergunta frustrado.

– Sim, amor. Por favor.

– Tudo bem, uma semana sem game.

– Confesso, também estou

orgulhosa, não pelos danos que o Fera causou, mas por eles apoiarem o irmão. – minha mãe comenta.

− Esse é o meu maior orgulho. – meu pai pontua.

− Tenho os melhores irmãos. – sorrio. – E os melhores pais. – completo. − Amo vocês.

ACHERON - Livros e afins /

34. Capítulo

Não consegui voltar à livraria. Quando o meu repouso teve fim, tinha muito o que praticar, afinal estava às vésperas do espetáculo e Dimitri mais azedo do que o normal. Precisava estar com os passos na ponta dos pés e voltei à minha rotina de treino, incluindo uma hora de prática em casa, o que se restringia

a sessenta minutos cravados, porque minha mãe estava fazendo de guarda.

No final das contas estava tão nervosa e focada no espetáculo que todo o meu drama emocional ficou em segundo plano. Não deixei de sentir falta dele ou esperar que ele aparecesse na minha porta com uma xícara de café, contudo a saudade estava recolhida em seu cantinho, enquanto a ansiedade se

ocupava de me deixar uma pilha de nervos.

Meu pai e irmãos chegaram hoje de manhã e mal tive tempo de ficar com eles, dei um abraço apertado nos meus Terríveis, um cascudo no Fera, acompanhado de um aperto na bochecha e curti o aconchego dos braços do meu pai por alguns segundos, então saí correndo, porque precisava ir para a escola fazer os últimos ajustes na

apresentação e figurino.

Meu estômago estava embrulhado. Tinha dito à Anna que ficaria na escola treinando mais um pouco, todavia minha mãe deve ter o melhor sexto sentido do mundo e mandou tia Mel me procurar e me obrigar a ir comer algo.

Inventei que tinha feito um lanche, mas não colou. Me recolhi à minha insignificância, troquei de roupa e fui encontrar Anna no café.

Levei séculos olhando o menu sem ter interesse em nada, por fim escolhi qualquer coisa, mas não consegui dar nenhuma mordida no sanduíche. Olhei para o prato e o meu estômago revirou, provocando uma ânsia de vômito. Corri para o banheiro e dei adeus aos últimos vestígios do café da manhã.

– Maria, tem certeza que você está bem? – Anna pergunta pela décima vez desde a sessão de

vômito.

– Considerando que se fizer algo errado hoje à noite posso dizer adeus à minha carreira de bailarina? Sim, estou bem.

– Você vai arrasar.

– Sei que preciso relaxar, mas meu corpo não está entendendo.

– Tenta comer alguma coisa. *Cookies, muffins?*

– Café.

– Você quer café? – Anna pergunta, sem conseguir conter o riso.

– Não ria, *cyka!* – resmungo e levanto a mão para chamar Katy. – Quero um *cappuccino* canela e para levar um expresso chocolate e um café mocha. – digo quando Katy chega. Ela olha para Anna e a duas desandam a rir. – Ah, e cinco *muffins* sortidos.

– Maria, você acabou de pedir

três tipos diferentes de café. – Katy pontua.

– Estou nervosa. – mordo o lábio. – Queria tanto que ele estivesse comigo.

– Espere aí. – Katy sai e volta minutos depois com um envelope grande. – Ele pediu para te entregar na segunda-feira, mas acho que hoje é um bom dia.

Pego o envelope e abro, tirando uma folha A3. As lágrimas

fazem seu curso pelas maçãs do meu rosto. Afasto a folha para não deixar que as lágrimas estraguem o desenho, ele nos desenhou dançando *ballet.* Sorrio, observando a postura desajeitada que ele se colocou, segurando-me vestida de bailarina e com traços, minuciosamente, trabalhados.

– Ainda quer os cafés? – Katy pergunta.

– Mais do que nunca.

– Nossa, que lindo!. – Anna comenta.

– Ele é brilhante. – digo baixinho.

O desenho e o café foram como sândalo para minhas angústias, me fizeram sentir abraçada, protegida das minhas inseguranças. Quando percebi havia comido três *muffins* e estava no segundo copo de café. Anna tirou várias fotos, segundo ela, se no

futuro repetir que odeio café, ela terá provas do contrário. De posse dos dois *muffins* restantes e do meu terceiro copo de café, voltamos para a escola e o último ensaio geral.

Talvez Dimitri tivesse tido o seu sândalo também; sem gritos ou críticas, o último ensaio terminou com um grande *"ufa"* coletivo, do tipo deliciosamente extenuante. Nós nos despedimos e fomos para casa,

tomar banho, colocar os pés para cima e aguardar pelo nosso grande momento.

Em casa me deitei com meu três pestinhas e ficamos conversando, sobre Guss, Nicolai, Heleen, Hubert e, praticamente, todas as garotas entre nove e onze anos do colégio, porque Théo é terrível.

– Sou um anjo comparado ao Théo. – diz João Guilherme. – Conta

aí, Tom.

– É verdade, Maria. E pior que, às vezes, as meninas vem bater em mim, achando que sou ele.

– Théo, seu cretininho! – dou um tapa na perna dele. – Vi tudo, quando começar a beijar, vai ser uma por dia.

– Ou mais. – Théo diz entre risos.

– Não vou te defender quando as meninas forem atrás de você

querendo te encher de porrada.

– Encho elas de beijo e fica tudo certo. – Théo argumenta.

– Pai, Théo é um projeto de cafajeste! – grito, o que faz eles começarem a gargalhar.

Guss enviou uma mensagem desejando sorte e dizendo que só conseguiria chegar em cima do horário do espetáculo, portanto só nos falaríamos no final da noite.

Minha mãe me ajudou com a

maquiagem e cabelo, então só terei o figurino para vestir no teatro, mesmo assim segui o cronograma e cheguei ao camarim com uma hora de antecedência, acompanhada pelos Terríveis e o Fera, que prometeram se comportar. As minhas colegas de *ballet* ficaram babando pelos três e a cretina da Anna veio se escalando para ser minha cunhada.

– Tira o olho do Fera, Cyka!

– Achei que fôssemos amigas. – ela sorri, alisando os cabelos de porco espinho do João Guilherme.

– Somos, desde que você mantenha suas garras bem longe dos meus irmãos.

– Ciumenta!

– Sou mesmo! – digo, abraçando o Tom. – Falando em irmãos, cadê o Théo? Não o vejo há vários minutos.

– Sei de nada. – diz Tom,

prendendo o riso.

– Fala seu pestinha, onde aquele moleque se meteu? – pergunto. Théo e João Guilherme trocam um olhar e os flagro olhando para trás das araras. – Não acredito! – exclamo, afastando as araras e pegando o safado do Théo bisbilhotando as garotas se trocando atrás do biombo. – Menino, toma jeito! – dou um puxão na orelha dele.

ACHERON - Livros e afins /

– Ai, meu Deus! – Anna exclama entre risos.

– Poxa, não posso me divertir. – ele faz um muxoxo.

O espetáculo começa pontualmente, o teatro está lotado e os meus olhos buscam por ele entre as centenas de pessoas presentes. O primeiro ato termina sem que o tenha visto; corro para o camarim para trocar o figurino, enquanto outro grupo entra. Entre saltos,

curvas, piruetas e arabesques não deixo de procurar por ele, estava no final do segundo ato, sendo sustentada pelo Frans e executando um *développés* quando o vi, no salão superior do teatro.

Saí para a troca de figurino de má vontade, me troquei rápido e os minutos pareciam não passar, queria que o terceiro ato tivesse início logo, queria vê-lo, queria que ele visse o meu olhar e soubesse que estava

dançando para ele. Quando finalmente pude retornar ao palco, meus olhos voltaram-se para ele e o vi sorrir quando nossos olhares se encontraram. Sem desviar os olhos dele, deixei que os movimentos fluíssem, conduzindo-me pelo palco com leveza e precisão até que o último passo fosse executado. Dei as mãos aos meus colegas para o cumprimento final e saí apressada.

Passei direto pelo camarim e

encontrei Guss no acesso ao público. Meus olhos foram do Guss ao salão superior e pude ver Nicolai se aproximar da escada que o levaria a saída. Não tinha tempo para buscar as palavras certas, precisava ir.

– Guss, desculpa, acreditei que pudesse ser você. – olho novamente para o salão superior. – Não é, desculpa. – beijo sua bochecha. – Preciso ir.

– Seja feliz. – ele beija meus cabelos. – Vou aguardar Anna.

– Sinto muito. – digo e saio correndo.

– Maria. – meu pai me segura pelo braço.

– Pai, por favor, preciso ir. – digo aflita, perdendo Nicolai de vista. – A gente pode deixar o jantar de comemoração para amanhã?

– Está frio. – ele coloca o blazer sobre os meus ombros. – Vai

logo. – diz, depositando um beijo na minha têmpora.

– Eu te amo, pai. – o abraço, por milésimos de segundos, e saio correndo.

Paro de correr quando alcanço os pés da escada. Olho entre a multidão descendo e não o vejo. Suspiro frustrada e olho para a saída do teatro, tentando distingui-lo de costas.

Tento buscar um parâmetro,

alto, ombros largos, cabelo baixo em tom castanho claro, tendendo para o loiro, tento lembrar a cor da sua camisa, mas resmungo irritada ao perceber que ele estava usando um terno como todos os homens.

– Foco, Maria! – respiro e olho o todo, pincelando as possibilidades, avaliando altura e cabelos, fazendo a exclusão com base na largura do ombro. – Ali! – grito quando o encontro, o que faz as pessoas me

olharem assustadas.

Ignoro os olhares e me apresso em alcançá-lo, por que ele está no passeio do teatro. Avanço dando alguns empurrões e me desculpando em seguida, e consigo colocar ambos os pés fora do teatro quando ele está na calçada.

– Oh, droga! – tiro as sapatilhas e corro descalça, sentindo os meus pés reclamarem.

Estou a alguns passos dele,

quando um táxi para e ele entra.

Seguro a porta antes que ele a feche e me jogo no banco, empurrando-o para o lado.

– *Déjà-vu* ao inverso. – sorrio. – Droga, esqueci o café.

ACHERON - Livros e afins /

35. Capítulo

Passo meu endereço para o taxista e peço para ele fechar a divisória.

Nicolai me olha boquiaberto.

– Você acha mesmo que pode ir embora da minha vida assim? – o encaro furiosa.

– Maria, é o melhor. – ele

suspira. – Não pense que está sendo fácil, toda manhã preparo uma xícara de café para você e então lembro que acabou.

– O que acabou, Nicolai? Me diz, porque não sei.

– A ilusão. – ele aperta as mãos e fixa seus olhos nelas. – Você ainda não entendeu que me apaixonei por você?

– Se é que você não percebeu, também me apaixonei por

você.

– É esse o problema, Maria.

– Como? – balanço a cabeça confusa.

– Posso lidar com o meu sofrimento, mas não posso suportar o seu sofrimento. – ele olha nos meus olhos. – Esqueço meus problemas quando estou com você, contudo isso não muda o fato que eles existem. Ele é o cara certo para você.

− Quero o cara errado, Nicolai. – entrelaço nossas mãos. – Quero você, poxa. – deixo as lágrimas caírem. – Será que é tão difícil entender?

− O que posso te oferecer? Só tenho problemas, Maria.

− Sinto dizer, mas não estou te pedindo em casamento. – toco o seu rosto. – Também não estou te pedindo em namoro, só estou te pedindo para ficar, Nicolai. –

contorno seus lábios com o polegar.

– Fica, virei uma compulsiva por café longe de você. – resmungo.

– O quê? – ele sorri torto.

– Tem algo que podemos mudar nessa história. – ignoro sua pergunta e o seguro pela gravata. – Esquece esse lance de sem beijos.

Enrolo a gravata no punho e o puxo para mim, unindo nossos lábios. Nicolai desliza a mão na minha nuca, segurando-me firme, e

sua língua mergulha entre os meus lábios. Ele aperta minha coxa com a outra mão, os dedos se empertigando sobre a meia-calça. Solto sua gravata, empurro o blazer dos meus ombros e passo uma perna sobre as suas, me posicionando no seu colo.

– Oh, cacete. – ele sussurra.

Estou usando um tutu, do tipo bandeja, quando sentei ele ficou empinado, deixando-me vestida

somente com o que seria uma calcinha e a meia-calça por baixo; quando Nicolai levou as mãos aos meus quadris, elas acabaram espalmadas sobre a minha bunda.

Ele geme nos meus lábios e sinto a pressão do volume nas suas calças entre as minhas pernas. Meu corpo estremece e uma onda de calor me consome, concentrando-se em cada ponto de convergência dos nossos corpos.

ACHERON - Livros e afins /

De repente, sinto o seu quadril movendo-se devagar, aumentando a pressão entre as minhas pernas. Empurro o seu blazer. Ele se afasta do encosto do estofado, ajudando-me a tirá-lo, mas o movimento impulsiona seu corpo contra o meu e um gemido escapa por entre meus lábios.

Não entendo o que está acontecendo, nunca senti nada parecido antes. Sinto pequenas

contrações entre minhas pernas e não consigo controlar. Nicolai apalpa forte a minha bunda, puxando-me para ele, ao mesmo tempo que investe sua pélvis contra a minha e seus lábios movem-se ávidos nos meus.

Uma batida forte na divisória nos sobressalta.

– Filho da puta. – resmunga. – É melhor você descer, prometo que te ligo.

– Quê? – pergunto, sacudindo a cabeça, tentando retomar o controle do meu corpo.

– Chegamos ao seu apartamento.

Por que ele não parece nada abalado?

Inferno!

– Você não precisa me ligar depois, vai descer comigo.

Outra batida na divisória.

Nicolai devolve a batida e o motorista abre a divisória.

– Um instante, por favor. – ele pede, olhando para o motorista por cima do meu ombro. – Não estou com a chave do apartamento. – diz, passando a mão pelo cabelo. – Daqui a pouco sua família chega, não quero criar problema para você.

– Eles sabem que vim atrás de você, não seria surpresa te encontrar, mas de qualquer jeito,

eles vão para o hotel, deixamos a comemoração para amanhã.

– Certeza? – ele estreita os olhos.

– Sim, Nicolai. – reviro os olhos. – Pare de agir como se fosse a primeira vez que a gente fosse dormir junto.

– Isso é questionável.

– Idiota! – dou um soco no seu peito.

ACHERON - Livros e afins /

Nicolai pagou o táxi, recolhemos os blazers, a minha sapatilha e descemos. Entramos no elevador em silêncio. Não sabia como me comportar, abaixei a cabeça e fiquei fitando o chão. Não era para ser estranho. Não posso beijá-lo se for ficar me sentindo deslocada quando o beijo termina.

– Algum problema? – ele pergunta.

– Não consigo fazer isso. –

confesso. – Não posso me agarrar com você e no minuto seguinte agir como se fôssemos apenas amigos. – mordo o lábio. – Não sei ser amiga de foda ou amasso, o que seja.

Ele ri baixinho. Levanto o rosto e o encaro. Nicolai coloca a mão em cocha sobre a boca para abafar o riso, mas não se contém e ri alto.

– Por que diabos você está rindo?

– Você é hilária, Maria. – diz entre risos.

– Idiota! – cruzo os braços irritada.

Assim que o elevador abre, saio, ignorando-o. Paro em frente a porta e percebo que estou sem a porcaria da chave, porque saí do palco correndo atrás dele e não lembrei de pegar a merda da bolsa no camarim. Jogo o blazer e as sapatilhas no chão.

– Ai, que ódio! – soco a porta.

Suspiro frustrada, pensando no que fazer. Sem chaves, sem celular, sem sapato e sem roupa, não posso sair por aí desfilando de tutu. Fecho os olhos irritada comigo mesma por ser tão idiota e sinto Nicolai me abraçando por trás, envolvendo-me com suas mãos grandes e roçando seus lábios no meu pescoço.

– Para, Nicolai.

– Nunca faria de você uma

amiga de foda. – ele sussurra no meu ouvido, mordiscando o lóbulo da minha orelha. – Você só tem duas opções. – beija o meu pescoço, lentamente, até a altura do ombro. – Ou é minha namorada ou casa comigo.

– Você é maluco? –seguro o seu braço, torcendo-o.

Viro rápido e o imprenso na porta.

– Porra. – ele resmunga

quando bate a cabeça na porta. – Tenho que lembrar que seu pai te treinou para ser uma ninja. Só estava brincando, porque você disse mais cedo que não estava me pedindo em casamento. – ele morde o lábio. – Embora a parte da namorada seja sério, se você prometer que não vai me sequestrar e me torturar até a morte.

– Aceito desde que a frase *"casa comigo"* não deixe os seus

lábios nunca mais, em relação a minha pessoa.

– Estou confuso, você é minha namorada, mas devo pedir outra garota em casamento?

– Quer continuar com as duas bolas? – pressiono o meu joelho entre suas pernas.

– Por favor, acho que você vai preferir assim. – ele dá um sorriso maroto.

– Acho bom você parar de

– Nunca tinha imaginado que ficaria louco de tesão sendo subjugado por uma mulher. – ele umedece os lábios.

– Você é um caso perdido. – afrouxo o aperto nos seus braços e o agarro pelo bíceps, esmagando seus lábios com os meus.

Nicolai me envolve pela cintura, o que amassa o tecido do tutu e cria uma barreira entre nós, impedindo

os nossos corpos de colidirem.

– Mas que... – ele interrompe o beijo e olha a minha roupa. – Esse troço é muito mais interessante com você no meu colo. – diz, segurando-me pela cintura e me impulsionando para os seus braços.

Envolvo as minhas mãos no seu pescoço e travo as pernas no seu quadril. Nicolai nos gira, me pressiona contra a porta e move ambas as mãos para minha bunda.

Sinto sua ereção pulsando logo abaixo das minhas pernas e não consigo deixar de desejar senti-lo novamente pressionado contra mim, como no carro.

Um coçar de garganta, muito familiar, me faz gelar.

Salto dos braços do Nicolai, no mesmo instante em que nossos lábios se separam. Ajeito o tutu e viro em direção ao elevador.

– Pai?

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

36. Capítulo

– Pai? – Nicolai repete a minha pergunta em tom de *“fodeu”.*

– Atrapalho? – meu pai pergunta com ironia.

– N-não. – gaguejo.

– Bom. – ele diz tão calmamente que me deixa nervosa. – Sua chave. – joga a chave para

mim.

– Só lembrei quando fui abrir a porta.

– Lembrou? – ele estreita os olhos. – Interessante, não parecia que você estava lembrando de algo. Abre a porta.

– É melhor ir embora? – Nicolai murmura.

– Agora? – meu pai pergunta, nos assustando.

– É-é meio tarde. – Nicolai diz tenso.

– Entrem. – meu pai ordena.

Nós entramos, em silêncio, trocando olhares sorrateiros e nos sentamos no sofá. Meu pai para em pé na nossa frente, alisando a barba e olhando-nos.

– Vá trocar de roupa.

– Pai, por favor. – olho para ele, implorando para não socar Nicolai enquanto estou no quarto.

– Vá trocar de roupa. – repete, pausadamente.

Se tiver um concurso para a situação mais bizarramente assustadora no mundo, ser flagrada pelo pai dando um amasso, deve ser a número um, com larga vantagem sobre as concorrentes, porque é aterrorizante.

Minha ideia era trocar de roupa correndo e voltar para sala antes que meu pai resolvesse matar

Nicolai ou mandá-lo passar uma temporada no hospital, mas todas as roupas pareciam impróprias. Estava quase surtando quando decidi por uma calça moletom, uma blusa básica com sutiã e um casaco, só para garantir que estava devidamente vestida.

– Então? – suspiro, sentando ao lado do Nicolai.

– Estávamos te esperando. – meu pai estreita os olhos. – Você

acha mesmo que depois do que vi no corredor, vou acreditar que não vai rolar nada depois que for embora, porque você está vestida assim?

– Pai, estou meio que em pânico, acho que Nicolai também, então vamos pular a parte da tortura, por favor.

– Qual a situação entre vocês?

– Namorados. – dizemos em uníssono.

– Você mora ao lado?

– Mudei na última semana. – Nicolai estala os dedos. – Agora estou morando em outro bairro.

– Vai continuar morando lá? – meu pai sonda. – Agora que vocês estão juntos.

– Sim, na verdade esse apartamento. – ele aponta para o lado. – É do meu tio, ele me emprestou por um tempo, mas encontrei um lugar com dois quartos

e que posso pagar, então fica melhor, porque quero trazer meu irmão para morar comigo. – ele morde o lábio. − Meu pai morreu no último ano e as coisas ficaram um tanto confusas, minha mãe precisa de tratamento especializado, meu irmão é um adolescente, então preciso cuidar deles, mas aos poucos estou conseguindo me organizar.

− Entendo. – meu pai solta um

suspiro. – Imagino que você tenha camisinha?

– Pai!

– S-sim. – Nicolai gagueja.

– O que está acontecendo? – minha mãe pergunta da porta, segurando minhas sapatilhas e o blazer nas mãos. – Ah, não! – ela exclama ao entender que fomos pegos no flagra. – Amor, por favor, vamos. Os meninos estão cansados, quando a gente descer é

capaz de estarem dormindo no sofá da recepção e você vai ter que carregar os três no colo até o carro, porque você veio entregar uma chave e demorou três séculos. – minha mãe tagarela, tentando tirar a atenção do meu pai.

– Eu levo os meninos para o carro, amor. Só um minuto. Você vai tomar anticoncepcional e isso não é opcional. – avisa, olhando diretamente nos meus olhos. –

Hannah, você pode agendar um ginecologista para Maria o quanto antes?

– Sim, amor, amanhã mesmo irei agendar a consulta.

– Vocês não irão esquecer a camisinha em hipótese alguma. – meu pai olha fixamente para Nicolai, que apenas balança a cabeça afirmativamente. – Você irá fazer todos os testes de DST`s na segunda-feira e quero os resultados

ACHERON - Livros e afins /
impressos entregue em minhas mãos.

– Sim.

– Pai! – olho para minha mãe pedindo ajuda.

– Se você machucar a minha filha de qualquer forma, vou atrás de você, no fim do mundo, arranco suas bolas e te faço engoli-las. Entendido?

– Sim. – Nicolai balança a cabeça.

ACHERON - Livros e afins /

– Nos vemos amanhã no almoço de comemoração. – meu pai levanta. – Os dois. – ressalta.

– Sim, senhor. – Nicolai responde.

– Você não vai passar nem perto da minha filha se me chamar de senhor uma segunda vez.

– Entendido.

– Você desenha muito bem, moleque. – meu pai dá um tapa no ombro de Nicolai e caminha para a

porta. Ele envolve minha mãe pela cintura e sai, fechando a porta.

– Meu Deus! – apoio a cabeça no encosto do sofá. – Achei que fosse morrer.

– Eu vi a morte batendo na minha porta. – Nicolai circunda minha cintura e me puxa para o seu ombro. – Seu pai parece galã de televisão.

– Essa foi a forma mais fofa de dizer que meu pai é gostoso. –

provoco.

– Gostosa é a filha dele. – ele me pega pela cintura e me faz deitar no sofá. – Vou trancar a porta. – diz, levantando.

– Ele não vai voltar, minha mãe vai mantê-lo ocupado.

– Segurança nunca é demais.

Permaneço deitada enquanto ele vai trancar a porta. Mordo o lábio, pensando no que fazer a seguir, porque quando ele me beija

não respondo por mim.

Será que estou pronta para a minha primeira vez?

Tenho medo de pular fora e ele me achar muito imatura, mas também tenho medo de ir em frente e não saber o que fazer, e aí ele vai acabar frustrado e vai preferir continuar se pegando com Giulia. Começo a pensar que pode não ter sido uma boa ideia convidá-lo para ficar.

– O que você está pensando? – ele passa uma perna sobre as minhas, apoiando o joelho no sofá e se debruça sobre mim.

– Nada. – minto.

– Mentirosa. – ele aperta meu nariz e me dá um selinho. – Aposto que sei o que você está pensando.

– Que é... – reviro os olhos.

– Viu que você estava pensando? – ele sorri. – Não estou fantasiando que essa noite vá

acabar em sexo, o que não significa que não estou pensando em sexo, porque penso em ter você desde a primeira vez que te vi e se a gente for continuar o amasso, o que quero muito, terei que bater uma antes de dormir, portanto não estranhe se demorar no banheiro.

– Quem disse que o romantismo acabou?

– Alguém que não me conhecia. – diz sério, o que me faz

sorri. − Você está bem com isso? – pergunta, afagando o meu rosto.

− Desde que você não suje minhas toalhas, acho que posso sobreviver.

− Nah! Prefiro usar suas calcinhas como alvo. − ele provoca, deslizando o nariz pelo meu pescoço. − Falando sério, não quero que você pense que precisamos fazer sexo.

− Se eu quiser? – mordo o

lábio.

– Aí... – ele inspira forte, abre e fecha a boca sem dizer nada. – Vou fazer com que você sinta o quanto te quero. – ele apoia os cotovelos no estofado e remove os grampos do meu cabelo, desfazendo o coque. – Sem pressa, Maria. – sussurra, roçando os nossos lábios e enredando os dedos por entre os meus cabelos.

– Quando você me beija, não

sei o que acontece comigo. – confesso. – Meu corpo reage de um jeito diferente, não sei explicar.

– É um jeito bom? – ele morde o lábio.

– Muito bom. – desfaço o nó da sua gravata. – Como se fosse um vulcão em erupção. – sussurro nos seus lábios.

– Isso é muito bom. – ele desliza uma mão pelo meu pescoço, afastando o casaco do meu ombro.

– Se beijar aqui, você fica arrepiada. – sussurra, beijando logo abaixo da minha orelha. – O que acontece se for beijando e beijando. – ele distribui beijos no meu pescoço, avançando pelo meu busto. – E, de repente, minha língua escorregar entre os seus seios?

Sinto a umidade da sua língua invadir a minha blusa, lambendo até o fecho do sutiã e subindo devagar, pincelando lambidas em ambos os

seios. Mordo o lábio, contendo um gemido e espalmo as mãos nas suas costas.

– Você está trapaceando. – ele sorri, umedecendo os lábios.

Ele se afasta e empurra meu casaco pelos braços. Levanto o tronco, ele puxa o casaco e joga no chão. Puxo sua camisa de dentro da calça e começo a desabotoá-la, ele me ajuda e quando todos os botões estão abertos, ele termina de tirá-la,

enquanto os meus olhos sobem e descem o seu tórax, admirando os músculos bem definidos do peitoral e os seis gominhos do seu abdômen.

Porra, exclamo em pensamento, acompanhando os traços da sua musculatura que descendem harmoniosamente, e sem excessos, até a elevação do osso pélvico.

Por impulso, ergo ambas as

mãos e perfaço a linha curva que se desenha a partir da sua cintura, parando quando os meus dedos tocam o cós da sua calça. Abro e fecho a boca, deixando um suspiro pesado escapar.

Levanto os olhos para o seu rosto, sentindo o sangue se acumular nas minhas bochechas. Pensei que fosse ver um sorriso debochado no seu rosto, mas errei. Nicolai me olha com os lábios

entreabertos, vejo o movimento intenso do seu peito em resposta à respiração pesada. Mordo o lábio, seguro ambas as pontas da gravata, que ainda está pendurada em seu pescoço, puxando-o para mim.

ACHERON - Livros e afins /

37. Capítulo

O gosto dos seus lábios me invade feito uma onda forte e selvagem, mas ao mesmo tempo me abraça, me aninhando em uma brisa de calmaria. Pela primeira vez, a imprevisibilidade é bem-vinda, gosto do paradoxo singular que se instaura em mim quando estou com ele.

Nicolai conseguiu enlaçar o meu corpo e segurando-me junto ao seu torso, rolou para baixo, invertendo nossa posição. Não tinha certeza sobre como ainda não havíamos caído do sofá, entretanto não estava preocupada com essa possibilidade.

Sentia suas mãos esquadrinhando minhas curvas, os dedos arrastando-se sob a minha blusa, enquanto os meus dedos

afundavam ora no seu peito, ora nos seus bíceps, sentindo os seus músculos contraindo sob o meu toque.

Estava com uma perna encaixada entre as suas e sentia o seu membro abaixo do meu abdômen. Uma umidade crescente se acumulava na minha calcinha e, se não estivesse enlouquecendo, podia jurar que havia algo pulsando entre minhas pernas.

ACHERON - Livros e afins /

Nossos lábios continuavam conectados, explorando um ao outro, alternando entre beijos, chupões provocantes e mordidas com um toque de molecagem. Vez ou outra, ele sorria nos meus lábios, mordiscando de leve, seus olhos buscavam os meus e então ele voltava a me beijar. O que não entendo é como esse simples gesto pode precipitar um enxame de borboletas no meu estômago.

ACHERON - Livros e afins /

Ele resvala os dedos no elástico da minha calça e suas mãos deslizam por minha bunda, apalpando-a. Remexo o quadril, buscando mais contato entre nossos corpos. Ele geme, segura firme minha bunda e impulsiona sua pélvis. Finco minhas unhas nos seus bíceps, apoio meus joelhos no sofá e o puxo, junto comigo, fazendo-o sentar. Sem parar de beijá-lo, passo minhas pernas em volta do seu quadril e envolvo meus braços no

seu pescoço.

Com as mãos dentro do moletom, ele acaricia-me, infiltrando os dedos sob o contorno da calcinha e escorregando até a polpa da minha bunda. Sinto a ponta dos seus dedos dedilhar a parte interna das minhas coxas, quase tocando a calcinha e suspiro, mordendo seu lábio por impulso e com um pouco mais de força.

– Você quer que pare?

– Eu nunca... – pauso, com vergonha.

– O quê? – pergunta, olhando nos meus olhos.

– Nunca... – abaixo os olhos.

– Você nunca se acariciou?

Mordo a parte interna da bochecha, sentindo o rubor inundar meu rosto.

– Todas as vezes que senti vontade, desisti antes de começar. –

confesso. – Parecia estranho fazer isso sozinha.

– Você é meu paradoxo, Maria. – ele sorri e me beija. – Nunca vai haver alguém tão bem resolvida quando o assunto é sexo e, ao mesmo tempo, virgem em todos os sentidos.

– Não começa com esse papo de virgem. – resmungo.

Ele sorri torto e não resisto, sorrio em resposta. Nicolai une os

nossos lábios, gira o corpo, colocando as pernas para fora do sofá e com os dedos se empertigando entre a parte interna das minhas coxas, pressiona os nossos corpos.

– Adoro que seja assim. – diz, beijando meu pescoço.

– Se não fosse virgem, você teria se interessado por mim?

Sinto suas mãos e lábios deixarem minha pele. Ele me

encara. Vejo as nuvens cinzas se difundirem pelo azul dos seus olhos.

– Você acha que... – ele aperta os lábios. – Acho melhor ir embora. – diz, afastando minhas mãos do seu pescoço.

– Não. – tento abraçá-lo, mas ele segura meus braços. – Desculpa.

– Não peça desculpa, porque é isso o que você pensa.

– Não quis dizer assim.

– Quis dizer como? – ele estreita os olhos.

– Não sei. – sacudo os ombro. – Fica, por favor.

– Para você me acusar de querer roubar sua virgindade?

– Nicolai, desculpa. – mordo o lábio. – É que você sempre fez brincadeiras sobre esse assunto.

– Brincadeiras, Maria. – ele pontua. – Claro que gosto da ideia de ser o primeiro cara a estar assim

contigo, mas daí a você supor que esse é o motivo que me fez gostar de ti, porra é foda.

– Esse lance de gostar é novo para mim, assim como essas sensações todas no meu corpo, é tudo intenso, não sei como manter o controle.

– Vamos esclarecer um ponto. – ele segura uma mecha dos meus cabelos. – Esse lance de gostar também é novo para mim. – diz,

prendendo a mecha atrás da minha orelha. – Percebi que não tenho o controle faz tempo. –afaga meu rosto. – Gosto de você, Maria, das suas manias, do seu sorriso, dos seus olhos. – diz, segurando meu rosto entre as mãos. – Gosto da garota que é durona e doce, que não tem meias palavras, que ri em filmes de terror e chora em comédia romântica, que tem um fetiche esquisito por livros com dedicatória e é sexy mesmo vestida de *minions.*
ACHERON - Livros e afins /

– Você pode deletar aquele pijama da sua memória, por favor.

– Nah! – ele sorri torto. – E você está proibida de se livrar dele.

– Quê?

– Isso mesmo, aliás quero você usando ele quando formos dormir.

– Nem morta.

– Pijama dos *minions* ou nua, você escolhe.

– Durmo nua, se você dormir apenas de boxe.

– Nua é nua, sem calcinha, sem nada.

– Nunca durmo de calcinha.

– Nunca, nunca? – ele arregala os olhos.

– Sim, estava somente de *babydool* quando dormimos juntos.

– Cacete. – ele murmurra. – Pode dormir como quiser, estou

fodido de todo jeito.

Sorrio e uno nossos lábios, recomeçando o amasso. Nicolai segura na bainha da minha blusa, levantando-a. Ergo os braços e me afasto dos seus lábios, tempo suficiente para a blusa passar por minha cabeça, e volto a beijá-lo em seguida, sentindo suas mãos emoldurando as minhas curvas, dos seios a cintura.

Quando as alças do sutiã

deslizaram por meus braços, senti sua mão espalmar a minha lombar, enquanto a outra envolvia o meu seio e seus lábios percorriam o meu pescoço, espalhando beijos ansiosos, que seguiram acompanhados de mordidas sutis. Ele parou com os lábios entre os meus seios e com a ponta da língua perfez toda circunferência, tracejando o símbolo do infinito e retornando ao ponto de início.

ACHERON - Livros e afins /

Nicolai segurou meu seio, como se sua mão fosse uma taça, e aproximou os lábios do meu mamilo, tomando-o entre seus dentes. Meu corpo inteiro estremecia. Puxei todo ar dos meus pulmões e soltei um suspiro extasiante. Ele sugou meu mamilo entre os lábios, morosamente, e aos poucos foi aumentando o movimento de sucção, envolvendo mais do meu seio.

ACHERON - Livros e afins /

Não conseguia conter os suspiros. Senti a umidade dos seus beijos se espalhando por todo meu seio, sem que ele parasse de apalpar o outro. Incapaz de reger o meu corpo, minhas costas arquearam e minha cabeça pendeu para trás, enquanto um gemido deixava os meus lábios e as minhas unhas perfuravam os seus ombros.

Ele mordeu de leve o meu mamilo, dando um chupão

demorando, antes de inverter a ordem das carícias. Iludida, achei que teria algum controle quando ele começou a sugar o outro seio, mas a sensação era ainda melhor e arquejos ininterruptos irromperam em meus lábios. Cada vez que seus dedos esfregavam o mamilo que ele havia beijado anteriormente, me sentia a beira de um colapso. Minhas pernas estavam travadas no seu quadril e percebi que estava rebolando no seu colo, acariciando a

sua ereção.

O que diabos está acontecendo comigo?

Respiro ofegante. Infiltro meus dedos entre os seus cabelos, fecho os olhos e curvo meu corpo, dando-lhe amplo domínio dos meus seios. Ele emite um arpejo, leva ambas as mãos aos meus seios e, apertando-os, escorrega a língua entre um e outro, sugando-os lascivamente.

Seus beijos galgam o meu

busto, subindo pelo meu pescoço, e as suas mãos deslizam pela minha cintura, avançando pela minha lombar. Ele prende meu lábio inferior entre os dentes, o puxa delicadamente, soltando-o e escorregando os lábios pelo meu pescoço, mordiscando-me e beijando-me com sofreguidão. Harpeio sua coluna e ele encaixa os dedos no elástico do moletom, incidindo suas mãos sobre minha bunda.

– Cama? – convido, sentindo os seus dentes arranhando meu pescoço.

– Se segura. – ele sussurra, a respiração quente soprando minha pele.

Nicolai palmeia minha bunda, sustentando-me nos seus braços e levanta. Ele me olha um instante, perscrutando o meu olhar, talvez tentando encontrar algum vestígio de hesitação. Então sorri e seus

lábios unem-se aos meus, enquanto ele me conduz ao quarto.

ACHERON - Livros e afins /

38. Capítulo

Na cama o amasso ganhava liberdade de movimentos. Estava deitada com as pernas flexionadas e ele apoiado sobre os joelhos, debruçava-se sobre mim, beijando-me. Os beijos migraram dos meus lábios para meu pescoço, seios e abdômen. Os meus olhos pairavam sobre ele, admirando-o curvado,

com os olhos voltados para os meus, e os lábios movendo-se lentamente pelo meu ventre, contornando o elástico do moletom.

Queria muito que ele continuasse, que seus lábios úmidos apaziguasse as chamas que flamejavam entre minhas pernas, no entanto, no momento que seus dedos se enroscaram no moletom, tomei consciência do estado liquefeito que havia na minha

calcinha e o sangue se acumulou nas maçãs do meu rosto; como ele estava com os olhos fixos nos meus, percebeu o meu constrangimento, parou o que estava fazendo e se deitou ao meu lado, abraçando-me.

– Você pode me dizer quando não quiser.

Sabia que ele havia entendido errado o meu rubor, mas estava com vergonha de explicar. Como iria dizer que estava com vergonha por

estar com a calcinha encharcada? Optei pela única saída que encontrei.

– Tudo bem se for tomar banho?

– Sim. – ele afaga meu rosto. – Posso esperar na sala.

– Não precisa, levo as roupas para o banheiro. – o beijo e levanto.

– Quando você terminar, aproveito para ir também.

– Está bem.

Pego uma camisola, calcinha, porque sim, imagina se ao invés da calcinha, deixo ele todo molhado, iria morrer de vergonha. Confesso que a ideia de colocar um absorvente passou rapidamente pelos meus pensamentos, poderia fingir que estava menstruada. Se não soubesse que a essa hora meus pais estão se pegando, ligaria para minha mãe para pedir ajuda. Ela

poderia ter sido um pouquinho mais descritiva nas nossas conversas sobre sexo, digamos que anatomicamente sei o que acontece, contudo, sensorialmente falando estou me sentindo um peixinho fora d´água. Embora, saiba exatamente o que ela iria dizer: *“Maria, não existe um manual, deixa rolar, se entrega as sensações e reações do seu corpo”.*

Ao retornar do banho, paro na

porta do quarto, vendo Nicolai recostado na cabeceira da cama lendo, ele está tão compenetrado que não me vê, fico um tempo em silêncio, sorrindo ao vê-lo franzir o cenho durante a leitura. Mordo o lábio, constatando o quanto ele é lindo e gostoso; jeito de garoto e corpo de homem.

Ele está com uma perna estirada e outra flexionada, a calça social preta evidenciando o volume

dentro dela. Minha mãe diz que a dor não está atrelada ao tamanho e sim ao nível de lubrificação, mas sei lá, acho que deve influenciar o mínimo que seja. Se ele for muito grande? Se doer muito? Acho que Guss é menor, pelo menos nos amassos sentia menos relevo.

Perco o rumo das minhas elucubrações quando Nicolai levanta o braço para passar a mão nos cabelos, as veias saltando no

bíceps me deixam sem ar. Inclino o rosto e meus olhos caem sobre seu peitoral. Ele parece que foi desenhado à mão.

– Você está fazendo uma cara pervertida. – ecomenta, curvando os lábios em um sorriso.

– Você estava me vendo esse tempo todo? – me aproximo e subo na cama.

– Há alguns minutos. – diz, colocando o livro no criado mudo.

– Coloquei uma toalha para você no banheiro.

– Vou lá. – ele me beija e levanta.

Pensei em pegar meu celular, para enviar uma mensagem para Anna, pedindo alguma dica sexual, mas aí lembrei que meu pai não me entregou minha bolsa, apenas a chave. Peguei o livro que Nicolai estava lendo e tentei iniciar a leitura, no entanto estava difícil fixar minha

atenção em algo que não fosse ele.

Olhei as horas no despertador, devia ter mais de vinte minutos que ele foi tomar banho. Será que ele está se masturbando? Balanço a cabeça, afastando esse pensamento, mas a imagem dele desabotoando a calça, faz minha mão ir deslizando entre minhas pernas, então o vejo abaixando a boxe e...

– Parou, Maria! – digo alto.

– Falando sozinha?

Nicolai está recostado na porta, com um sorriso safado e os cabelos molhados. Seguindo o ritmo dos meus pensamentos, meus olhos fazem uma varredura rápida e seguem o dorso central do abdômen trincando até o umbigo, quando desvia para as laterais.

Umedeço os lábios e imagino a minha língua incidindo sobre o traçado curvilíneo que deflagra na

sua pélvis. Respiro fundo, sentindo pequenos suspiros escaparem por entre meus lábios, é quando percebo que estou acariciando entre minhas pernas. Puxo minhas mãos rápido e abaixo os olhos, envergonhada.

– Continua. – pede em um murmúrio.

Quero sumir. Encolho as pernas e abraço meus joelhos, escondendo meu rosto. Ouço seus

ACHERON - Livros e afins /
passos se aproximando.

– Ei. – ele afaga meus cabelos. – Não fique com vergonha.

– Sou ridícula – resmungo.

– Como você chegou a essa conclusão? – ele segura meu queixo e me faz olhá-lo. – Você não tem noção de como foi sexy te ver se acariciando. –umedece os lábios. – E fazendo isso para mim, com os olhos ardendo de desejo, percorrendo meu corpo.

ACHERON - Livros e afins /

– Jura?

– Sim, Maria. – ele sorri. – Você quer continuar? Se quiser, posso sair.

– Quero que você faça.

– Tem certeza? Toda hora que vou...

– Estava com vergonha porque você ia ver minha calcinha molhada. – confesso. – Por isso o banho, mas – mordo a parte interna da bochecha. – estou com outra

calcinha alagada. – completo.

– Ainda bem que me aliviei no banho, ou teria gozado na boxer agora. –diz sério, me fazendo rir. – Você...

Ele pausa, morde o lábio em um meio sorriso e inclina o rosto, impondo seus lábios sobre os meus. Levo minha mão à sua nuca e, devagar, deito de costas na cama. Nicolai mantém seu tronco pairando sobre o meu, usando um braço

como apoio. Com a mão esquerda ele explora meu corpo, apalpando minha coxa e precingindo a bainha da camisola entre seus dedos. Suspiro na expectativa de sentir seu toque entre minhas pernas.

Movo minhas mãos nas suas costas, envolvendo-o e puxando-o, querendo sentir seu corpo junto ao meu. Ele se ajeita na cama, mas não diminui a distância entre nós, apenas sorri nos meus lábios e

percorre meu pescoço com o seu nariz, mordiscando na junção entre pescoço e ombro.

– Apenas relaxe. – diz, olhando nos meus olhos, enquanto seus dedos transpassam as alças da minha camisola.

– Juro que se você falar, relaxe e goze, vou te bater.

Ele meneia a cabeça levemente, morde o lábio e deixa um sorriso torto se insinuar.

– É essa a ideia. – pisca. – Meu ego nunca mais será o mesmo, primeiro orgasmo é bem mais imponente do que primeira vez.

– *Babaca atirado!* – dou um empurrão leve no seu tórax. – Se é assim, quero ver mais do que esse tanquinho mais ou menos.

– Como é? – ele gargalha.

– Isso mesmo que você ouviu. – digo, sentando.

– Tanquinho mais ou menos. –

diz entre risos e levanta. –Vamos ver se o conjunto eleva um pouquinho essa classificação. – provoca, desabotoando a calça. – E aí? – ele pergunta, deixando a calça cair.

Esse é o momento em que deveria fazer alguma piada idiota, fingindo que seu corpo não me afeta em nada, o problema é que estou afetada demais para conseguir disfarçar o meu queixo caído.

O primeiro detalhe que meus

olhos captaram foi o auto relevo na sua boxer preta. Involuntariamente, umedeci os lábios e meus olhos desceram por suas pernas, analisando das coxas às panturrilhas e, merda...

Cadê meu oxigênio?

Ele tem a porra dos músculos não apenas definidos, mas simetricamente bem delineados.

– Essa é a hora onde você confessa que na verdade é um

androide?

– Fui de tanquinho mais ou menos à androide? Isso é uma evolução?

– Se pegar uma fita métrica e te medir, desde o rosto até... – suspiro, olhando o seu corpo. – Tudo. Não vai ter nenhum centímetro sobrando em canto nenhum, a distância entre cada músculo, boca, olhos, tudo, é, absurdamente, simétrica.

– Lamento, não é hoje que você terá uma experiência intergêneros. – diz, prendendo o riso. – Meus pais estavam inspirados.

– Você não perde uma, né? – reviro os olhos.

– De jeito nenhum. – ele sobe na cama, segura meus punhos e me derruba sobre os lençóis. – Centímetros faltando sei que não há, mas se tem sobrando, aí é você

quem vai me dizer. – diz, distribuindo beijos no meu busto.

– Nicolai! – acerto um tapa nas suas costas. – Não estava falando disso.

– Vai dizer que não está curiosa. – ele sobe os beijos pelo meu pescoço e queixo.

– Não. – minto., reivindicando seus lábios. – Mas espera aí. – interrompo o beijo. – Como assim sobrando?

– Só estou te perturbando. – ele ri e volta a me beijar.

– Sério, Nicolai. – digo entre beijos. – Qual o tamanho? – pergunto, interrompendo o beijo com um selinho.

– Quê? – ele não contém a gargalhada.

– Para de rir e responde.

– Nunca medi. – responde, depois de vários minutos de risada. – Algumas garotas reclamam que

dói e não encaram todo.

– Por que você me contou? Vou ficar mais em pânico do que estou.

– Não precisa ficar em pânico. – ele apoia os cotovelos ao lado do meu rosto e contorna meus lábios. – Vamos deixar que aconteça, até lá a gente vai descobrindo um ao outro. – ele me beija com ternura. – Quero que você descubra do que gosta e como gosta. – diz, acariciando meu

pescoço com sua respiração. – Só você pode dizer quais são os limites, Maria, e para isso você precisa conhecê-los.

– Gosto dessa ideia. Podemos continuar? – perpasso minha língua nos seus lábios.

– Com certeza. – ele sorri e abaixa as alças da minha camisola.

Nicolai beija os meus seios, demoradamente, arrancando-me suspiros. Ele enrola a camisola pelo

meu corpo, desnudando meu abdômen, espalhando beijos lentos. Quando a camisola para no meu quadril, ele levanta o tronco, umedece os lábios e pisca para mim, antes de puxá-la por minhas pernas e jogá-la no chão.

Escorrega as mãos entre minhas pernas, parando na virilha. Assisto os meus seios subindo e descendo, apressadamente, enquanto os seus dedos dedilham a

parte interna das minhas coxas, deslizando pelo contorno da calcinha. Mordo o lábio, prendendo a respiração, quando ele encaixa um dedo sob o elástico. Sinto a umidade aumentando e pequenas vibrações reverberando pelo meu corpo.

Um murmúrio de protesto escapa por entre meus lábios quando ele remove o dedo. Antes que tenha tempo de fechar os

lábios, sou dominada por uma onda de gemidos ao sentir seus lábios, beijando-me, por cima da calcinha. Sinto seus dentes roçando minha intimidade e, de repente, sinto meu ventre sendo mordiscado e os seus dedos arrastando a calcinha pelas minhas pernas, deixando-as nos meus tornozelos.

As mordidas são substituídas por beijos molhados que atravessam o monte púbico e se apoderam dos

meus grandes lábios, beijando-os e sugando-os, languidamente. Meus dedos apertam os lençóis, meu corpo se contorce ao sentir sua língua me invadir e pronuncio o seu nome em meio a arquejos e murmúrios desconexos.

Ele afundava os dedos nas minhas coxas e o seu rosto continuava submerso entre minhas pernas, lábios e línguas alternando entre chupões e mergulhos

audaciosos na minha fenda. Sentia o fogo queimando sob a minha pele, o desejo ardendo em cada célula do meu corpo. Não achei que pudesse sentir algo tão avassalador, e percebi que havia muito mais a descobrir quando senti os seus dedos pinçando o meu clitóris e dando início a uma massagem delicada, fazendo mini círculos e esfregando-o cuidadosamente.

Pequenas contrações entre

minhas pernas seguiram-se à um arrepio que desceu minha coluna, fazendo-me arqueá-la e gemer mais alto, ao mesmo tempo que ele intensificava a massagem no meu clitóris e me penetrava com dois dedos, unindo-os ao *ballet* que sua língua executava.

Não demorou muito para que as contrações aumentassem, agarrei os seus cabelos entre meus dedos, meu quadril arqueou-se, ele

removeu os dedos e tomou-me em seus lábios, devorando-me com sua língua enquanto sentia o meu corpo desfalecer sob as suas carícias.

Nicolai deposita um beijo entre minhas pernas e se joga na cama, me puxando para o seu peito.

– Isso foi... – procuro a palavra, sem encontrá-la.

– Foi. – ele sorri e beija meus cabelos.

ACHERON - Livros e afins /

39. Capítulo

– Parabéns.

– Obrigado por vir. – ele tira o capelo e coloca em mim.

– É a formatura do meu namorado, claro que viria. – o beijo.

– Vou tirar esse vestido e volto para irmos embora. – diz, me dando um selinho. – Você vai dormir lá em

casa?

– Então. – mordo o lábio. – Prometi que não teria comemoração. – coloco o capelo de volta nele. – Mas não falei nada sobre um jantarzinho a dois, deixei tudo pronto lá em casa.

– Você é tão teimosa. – ele beija meu pescoço. – Volto em dois minutos.

Depois do jantar, nos aninhamos na cama para assistir a

quarta temporada de The Walking Dead. Em dois meses de namoro, conseguimos finalizar a segunda e assistir toda a terceira temporada.

– Pausa para um amasso? – pergunta, alisando minha perna e deslizando a mão por baixo da camisola. – Não vou me acostumar com esse lance de você dormir sem calcinha nunca. – diz, resvalando os dedos entre minhas pernas. – Fico teso na hora.

– Você fica teso o tempo todo. – debocho.

– Se você fica me provocando.

– Olhe bem e me diga quem é que está provocando quem. – afasto a cabeça do seu peito e levanto as mãos.

– Admita que está querendo. – ele se debruça sobre meu peito e move os dedos devagar, enterrando-os em mim.

– Não sei do que você está

falando. – digo entre suspiros.

– Não? Então tudo bem se fizer isso? – ele remove os dedos e desaba o corpo ao meu lado.

– Não ouse! – ameaço.

– O quê?

– Volta aqui, seu abusado! – exigo.

– Adora, né? – ele sorri torto, deita sobre meu corpo, distribuindo beijos no meu busto e seus dedos

ACHERON - Livros e afins /
desaparecem entre minhas pernas.

– Só um pouquinho. – arfo.

– Quer a minha boca também? – sorri presunçoso.

– Você sabe que sim, Nicolai. – murmuro entre gemidos.

– Qualquer dia desses vou gozar quando você disser meu nome gemendo assim. – ele segura a bainha da minha camisola e levanta. Ergo os braços, ajudando-o a tirá-la.

– Oh, cacete!

ACHERON - Livros e afins /

Não fizemos grandes avanços sexuais. Embora às vezes, quase sempre, tenha vontade de despi-lo e masturbá-lo, fico com vergonha de não saber o que fazer e desisto; o máximo que fiz foi massageá-lo por cima da boxer ou montar nele, sem calcinha, e ficar rebolando sobre o volume na boxer. Então, nosso amasso consiste em beijos, ele me faz sexo oral até o orgasmo, depois ele se masturba no banheiro, voltamos aos beijos e dormimos.

Sei que tenho tirado vantagem nessa história, mas como vou fazer algo que não sei. Fui perguntar a minha mãe como fazer, ela me mandou pedir para ele me ensinar, porque segundo ela não é algo que só se aprende na prática e é ele quem vai poder me dizer do que gosta. Lógico que essa possibilidade está vetada. Anna me mandou praticar com uma banana. Juro que tentei, mas sempre acabo arrancando um pedaço da banana,

logo devo estar fazendo algo errado.

Enfim, não sei o que fazer e, confesso, estou quase pedindo ajuda a Giulia; até peguei o contato dela no celular dele, fingindo escolher algumas fotos. Também pensei em vê-lo se masturbando e, talvez, entender como funciona, no entanto, não quero pedir para ele fazer na minha frente, queria que fosse uma sugestão dele, o que

nunca aconteceu.

Todos esses pensamentos zunem na minha cabeça antes de dormir. Ele pegou no sono faz tempo, com um braço apoiado sobre meu abdômen. Cansada, acaricio o seu peito, me concentro na sua respiração e adormeço.

O despertador nos acordou cedo, porque vamos visitar a sua mãe e depois ir ver o seu irmão. Nicolai tem ido a cada quinze dias à

casa do tio, apesar de ter conseguido se reaproximar do irmão, ele ainda está arredio e não entende o porquê de continuar morando com o tio, embora Nicolai tenha dito que assim que terminasse a universidade e conseguisse outro trabalho para o período da manhã ou um trabalho integral, iria trazê-lo para casa.

Como sempre tudo ocorreu tranquilamente na clínica, Kira é

gentil e demonstra estar muito feliz com o nosso namoro, todavia não posso dizer o mesmo em relação a Mikhail, ele me culpou pelo irmão tê-lo mandado ir morar com o tio, acabou brigando com Nicolai, e estou me sentido responsável por ter abalado o pouco que havia se reestabelecido da relação deles.

– Desculpa. – peço pela milésima vez, quando chegamos ao meu apartamento.

– Para de se desculpar, por algo que não é sua culpa. – ele me abraça. – Mikhail quer um culpado para o que aconteceu nas nossas vidas e te escolheu.

– Mas se não tivesse ido, vocês não teriam brigado.

– Esquece as merdas que ele te falou, por favor. – Nicolai segura meu rosto entre as mãos.

– Está bem.

– Vá tomar seu banho, vou

preparar um café para mim e chá para você.

– Acho que quero um café também.

– Te corrompi mesmo, não é? – ele sorri e me impulsiona para o seu colo. – Um orgasmo e um café saindo para a senhorita.

– Depois digo qual foi mais gostoso.

– Não me provoca. – ele morde meu lábio e me leva para a

cama.

Depois do café, nós ficamos um tempo namorando e fomos dormir. No dia seguinte, almoçamos na casa de tia Mel e no final da tarde nos despedimos, ele foi para seu apartamento e saí para uma noite de garotas.

– Como foi conhecer o cunhado? – pergunta Olga.

– Ele me odeia.

– Para, Maria. – diz Eva.

– É sério, ele me odeia.

– Não pode ter sido tão ruim assim. – Anna comenta.

– Foi do tipo. – faço aspas no ar. – Morra, vadia.

– Ele disse isso? – Anna e Olga perguntam em coro.

– Nos despedimos com ele desejando que o ônibus virasse e eu morresse.

– Credo! – Eva exclama. –

Qual o problema com ele?

– Perdeu o pai, não vê a mãe há meses e está longe do irmão. – dou de ombros. – Acho que no lugar dele, também iria me odiar.

– Você não é culpada por nenhuma dessas coisas, Maria. – Anna argumenta.

– Não, mas estou com o irmão dele, enquanto ele está se sentindo sozinho.

– Que tenso. – Eva comenta.

ACHERON - Livros e afins /

– Estou me sentindo uma usurpadora. – confesso.

– Você não está pensando em terminar com Nicolai. – Anna arqueia a sobrancelha.

– Não. – suspiro. – Só que não sei como vai ser quando ele estiver morando com Nicolai, acho que vamos acabar nos afastando.

– Ele vai perceber que você é legal, Maria. – diz Olga.

– Odeio que eles tenham

ACHERON - Livros e afins /

brigado por minha causa.

– Vamos esquecer o irmão do Nicolai, o próprio também, assim como Serguei e Greg, porque saímos para nos divertir. – Eva argumenta. – Preciso arrumar um namorado, porque virei, oficialmente, a vela entre vocês.

– Não te fazemos de vela. – Anna sorri.

– Verdade, nem isso, me deixam em casa moscando,

enquanto estão se agarrando com os respectivos. – Eva faz drama.

– Alexander está sozinho, pode pegar, amiga. – Olga brinca. – Minha cunhadinha.

– Já peguei, não curti. – Eva faz careta. – Olga tapa os ouvidos, vou contar um segredo sujo do seu irmão.

– Nem ligo. – Olga dá de ombros.

– A pegada é boa, mas o sexo

é bem mais ou menos. – Eva torce os lábios. – PP. – completa.

Anna e Olga caem na gargalhada.

– PP? – pergunto, sem entender a piada.

– Pau pequeno. – as três respondem em uníssono.

– Ah, tá. – digo, sem graça.

– Nicolai é bem dotado? – Eva pergunta, mordendo o lábio.

– Não sei, nós não fizemos sexo ainda.

– Oral? – Olga estreita os olhos.

– Não. – respondo. – Quer dizer, sim, mas só ele faz.

– Hum. – Eva sorri com malícia. – Se deu bem. E Greg, Anna?

– Satisfatório em todos os sentidos. – Anna sorri.

ACHERON - Livros e afins /

– Quanto é satisfatório? – pergunto.

– Depende, tem cara que tem uma ótima ferramenta e não sabe o que fazer, outros são medianos e fazem um estrago. – Eva umedece os lábios. – Agora PP, nem vem, fico com meus dedos mesmo.

– Greg é acima da média, mas não é algo surreal. – Anna comenta.

– Serguei é mediano e insaciável. – Olga diz rindo.

– Dói muito a primeira vez? Ou quando o cara é muito grande?

– De novo, depende. – Eva responde. – Se o cara meter de vez vai doer mesmo, se fizer com carinho e esperar você ir acomodando-o, é tranquilo. Isso nos dois casos.

– Concordo. – diz Anna.

– Não pensa muito nisso, deixa acontecer. – Olga aconselha.

– Juro que tento não pensar,

mas minha obsessão por controle não deixa, quero antecipar tudo o que pode dar errado.

– Maria, desencana, se não for na primeira tentativa, vocês tentam de novo. – Eva pontua.

– Tenho medo de frustrá-lo e ele cansar de me esperar.

– Para, *cyka!* Ele sabe que você é virgem, vai ter paciência. – afirma. – Se não ficar mais nervoso do que você. – completa, em tom

ACHERON - Livros e afins / brincalhão.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

40. Capítulo

O ano está terminando e só voltei para casa dos meus pais duas vezes, nunca teria apostado que Moscou, ou, sendo honesta, um moscovita, roubaria meu coração e me faria sentir em casa, mesmo estando longe de casa.

Abro a porta do meu quarto, coloco a mala próximo a cômoda e

sento na cama, pegando meus bichinhos de pelúcia no colo. Afofo as orelhas deles e os abraço, Jay e Slaker parecem parte de outra vida, como se estivesse vivendo por anos longe de casa.

Nas duas vezes que voltei em casa, ao longo deste ano, Nicolai veio comigo e dormimos no meu quarto. Ele ficou me perturbando por causa do meu quarto de menininha e só agora, de volta ao meu quarto e

sozinha, percebo o quanto de menininha deixei para trás nos últimos meses. Em meio a dramas e confusões do meu coração, cresci. Sorrio, coloco Jay e Slaker na cama, levanto e recolho todos os outros bichinhos e bonecas de tecido espalhados nas prateleiras, é hora deles encontrarem outro lar.

Uma das razões por ter vindo pouco à casa dos meus pais é porque conciliar *ballet*, meu namoro

com Nicolai e os vários trabalhos dele, não é muito fácil, só temos o fim de semana juntos e como sei que ele precisa economizar e ele não se sente confortável em deixar meu pai pagar as passagens, conversei com minha mãe e ela arrastava a família inteira para Moscou sempre que a saudade apertava.

Dezembro chegou e com ele as festas do final de ano. Na minha

família natal é com todos reunidos, o que inclui pais, irmãos, tios, avós, bisavós e primos; esse ano iremos todos para o Brasil.

Pela primeira vez, odiei que meu aniversário fosse na virada do ano, porque esse detalhe, que adorava quando criança, era o que impedia de estar com Nicolai. Sabia que uma passagem para o Brasil estava distante dos recursos dele, assim como sabia que ele iria odiar

se o presenteasse com passagens, o que não faria de qualquer jeito, porque ele passa todos os natais com a mãe, e esse ano vai ser ainda mais importante para eles, porque ele vai trazer o irmão de volta para casa; não seria justo pedir que ele adiasse o retorno do irmão por minha causa. Não preciso contribuir para o ódio do Mikhail por mim.

– Tudo bem aí? – minha mãe

pergunta, parada na porta do quarto.

– Hora de passá-los adiante. – digo com a voz embargada e percebo que estou chorando.

– Não acho que essas lágrimas sejam por estar deixando-os ir. – minha mãe pega o Slaker.

– Não quero ficar entre ele e o irmão, mas não quero abrir mão dele.

– Quem disse que você

precisa abrir mão dele, Maria? – ela me abraça. – Nicolai vai conseguir lidar com o ciúme do irmão.

– Como vai ser, mãe? – suspiro. – Ele não pode se dividir em dois, vou vê-lo uma vez por semana ou só por algumas horas.

– Talvez no primeiro mês seja assim mesmo, filha. – ela beija meus cabelos. – Com tempo e paciência, Mikhail vai perceber que você não é uma inimiga.

– Não sei o que fazer, mãe. Tenho um mês de férias e não sei se volto para Moscou para ter algum tempo com ele, ou se fico fora e o deixo ter um tempo com o irmão.

– Converse com ele.

– Ele disse que vai estar me esperando dia primeiro para comemoração extra do meu aniversário.

– Você quer comemorar seu aniversário com ele, não é?

– Sim, não que a gente vá comemorar com festa ou algo assim. – fungo. – Só quero ficar com ele.

– Vá encontrá-lo, se depois você achar melhor ficar longe um tempo, volte para casa.

– Não quero ser infantil e incompreensiva, adoro o jeito que ele cuida da família e não quero que ele mude, mas tenho medo de perdê-lo.

– Nicolai não é um menino, Maria, ele assumiu cedo as responsabilidades de uma família, não vai deixar que Mikhail interfira nas suas decisões por implicância.

– Preciso ganhar a confiança do Mikhail, porque não vou suportar ser motivo de discórdia entre eles.

– Seja paciente, mas firme, faça com que ele perceba que não vai afetar sua relação com Nicolai.

– Vou enlouquecer, me sinto

como se fosse a madrasta má querendo trancá-lo no calabouço.

– Você se colocou como madrasta. – minha mãe sorri.

– Às vezes, o ouço falando do irmão e lembro do meu pai. Ele assumiu o lugar de pai na vida do Mikhail e acho tão incrível.

– Ele é um garoto especial.

– Quando ele confessou que havia se apaixonado por mim, ele disse que não tinha nada para me

oferecer, na verdade, sinto que é o contrário, sou menos do que ele merece.

– Vamos deletar essas neuras? – minha mãe me segura pelo ombros e me olha nos olhos. – Não faça nenhuma besteira por insegurança, não cometa os meus erros.

Sei bem do que ela está falando, contudo não sei se posso evitar.

Nós viajamos para o Brasil dia vinte de dezembro, chegamos à casa dos meus avós às duas da manhã, estava exausta do voo, tomei um banho e me deitei. Então lembrei de pegar o celular na bolsa, levantei me arrastando e com os olhos semicerrados, peguei o celular e liguei para checar minhas mensagens.

ANNA: Cyka, não esquece

meu biquíni bafônico.

Não tenho forças para rir, respondo com um *“Okkk, cyka!”* e volto para cama, verificando todos os aplicativos de mensagens.

Nenhuma mensagem do Nicolai.

– Dois dias longe e você já me esqueceu? – resmungo, olhando nossa foto como papel de parede.

O celular vibra, me assustando e vejo que ele está me ligando.

– Você lembra que estou no Brasil? Essa ligação vai sair muito cara.

– Oi para você também, estou com saudades e sei que você está no Brasil. Chegou bem?

– Sim, você pode enviar mensagens, não precisa ligar.

– Queria ouvir sua voz.

– Fico com mais saudade.

– Completamos sete meses ontem, não consegui te ligar antes de você embarcar.

– Desculpa, não lembrei.

– Tudo bem, não vai me trocar por nenhum brasileiro.

– Os brasileiros que me desculpem, mas não troco meu moscovita por nada.

– Comprei um presente para

você.

– Nicolai, você não precisava.

– Com você longe, precisava de algo para comemorar nosso dia.

– Sendo assim, tenho direito a escolher um presente para você.

– É algo simples, Maria, mas achei sua cara.

– Manda foto.

– Nah!

– Por favor, não transforme esse presente em uma caça ao tesouro, ainda não consegui encontrar o primeiro. – reclamo. – Você podia me ajudar, umas dicas, como, por exemplo, o título do livro ou o autor.

– Se for para você saber o que escrevi na dedicatória, você o encontrará.

– Nicolai, isso é maldade, posso nunca encontrar aquele livro.

– Não era para ser.

– Odeio essa sua crença em destino.

– Qual a probabilidade de ir morar ao lado da garota que vi naquele café-bar? – ele faz uma pausa. Ouço o seu riso. – É destino, Maria.

– Odeio você e o destino.

– Não sei ele, mas sou apaixonado por você.

– Correção, odeio ele por ter me deixado ficar apaixonada por você.

– Gosta de contrariar. – diz rindo. – Está cansada?

– Sim. Você também.

– Precisando de uma boa gozada.

– Por que você não se masturba?

– Não é a mesma coisa sem

você.

– Mas é você quem faz sempre.

– Você faz toda preliminar nos amassos e gemidos.

– Quer tentar por telefone? – sinto minhas bochechas queimarem.

– Você quer?

– Não sei, a ideia veio e falei sem pensar. O que tenho que fazer?

– Me diz como você está

vestida.

– Camisola branca e sem calcinha, estou deitada.

– Escorrega a mão entre suas pernas e imagina que estou te acariciando, minha língua te lambendo todinha, meus dedos esfregando o seu clitóris. Bem devagar, vai, Maria, sente meus lábios te sugando. – ele continua falando, descrevendo o que faria comigo, enquanto meus dedos

afundam entre minhas pernas, se movendo cadenciadamente e os meus gemidos são tudo o que ele pode ouvir. – Estou te penetrando com dois dedos, massageando seu clitóris e a minha língua deslizando na sua fenda. Estou tão duro, Maria.

– Oh, ahh. Vou.... Ahhhh!!!

– Vem para mim, gostosa. – ele geme. – A cabeça do meu pau vai estourar, vou gozar.

– E-espera. – peço entre

suspiros, sem parar de me acariciar.

– Sente minha boca te envolver, deslizando bem devagar em toda sua extensão.

– Ohhhh, cacete! Chupa vai.

– Sente minha mão massageando seu membro e meus lábios sugando-o devagar, agora mais rápido, lambuzando o seu pau todinho.

– Vou gozar! – ele avisa.

– Goza na minha boca, Nicolai.

– Oh, porra. – geme. – Toma, gostosa. Ahhh.

– Ahh, Nicolai.

– Adoro quando você geme meu nome. – ofega.

– Você gozou mesmo?

– Sim. Você também?

– Duas vezes.

– Fiquei curioso, você quer fazer sexo oral?

– Humrum. – murmuro.

– Por que ficou com vergonha?

– Não sei como fazer, tenho medo de te machucar.

– Se você quiser, a gente tenta, Maria.

– Quero há bastante tempo.

– Ok, vamos fazer sua iniciação. – ele perturba.

– Você e suas piadinhas, só digo uma coisa: ridículo.

– Você adora. Tenho que

dormir um pouco e você também.

– Boa noite. Curti a experiência.

– Que bom, eu também. Beijos.

– Beijo.

ACHERON - Livros e afins /

41. Capítulo

Noite de natal na minha família, leia-se muita conversa com duplo sentido, todo mundo querendo saber do meu namorado, enquanto as mulheres da família querem os detalhes sórdidos e inexistentes da relação, os homens querem a ficha completa do Nicolai; eles pensam que são do FBI, só pode.

Quando finalmente consegui me esquivar do interrogatório, joguei a bomba no colo do Fera e o ordinário mirim se safou, lançando a bomba para o Tom, que ficou morrendo de vergonha, mas foi socorrido pelo Théo que decidiu confessar as suas safadezas. Só precisou disso para todo mundo liberar geral e os pais quase enfartarem com as confissões dos seus pequenos, enquanto nossos avós e bisavós morriam de rir.

Depois da ceia, me refugiei na varanda. Sentei com o celular na mão, querendo enviar uma mensagem para Nicolai e sem querer atrapalhar. Ele tinha conseguido uma liberação da clínica para sua mãe passar o Natal em casa. Digitei uma mensagem de feliz natal e fiquei pensando se enviava ou não.

– Envia logo essa mensagem. – diz meu pai.

ACHERON - Livros e afins /

Olho para o lado e vejo meus pais, vindo abraçados, do outro lado da varanda. Arqueio a sobrancelha e dou uma olhada para as roupas amarrotadas de ambos.

– O que vocês estavam fazendo? – aponto para a escuridão atrás deles.

– Vendo as estrelas. – minha mãe sorri.

– É por isso que seu vestido está torto e camisa do meu pai

amassada e metade fora da calça? – ironizo.

– Amor! – ela se vira para ele e ajeita a camisa.

– Devem haver quartos vazios na casa, sabiam? – sorrio.

– Não daria para ver as estrelas. – meu pai argumenta.

– Sei. – digo, prendendo o riso.

O celular vibra, olho e vejo que

é uma mensagem do Nicolai.

– Diz para o moleque checar o email.

Estou distraída, lendo a mensagem e olhando a foto que ele me enviou com a mãe, que só percebo o comentário nada a ver do meu pai depois que eles entraram em casa.

– Email? – pergunto, mas eles não podem ouvir.

Eu: Mande beijos para Kira e um Feliz Natal para vocês, espero que seja o primeiro de muitos que vocês possam passar em casa.

Nicolai: Ela mandou beijos e disse que está com saudades. Por que não ganhei beijos?

Eu: Está carente? Muito e muitos beijos para você, estou guardando todos para quando te encontrar.

Nicolai: Muito carente, você

não faz ideia. Saudades de sentir seu gosto e de te ouvir gemendo com as unhas cravadas nos meus ombros.

Eu: Nicolai, estou na varanda, a casa está cheia, não começa.

Nicolai: Minha mãe foi dormir, estou tirando a mesa. Vá para um lugar mais reservado, te ligo em dez minutos.

Eu: Não posso fazer isso com tudo mundo acordado, se alguém

ouvir?

Nicolai: Você vai fazer. Dez minutos. Te espero.

– *Babaca abusado!* – resmungo, sem conseguir esconder o sorriso.

Eu: Meu pai mandou você olhar o email. Não pergunte, não entendi.

Nicolai: Depois de te dar um orgasmo de Natal, vejo o que o sogrão quer.

Eu: Olhos revirando para você.

Nicolai: Já? Nem precisei me esforçar.

Eu: Nicolai!!!

Nicolai: Nove minutos.

Não conseguia me reconhecer, terminei a noite de Natal trancada

em um dos quartos da casa da minha bisavó fazendo sexo por telefone, enquanto fingia estar brincando de esconde-esconde.

Quando saí do meu suposto esconderijo, a maioria das crianças havia dormido e descobri que eles todos haviam se unido para me procurar. Inventei que havia cochilado, ao me ouvir minha avó deu uma gargalhada, me fazendo corar; olhei para o outro lado

envergonhada e minha mãe piscou e deu um sorriso do tipo “*eu sei o que vocês fizeram no verão passado*”, só que no meu caso *é “eu sei o que você estava fazendo no natal atual”.* Fugi da sala com a desculpa que estava com sono e pedi para meus pais me chamarem quando decidissem ir embora.

A semana passou voando, o que era bom, porque estava com muita vontade de rever Nicolai.

Comecei o último dia do ano e meu aniversário com um café da manhã em família, muitos beijos e apertos na bochecha. Não sei o que eles tanto gostam nas minhas bochechas. Apesar de ter dito que não queria festa de aniversário, meu pai inventou uma festa de virada de ano na casa dos meus avôs, então meus tios aderiram à festa e seremos apenas nós.

Nicolai me ligou de madrugada

para desejar feliz aniversário, o que foi muito fofo, porque ele calculou o fuso horário para ser o primeiro a me desejar feliz aniversário. Ele contou que iria com o irmão para uma festa na casa de alguns amigos, o que me fez pensar que provavelmente Giulia vai estar na festa, assim como outras garotas que ele ficou, e uma rusga de ciúme brotou no meu peito. Não iria comentar nada. O que poderia dizer? Para ele ficar em casa e dar

ao Mikhail combustível para me odiar? Falei para ele se divertir e me ligar, quando pudesse.

Contra minha vontade, o pensamento que ele iria me trair passou o dia martelando na minha cabeça. As crianças declararam que completar dezoito anos me deixou rabugenta, porque tudo que eles me convidavam para fazer, recusava. Fera deitou no sofá ao meu lado e ficou alguns minutos em silêncio,

depois me convidou para ver um filme, o que recusei.

– O que é que está pegando?

– Nada.

– Você está parecendo que vai para o pelotão de fuzilamento a qualquer minuto.

– Estou mais velha, é isso. – dou de ombros.

– Essa é você de agora em diante? – ele faz uma careta. –

Devolve minha irmã, por favor.

– Nicolai vai ficar com alguns amigos hoje.

– E?

– Amigas também.

– Maria, deixa de ser ridícula! – João Guilherme senta e me encara. – Você acha que se ele quisesse te trair precisaria esperar você estar do outro lado do oceano?

– Nossa, isso foi para me

animar?

– Não, foi para você acordar! – ele me empurra, me fazendo cair do sofá.

– Fera! – esbravejo.

Ele sai correndo pela casa e gargalhando. Levanto e saio correndo atrás dele. Ele é rápido e ainda sai saltando pelos móveis, incluindo poltronas, sofás e mesas de centro, o que é óbvio que não irei fazer, por isso não consigo pegá-lo

e quando paro para descansar, as crianças surgem e me agarram, prendendo-me em um abraço gigante.

– Hora do ataque. – João Guilherme grita e eles começam a me fazer cócegas.

Fera se une ao abraço e às cócegas, nós caímos no chão em meio as gargalhadas e ficamos rindo pelos próximos minutos.

– Amo vocês. – digo ofegante,

deitada de costas no chão.

– Só te amamos se você voltar ao normal. – diz Elise.

– Fechado. – digo, abraçando-a. – Quem quer brincar de bola d`água?

– Euuu!!! – todos gritam e levantam correndo.

Depois de brincar a tarde inteira correndo no deck da piscina, tomo um banho relaxante e me arrumo para a festa. Os parabéns

começam quando coloco os pés na sala, vejo todos em pé cantando e meu pai segurando um bolo cheio de velinhas. Assopro as velinhas e o abraço apertado, no que Fera se aproveita e rouba o bolo das mãos do meu pai e sai correndo.

– Volte aqui com meu bolo! – grito e saio correndo atrás dele, deixando todos gargalhando na sala.

Família cheia de músicos é sinal de muita música ao vivo nas

festas, eles vão se alternando, fazendo duetos, trios e a noite inteira é preenchida por músicas.

– Maria, sua vez. – diz tia Mel

– Não sou musicista, sou bailarina.

– E uma excelente pianista, como seus pais. – tio Andy incentiva.

– Tio, vocês tocam mil vezes melhor do que eu. – protesto.

ACHERON - Livros e afins /

– Faz tempo que você não nos brinda com uma música, filha. – minha mãe argumenta.

– O piano está a sua espera, deixa de charme e vai logo. – meu pai me abraça e me guia em direção ao piano.

– Não tem graça tocar com um monte de músico em casa, é humilhante.

– Senta e toca, Maria! – João Guilherme grita.

– Você só quer que toque para ficar dizendo que desafinei depois.

– É a diversão. – ele pisca e todos acham graça.

– Uma música.

– Uma música e estaremos em um novo ano, anda logo. – diz meu pai.

Sento, repouso as mãos sobre as teclas, posiciono os dedos, respiro e inspiro, devagar, então fecho os olhos e começo a tocar e

cantar, *“Mirrors”*, do Justin Timberlake.

“Cause I don't wanna lose you now

I'm lookin' right at the other half of me

The vacancy that sat in my heart

Is a space that now you hold”[1]

Quando era criança vivia cantando e o piano era um grande companheiro, nem lembro quando aprendi a tocar; minha mãe diz que

pedia para ela ficar tocando para mim, e sentada no seu colo, acompanhava o movimento dos seus dedos sobre as teclas, com o tempo ela passou a colocar a minha mão sobre as teclas e ia me guiando. Depois surgiu o *ballet* e descobri uma nova forma de me comunicar com a música, mas o piano continua sendo uma grande paixão.

Ouço a contagem regressiva em coro para o início de um novo

ano. Continuo cantando a última estrofe, as últimas notas dançam por entre meus dedos, abro os olhos no instante exato em que eles gritam *"Feliz Ano Novo".*

No meio da gritaria e pulos da minha família, ouço um *"feliz aniversário"* em russo. Viro e vejo Nicolai e o seu sorriso torto, bem ao meu lado. Levanto em um pulo e jogo meus braços nos seus ombros, beijando-o fervorosamente.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

42. Capítulo

– Levanta essa mão, moleque.

No momento em que a voz grave do meu pai soa ao nosso lado, Nicolai retrai os dedos, que estavam deslizando suavemente pela minha lombar, cruzando-os, seguramente, nas minhas costas. Sorrio, deposito um selinho nos seus lábios e viro para o meu pai.

– Pai, menos implicância, por favor.

– Não tenho estômago para presenciar minha filha sendo apalpada pelo Sr. Polvo. Deixem essa parte para quando estiverem à sós, pela saúde do meu coração.

– Está bem, pai. – solto um beijo no ar. – Meu voo é às duas horas, será que conseguimos comprar outra passagem?

– Sua passagem e do moleque

estão agendadas para amanhã à noite. Não ia enfiá-lo em um voo de quase dezesseis horas e mandá-lo ir embora duas depois, não sou esse monstro.

Solto Nicolai e me jogo nos braços do meu pai.

– Te amo muito. – beijo seu rosto, sentindo a barba fazer cócegas.

– Feliz dezoito anos, minha pequena. – ele segura meu rosto

entre as mãos. – Espero que tenha gostado do presente. – diz, olhando para Nicolai.

– O melhor de todos.

– Vá curtir seu namorado. – ele beija minha testa e se afasta.

– Então era isso o email. – comento, apoiando minhas mãos no torso de Nicolai.

– Bilhetes de avião e um aviso.

– Que aviso? – estreito os

olhos.

– *“Esse é o presente de aniversário da minha filha, não se atreva a desapontá-la, lembre-se do que farei com suas bolas”.* – Nicolai diz sério. – Você sabe o quanto amo minhas bolas.

– Idiota! – dou um murro leve no seu tórax.

– Estava com tanta saudade. – ele desliza os dedos por meu rosto, afastando uma mecha de cabelo.

– Muita. – mordo o lábio. – Você deve estar cansado. Quer tomar um banho ou comer algo primeiro?

Ele se aproxima e sussurra no meu ouvido.

– Se for um tomar um banho, você vai comigo?

– Nicolai. – enrubesço.

– Não tomar banho comigo, Maria, me acompanhar até o banheiro. – ele faz uma expressão

inocente. – Quero muito te beijar, sem conter a vontade de te apertar inteira. – ele beija o canto do meu lábio.

– Vem comigo. – entrelaço nossas mãos.

– Sua mãe guardou minha mochila, é melhor ver onde ela pôs.

– No quarto onde estou dormindo, quer apostar? – pisco.

– Nah! Você a conhece melhor do que eu. – ele sorri.

Mal fechei a porta do quarto, Nicolai agarrou-me pela cintura, as mãos embrenhando-se por baixo da saia rodada do vestido, os lábios ansiosos sobre os meus.

Ele me encostou na porta, me beijando com veemência, nossas línguas sedentas, brigando pelo controle. Minhas mãos puxando sua camisa, nossas respirações soando

pesadas no silêncio do quarto. O empurrei em direção a cama, jogando sua camisa no chão; incapaz de me deter às dimensões espaço-temporais, ele esbarrou nos pés da cama e caímos de vez.

Sorrimos nos lábios um do outro, sem deixar de nos beijar. Espalmo a mão no seu tórax, sentindo as linhas dos seus músculos e uma fina camada de suor. Nicolai engancha os dedos na

minha calcinha, empurrando-a por minhas pernas.

– Os saltos. – sussurro nos seus lábios.

– Quê? – ele pergunta confuso.

– Não para o que você está fazendo. – aviso, sorrindo.

Sento sobre o volume na sua calça e remexo o quadril, sentindo suas mãos apertando minhas coxas. Viro-me para trás, tiro os sapatos e

chuto a calcinha, enquanto ele pressiona nossas pélvis e seus dedos acariciam-me, massageando-me em pequenos círculos.

– Quero tomar banho com você. – digo, mordendo o seu pescoço.

– Aqui? – ele ofega e suas mãos, de repente, estão por cima do vestido.

– Sim, tem banheiro no quarto.

Posso ver que ele está

ponderando. O empurro de costas na cama, dedilho o seu torso com a ponta da língua, descendo pelo abdômen, então prendo o jeans entre os dentes, desabotoando sua calça.

– Oh, merda! – ele geme.

– Isso é um sim? – pergunto, abrindo o seu zíper. Ele abre a boca, mas não consegue falar, apenas balança a cabeça, confirmando. – Vem. – convido,

levantando e despindo meu vestido.

– Você bebeu? – pergunta, me abraçando.

– Não. – nego entre risos.

– Você quer tomar banho comigo?

– Quer um desenho? – zombo. – O fuso horário te deixou meio lento.

– Você está me provocando. – ele abre o fecho do meu sutiã,

balança entre os dedos e joga na cama. – Estou esperando você terminar o que começou. – diz, mordendo os lábios e olhando para a calça.

– Folgado. – resmungo, abaixando sua calça e aproveitando para sentir a densidade dos músculos de suas coxas. – Você pode chutar os sapatos ou devo me abaixar para tirá-los também?

– Os sapatos sim. – ele chuta

os sapatos e se curva, tirando as meias. – A boxer é toda sua.

Elimino a distância entre nós e prendo meus dedos entre o elástico da boxer e sua pele. Sinto o rubor querendo se insinuar. Fecho os olhos e deixo meus lábios acariciarem os seus, bem de leve, assim como o movimento dos meus dedos.

Guio meus lábios para o seu pescoço e contorno toda

circunferência do seu quadril sob o elástico. Ele geme baixinho. Inspiro e repuxo o elástico, afastando-o da sua pele. Minha ideia era ir abaixando devagar para controlar a mistura de pânico e ansiedade que fazia meu coração acelerar, no entanto, só foi abrir um pouco de espaço e senti algo quente e proeminente tocar o meu ventre.

Paralisei com os lábios recostados na sua clavícula. Ele me

abraçou e suas mãos afagaram minhas costas, harpeando minha coluna. Mordi o lábio, afundei o rosto no seu pescoço e abaixei os olhos, disfarçadamente, a fim de ter uma ideia do que me esperava.

Um suspiro escapou por entre meus lábios ao ver sua glande rosada, a pele lisa e bem fininha inflada. Umedeci os lábios, pensando como aquilo caberia em mim, duvido que caiba na minha

boca, imagina... Respirei e inspirei, afastando o medo que ameaçava me fazer sair correndo.

– Você está tremendo, Maria. – ele me aperta entre seus braços. – Melhor pararmos por aqui.

– Não tem como ... você sabe, é muito mais grosso do que dois dedos, é três vezes, não cinco...

– Maria, calma. – ele sorri e segura meu rosto entre as mãos. – Respira. – diz, calmamente, olhando

nos meus olhos. – Me abraça.

– Não vai machucar se... – pergunto, com medo de soltar a boxer.

– Não.

Retiro os meus dedos da sua boxer, olho e vejo o tecido repuxado sobre a parte que ficou para fora. Mordo a parte interna da minha bochecha com vergonha e o abraço.

– Desculpa.

ACHERON - Livros e afins /

– Tudo bem. – ele me dá um selinho. – Se vista, vou tomar banho.

– Levo sua mochila e uma toalha no banheiro. É ali. – aponto para a porta do banheiro. – Desculpa, de verdade.

– Está tudo bem. – ele me beija.

Nicolai desfaz o abraço, ajeita a boxer e caminha em direção ao banheiro. Sento na cama e o

observo de costas, começando pelos ombros largos e descendo pelos músculos das costas, divididos harmoniosamente pela coluna, a bunda na mesma dimensão do quadril, pequena, quadrada e firme; o que segundo as mulheres da minha família, significa que ele é bom de cama.

– Droga. – resmungo. – Preciso ser racional. – respiro devagar. – Se não olhar? Nem

pegar. Não, acho que preciso pegar. – mordo o lábio. – Quero pegar. – suspiro. − É tão grosso e... Merda.

Antes que desista, saio correndo do quarto, procurando por minha mãe. A vejo dançando com meu pai, me aproximo e saio puxando-a, fazendo um sinal para meu pai esperar.

− Mãe, me ajuda. – peço, nos trancando em um dos quartos.

− O que houve?

– É-é-é... – gaguejo. – Nós estávamos no quarto, propus um banho juntos e... É-é... – gaguejo, de novo.

– É o que, Maria?

Tomo fôlego e falo de uma vez. – Ele é muito grande! Não vi todo, foi só... é...estava tirando a boxer e aquela coisa saltou e bateu no meu umbigo e... olhei um pouco, a cabeça é grossa e... Não tem como aquilo caber em mim. – tagarelo,

sentido minha respiração pesada.

– Maria, respira devagar. – minha mãe me coloca sentada na cama. – Acredite em mim, vai caber. – ela prende o riso.

– Mãe, não ri. – choramingo.

– Não estou rindo de você, é porque lembrei da Claire e uma vez que... esquece. – ela balança a cabeça. – O que aconteceu depois?

– Paralisei, comecei a tremer e... – sinto as lágrimas perfazendo

meu rosto. − Ele me abraçou, disse que era melhor pararmos e foi tomar banho.

− Você tinha que encontrar esse garoto. Entenda, de uma vez por todas, não há nada para ser controlado, com exceção da camisinha, porque senão seu pai morre, isso estando *"ok"*, afaste todos os pensamentos, medos e inseguranças, deixa os seus instintos te guiarem, eles sabem o

que fazer.

– Sou a favor de uma evolução genética que nos permita nascer desvirginadas. – enxugo as lágrimas.

– Você que está transformando algo simples em um monstro, Maria. Vai sangrar um pouco, doer também, mas você não vai sofrer uma hemorragia interna e ninguém vai perceber que você deixou de ser virgem.

ACHERON - Livros e afins /

Levanto e a abraço.

– Obrigada, mãe.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

43. Capítulo

– Nicolai? – chamo da porta do banheiro.

– Pode entrar.

– Trouxe a toalha. – estendo o braço e jogo a toalha sobre o box, olhando fixo para o espelho na minha frente. – E sua mochila. – completo. – Queria pedir desculpas de novo, sei que não está sendo

ACHERON - Livros e afins /

fácil para você. – mordo o lábio, tentando não chorar.

– Maria, pare de se desculpar. – ele pede. – Disse que iria esperar o seu tempo e vou.

– Eu sei. – suspiro. – Juro que quero, só que não sei o que fazer, quando vejo estou fazendo medições mentais que me dizem que não somos anatomicamente compatíveis. E tem a Giulia. – fungo, engolindo o choro. – Você e

ela parecia simples.

– Como Giulia veio parar nessa história? – pergunta, desligando o chuveiro. – Era simples porque não envolvia sentimentos. – ele abre o box. – Sexo por sexo. – diz, segurando minha mão.

Viro de frente e o vejo com a toalha branca enrolada no quadril, as gotículas de água no seu cabelo, alguns respingos no tórax, os olhos azuis tão claros como o céu sem

nuvens. Um suspiro involuntário deixa os meus lábios.

– Te quero tanto. – dou um passo, me aproximando.

– Deixa pegar seu presente. – ele solta minha mão, estende o braço e puxa a mochila da pia. – Não crie expectativas, não é nada demais. – ele pega uma caixa na mochila e me entrega, meio sem graça.

– Quando você vai parar de

achar que sou uma riquinha metida? – prendo uma mecha atrás da orelha e desfaço o laço da caixa.

– Você não é uma riquinha metida, mas se pudesse te daria algo melhor. – ele abaixa os olhos.

Levanto a tampa e vejo um piano em miniatura, pego-o com ambas as mãos, deixando a caixa cair. É uma caixinha de música, levanto a tampa do piano e um casal de bailarinos surge dançando.

– É lindo. – sinto meus olhos lacrimejarem. – Amei, Nicolai. – seguro o piano em uma mão e o abraço pelo pescoço, beijando-o. – Amei. – repito. – Nada poderia ser melhor.

– Não exagera, Maria.

– Eu amei, de verdade. – digo séria. – Você é um garoto extraordinário e um artista brilhante, Nicolai.

– Você repetiu a última fala do

meu pai. − ele fecha os olhos e uma lágrima escapa.

− Seu pai era um homem sábio e, com certeza, iria aprovar o meu presente. – enxugo sua lágrima com meus beijos. – Se você abrir a boca para dizer qualquer coisa que não seja *“obrigado”* e *“adorei”*, vou ficar chateada. − aviso, puxando-o para o quarto. O faço sentar, coloco minha caixinha de música no criado-mudo e abro a mala para pegar seu

presente. – Que você não deixe morrer o seu sonho. – sussurro, entregando a maleta para desenho.

– Maria, não...

– Calado. – coloco minha mão sobre os seus lábios. – Lembra o que você tem que dizer?

– Mas isso...

– É um presente e quando se ganha um presente, você agradece e não retruca. – o interrompo.

– Obrigado, teimosa. – ele coloca a maleta na cama e me puxa para o seu colo. – É perfeito.

– Que bom que acertei no presente. – sorrio.

– Vou me vestir. – ele me beija e me faz cair na cama. – Depois a gente pode assaltar a comida da festa? Estou com fome.

– Também estou com fome.

Saímos do quarto direto para a sala de jantar, fizemos nossos

pratos e fomos comer na área da piscina. Aproveitamos que estava tranquilo por lá e ficamos namorando um pouco, depois entramos para dançar, antes que meu pai decidisse nos caçar.

Estávamos na segunda música quando Elise nos encontrou, roubando-o de mim. Ela adora Nicolai, quando ele me acompanha nos almoços da casa de tia Mel, ela o rapta para ser o príncipe nas suas

brincadeiras, enquanto no máximo sou escalada para ser a fada madrinha. Sem escolha, sento e fico assistindo eles dançando.

– Minha filha vai roubar seu namorado, Maria.

– Vai não, já roubou, olha lá.

Nicolai a faz rodopiar e ela sorri, segurando na pontinha do vestido.

– Ele é fofo, vai ser um ótimo pai.

– Longe de mim com essas conversas. – levanto e saio, ouvindo-a rir.

Sento na borda da piscina, tiro os sapatos e deixo meus pés tocarem a água, movendo-os em círculos. Três anos de diferença que às vezes parecem décadas; sou criança de muitas formas, ele apesar do jeito moleque, não tem nada de criança. Até quando ele vai achar divertido minhas meninices?

– Fugindo? – Nicolai senta, deixando-me entre suas pernas e tira os sapatos.

– Pensando.

– Em mim? – ele apoia o queixo no meu ombro.

– Nem se acha. – reviro os olhos.

– Você não sai dos meus pensamentos. – ele beija meu ombro.

– Você me acha muito infantil?

– Adoro seu jeito, Maria.

– Você gosta ou acha engraçado?

– As duas coisas, gosto de você dizer o que pensa, da forma que você brinca sem se importar de parecer boba, da sua espontaneidade. – ele aperta o abraço, me fazendo recostar no seu peito. – O que essa cabecinha está pensando?

– Bobagem.

– Tem a ver com sexo?

– Você quer dizer com a ausência de sexo.

– Fecha os olhos.

– Ahm? – pergunto confusa.

– Fecha os olhos. – ele repete.

– Fechei.

– Não pensa em nada.

– Não consigo não pensar em nada.

– Vai, Maria, expulsa todos os pensamentos, deixa a sua mente em branco.

– Alguém consegue fazer isso de verdade?

– Maria, me obedece.

– Vou tentar. – suspiro.

Um a um, vou afastando todos pensamentos que tentam se impor em minha mente. Mentalizo o céu negro, aos poucos algumas estrelas

vão surgindo, sinto o aconchego do abraço do Nicolai, seu coração batendo forte nas minhas costas e meu próprio coração soando baixinho.

– O que você está sentindo?

– Você. – sorrio. – Sinto você na minha pele, seu calor, seu cheiro, sua respiração.

– Você é tudo o que sinto. – ele sussurra. – Sinto você em mim, Maria.

– É assim que vai ser quando fizermos sexo?

– Seremos nós e o desejo de termos um pouco mais do outro em nós.

– Você vai fazer devagar?

– É você quem manda. – ele sorri e beija meu pescoço.

– Tudo bem se na primeira vez só entrar um pouquinho?

– Maria, não sou tão grande assim.

– Isso é o que você acha, mas não esqueça que você está acostumado a olhar para esse troço aí a vida inteira.

– Não foi desse tamanho a vida inteira. – ele prende o riso. – Você sabe que naturalmente os bebês saem...

– Sim e por isso vou adotar meus filhos, não quero imaginar

como uma cabeça pode... não! – balanço a cabeça. – Deve ser uma dor infernal, sem falar que deve sair rasgando tudo.

– Você foi aprovada em biologia? – ele debocha.

– Você brinca porque não tem que se preocupar com a possibilidade de ser dilacerada de dentro para fora.

– Você está descrevendo como se fosse viver “O bebê de

Rosemary”. –diz entre risos.

– Não brinca, morro de medo de engravidar desde que assisti um vídeo de parto normal no colégio, saí da sala vomitando.

– Deve ter sido cômico.

– Foi assustador.

– Você é mesmo um paradoxo, viciada em filmes de terror e morre de medo de coisas tão naturais.

– É um natural assustador.

– Vamos ver até quando você vai achar sexo algo assustador.

– Se você tivesse um lápis no lugar desse negócio aí, estaria tranquila.

– É só um pouquinho maior que um lápis.

– Claro, é da espessura de uma caixa inteira, sem comentar o comprimento.

– Agora é sério, vou ter que tirar uma foto para você ver que

está exagerado.

– Idiota.

– De tanto você falar da dor e que vou perfurar seu útero, medi e fiz algumas pesquisas a respeito.

– Quanto mede?

– Você tem um fetiche por essa informação.

– Fala, Nicolai.

– Vinte e um por cinco de diâmetro. Antes que você pire, as

pesquisas indicam que é um grande dentro da normalidade.

– Isso significa que tem maior? – faço uma careta.

– Acima de vinte e três são os descomunais. – ele prende o riso.

– Você está me zoando? – dou uma cotovelada no seu abdômen.

– Não, é sério, posso te mostrar os sites na *internet.*

– Não, obrigada. Você é

ridículo. – reviro os olhos. – Quando falei que você ia perfurar meu útero?

– Não explicitamente, mas age como se fosse te mandar para o hospital.

– Quem vai parar no hospital é você. – faço força para me soltar do seu abraço e batê-lo, ele aperta os braços sobre meu abdômen, me enchendo de beijos no pescoço e acabamos caindo na piscina. – Uiiii!!!

– grito com o gelo.

– Vem que te esquento. – ele me puxa, com as mãos nas minhas coxas, aproveitando que a água fez a saia do vestido flutuar. – Linda. – sorri torto, e afasta os fios de cabelo molhados do meu rosto. – Comecei o ano passado acreditando que minha vida seria apenas um amontoado de dias lutando para me manter de pé, obrigado por me fazer sentir vivo.

– Obrigada por ser esse babaca atirado e não desistir de me fazer gostar de café. – cruzo minhas mãos na sua nuca. – Você está gostoso com essa camisa molhada. – mordo o lábio.

– Deixa te mostrar como você está gostosa. – ele segura firme minhas pernas, posicionando-as em torno do seu quadril. – Sentiu? – sussurra, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

Sem resposta, não sou capaz de pronunciar nenhuma palavra, apenas suspiros deixam os meus lábios, sentindo os seus beijos aquecendo meu corpo.

ACHERON - Livros e afins /

44. Capítulo

Em poucos minutos esqueci que estávamos na piscina, numa festa com a minha família e que poderíamos ser flagrados a qualquer instante.

O seu torso impelia sobre os meus seios, enrijecendo-os, muito além do que o frio havia feito. Nos beijávamos com ânsia, o desejo

mesclado ao peculiar sabor de café. Nossas línguas era um emaranhado de carícias, em um jogo de esconde-esconde, ou melhor seria dizer *pac-man*.

O frio no meu estômago e o arrepio que atravessa minha espinha, revira-me do avesso, expondo o desejo incandescente que vagueia, célula a célula, disseminando-se por todo meu corpo, eriçando os pelos da minha

nuca, contraindo os músculos da minha pélvis, fazendo meu peito arfar.

Gosto do jeito imperioso que ele se apropria do meu corpo, beijando-me como se fosse o primeiro e o último beijo; gosto de sentir suas mãos grandes, a pele um tanto áspera, os calos entre seus dedos, vagando pelas minhas curvas, como se estivessem me desenhando.

– Maria! – João Guilherme diz, quase gritando.

Nicolai deixa os meus lábios, sem soltar as minhas pernas. Olhamos em direção ao Fera, que nos observa com os olhos estreitos e um sorriso malicioso.

– Se vocês estiverem fazendo o que parecem que estão fazendo, agradeçam por não ter sido o meu pai a aparecer aqui. – João Guilherme comenta.

– Se manda, Fera! – digo, voltando a beijar Nicolai.

– Tinha que ser na piscina? Aí vocês me quebram. Vou ter que pedir para o vô mandar limpar, nem morto vou mergulhar em meio aos seus fluídos corporais.

Fica difícil ignorar meu irmão desse jeito. *"Fluídos corporais"* foi demais, nossos lábios se curvaram em um sorriso. Nicolai deitou o rosto no meu ombro, abafando o riso.

Mordi o lábio, contendo a vontade de gargalhar alto e encarei meu irmão, mantendo um ar de seriedade.

– Fera, adeus! – aceno, mandando-o embora. – Estamos apenas nos beijando, pode ficar despreocupado que a água está limpíssima.

– Vou fingir que acredito. – diz, indo embora.

– Ele é seu irmão, não há

dúvidas. – Nicolai provoca.

– Ah, seu idiota! – mordo seu lábio com força.

– Fica selvagem assim não que me deixa maluco. – ele prende meu lábio inferior entre os dentes. – Acho que estou com um pouco de frio. – comenta, batendo o queixo.

– Vamos sair.

Nós molhamos a casa toda enquanto voltávamos para o quarto. Primeiro, tentamos nos enxugar,

mas estávamos tremendo, então o empurrei para o box e abri o chuveiro, deixando que a água quente caísse sobre nós.

Estava abraçada a ele, com o rosto colado ao seu peito. Nicolai me apertava entre os braços, à medida que nos aquecíamos, ele desfez o abraço e suas mãos incidiram sobre o meu rosto, afagando-o e erguendo-o, o suficiente para que os seus lábios

encontrassem os meus, em um beijo que começou terno e terminou com nossas roupas no chão do banheiro e comigo trançada no seu quadril, enquanto ele me levava para a cama, sem nos importarmos em molhar os lençóis e travesseiros.

– Maria, tem certeza? – pergunta, pela terceira vez, quando me deita na cama.

Mordo o lábio e balanço a cabeça, confirmando.

– Sim. – sussurro, deslizando meus dedos nos seus quadris.

Ele me deixa abaixar a boxer, mas por estar molhada ficar ruim de empurrá-la e acabando ficando presa nas suas coxas, então ele levanta e termina de tirá-la, o que me garante o momento *“caralho”*; porque foi a única palavra que consegui pensar ao vê-lo totalmente nu.

Meus lábios abriram,

involuntariamente, os fechei rápido, mas não antes de conter um suspiro. Ele é... mordo o lábio, *"caralho"* é de novo a única palavra que me vem à mente. Percebo que estou com água na boca e meio que enfeitiçada, meus olhos acompanham a musculatura pélvica, observando a perfeição dos traços que desembocam em um membro robusto e cheio de veias; uma visão espetacular.

ACHERON - Livros e afins /

Não sei quanto tempo estive hipnotizada pelo seu corpo, quando despertei do transe, ele estava ali, em pé, me olhando com um sorrido atrevido. Abaixei os olhos, sentindo o rubor no meu rosto, para afastar a atenção dele da minha expressão de boba, abri o sutiã e joguei no rosto dele. Nicolai fez menção de dizer algo, no entanto, fechou os lábios, mordendo-os de lado e moveu a cabeça de um lado ao outro, com um sorriso maroto estampado entre

a mordida.

– Camisinha. – sussurro, quando ele apoia um joelho na cama.

– Voc...

– Sim, tenho certeza. – respondo, antes de ouvi-lo.

Ele assente, caminha até a cômoda e abre a mochila, voltando pouco depois. Joga o pacote de camisinha ao meu lado e deita, puxando-me pelo quadril. Sua mão

escorrega pela minha lombar e a língua por entre meus lábios, aperto seu bíceps e os meus seios se ouriçam de encontro ao seu tórax. Encaixo uma perna entre as suas e ele geme nos meus lábios, pressionando sua ereção no meu abdômen.

Ansiosa por senti-lo pulsando quente entre as minhas pernas, o empurro de leve, fazendo-o recostar as costas na cama e deito sobre

ele, com as pernas ao lado do seu quadril, acomodando-o entre minhas pernas.

Nicolai permanece deitado, enquanto com as mãos espalmadas no seu torso, rebolo no seu colo, emitindo pequenos gemidos, tal como os que deixam os seus lábios. Ele move as mãos nas minhas coxas, os seus dedos afundando na minha pele, escavando meu corpo.

Debruço-me, convergindo os

nossos lábios e tórax, aumentando o atrito entre as nossas peles, ele me recebe com um beijo quente, as mãos ladeando os meus seios, as minhas cravadas nos seus bíceps.

Aparto os nossos lábios. Ele beija meu pescoço, arranha meus ombros com os dentes, apalpa forte minha bunda e geme baixinho, sugando meus lábios, reivindicando meu beijo. Mordo o seu lábio e dou o mínimo de distância entre nós,

deixando o meu rosto pairando sobre o seu e os meus arpejos soprando a sua pele, ao sentir os seus dedos escondendo-se sob minha calcinha e acariciando-me vagarosamente.

Nicolai gira cuidadosamente, deixando-nos lado a lado. Depois de beijar-me por longos minutos, ele se coloca de joelhos, beija os meus seios e desce, sem pressa, até que seus lábios param sobre minha

calcinha. Ele a remove e sinto os seus lábios me levarem à insânia. Meus gemidos ficam mais altos, puxo um travesseiro sobre o rosto e sinto o meu corpo ser dominado pelo êxtase.

Após haurir todo o meu néctar, beijando-me longamente pelas pernas, ele deita ao meu lado e afaga o meu rosto, olhando-me nos olhos. Sei que ele está preocupado que esteja indecisa, por isso não

dou tempo para ele ter dúvidas, mesmo sem saber bem o que fazer, levo minha mão ao seu pênis, masturbando-o. Nicolai geme, mordendo os lábios.

A sensação de ouvi-lo gemer e senti-lo pulsando na minha mão, me faz deixar as inseguranças de lado, me debruço e deslizo os meus lábios ao redor da sua glande, envolvendo e descendo devagar pela sua extensão, fazendo-o gemer

mais alto.

Por receio de ir com muita força e acabar machucando-o, tateio os lençóis a procura da camisinha e quando a encontro, sugo-o mais intensamente, deposito um selinho e me deito ao seu lado, entregando-lhe a camisinha.

Ele solta um suspiro e pega a camisinha. Assisto-o desenrolá-la, em seguida ele se apoia nos cotovelos, deixando-me sob o seu

corpo e nos beijamos ansiosamente. Envolvo os meus braços nas suas costas, arranhando-o até os quadris, ele mordisca meus lábios, descendo por meu queixo e pescoço, subindo até a minha orelha e mordiscando-a de leve.

Meus seios movem-se vertiginosamente, sinto seu coração vibrando. Ele interrompe os beijos e apoia a testa sobre a minha. Espero e nada acontece. Seus olhos estão

fechados e ele respira pesadamente.

– Nicolai. – sussurro.

– Não dá.

– Juro que quero.

– Não dá, Maria. – emite um suspiro. – Não consigo. – diz, jogando-se ao meu lado.

Fico confusa e inerte, enquanto ele senta, arrastando-se para a beirada da cama e cobrindo-se com

o lençol. Nicolai apoia uma perna sobre a cama e coloca o cotovelo sobre o joelho, passando as mãos pelo cabelo.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

45. Capítulo

Oh, merda.

Olho para o teto.

O que faço agora?

O que falo?

Será que fiz algo errado?

Oh, droga.

Merda, merda, merda.

Preciso dizer algo, mas o quê?

O que se diz nessa situação?

Oh, merda.

Suspiro.

Sou a pior namorada do mundo.

Movo os olhos do teto para Nicolai. Ele ainda está sentado, na mesma posição, de costas para mim, com uma mão enfiada entre os cabelos. O quarto está tão

silencioso que consigo ouvir o zunido do meu ouvido. Minha vontade é sair correndo para os braços da minha mãe, mas não posso fugir e deixá-lo assim.

Por Deus, o que faço?

Sento, puxo o lençol, desprendendo-o do meu lado da cama e me enrolo. Olho para Nicolai por alguns instantes, pensando no que falar, mas não consigo encontrar algo para dizer, então

engatinho na cama, paro junto dele e o abraço, envolvendo-o pelas costas. Ele não me afasta, tampouco retribui o gesto, apenas se deixa ficar no meu abraço, apático.

– Nicolai.

– Desculpa. – murmura.

– A gente podia combinar de banir essa palavra do nosso vocabulário. – tento descontrair.

– Sinto muito, Maria. Não era

para sua primeira vez ser assim. – ele suspira. – Não ser.

– Vem deitar comigo. – beijo suas costas. – Você está cansado do voo, vamos dormir um pouco, depois quero te levar para conhecer meu parque favorito.

– Volte para festa, vou tomar um banho e dormir. – ele afasta meus braços e levanta.

– Não quero voltar, quero ficar com você. – prendo o choro, irritada

pela forma como ele está agindo.

– Você é quem sabe. – diz e entra no banheiro.

Mordo a parte interna da bochecha com força, só paro quando sinto o gosto do sangue. Pego uma camisola, visto e volto para cama, me aninhando nos lençóis e cobertor. Não tinha a intenção de dormir, no entanto Nicolai demorou tanto no banheiro que adormeci.

Quando acordei era dia, não estávamos abraçados como em todas as vezes que dormimos juntos. Virei e o vi deitado de costas, com uma distância entre nós que caberia mais uma pessoa. Suspirei alto. Achando que ele estava dormindo, me aproximei e o abracei.

– Por que você não diz o que está pensando? – diz friamente.

– O que você quer dizer?

– Quero que você diga o que está pensando, Maria. – ele se vira e olha nos meus olhos. – Pode falar o que você quiser.

– Estou pensando que você está sendo um babaca desde que...

– Broxei! – ele exclama.

– Iria dizer desde que não conseguimos transar ontem.

– Pode falar que broxei, é verdade. – diz rude.

– Deixa de ser estúpido, Nicolai. – levanto da cama.

– Sou estúpido porque estou dizendo a verdade?

– Não. – balanço a cabeça, olhando-o séria. – Por estar agindo como se o que aconteceu afetasse apenas você. Está tão preocupado em supor que não estou te achando homem o suficiente, que não se importou comigo. Você não estava sozinho nessa maldita cama, Nicolai.

Éramos nós dois, e o que você fez? Me deu as costas sem nem pensar como estou me sentindo.

– Sério, Maria? Eu broxo e você se sente mal? Por que você iria se sentir mal, cacete? Fui eu quem broxou!

– Como vou saber se a culpa não foi minha? – esbravejo e caminho em direção ao banheiro. – Como, Nicolai? – pergunto com a mão na maçaneta. – Se você age

como se estivesse irritado comigo, como se não quisesse olhar para mim, muito menos me tocar. – entro e bato a porta com raiva.

Tranco a porta e sento na tampa do vaso, deixado o choro me vencer.

– Maria. – ele bate na porta. Ignoro. – Maria, desculpa. Por favor, abre a porta.

– Não, Nicolai. – digo com a voz embargada pelo choro.

– Você está chorando. Por favor, abre a porta, me deixa consertar a merda que fiz. Maria, por favor.

– É melhor você parar antes que alguém ouça e meu pai invada o quarto querendo saber o que aconteceu.

– Não estou nem aí, Maria, pode vir sua família inteira, mas abre essa porta.

– Mesmo? Quer que todos

fiquem sabendo que você broxou? – digo em tom de deboche, para irritá-lo.

– Pode gritar que sou broxa para quem você quiser, sua família, os vizinhos, o mundo. – diz. Levanto, enxugando as lágrimas. – Só preciso te abraçar e pedir perdão por ser um babaca. Se quiser, posso gritar e contar a todos que sou brox...

– Cala a porra dessa boca,

seu idiota! – exclamo, abrindo a porta e me jogando nos seus braços.

– Desculpa, Maria. – ele me abraça apertado e me enche de beijos. – Além de broxa, sou um grande babaca.

– Você não é broxa, Nicolai. Acontece. Quantas vezes estive na linha do pênalti nos últimos setes meses e chutei para fora? Você está tão habituado a me ver

esquivar no último minuto que...

– Não. – ele segura meu rosto entre as mãos. – Não foi sua culpa. – diz, beijando-me. – Estava nervoso, preocupado em não te machucar, ansioso para te ter, com medo que você não sentisse prazer. Desculpa por ter feito você pensar que fez algo errado.

– O próximo que pedir desculpas vai ser obrigado a passar uma semana sem café.

– Minha viciadinha em café. – ele me envolve pela cintura e me beija. – Que ironia. – diz, abraçando-me. – A garota que mais quero, por quem mais bati uma na vida e essa porra decide entrar em recesso. Puta merda, viu!

– Você consegue transcender o romantismo. – debocho.

– Estou me superando. – ele me dá um selinho. – Em todos os sentidos. – completa, balançando a

cabeça.

– Não vai mais embora, não gosto daquele Nicolai rude. Gosto desse aqui. – roço nossos lábios. – O babaca abusado que faz piada com tudo, o meu Nicolai. – sorrio. – Quer sair ou ficar por aqui?

– Você comentou algo sobre seu parque favorito.

O nosso primeiro dia do ano foi tranquilo, o levei para conhecer a cidade, andamos pelo parque,

namoramos e à noite embarcamos de volta para Moscou.

Quanto ao segundo dia do ano, não posso dizer o mesmo. Assim que desembarcamos e checamos nossas mensagens, Nicolai recebeu um correio de voz do tio, pedindo que fosse vê-lo quando chegasse.

Sem entender o que havia acontecido, ele ligou para Mikhail, com medo de que houvesse

acontecido algo com sua mãe, no entanto o telefone caiu na caixa. Em seguida ligou para o tio, preocupado que o problema fosse com Mikhail.

– Como é? Ele foi preso? – pergunta exasperado. – Estou indo aí. – desliga o celular. – Mikhail foi preso, meu tio pagou a fiança e o levou para casa dele.

– Preso? Por quê?

– Ele deu uma festinha no nosso apartamento, vários menores,

muito álcool e sexo.

– Merda.

– Vou deixar a mochila no seu apartamento e vou pegar o próximo trem para Marfino. Queria ficar contigo, mas você entende, né?

– Claro, Nicolai. – o abraço. – Se não tiver problema, vou com você.

– Certo, vai ser bom ter companhia, quem sabe me acalmo antes de matar meu irmão. – ele

passa a mão nos cabelos. – Que moleque imbecil!

Corremos até o apartamento, deixamos a mala e mochila e fomos para a estação, havia um trem saindo em dez minutos. Sabia que ele estava com a cabeça a mil e não iria querer almoçar, mas precisávamos comer algo, por isso enquanto ele foi comprar os bilhetes, aproveitei para passar numa cafeteria e peguei quatro

copos de café e alguns *muffins* para viagem.

Nicolai é totalmente previsível quando o assunto é café. Ele me deu um sorriso quando voltei com o café, mas podia ver o cinza se estendendo sobre o azul dos seus olhos, a tempestade se formando. O abracei e entramos para o vagão, nos sentamos e tomamos nosso café em silêncio.

Não precisava falar nada, ele

só precisava que estivesse com ele. Quando terminou o segundo copo de café, ele passou um braço pelas minhas costas, envolvendo-me pela cintura e deitou no meu ombro. Entrelacei nossas mãos e recostei a bochecha nos seus cabelos, e ficamos assim, por toda viagem.

ACHERON - Livros e afins /

46. Capítulo

A conversa entre Nicolai e o tio não foi na presença de Mikhail, fiquei meio sem jeito de estar presente, mas eles disseram para ficar, então apenas assisti, muda. Fiquei feliz por ele não responsabilizar Nicolai, porque provavelmente iria me intrometer se a conversa caminhasse nessa

ACHERON - Livros e afins /
direção.

– Você sabe que estou aqui, Mikhail é um bom menino, apenas está revoltado com tudo o que vocês viveram.

– Eu sei, tio.

– Se você achar que consegue tomar conta dele, não vou interferir, mas se precisar, estarei aqui.

– Não está sendo fácil, mas também não é fácil ficar longe dele, então vou levando. – Nicolai aperta
ACHERON - Livros e afins /

minha mão. – Espero que ele perceba que não podemos mudar o que aconteceu, não queria ter perdido meu pai. Mas o que posso fazer? Vou brigar com o mundo? Ele não vai voltar.

– Converse com seu irmão, tente entendê-lo também.

– Tudo o que tenho feito é entendê-lo, queria só um pouquinho de compreensão, tenho feito o que posso para nos manter juntos, para

seguir em frente.

– Você vai conseguir.

– Você pode chamá-lo, tio? Tenho que ir, estou exausto.

– Vou mandar ele vir, aqui o celular dele, não devolvi quando peguei na delegacia, mas avisei que as consequências do que ele fez, será uma decisão entre vocês.

– Valeu, tio.

Segundos depois Mikhail para

no meio da sala, com os braços cruzados e um olhar do tipo *"o que ela está fazendo aqui?".* Claro que a pergunta não ficou apenas nos seus pensamentos, ele tem que deixar evidenciado que me odeia.

– Não vou responder. – Nicolai levanta, me puxando com ele. – Vamos embora, em casa nós conversamos.

– Ela também? – Mikhail olha para cima, como se estivesse

entediado com a ideia de me ver por mais algumas horas.

− Anda. – Nicolai ordena.

Mikhail sai pisando duro, contrariado. Nicolai se despede do tio e seguimos para a estação. A volta para casa foi torturante.

Será que eu era insuportável assim aos quinzes anos?

Quero dar uns tapas nesse pirralho!

Nicolai foi abraçado comigo durante todo percurso e Mikhail sentado na nossa frente com a expressão fechada e os olhos revirando a cada palavra que trocava com Nicolai.

Eu me ofereci para voltar ao meu apartamento e deixá-los conversar sozinhos, no entanto Mikhail solto um *"já vai tarde"* e Nicolai insistiu para que fosse dormir com ele, entendi que ele queria

demonstrar ao irmão que não iria interferir na nossa relação e concordei.

Não tinha me atentado para o fato que a festa foi dada no apartamento deles e que estaria uma verdadeira zona; acho que nem Nicolai, porque quando ele destrancou a porta, seus olhos foram de um lado a outro. Havia garrafas espalhadas, copos por todos os lugares, camisinhas

jogadas no chão, um pandemônio.

– Senta agora e me explica que merda você tem na cabeça? – Nicolai diz entredentes.

– Só foi uma festa. – Mikhail abre os braços.

– Não te dei permissão para fazer festa e muito menos encher a casa de vagabundos.

– Só você quem pode trazer a vadia?

Nicolai fecha os punhos e dá um passo para cima do Mikhail.

– Deixa. – o seguro pelo braço.

– Você não é meu pai para me bater.

– Não sou. – Nicolai respira fundo. – Estou tentando, cara, estou tentando muito. – ele morde o lábio. – Não sou nosso pai e não quero ocupar o lugar dele, mas você precisa me ajudar. Preso, porra!

Você foi preso, Mikhail! Você tem quinze anos, quinze! – ele passa a mão no cabelo. – Preciso confiar em você.

– Dei uma festa, os vizinhos que chamaram a polícia e ferrou tudo.

– Olha para esse apartamento, que por sinal, você irá limpar. Desde quando você bebe? O que rolou aqui? Uma orgia? – Nicolai aponta as camisinhas. – Vou para o

meu quarto e é bom que sua festa não tenha se estendido até lá, quando acordar, quero tudo limpo.

– Vá se foder, Nicolai! Você pode viajar para curtir com a vadia e não posso curtir com meus amigos?

Não fui rápida o suficiente, quando pisquei Nicolai estava segurando Mikhail pela gola da camisa.

– Você não vai mais falar vadia quando se referir à minha

namorada, o nome dela é Maria. – Nicolai vocifera. – Você iria passar a virada do ano na casa de um amigo, enquanto eu iria ficar em casa sozinho, e em momento nenhum reclamei ou te impedi de ir, portanto não venha querer me fazer sentir culpado por tê-la em minha vida, porque ela é quem tem me dado paz. – ele o solta. – Juro que se encontrar uma garrafa de álcool pela casa ou uma merda de camisinha usada no chão, vou te

socar.

– A chave do seu quarto está em cima da geladeira. – Mikhail murmura.

Nicolai me dá a mão, buscamos a chave na cozinha e vamos para o seu quarto. Ele tira a camisa e joga no chão com raiva, caminhando pelo quarto com ambas as mãos na cabeça.

– Nunca pensei que o mais difícil fosse manter a relação que

tinha com meu irmão. Eu tenho me esforçado tanto para conseguir reorganizar as nossas vidas, coloquei os dois pés no chão, deixei de lado os meus sonhos para nos manter unidos e ele não está nem aí.

– Vem aqui. – me aproximo e o abraço.

– Eu só tenho você, é a minha única alegria e ele age como se estivesse cometendo um crime por

estar com você.

– Minha mãe disse que precisamos ter paciência.

– Não preciso que ele nos aceite, mas exijo que ele te respeite.

– Não brigue com ele por minha causa, por favor.

– Vai depender dele.

– Vá tomar um banho, tenta relaxar um pouco, vou pedir algo para comermos.

– Obrigado, Maria. – ele me beija. – Que vontade de encher aquele moleque de porrada.

– Vou pedir pizza, pode ser?

– Ótimo, não demoro. Peça duas, porque se chegar perto daquele moleque vou acabar enfiando a mão na cara dele.

Quando a pizza chegou, entreguei uma ao Mikhail; como ele me ignorou, deixei na mesa e levei a outra para o quarto. Coloquei a

pizza na cômoda, tranquei a porta, tirei a calça de moletom do Nicolai, que havia vestido depois do banho, e fiquei apenas com sua camisa.

– Deixei na mesa, porque ele não quis pegar. – comento, levando nossa pizza para cama.

– Deixa lá, quando der fome, ele come. – comenta e inclina o rosto, olhando descaradamente para as minhas pernas. – Aprovo esse uniforme para entregadora de

pizza, vai ser sucesso.

– Ah é? – coloco a caixa com a pizza na cama e engatinho, parando ajoelhada entre suas pernas. – Exatamente assim? – seguro a bainha da camisa, erguendo-a.

Quando jogo a camisa na cama, Nicolai arregala os olhos ao me ver nua. Sorrio, mordendo o lábio inferior. Ele emite um suspiro, seus lábios se aconchegam aos

meus, ao mesmo tempo em que suas mãos se apoderam dos meus seios.

– Nicolai, a pizza. – murmuro, sentindo seus lábios mordiscando minha orelha.

– Que pizza? – ele sorri contra minha pele, espalhando beijos no meus pescoço.

Era a resposta que queria ouvir.

Apertei forte os seus bíceps e

inclinei meu rosto de encontro ao seu. Ele moveu os lábios para o meu queixo, subindo devagar para os meus lábios, então senti a ponta da sua língua desenhar a minha boca e a sua língua arisca pedindo-me passagem. Entreabri os lábios e as nossas línguas se uniram em uma dança sensual.

Sinto o calor das suas mãos no meu corpo, seus dedos traçando linhas e curvas sobre minha pele,

harpeando-me, pormenorizadamente. Sugo o seu lábio, afastando-me levemente. Beijo o seu queixo, mordo o seu pescoço, escorrego minha língua pelo seu peito e entre os gomos do seu abdômen, saboreando a sua pele quente, sentindo o seu corpo respondendo ao meu toque; o coração acelerado, a respiração trépida, o volume pulsando na sua bermuda.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

Interrompo as carícias quando alcanço o elástico da bermuda. Ele suspira pesadamente. Sento sobre os joelhos e, olhando os olhos azuis coberto por camadas acinzentadas, prendo os meus dedos na sua bermuda, certificando-me de abarcar o elástico da sua boxer e abaixo. Não desvio os nossos olhos, chego um pouco para trás, de modo a poder puxar a sua bermuda e boxer pelas pernas, e somente quando lanço as suas roupas por

ACHERON - Livros e afins /

sobre meu ombro, deixo que meus olhos contemplem cada músculo do seu corpo.

Sem voltar a me aproximar, esquadrinho cada milímetro do seu tórax com os olhos, pacientemente. Quando meus olhos recaem sobre o desenho do osso pélvico, formidavelmente projetado pela sua musculatura, passo a língua sobre os lábios, umedecendo-os. Acho que essa é a parte do seu corpo

que mais gosto.

Meu peito arfa. Apoio ambas as mãos no seu quadril e deslizo meus dedos por toda extensão da musculatura pélvica, descendo preguiçosamente, arrastando os meus dedos até o término do desenho e início do seu membro. Nicolai geme baixinho ao sentir minha mão envolvê-lo e mais alto quando me debruço, engolindo-o entre meus lábios.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

47. Capítulo

Mais uma vez minha mãe estava certa, meus instintos eram bons guias, pelo menos era isso que os gemidos do Nicolai estavam me fazendo acreditar. O plano era apenas fazê-lo relaxar, esquecer um pouco que fosse os seus problemas, e para isso precisava esquecer as minhas neuras, afinal não queria

deixá-lo tenso, relembrando a nossa última tentativa frustrada de pôr em prática a nossa primeira vez.

Surpreendentemente, não estava me sentindo sem jeito ou constrangida vendo seus olhos me observando, enquanto movia minhas mãos sutilmente, aplicando uma leve pressão e harmonizando o ritmo com o movimento de sucção.

Ele está recostado nos travesseiros, o que deixa o seu

tórax elevado à minha frente. Subo os olhos, perfazendo cada dorso dos músculos que se exibem feito um vale. Encontro-o com os olhos vidrados na minha boca, assistindo-me engoli-lo, em um vaivém provocante. Seus lábios entreabertos exalam silvos e gemidos que me fazem intensificar a cadência dos movimentos. Ele morde o lábio, inspirando com força, contraindo a musculatura do abdômen e sinto minhas pernas

estremecerem.

– Ma. – geme. Ergo os olhos. – Maria. – A voz grave percorre meu corpo. Os seus olhos são um redemoinho azul acinzentado, iluminados por faíscas incandescentes, como raios incidindo sobre a minha pele, inflamando o desejo no meu âmago. – V-vou... – suspira. – Não. – diz. Olho confusa, sem entender o que ele quis dizer. Os cantos dos seus

lábios se curvam em um sorriso, ele segura os meus ombros, me empurrando de costas na cama e me prendendo sob o seu corpo. – Quero sentir você, Maria.

Nicolai beija milimetricamente o meu corpo, tomando seu tempo em cada pequena porção de pele, arranhando-me com os dentes e massageando-me com sua língua, me fazendo implorar para sentir seus lábios entre minhas pernas. Ele

sorri e me tortura mais. Sentado sobre os joelhos, ele segura meu tornozelo e apoia minha perna esquerda no seu ombro, mordiscando minha panturrilha, sem que esteja esperando sinto seus dedos penetrando-me. Sou acometida por uma torrente de gemidos, puxo o travesseiro e o mordo com força.

Ele não desvia os olhos dos meus. Beijando minhas pernas, ele

mantém um ritmo contínuo, três dedos movendo-se para frente e para trás e o polegar massageando meu clitóris. Sinto os indícios do orgasmo se aproximando. Jogo o travesseiro de lado e estendo a mão para o criado-mudo, puxando a gaveta, incapaz de conseguir coordenar meus movimentos, exerço muita força e a gaveta cai. Nós dois sorrimos em meio aos suspiros e respirações abafadas.

ACHERON - Livros e afins /

Nicolai remove os dedos do meu corpo e se pendura na beirada da cama, procurando uma camisinha na gaveta. Ele volta, rasgando o invólucro nos lábios e desenrolando a camisinha no seu membro. Com ambas as mãos apoiadas sobre meus joelhos, ele afasta, delicadamente, minhas pernas, se pondo de joelhos entre elas. Mordo o lábio, admirando-o curvar-se sobre meu corpo.

Um gemido alto deixa meus lábios quando sinto sua língua resvalar na parte interna das minhas coxas. Ele trilha meu corpo com a ponta da língua, avançando por meu abdômen e contornando meus seios, vagarosamente, antes de abocanhá-los; enquanto sinto o material frio da camisinha pressionado contra meu abdômen. Aperto as minhas mãos nas suas costas, arranhando-o e puxando-o, querendo sentir seu corpo no meu.

ACHERON - Livros e afins /

Ignorando meus esforços, ele segue beijando-me sem pressa, depositando beijos suaves na minha clavícula e mordendo os meus ombros. Seus lábios esmerilham o meu pescoço e seu corpo desliza sobre o meu. Arfo. Seu torso esmaga os meus seios, seus lábios ocupam-se dos meus, beijando-os morosamente, e no instante que sua língua desliza entre meus lábios, seu corpo une-se ao meu, sutilmente.

ACHERON - Livros e afins /

Nicolai me deu um beijo terno e deixou os lábios parados sobre os meus. Abri os olhos e o vi fazer o mesmo. Olhando-me profundamente, ele se moveu devagar. Senti um ligeiro desconforto, longe da dor que tanto me amedrontava. Sem que nenhuma palavra precisasse ser dita, meus olhos deram o consentimento para ele ir em frente. Fechei os olhos e os nossos lábios aninharam-se, enquanto ele embalava os nossos

corpos.

Aos poucos sentia meu corpo movendo-se junto ao dele, intensificando a cadência dos movimentos. Com as mãos espalmadas nas suas costas, sentia o suor sob os meus dedos e as minhas unhas deslizando sobre sua pele. Ele deslocou os lábios para meu pescoço, espalhando beijos. Meu corpo arqueava sobre a cama, enrosquei minhas pernas no seu

quadril.

Estava extasiada diante de tantas sensações. Nem nos meus dias menos insegura, poderia supor que, senti-lo dentro de mim, seria algo tão avassalador. Podia senti-lo pulsando, assim como sentia o meu corpo contraindo, apertando-o e fazendo-o pulsar mais forte. Sentia o calor me consumindo, a umidade do meu corpo abraçando-o, nossos corpos suados ardendo em chamas.

ACHERON - Livros e afins /

Nicolai encaixou os braços por baixo da minha cintura, abraçando-me. Desfiz a volta das minhas pernas na sua cintura e ele nos girou, deixando-me por cima. Palmeia as mãos no seu peito, os joelhos na cama, ao lado do seu quadril e ergui o tronco, rebolando devagar.

– Oh, merda! – exclamo.

– Quê?

– Por que você nunca me

ACHERON - Livros e afins /

disse que seria muito melhor assim?

Ele sorri, apruma as mãos nos meus quadris e movimenta o quadril de encontro ao meu, me fazendo senti-lo mais profundamente.

− Rebola pra mim. – ele pisca.

− Abusado. – mordo o lábio e remexo meu quadril mais rápido.

Sabe aquela história que iria morrer de vergonha se o deixasse molhado como as minhas calcinhas, estava errada, a essa altura não há

nenhum centímetro da sua extensão que não esteja revestido pela minha umidade, posso ouvir o barulho que ela provoca no encontro das nossas pélvis, me deixando ainda mais excitada.

Os nossos gemidos aumentavam gradualmente, junto com a intensidade dos nossos movimentos. Nicolai levou as mãos aos meus seios, apalpando-os, circundou minha cintura e suas mãos

seguiram até as minhas costas, fazendo-me deitar no seu tórax. Ele se apoderou dos meus lábios e senti a ponta dos seus dedos na minha coluna, deslizando pela minha lombar.

Aplanou as mãos na minha bunda e segurando-me pelos quadris, impulsionou os nossos corpos. Os meus seios impeliam sobre o seu tórax e os meus dedos enredaram-se entre os fios do seu

cabelo, puxando-os.

Nicolai tinha as mãos esparramadas pelo meu quadril e bunda, escavando minha pele com as pontas calejadas dos dedos. Os nossos corpos se moviam em um arranjo afinado. Minhas pernas contraíram, prendendo-o com força sob o meu corpo e ele compelia um andamento impetuoso.

Não resistindo aos gemidos que arrebentavam ofegantes, quase

sem trégua, nossos lábios substituíram o beijo pelo calor das nossas respirações. Os meus lábios repousaram sobre os dele e com os olhos semicerrados assisti os cantos dos seus lábios se curvarem, esboçando um sorriso torto. Fechei os olhos e senti o meu corpo transbordar em prazer, ao som de um suspiro pesado que escapava por entre seus lábios.

Estava deitada sobre o seu

corpo e assim fiquei, sentindo suas mãos me abraçarem e os seus lábios tomarem os meus em beijos suaves, enquanto ele me deitava na cama. Nicolai tocou o meu rosto, no seu gesto familiar, afastando os fios de cabelo soltos e colocando-os atrás da minha orelha.

– Preciso tirar a camisinha, você não vai vomitar, né? – ele tenta posar de sério, mas não consegue esconder o sorriso e a pitada de

– Você nasceu na época errada, tanto romantismo desperdiçado. – soco seu peito. – Banheiro, por favor, nosso jantar está na caixa aos pés da cama.

– Pizza. – ele sorri. – Vai querer fria ou emborrachada no microondas? – pergunta, levantando.

– Fria.

– Eu também. – pega a

bermuda no chão, vestindo-a. – Não vamos brigar pela pizza, já podemos nos casar.

– *Babaca abusado!* – salto da cama.

Ele corre para a porta e sai do quarto, deixando apenas a cabeça na abertura.

– Meu irmão está em casa. – avisa, com um sorriso atrevido.

– Outra frase com essa palavra e você vai perder uma bola.

– Te vejo daqui a pouco.

ACHERON - Livros e afins /

48. Capítulo

Nicolai saiu para trabalhar e fiquei dormindo. Quando acordei havia um bilhete no seu travesseiro, com um desenho meu dormindo, no canto da página.

“Deixei café pronto.

Meu turno da noite é o de

meia-noite, acho que consigo passar no seu apê para te dar um beijo.

Ou um café e um orgasmo.

Te ligo mais tarde.

Beijos, Nicolai".

Sorrio, pego minha roupa e vou tomar banho. Mikhail não estava em casa, então tranquei a porta e levei a chave comigo. Passei em casa,

troquei de roupa e saí para encontrar Anna, combinamos de almoçar juntas.

– Seu biquíni, *cyka.* – entrego a sacola.

– Louca para experimentar e estrear. – Anna pisca.

– Como foi a viagem com Greg?

– Ótima! – ela sorri maliciosa.

– Vocês saíram alguma vez do

ACHERON - Livros e afins /
quarto de hotel? – debocho.

– Algumas horinhas. – ela sorri. – E você? Quer dizer que o seu pai te deu Nicolai como presente de aniversário? Poderosa, hein, *cyka.*

– Meu pai é o melhor do mundo.

– Vamos aos detalhes do presente. E aí? Rolou?

– Ontem. – sinto minhas bochechas esquentarem.
ACHERON - Livros e afins /

– Fala, Maria. Detalhes.

– Estou me sentindo idiota por ter ficado com tanto medo. Foi... – procuro uma palavra. – Nicolai. Ele foi cuidadoso, carinhoso, sem deixar de ser intenso.

– E como é a anatomia? – ela arqueia a sobrancelha.

– Ah. – sorrio tímida. – Ele é todo lindo, parece um experimento de laboratório.

– Como assim, Maria? – Anna

pergunta entre risos.

– Não sei como explicar. Ele é o modelo perfeito de simetria, como se tivesse sido entalhado com precisão milimétrica. Aquele tórax é do tipo que só se vê em Hollywood e você fica babando e pensando, *"nunca vou tocar em um desses".*

– Toma um suco, amiga.

– Tenho uma tara pelo maldito v. – comento, tomando um gole do suco. – Mas não termina aí, ele

depila lá. – mordo o lábio. Anna apenas sorri com as minha caras e bocas. – Então quando termina a linha do v, tem um... – pauso e olho as mesas ao redor. – Puta pênis, liso, grande, com muitas veias, uma glande rosada e puta merda.

– Viada sortuda! Isso que é se apaixonar pelo cara certo.

– Não que esteja reclamando, óbvio que não, mas isso também é um problema, porque meu grau de

exigência será alto para os meus futuros relacionamentos.

– Você não é normal. – Anna declara, fazendo uma expressão engraçada. – Como alguém que é apaixonada pelo namorado fala de futuros relacionamentos como se fosse certo que o atual vai ter fim?

– Estou apaixonada, mas continuo sendo uma pessoa racional. Tenho dezoito anos, não penso em casar por agora e não

acho que Nicolai vai ser o único homem da minha vida, embora não tenha dúvidas que ele será sempre muito especial.

– Teria medo de me relacionar com alguém assim, você me assusta.

– Ele sabe que a nossa relação é no hoje, não fazemos planos para um futuro a dois.

– O que não significa que ele não pense em um futuro a dois.

– Para com isso, quem está me assustando com essa conversa é você.

Após o almoço, Anna iria para o cinema com Gregory, nos despedimos e peguei um táxi para o apartamento de Nicolai. Entrei com a chave extra, que levei comigo, e parei, com os olhos esbugalhados, vendo Mikhail sentado no sofá com uma mulher muito mais velha no seu colo e com os peitos nus, que mais

pareciam duas melancias, enfiados na boca dele.

Pensei em sair e fingir que não vi nada, mas aquela não era uma amiga de foda do Mikhail, poderia estar enganada, entretanto apostaria que se tratava de uma garota de programa.

– A festa acabou. – digo alto e claro.

A mulher levanta a cabeça em minha direção e Mikhail olha por

cima do encosto do sofá.

– Nicolai não está. – diz, com indiferença.

– Você pode ir embora. – aviso a mulher.

– Você não manda em mim – ele resmunga.

– E meu dinheiro? – a mulher questiona, saindo do colo dele.

– Fique feliz por não te denunciar, ele tem quinze anos.

– Você vai se mudar para o quarto do Nicolai? – Mikhail pergunta debochado.

– Já pegou suas coisas, querida? – olho brava para a mulher. – Hora de voltar para a rua. – escancaro a porta.

– Calma, gata. – ela pega a bolsa.

– Espero nunca mais ver sua cara. – fecho a porta na cara dela. – Posso saber onde você arrumou

dinheiro para pagar uma garota de programa?

– Não é da sua conta.

– Está vestido pelo menos?

– Já fechei o zíper. – ele passa a mão no cabelo. – Cai fora, garota, Nicolai só vai chegar à noite.

– Eu sei. – caminho e paro na frente dele. – Precisamos conversar.

– Não tenho nada para conversar.

– Ótimo, porque irei falar e você vai me ouvir. – olho para o sofá, mas desisto de sentar ali. – Um minuto. – digo. Vou a cozinha, pego uma cadeira e sento em frente ao Mikhail. – Você não precisa gostar de mim, sendo honesta, isso não muda a minha vida, mas você está agindo feito uma criança malcriada e isso machuca o seu irmão de tantas formas.

– Qual é? Vai me dar lição de

moral?

– Não, e sabe por que não? Assim como você, não tenho ideia de como é ter que se preocupar em manter uma família, não preciso trabalhar para pagar minhas contas no fim do mês, muito menos preciso ter três trabalhos para ser capaz de manter a mim, meu irmão e minha mãe. Ele te ama tanto, te deixar passar um ano longe de casa, por não poder te sustentar, foi muito

ACHERON - Livros e afins /

difícil para ele, o vi desolado, Mikhail. Não aja como se você fosse o único que saiu perdendo nessa história, ele deixou os sonhos dele para que você pudesse estar nessa casa hoje, para que sua mãe continuasse sendo bem cuidada, ele mudou por vocês, ele abraçou responsabilidades que nós dois não conseguimos entender.

– Não perdi só o meu pai, perdi meu irmão também. Ele não é

o mesmo desde que nosso pai morreu, antes ele sentava comigo para jogar videogame, a gente conversava sobre tudo, depois nossas conversas se limitaram a saber como estão minhas notas, se estou estudando, ele só me faz cobranças. – desaba em lágrimas. – Sei que meu pai não vai voltar e sei que Nicolai está fazendo o que pode por nós, mas queria ter meu irmão de volta.

ACHERON - Livros e afins /

– Vem aqui. – levanto e estendo os braços para ele. – Não vou sentar nesse sofá antes de uma boa lavagem. – digo, fazendo-o rir entre as lágrimas.

Mikhail levanta e aceita meu abraço. Ele é da minha altura, tem os cabelos mais loiros do que Nicolai, como os da mãe, aliás eles têm os mesmos olhos. Meio sem jeito ele deita no meu ombro e afago seus cabelos.

– Ele só está tentando ser o cara responsável.

– Eu sei, mas sinto falta do cara legal, com quem podia dividir as minhas bobagens.

– Que tal se você for um pouquinho responsável? Aí ele vai saber que pode confiar em você e o irmão legal vai voltar à ativa.

– Você acha?

– Sim. Você roubou dinheiro dele, né?

– Você é pior que o FBI.

– Você vai devolver o dinheiro, da próxima vez vai pensar antes de fazer besteira e não vou contar nada do que vi ao seu irmão.

– Prometo.

– Precisamos ligar para uma empresa de lavagem a seco e mandar limpar esse sofá hoje, porque vai ser estranho se eu não quiser sentar aí.

– Vou ter que usar o dinheiro

– Eu pago.

– Valeu.

ACHERON - Livros e afins /

49. Capítulo

Queria muito ajudar Nicolai e Mikhail a se entenderem, por isso decidi que, pelo menos enquanto estiver de férias, nos dias que Nicolai tiver com o início da noite livre, ao invés dele ir para o meu apartamento, virei para o apartamento dele e assim ele pode ficar perto do irmão.

Deixei Mikhail com os funcionários da empresa de lavagem a seco e fui ao meu apartamento buscar algumas roupas e filmes, depois passei no mercado e retornei ao apartamento deles.

Mikhail estava esparramado no sofá jogando videogame e quando me viu abrir a porta, não me olhou com raiva como costumava fazer, fiquei até surpresa quando ele sorriu, deixou o *joystick* de lado e

levantou para me ajudar com as compras.

– Nicolai vai ficar puto se souber que você fez compras.

– Vou cozinhar e não sabia o que tinha, depois da sua festa é arriscado tomarmos esperma no lugar de leite.

– Vocês são iguais. – ele balança a cabeça rindo. – Ele jogou o leite fora hoje cedo, dizendo a mesma coisa, com outras palavras.

– coloca as sacolas no balcão da cozinha. – E também foi ao mercado antes de ir trabalhar, supostamente tudo o que estava aberto foi parar no lixo.

– Ele foi no mercado antes de ir trabalhar? Achei que só tivesse ido comprar pães. – comento, lembrando que ele deixou a mesa de café posta para mim. – Ele acordou que horas?

– Cedo, porque quando

acordei o encontrei arrumando as compras e preparando o café da princesa. – ironiza.

– Você é um poço de ciúmes. Aposto que ele fez seu café também.

– Fez mesmo. – ele sorri.

Mikhail voltou para o videogame. Levei minha mochila para o quarto do Nicolai e fui preparar o jantar. Fiz um Pelmeni, porque sei que Nicolai adora, eu

também, são bolinhas de massa recheada com almôndega, também fiz pirozhki e estava terminando a salada de batatas quando meu celular tocou. Estiquei o pescoço para ver quem era e larguei a faca e legumes sobre a pia quando vi o meu sorriso torto favorito no visor.

– Oi. – atendo.

– Dormiu bem?

– Muito bem. Como foi seu dia?

– Bem. Estou chegando em casa, vou tomar um banho rápido e passo no seu apartamento.

– Não vai ser preciso, estou no seu apartamento.

– Está? Mikhail está aí?

– Sim e sim, não nos matamos.

– Bom, sendo assim te vejo em dez minutos.

– Te espero com um café.

– Não esqueça do orgasmo.

– Não irei, beijo que estou terminando de preparar nosso jantar.

– Estamos comemorando algo?

– Só achei que seria legal fazer algo que nos deixasse mais próximos do seu irmão, trouxe uns filmes e séries, podemos escolher um e assistir juntos.

– Obrigado, Maria.

– Você me paga com um orgasmo, depois do filme.

– Fechado. – diz entre risos. – Beijo.

Corri para finalizar a salada e tomar banho antes do Nicolai chegar, não queria que ele me encontrasse com cheiro de cebola. Peguei a roupa no quarto e fui para o banheiro, fechei a porta e relaxei no banho, me ensaboando e cantarolando.

De repente a porta abre, fecho o chuveiro e puxo a toalha rápido, quando estava para gritar, a porta do box é aberta e vejo Nicolai com um sorriso safado.

– Você é rápida. – ele puxa minha toalha.

– Quer me matar? – coloco a mão no peito. – Jurava que tinha passado o trinco.

– Passou. – ele joga a toalha na pia e tira a camisa. – Tenho a

chave.

– Nicolai, o que você está fazendo? – pergunto, quando ele abaixa o zíper da calça.

– Tomando banho com você. – diz, chutando a calça por suas pernas e descendo a boxe. – Acho que vou te desenhar assim. – ele pega a calça no chão e tira uma camisinha da carteira.

– Seu irmão vai saber o que estamos...

– E no quarto, não? – ele me interrompe e entra no box, jogando o pacote de camisinha no porta-shampoo.

Não havia como discordar da sua observação, logo, me limitei a estender o braço e serpentear seu torso com a ponta dos dedos, enquanto ele dava um passo e suas mãos deslizavam pela minha lombar, puxando-me e fazendo os nossos corpos colidirem.

– Se você me desenhar nua, te faço engolir.

– Que *delay do* cacete foi esse? – gargalha.

– Você me distraiu.

– Como? – pergunta, beijando meu ombro e me impulsionando para os seus braços. – Não fiz nada. – ele beija a base do meus pescoço.

– Não sei mais. – suspiro, fincando as unhas nos seus ombros.

– Mais alguma coisa você fez para me distrair.

– Acho que não fiz nada. – ele prende meu lábio entre os dentes e me encosta na parede. – Ainda. – sussurra, tomando os meus lábios em um beijo voraz.

Quando saímos do banho e fomos para cozinha, poderia ser confundida com um tomate, estava morrendo de vergonha. Passei na sala de cabeça baixa, indo me

ocupar de colocar o jantar na mesa, com ajuda de Nicolai. Não deveria ficar constrangida depois de ter pego Mikhail com uma garota de programa na sala, mas não consigo evitar.

– Antes ou depois? – pergunto, segurando a xícara em uma mão e o bule na outra.

Estava me referindo ao jantar, mas a expressão atrevida de Nicolai me fez perceber a ambiguidade da

minha fala e corei mais um pouco. As maçãs do meu rosto estavam queimando. Ele se aproxima, pega a xícara e o bule das minhas mãos, colocando-os na mesa, e envolve minha cintura.

– Não vou deixar ele fazer nenhuma piadinha com você. – ele ergue meu queixo e me beija. – Você não é uma qualquer, é a minha namorada e não interessa a ninguém, além de nós dois, onde,

quando ou como fazemos sexo.

– Eu sei, mas ainda é estranho. – repouso minhas mãos no seu peito. – Antes não faria diferença se as pessoas achassem que a gente estava transando, só que agora que é real, sinto como se estivesse sido pega no flagra.

– Você é... – ele beija minha testa. – tão você, não tem outra definição. Prometo que não vou invadir o banheiro quando você

estiver no banho.

– Mas eu gostei. – mordo o lábio.

– Então foda-se. – ele aperta os braços ao meu redor, erguendo-me do chão. – Vou te pegar muito no box. – sussurra, mordendo o lóbulo da minha orelha. – Depois, porque agora estou com fome. – completa, me colocando de volta no chão. – Mikhail, vem jantar.

– Estou indo, só vou matar

esse... – Mikhail responde.

– Dá pause e vem logo.

Jantamos sem brigas. Nicolai assumiu a pia de louças para lavar e convocou Mikhail para ajudá-lo, que reclamou um pouco, dizendo que estava em uma fase importante do jogo, mas percebeu que não havia escolha e se rendeu. Peguei o café e me sentei à mesa da cozinha.

– Cara, se ela for cozinhar todos os dias, pode vir morar aqui. –

Mikhail comenta com Nicolai.

– Maria. – Nicolai vira e pisca para mim. – O que ele quis dizer é: *“obrigado, você cozinha muito bem”.*

– Foi o que disse. – Mikhail dá de ombros. – Ela não tem cara de quem sabe cozinhar nada.

– Não mesmo. – Nicolai concorda e os dois sorriem.

– Estou me sentindo ofendida.

Depois de deixar a cozinha limpa fomos para sala. Mikhail estava com o *joystick* nas mãos antes de sentar. Nicolai sentou ao seu lado e me puxou para o seu colo.

– Você jogou o dia todo, termina aí que vamos assistir a um filme. Você pode ajudar a escolher, mas vou logo avisando que o negócio dela é terror. – Nicolai diz ao irmão. – Que filmes você trouxe?

– me pergunta.

– A gente pode jogar um pouco, outro dia assistimos.

– Você sabe jogar? – Mikhail dá pause e arqueia a sobrancelha.

– Ela deve acertar algumas das latas de lixo. – Nicolai zomba.

– Tenho três irmãos, todos viciados em game, sei jogar muito bem e fique sabendo que acerto em cheio na cabeça dos zumbis. Aposto que sou muito melhor do que você. –

desafio Nicolai.

– Essa quero ver. – Mikhail diz entre risos.

ACHERON - Livros e afins /

50. Capítulo

– Cara, você perdeu. – Mikhail gargalha.

Nicolai apoia os cotovelos nas pernas e afunda a cabeça, passando as mãos pelo cabelo. Levanto, fazendo minha dancinha da vitória, com as mãos fechadas em punho e movendo-as para cima e para baixo, junto com quadril.

ACHERON - Livros e afins /

– Perdeu!

– Ela tem quantos anos? – Mikhail ironiza, gargalhando ainda mais com a minha dancinha.

– Quero um tira-teima. – Nicolai diz, erguendo o rosto.

– Que tira-teima? Detonei os zumbis enquanto eles te jantavam. Sou melhor e ponto. – provoco, rebolando na frente dele.

– Ok, perdi. – levanta as mãos. – Quero um prêmio de

ACHERON - Livros e afins /

consolação antes de ir trabalhar. – ele agarra minha panturrilhas e me joga no ombro. – Você. – diz ao irmão. – Nem pense em virar a madrugada jogando, quarto e cama, no máximo meia-noite.

– Arrasei com você. – dou tapinhas nas costas dele.

– Sorte de principiante. – ele argumenta, me levando para o quarto.

– Assume que sou melhor,

Nicolai. – exijo.

– Não. – ele me coloca na cama e volta para trancar a porta.

– Me aguarde. – estreito os olhos.

– O que vai ser o seu prêmio? – ele pergunta, despindo a calça de moletom.

– Você que propôs uma aposta às cegas, só irei contar na hora que você tiver que pagar a aposta.

– Era às cegas, depois que a gente sabe quem venceu, é preciso revelar o que se quer. – ele apoia os joelhos na cama e se impõe sobre meu corpo, me obrigando a deitar. – Como irei pagar sem saber o que é?

– Posso contar, no entanto você terá que esperar a minha visita ao *sexshop* para pagar a sua dívida comigo.

– *Sexshop?* – ele morde o lábio. – Acho que não me importo de

ter perdido.

– Espero que não, porque estou ansiosa para sentir como é te penetrar.

– Quê?! – ele me olha assustado.

– Prometo que serei boazinha e vou escolher um bem bonito, assim, tipo o seu, grande, grosso e se tiver o desenho das veias, melhor, vai parecer mais real.

– NÃO. – ele levanta e me olha

sério. – Você está brincando?

Faço um biquinho e movo a cabeça de um lado ao outro, negando.

– Vai ser divertido. – mordo o lábio, propositadamente.

– Essa possibilidade não existe, esqueça. – ele passa a mão no cabelo.

– Nicolai, nem vem, ganhei a aposta e exijo que você cumpra o combinado.

– Não combinamos que você iria... – ele engole em seco. – NÃO!

– Se combinamos uma aposta às cegas está implícito o seu consentimento com o que quer que seja.

– Você está me zoando.

– Não estou, Nicolai. – fico de joelhos na cama. – Quero saber como é.

– Não, não e não. – ele respira fundo. – Faço qualquer coisa, o que

você quiser, Maria.

– Pensa comigo, estou com meus lábios no seu pênis, deslizando-o bem devagar, então pego o nosso amiguinho e enfio...

– NÃO!

A expressão de desespero no seu rosto é muito cômica, não consigo manter o teatro e começo a gargalhar alto. Ele solta um suspiro, aliviado por perceber que estava brincando, e seus lábios se curvam

em um leve sorriso. Desabo de costas na cama, gargalhando. Ele segura meus tornozelos e puxa para a beirada da cama, prende os dedos no elástico da minha calça moletom e puxa por minhas pernas.

– Me sacaneando, né? – segura na bainha da minha blusa e levanta, revelando meus seios.

– Vai que você curte. – perturbo, levantando os braços para ele tirar a blusa.

– Não tenho nenhuma curiosidade. – diz, pressionando seu corpo no meu e os lábios espalhando beijos nos meus ombros.

– Se tivesse, você teria que esperar sua próxima namorada. – comento, escorregando as unhas nas suas costas.

– Que bom que não tenho, porque não quero uma próxima namorada. – ele morde meu lábio. –

Não há outra Maria por aí. – sussurra, repousando os lábios nos meus.

Contorno os seus lábios com a ponta da língua, instigando-o a entreabri-los. Circundo as pernas no seu quadril, encurtando a distância entre nós, sentindo-o em atrito com minha calcinha. Ele encaixa as mãos nas laterais dos meus seios, erguendo-me e soltando-me mais para o centro da cama.

Beija o lóbulo da minha orelha e desce devagar pelo meu pescoço, enquanto me abraça e nos faz rolar na cama. Nicolai aperta os braços, cruzando as mãos nas minhas costas e me olha com uma expressão enigmática.

– Por que você está me olhando assim? – pergunto, apoiando o queixo no seu peito.

– Não sei. – murmura. – Só me deu vontade de ficar te olhando.

– ele leva uma mão ao meu rosto, acariciando-o por entre os fios de cabelos que caem sobre os meus olhos. – Gosto de te olhar. – diz, prendendo os fios soltos na minha orelha. – Eu. – ele morde o lábio. – Não sei, Maria. – sorri torto. – Só não quero pensar no depois, quero me concentrar no presente, em como é bom estar com você.

– Eu também. – estico o pescoço e beijo o seu queixo. – O

que sinto por você me assusta, exatamente porque me faz ter medo do fim.

– Vou te segurar o quanto puder, mas não vou te impedir de ir.

– Eu sei. – sussurro, sentindo minhas lágrimas molharem seu torso. – Vou me agarrar a você enquanto puder.

Essa conversa nunca se repetiu.

Nos meses seguintes, passei

mais tempo no apartamento do Nicolai do que no meu. Mikhail deixou a rebeldia de lado, sua relação com Nicolai encontrou o equilíbrio entre paternidade e irmandade, e entrei para o clube, então podia opinar quando eles pareciam dois cafajestes conversando dos casos do Mikhail.

Quando completou dezesseis anos, Mikhail me pediu um presente inusitado; que o ajudasse a

convencer Nicolai a deixá-lo trabalhar. Não foi fácil, mas ele ia muito bem no colégio e acabamos derrubando todos os argumentos do Nicolai, e com a permissão dele, falei com tio Andy e Mikhail conseguiu um emprego de meio período.

Nicolai conseguiu que Kira pudesse passar alguns fins de semana em casa e esses são os nossos melhores fins de semana.

Adoro vê-los juntos, sempre tenho que me segurar para não chorar.

Logo eu, que chorava uma vez no ano e olhe lá.

Mais um ano terminou e dessa vez pedi para meu pai dar um jeito do natal ser na nossa casa,; ele obrigou toda a família a fazer as malas e partir para Amsterdam. Assim passei a véspera de Natal com minha família e logo cedo voltei para Moscou, para o almoço de

Natal com a família do Nicolai. Com direito a mais uma intrusa, pois Mikhail decidiu largar a vida de vadio e namorar; aliás ela é linda e um doce, assim como seu nome, Nina.

Meu aniversário de dezenove anos foi comemorado na minha cama e não precisava de mais nada. Comemos brigadeiro na panela e assoprei as dezenoves velinhas que Nicolai usou para decorar minha torta de aniversário; a qual fizemos

juntos, com muita farinha de trigo espalhada pela cozinha e nos meus cabelos. Quando fechei os olhos para assoprar as velinhas, desejei apenas que o ano seguinte pudesse terminar como este, ao lado dele.

Felizmente, meu desejo se realizou e, mais uma vez, estamos deitados na minha cama, comemorando o meu aniversário de vinte anos, com um café e um orgasmo, como ele escreveu no

cartão que desenhou.

– Então esse é o nosso adeus? – Nicolai afaga o meu rosto.

– Ou um até logo. – sussurro, dedilhando o seu torso.

– Maria, a gen...

Coloco os dedos sobre os seus lábios, impedindo-o de prosseguir. Apoio o cotovelo na cama e o queixo no seu peito.

– Sem promessas. – peço, olhando nos seus olhos.

– Só telefone? Email?

Essa conversa vem se desenrolando no último mês, desde que assinei o contrato com a companhia de dança para iniciar a turnê após obter o título de bailarina profissional. Em nenhum momento esteve em pauta se deveria ir ou não, a discussão sempre foi sobre o porquê temos que deixar de nos

falar.

– Porque preciso seguir o meu sonho e você precisa retomar os seus, não vamos conseguir se estivermos presos um ao outro. Não vou ser mais alguém em quem você precise pensar antes de tomar as suas decisões. – enxugo uma lágrima no canto do seu olho. – Nicolai, você é extraordinário, faça o que tiver que fazer pela sua família, para mantê-los bem, mas não

abandone os sonhos em nome deles, deixe que seus sonhos cresçam, sei que eles ainda estão aqui. – beijo o seu peito. – Seu pai acreditava em você, eu acredito você.

– Eu te amo.

– Você e sua mania de fazer declarações em despedidas. – brinco. – Sinto te desapontar, mas não é pelo sexo fenomenal que estou com você há três anos.

ACHERON - Livros e afins /

– Não acredito. – ele me faz cair de costas na cama e me prende entre suas pernas. – Assim você fere o meu ego.

– Lamento pelo seu ego. – sorrio. – Mas eu te amo.

Ele fecha os olhos, seus lábios se curvam no meu sorriso torto favorito. Fechos os olhos também e sinto a minha pele se arrepiando, ansiando pelo seu toque. Sua mão desliza pelo meu rosto, prendendo

uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Sorrio, ao mesmo tempo em que as primeiras lágrimas florescem. Como vou sentir falta desse carinho. Nicolai encosta a ponta do seu nariz no meu e, devagar, vai percorrendo o caminho até os meus lábios.

– Que seja um até logo. – sussurra, acariciando meus lábios com sua respiração.

O aroma de café inunda minha

alma. Abro os olhos e seguro seu rosto entre minhas mãos. Ele entende o meu pedido silencioso e abre os olhos para que o meu céu particular testemunhe o nosso adeus.

– Até logo. – sorrio em meio as lágrimas.

ACHERON - Livros e afins /

ACHERON - Livros e afins /

Epílogo

Na minha história não sou a Cinderella, afinal essa história foi escrita muitos anos antes. Sou apenas Maria, como tantas outras, e estou feliz que assim seja. Aprendi que às vezes o final feliz não envolve um príncipe pronto para nos salvar e que o “felizes para sempre” pode estar contido em pequenos

instantes.

Conheci o amor no sorriso torto de um garoto que podia não ser um príncipe, mas que lutava pelo bem mais precioso que podemos ter, nossa família. Descobri que alguns amores são para a vida inteira, mesmo que não durem a vida inteira, mas amar não nos impede de viver paixões de primavera, assim como paixões de primavera não anulam a nossa

torcida por um revival.

Sonhei e vivi os meus sonhos de corpo e alma, sem arrependimentos, não seria quem sou hoje se abrisse as janelas e jogasse fora o peso das minhas decisões.

Dez anos após partir com a companhia de ballet, estou de volta, a pedido do Dimitri; ele vai se aposentar e me fez o convite para assumir sua cadeira na escola de

ballet. Fui pega de surpresa, mas não tive dúvidas quanto à minha resposta, no auge dos meus trinta anos, a ideia de criar raízes e construir a minha família é algo recorrente. Aceitei o convite como um sinal de que é hora de iniciar uma nova fase na minha vida, com novos sonhos e novos desafios.

Deixo a escola com um sorriso imenso, estou de volta ao lugar onde dei os meus primeiros passos

sozinha; e é aqui que irei me reinventar. Paro no meio do passeio da escola e olho a neve cobrindo boa parte da cidade e me sinto em casa. Fecho os olhos e deixo que o frio me abrace.

– Moça. – um rapaz me cumprimenta em russo. Quando abro os olhos ele está me oferecendo um panfleto. – Boa tarde.

– Boa tarde, obrigada.

Olho o panfleto e sorrio ao ver que é um convite para uma exposição de pintura à carvão.

Como não lembrar de Nicolai?

Nos encontramos uma única vez desde a nossa despedida, a companhia fez um espetáculo aqui e ele apareceu, deve ter sido há uns cinco anos. Tivemos uma noite de amor e ao amanhecer nos despedimos, sem perguntas ou promessas.

Volto a atenção para o panfleto, em busca de mais informações sobre onde e quando irá acontecer a exposição e meu sorriso escancara ao ler: "*Nicolai Pietrov em sua primeira exposição*". O local da exposição é uma das galerias de artes mais badaladas de Moscou e o evento é hoje à noite.

É mais do que coincidência, é destino.

Passei o restante da tarde

procurando o vestido perfeito para reencontrá-lo, claro que liguei para minha mãe e enviei dezenas de fotos de vestidos para que ela me ajudasse a escolher.

E daí que tenho trinta anos?

Não existe prazo de validade para relação MF.

Cheguei à exposição cerca de trinta minutos depois do horário agendado, não gosto de me atrasar, mas estava muito confusa sobre o

que fazer com o meu cabelo. Primeiro fiz um coque, desfiz, deixei solto, prendi e, por fim, optei por uma trança lateral.

Assim que cheguei, vi Kira de braços dados com o Mikhail, desviei rápido, evitando que eles me vissem. Agora que estava a poucos minutos de reencontrá-lo, uma pequena onda de pânico ameaçava me dominar. Ele poderia ter namorada, estar casado ou,

simplesmente, ter me esquecido.

Enquanto processava todas as possibilidades, andava por entre as pessoas, tentando vê-lo de longe. A galeria estava cheia e estava encantada pelo seu trabalho. As pinturas são fabulosas, quanto mais circulava por entre elas, mais impressionada ficava, pareciam ter vida. Estava virando um corredor quando o vi, de frente para uma pintura; de onde estava só

conseguia ver uma longa trança desaparecendo através da moldura.

Ele estava usando um terno preto, mãos nos bolsos, o cabelo um pouco mais alto no topo, penteado para trás. Esperei alguns minutos, apreciando os ombros largos, perfeitamente alinhados ao corte do terno. Como ninguém apareceu, tipo uma namorada que foi ao banheiro, decidi me aproximar.

ACHERON - Livros e afins /

Suspiro e dou os quinze passos que nos separam, sentindo meu coração em revoada. Paro ao seu lado e ele não faz nenhuma menção de olhar na minha direção, seus olhos estão na pintura e os meus também. Um rosto emergia em meio a trança, as feições faciais foram desenhadas com traços finos e delicados, com uma única exceção: os olhos.

Os meus olhos.

– É tão real. Será que foi vendido?

– Ele não está à venda. – diz, sem me notar.

– Soube que o artista é um babaca abusado.

Não olho para ele, finjo estar atenta à pintura, mas vejo pelo canto do olho quando ele se vira e os seus lábios se curvam em um sorriso.

– Maria.

– Nicolai Pietrov, é um prazer conhecê-lo. – estendo minha mão, deixando um meio sorriso escapar.

– Não me faça ter que te perseguir de novo, vizinha. – ele segura minha mão e desliza a outra na minha cintura, puxando-me. – Bom te ver. – diz, beijando o meu rosto.

– Atirado como sempre.

– Tenho algo para você. – ele solta minha mão e tira algo do

bolso. – Desde que o encontrei, sempre trago comigo. – diz, exibindo o livro.

– Você o encontrou. – estendo a mão para pegá-lo.

– Estava em débito com você.

– Essa foi de longe a coisa mais estúpida que você fez.

– Nah! – ele desliza a mão no meu rosto, pegando alguns fios

soltos da trança e prendendo-os atrás da minha orelha. – A coisa mais estúpida que fiz, foi concordar em não manter contato.

– Posso resolver isso. – coloco minhas mãos nos seus ombros. – Estou de volta, Nicolai.

– Para Moscou ou para minha vida?

– Os dois. – arqueio a sobrancelha. – Se você quiser.

– Podem encerrar a

ACHERON - Livros e afins /
exposição, por favor. – sussurra. Ele escorrega a mão pela minha lombar e dá uma apalpada na minha bunda. – Temos alguns assuntos para pôr em dia, a começar por um café e um orgasmo.

– O mesmo Nicolai de sempre, do jeitinho que amo.

Ele sorri torto e seus lábios se unem aos meus em um beijo com toque de café.

– Devagar aí! – digo,

ACHERON - Livros e afins /

depositando um selinho nos seus lábios. – Esperei treze anos para saber o que tem nessa dedicatória. – abro o livro.

“Maria,

me deixa escrever um capítulo na sua vida?

Esperando ansiosamente pela liberação dos beijos,

Nicolai”.

“PS. Descobri que um capítulo não é o suficiente, quero escrever contigo a nossa história.

Tenho muitos beijos a sua espera.

Nicolai”

– Um minuto, preciso pensar. – mordo o lábio, colocando novamente minhas mãos sobre seus ombros. –

Uma história, muitos beijos, um café e um orgasmo, para levar, por favor.

Fim

---

[1] Porque eu não quero perder você agora / Estou olhando bem para a minha outra metade / O vazio que se instalou em meu coração / É um espaço que agora você guarda